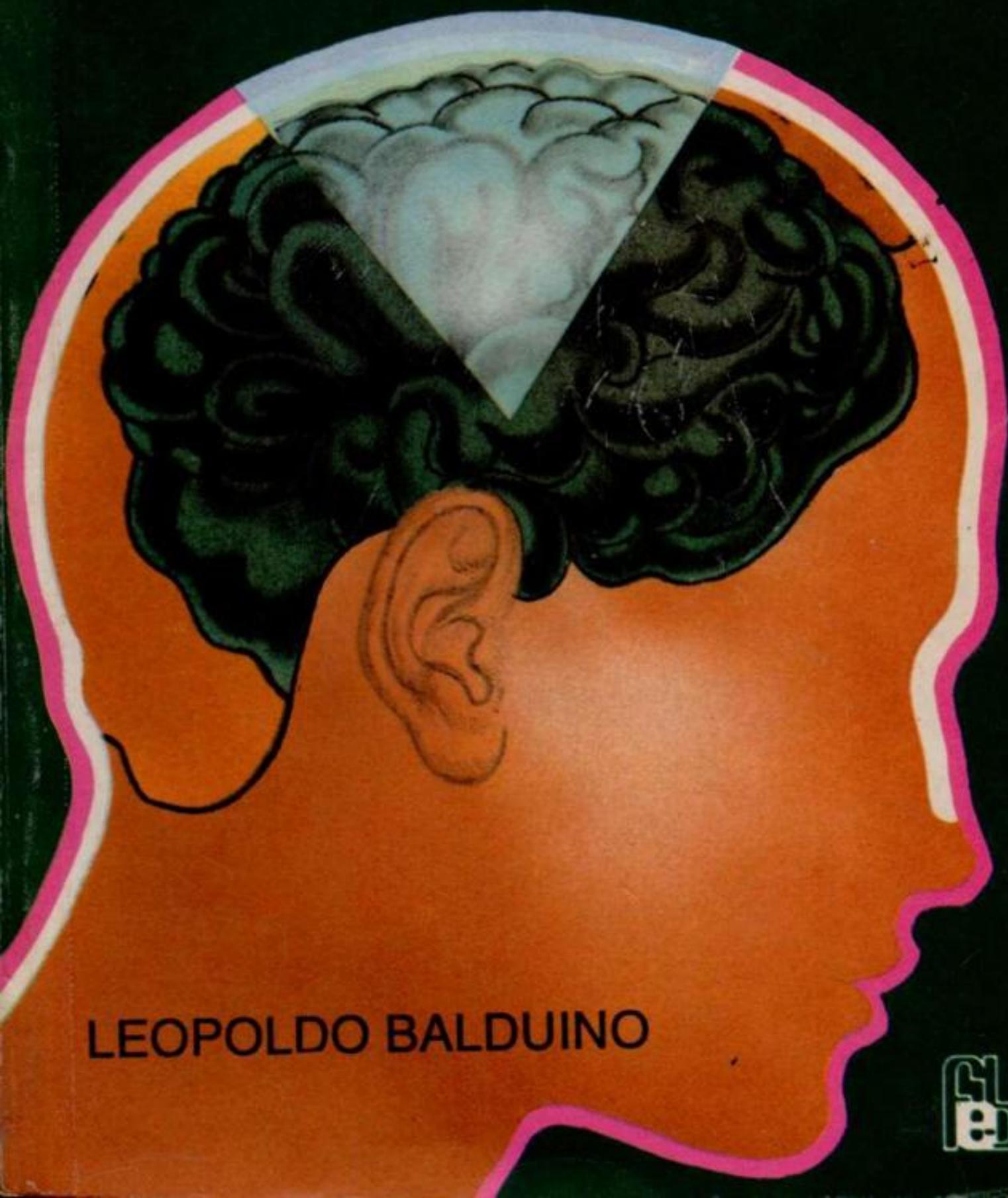


PSIQUIATRIA E MEDIUNISMO



LEOPOLDO BALDUINO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

PSIQUIATRIA E MEDIUNISMO

LEOPOLDO BALDUÍNO

PSIQUIATRIA E MEDIUNISMO



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17
20941-040 — Rio-RJ — Brasil

2ª edição

Do 6º ao 10º milheiro

Capa de JOÃO DAVID

B.N. 89.878

05-AA; 000.5-O; 8/1995

Copyright 1993 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Mãter do Espiritismo)

Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F

70830-030 — Brasília-DF — Brasil

Composição, fotolitos e impressão offset das

Oficinas do Departamento Gráfico da FEB

Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio, RJ — Brasil

C.G.C. n° 33.644.857/0002-84 I.E n° 81.600.503

Impresso no Brasil

PRESITA EN BRAZIL

Pedido de livros à FEB — Departamento Editorial, via Correio ou, em grandes encomendas, via rodoviário: por carta, telefone (021) 589-6020, ou FAX (021) 589-6838.

SUMÁRIO

Introdução 13

CAP. I — POSICIONAMENTO FILOSÓFICO 23

A existência, ou não, da alma como coisa. A Lógica Formal. O Método Científico. O Princípio da Indeterminação de Heisemberg. Os paradoxos das partículas subatômicas. A queda do Princípio da Causalidade em Física. O conceito da Finalidade em Psicologia. Dualismo Psico-Físico. Epifenomenalismo. Hilemorfismo. Funcionalismo. Conceito de Normalidade. O fenômeno paranormal. O mediunismo. Outras dimensões. A fé raciocinada.

CAP. II — A NATUREZA DA MENTE. 50

O psiquismo na escala animal. Memória extracerebral. O ego. As funções somáticas. As funções psíquicas. O Sistema Nervoso Central. Sinais e sintomas de lesões do SNC e Personalidade Pré-mórbida. A Teoria Materialista das localizações cerebrais. O funcionamento eletro-bioquímico do SNC. A ressonância magnética. Mesmerismo. Hipnotismo. Antimatéria. Bases extrafísicas da mente. As diversas escolas. Teorias da Personalidade. Vias sensoriais normais e paranormais. Sensações. Percepções.

PSIQUIATRIA E MEDIUNISMO 5

Representações. Distúrbios senso-perceptivos. Conceitos. Juízos. Raciocínio. Conteúdos do pensamento. Emoção. Sentimentos. Comportamentos aparente e velado. Memória. Atenção.

CAP. III — O PROCESSO DA INTUIÇÃO.106

Normalidade e patologia. As funções paranormais. Não há função sem órgão. Teoria Quântica. Teoria da Relatividade. A derrocada da Física newtoniana, e da Geometria euclidiana. A queda do determinismo e da oposição cartesiana entre o eu e o Universo. Conceito einsteiniano de campo. Síntese fecível entre Ciência, Filosofia e Religião. A natureza dual da matéria. A natureza dual da psique. Paradoxos da realidade subatômica. A queda do conceito de "matéria". O fluido cósmico da Posição Espírita. Pensamento sensório-motor. Pensamento pré-mágico. Pensamento mágico. Pensamento egocêntrico. Pensamento lógico. Pensamento intuitivo. A criação artística.

CAP. IV — AS FUNÇÕES PARANORMAIS.131

Carl Gustav Jung e os primórdios do Espiritismo. Ocorrência de fenômenos parapsicológicos na relação médico-paciente. Caso clínico. A reação de Freud. O fracasso da Metapsíquica nos meios acadêmicos. O período mítico. A escola fluidista de Mesmer. O hipnotismo de Braid. Charcot e a Histeria. Os fenômenos de Hydesville. Allan Kardec. Rhine e a Parapsicologia. A percepção extra-sensorial. A psicocinesia. A metodologia estatística. Átomos mentais de André Luiz. A quarta dimensão. Analogias entre a psique e as partículas subatômicas. A unidade fundamental do Universo e a existência da alma como coisa. Implicações das doenças psicossomáticas e

das síndromes psico-orgânicas. O centencéfalo como substrato anátomo-funcional da interação mente-corpo. O transe, sua psicofisiologia e implicações no diagnóstico e na terapêutica.

CAP. V — AS FUNÇÕES MEDIÚNICAS. 146

A refutação séria de Von Hartmann ao Espiritismo. Escolhos ao estudo do mediunismo. O lado fraco do Espiritismo segundo Aksakof. Todos os fenômenos mediúnicos podem ser produzidos pelo inconsciente. Novos limites do inconsciente. A classificação de Aksakof. Personalismo. Animismo. Espiritismo. Efeitos psíquicos, físicos e plásticos. Desdobramento da consciência. A repressão. Auto-sugestão. Hetero-sugestão telepática. Inibição cortical e liberação das estruturas subcorticais. Alterações motoras. Alterações senso-perceptivas. Alterações neurovegetativas. Alterações de personalidade. Efeito dos neurolépticos nos mecanismos da mediunidade. Os psico-receptores subcorticais propostos por Cervino. Matéria mental de André Luiz. Fluido Cósmico versus conceito einsteniano de campo. As Leis da matéria mental. Cérebro físico e matéria mental. As mitocôndrias. Os cromossomos. O centríolo. A substância de Nissl. O papel da respiração. Despolarização, repolarização neuronal e mediunidade. O mediunismo via inconsciente. Mediunismo normal e patológico. Delírio espírita episódico. Monomania espírita. Valor psicoterápico do mediunismo.

CAP. VI — MEDIUNISMO E PSICOPATOLOGIA . . 177

A vida psíquica não esgota a magnitude do próprio ser psíquico. A hipótese empirista-sensualista. O inconsciente coletivo e as funções paranormais. A ambigüidade da psique. A ambigüidade das partículas subatômicas.

Psicofisiologia da percepção extra-sensorial. Feição simbólica da percepção mediúnica e paranormal. A percepção mediúnica como fruto de projeção alucinatória. Estímulos de natureza extrafísica. Parentesco entre o material mediúnico, os sonhos, os mitos e os sintomas patológicos. Interferência do inconsciente na percepção mediúnica. O transe mediúnico e a dissociação da consciência. Mecanismo de defesa do eu. Aspectos sociológicos, antropológicos e culturais do mediunismo. O papel das crenças, valores e aspirações. Traços temperamentais e de caráter. Sensações. Percepções. Representações. Gnosias. Fantasia. Onirismo. Pareidolias. Eidetismo. Ilusão. Alucinação. A crítica redutiva dos médicos materialistas. Caso Schreber. Mediunismo na obra de Santa Teresa de Jesus. Simbolismo sexual em determinados fenômenos. Sexo e desenvolvimento espiritual. Sublimação. Ampliação do conceito de psicose.

CAP. VII — O TRANSE FARMACÓGENO. 216

Substâncias psico-ativas indutoras do transe. Psicodislépticos. Possibilidade de fenomenologia mediúnica ou paranormal. Banisteria quitensis. Anhalonium cewinii. Lophophora williamsii. Cannabis indica. Escopolamina. Cloral. Hofmann e a Claviceps purpurea. Amanita muscaria. Riscos. Aldous Huxley. Álcool. Cafeína. Barbitúricos. Éter. Rhine. Pavlov. Inibição do córtex com liberação das estruturas subcorticais. Hormônios. Catecolaminas. Endotoxinas. Exotoxinas. Anóxia. Técnicas respiratórias da Yoga. Hipercapnia. Acidóse. Considerações psicofisiológicas sobre a Yoga. Pontos coincidentes com a posição Espírita. Anoxibiose. Influência da P02 e da PC02 no psiquismo. Hipoglicemia. "Stress". Bromo. Disendocrínias. Papel da Substância Reticulada Ascendente. Isola-

mento perceptivo. Estados carenciais. Adição. Neurolépticos. Psicologia Transpessoal e coincidências com a posição Espírita.

CAP. VIII — DOENÇA MENTAL E MEDIUNISMO . 236

Philippe de Pinel e os doentes mentais. Interpretação naturalista das doenças mentais. Instituições assistenciais. Reações à Psiquiatria Mecanicista. Conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde é ampliado pela Posição Espírita. Reduccionismo etiopatogênico. Entidades nosológicas versus tipos sindrômicos. Filosofia intuitiva: Kant, Schelling, Schopenhauer etc. Concepções psicogenéticas. Biopsicologia. O inconsciente. Fenomenologia. Funcionamento neuro-endócrínico. A posição Espírita amplia a etiopatogenia das doenças mentais. Aspectos teleológicos dos distúrbios mentais. A perspectiva genética. Críticas de diversas escolas à Semiologia psiquiátrica. Incognoscibilidade do núcleo da personalidade. Contribuições da Posição Espírita à psicologia médica. A vertente moral da vida de relação. A culpa como fator morbígeno. Psicoses no Plano Espiritual. Casos clínicos de C. G. Jung e André Luiz.

CAP. IX — DOENÇA MENTAL DE FUNDO

ESPIRITUAL 257

Concordância fundamental entre as ciências naturais e a Posição Espírita. Intolerância religiosa versus intolerância científica. A natureza espiritual do núcleo da personalidade. Desenvolvimento mental e patologias de fundo espiritual. A "matéria" espiritual. Estruturas eletromagnética do corpo espiritual. O corpo mental. Estrutura mental das células. Recursos de intervenção no corpo espiritual. Etiopatogenia das doenças mentais de fundo

espiritual. Anatomofisiologia da alma. Temperamento e caráter após a morte do corpo físico. Finalidade da reencarnação. Histogênese do corpo espiritual. Os ovóides. Causalidade psicológica no plano espiritual. Papel do inconsciente na evolução espiritual. Lei de Causa e Efeito e condicionamento operante e respondente. Psicologia do destino de Szondi, e concordâncias fundamentais com a Posição Espírita. Destino e mediunismo. Os genes e o meio ambiente. Profilaxia dos defeitos hereditários. Fatores intrínsecos e fatores extrínsecos das doenças mentais de fundo espiritual. Neurose obsessivo-compulsiva versus obsessão espiritual. Fascinação e possessão espirituais segundo Allan Kardec. Simpatinas e aglutininas mentais de André Luiz.

CAP. X — MEDIUNISMO NA INFÂNCIA 288

O papel da mãe nas sociedades industriais. A criança rejeitada. Material psíquico preexistente na mente da criança versus a hipótese da "tabula rasa". Hereditariedade. Ambiente. Papel do SNC e endócrino no comportamento e na inteligência. Formação do ego. Aprendizagem. Ondas mento-magnéticas das figuras parentais. A socialização. Vida intra-uterina. Mediunismo na fase intra-uterina. A ontogênese recapitula a filogênese. Piaget. Espiral de desenvolvimento. "Imprinting", estimulação tátil-cinética e posterior capacidade de dar e receber afeto. Conforto de contato à luz do Espiritismo. O magnetismo animal. A hipótese do "vampirinho fluídico-fisiológico". Alimento psíquico. Halo protetor. As descobertas de Spitz: Marasmo e Depressão Anaclítica. Ribble. Rejeição. Superproteção. Ambivalência. Reforços positivos versus estímulos de aversão. Personalidades de vidas passadas e traços de temperamento. Gênios precoces. Egos secundários

relacionados a personalidades de vidas passadas. Caso clínico. Diagnóstico diferencial com a dissociação e o "splitting". O papel da educação no desencadeamento, ou não, de doença mental. Perturbações nervosas na infância e atmosfera psíquica dos pais.

Concordância entre conceitos espíritas, psicologia profunda e filosofias orientais.

Apêndice 311

INTRODUÇÃO

Não se trata, no presente estudo, de uma obra filossófica no sentido estrito da definição clássica do termo. Não é, também, uma nova versão das variadas escolas da Psiquiatria ou uma inédita Teoria da Personalidade, campo vasto da Psicologia, filha caçula da Filosofia, que realiza hercúleo esforço para se inserir no âmbito das ciências exatas. Por outro lado, não pode ser enquadrado na categoria de ficção científica, literatura ou obra de feição religiosa.

Trata-se, simplesmente, de um pequeno e sumário relatório das experiências vivenciadas ao longo de vinte anos de prática como clínico psiquiatra, quase um decênio como professor adjunto em Faculdade de Psicologia e mais de trinta anos de lides espiritistas. Os resultados de todos esses anos de esforços aleatórios proporcionaram ao autor um sentimento de vislumbre de uma mínima parcela da realidade psíquica do indivíduo, e isso, talvez, seja suficiente para comunicar a outros estudiosos os resultados alcançados.

Parece, à primeira vista, uma temeridade a tentativa de se lançar um elo de ligação entre a Psiquiatria, a Psicologia, a Fisiologia, a Física etc. por um lado, e

os fenômenos ditos mediúnicos, metapsíquicos, parapsicológicos ou meros produtos de superstições, charlatanismo ou excrescências psicopatológicas de personalidades enfermas, por outro. É possível que o autor seja rotulado como pretensioso em demasia, detentor de desmedida ambição intelectual ou, simplesmente, portador de algum distúrbio psicopatológico.

Contudo, as impressionantes ocorrências observadas ao longo desses anos permitem supor que esse testemunho seja de real valor a tantos outros que lidam com essa classe de fenômenos, ou tenham algum interesse científico pelos mesmos, seja pela labuta diária com doentes mentais, profissão de fé ou necessidade interior de busca de novos parâmetros que os norteiem em suas vidas pessoais.

Outra justificativa para escrever este ensaio é a confusão generalizada que reina nesse campo do conhecimento humano. Se, por um lado, a ciência acadêmica abomina essa classe de fenômenos, por considerá-los como meros produtos de psicopatia, quando não de fraude ou trapaça, de outro não é incomum a observação de pessoas adotando princípios tão obscuros e bizarros que não raro se colocam em desacordo com a própria corrente religiosa a que se filiam. Em "As Variedades da Experiência Religiosa", o grande psicólogo anglo-saxônico William James observa que "uma autêntica experiência religiosa de primeira mão, como esta, se destina a ser uma heterodoxia para as pessoas que a presenciarem, aparecendo o profeta como simples louco solitário. Se a sua doutrina for tão contagiosa que se estenda a outros, passará a ser uma heresia definida e rotulada. Mas se ela, ainda assim, continuar suficientemente contagiosa para triunfar da per-

seguição, converte-se-á em ortodoxia; e quando uma religião se converte em ortodoxia, o seu dia de interiorização já se foi: a fonte secou; os fiéis vivem exclusivamente de uma fé de segunda mão (...)" Esse notável psicólogo observou a quase universalidade do ódio inato ao estranho e aos homens excêntricos e não-conformistas, e a paixão por impor a lei na forma de um sistema teórico absolutamente fechado. Esses aspectos idiossincrásicos da natureza humana tendem a ser em parte dissolvidos pelas experiências autênticas.

Outro obstáculo é o fato de pessoas portadoras de graves distúrbios psicológicos terem uma tendência atávica pelas correntes que lidam com fenômenos ditos paranormais. É comum, em Psicopatologia, a observação de portadores de idéias delirantes de feição mística, com ou sem distúrbios senso-perceptivos. Aqui, Mira Y Lopez diz que a "distância entre o sublime e o ridículo não vai além de um passo". Talvez esse seja o motivo para a alegoria de ser a senda difícil e estreita como o fio de uma navalha.

Além disso, o sofrimento de milhões de pessoas a necessitarem de cuidados psicoterápicos, nos serviços de pronto-atendimento ou ambulatorial, especializados ou gerais, ou em grupos de ajuda de feição mediúnica, cabines de passes, curadores psíquicos etc., por si só justifica plenamente um estudo dessa natureza.

É, no Brasil, muito grande o número de boas clínicas médicas ou psiquiátricas de orientação espírita. Cresce, a cada ano, o número de médicos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, assistentes sociais etc. adeptos do Espiritismo ou de outras correntes de feição espiritualista. Existem mais de cem Hospitais Espíritas de Psiquiatria no país. Fortaleza, Palmeio, Morrinhos,

Goiânia, Anápolis, Jataí, Brasília, Rondonópolis, Paranaíba, Campo Grande, Campos, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Uberaba, Curitiba, Campina Grande, Porto Alegre, São Paulo, Franca, Araraquara, Barretos etc, são exemplos de cidades que possuem instituições dessa espécie. No Estado de São Paulo, esse movimento é tão amplo, que existe uma "Federação dos Hospitais Psiquiátricos Espíritas do Estado de São Paulo". Todas essas instituições funcionam a contento, com profissionais idealistas e competentes, devidamente fiscalizadas pelos Conselhos Regionais de Medicina tanto em seus fundamentos técnico-científicos como ético-profissionais, punindo até mesmo profissionais que não seguem esses preceitos, conforme fatos de ampla repercussão nacional através da imprensa.

As dificuldades, tanto teóricas quanto práticas, são imensas para quem quer que se proponha a lidar nessa área. Exemplificando, tem-se o quadro das neuroses histéricas, com crises dissociativas da consciência. Não é fácil o diagnóstico diferencial entre uma dissociação de fundo neurótico e um possível transe mediúnico autêntico, onde também ocorre uma dissociação fisiológica, não necessariamente patológica. Uma conduta simplista poderá não impedir, nessas personalidades, a eclosão de quadros psicopatológicos mais graves, tanto de fundo organopsicogenético quanto de natureza espiritual. Essas possibilidades serão discutidas mais pormenorizadamente nos capítulos subsequentes.

Não é raro a ocorrência de personalidades finas, sensíveis, portadoras de dons mediúnicos serem interpretadas, por terapeutas de mentalidade organicista, como portadoras de confusão mental, incapacidade de

distinguir a realidade da fantasia, distúrbios senso-perceptivos ou mesmo distúrbios de pensamento etc. Após uma avaliação mais complexa, com a aplicação de testes psicométricos, exames especializados, tais como tomografia computadorizada etc, um diagnóstico presuntivo é firmado, com o que advém o uso de medicação tranqüilizante, antidepressiva ou mesmo neuroléptica. Em resumo, uma personalidade fina, sensível e complexa é rotulada como portadora de algum tipo de doença mental e tratada como tal.

O inverso também costuma acontecer. Uma pessoa portadora de grave disfunção mental ou orgânica procura um grupo de cura psíquica pouco esclarecido, que prescreve tratamento de natureza exclusivamente espiritual, recomendando a suspensão de necessários procedimentos de ordem médica. O autor ouviu o relato de um conhecido médium, que foi procurado por paciente portador de Epilepsia Criptogenética, e com crises somente controláveis com elevadas dosagens de anticonvulsivos. Orientado pelo guia espiritual, de origem alemã (?), o médium suspendeu a medicação neurológica, sob o inquestionável argumento de que se tratava de um caso conhecido como obsessão espiritual. Com a suspensão abrupta da medicação, o cliente entrou em quadro de status epiléptico, com crises subentrantes, vindo a falecer, provavelmente por edema cerebral.

Apesar das dificuldades serem tremendas e, aparentemente, insuperáveis, isso não invalida o pressuposto socrático do "conhece-te a ti mesmo". Essas dificuldades aparentemente insuperáveis somente poderão ser superadas a partir de uma atitude interior de isenção e humildade. A atitude do Cristo, diante da leviana pergunta de Pilatos a respeito do que seria a ver-

dade, não poderia ser mais eloqüente: o silêncio. Certamente que a penetração psicológica do condenado captou muito bem que o interrogante não possuía olhos de ver nem ouvidos de ouvir, conforme expressão do próprio Evangelho.

Diante do exposto, o direcionamento do presente trabalho seguirá uma linha eminentemente empírica, tendo como roteiro o bom senso aliado às experiências pessoais do autor. Outros poderão discordar, de um lado e de outro. Por isso, as idéias aqui expostas devem ser tomadas como mero ensaio, sem qualquer pretensão além de comunicar uma experiência pessoal, de natureza profissional.

Segundo o psicanalista junguiano Progroff, inúmeras questões devem ser discutidas ao se tentar uma abordagem do tema aqui proposto, embora a Psicologia Complexa de Jung não tenha admitido oficialmente o mediunismo, mas não pode evitar o confronto com fenômenos estranhos, a que denominou Sincronicidade.

Quais são os tipos de fenômenos mediúnicos? De que forma aparecem? Quais são as suas características particulares? Que fatores os introduzem ou lhes dão sua forma cristalizada? Existem características especiais que permitam reconhecer eventos mediúnicos no instante em que estão prestes a ocorrer? Quais são os processos por meio dos quais os eventos mediúnicos acontecem? É correto falar em processo na medida em que o princípio em questão é um princípio não-material, pelo menos no sentido comum do termo? Há necessidade de novos termos para a compreensão do fenômeno? Existe a possibilidade de que as pessoas desenvolvam uma habilidade maior de fazer com que ocorram eventos mediúnicos? E qual é a vantagem em

fazê-lo? Quais os riscos que essa prática implica? Será possível desenvolver uma sensibilidade maior ao funcionamento do processo mediúnico? Podem-se desenvolver meios de entrar em relação mais estreita com ele? Convém dizer que o conceito junguiano de sincronicidade difere do conceito espírita de mediunismo, embora, no julgamento do autor, alguns fenômenos sincronísticos possam ser classificados como mediúnicos.

Em relação aos postulados teóricos em que se baseiam as observações que aqui serão feitas, existe, por um lado, a Psiquiatria Clínica, inserida no campo mais vasto das Ciências Médicas, embasada na Fenomenologia, Anatomia, Fisiologia, Endocrinologia, Genética, Farmacologia etc. Contudo, a maioria dos psiquiatras concordam que a Psiquiatria, enquanto um ramo da Medicina, não atende às necessidades de uma mais profunda e abrangente compreensão do indivíduo. Destarte, serão também levados em conta os avanços das correntes psicológicas das profundezas, isto é, que admitem que a personalidade humana é um conjunto muito maior do que o faz supor a mera descrição fenomenológica da vida de relação ou de suas bases anatômicas, funcionais e sociais.

Dessas correntes, que admitem a existência de instâncias inconscientes, o autor mais proeminente é o grande psiquiatra suíço Carl Gustav Jung que, segundo a opinião abalizada de Hall e Lindzay, "(...) é o psicólogo mais em evidência, depois de Freud, e a sua influência nos meios acadêmicos tem crescido de modo impressionante depois de sua morte nos anos sessenta" ("Teorias da Personalidade").

Do outro lado serão básicos os postulados do Espiritismo científico, tal como o sistematizaram A. Kardec,

A. Aksakof e outros, dando-se especial destaque à impressionante coletânea do autor espiritual André Luiz. Isso porque, no entendimento do autor, é a Posição Espírita a mais simples, concisa, eficiente e de maior poder heurístico entre as diversas escolas espiritualistas, além, como já foi dito, do seu extraordinário desenvolvimento no país.

Proffoff assinala que os eventos sincronísticos, em linguagem junguiana, são muito mais comuns do que se supõe, ocorrendo de maneira trivial e sem que sejam percebidos ao longo de toda a vida pessoal. Eles afetam de maneira decisiva o destino pessoal de várias formas, não necessariamente reconhecíveis, porque não são, geralmente, estudados à luz da sincronicidade, ou do mediunismo, ou outra terminologia específica. O fato ou o motivo de passarem em geral tão despercebidos é o de não se saber o que realmente se procura ver, ou compreender, ou descobrir. Para tal é preciso "listening with the third ear" como dizem os ingleses.

Quem desconhece uma história semelhante à da pessoa que está tentando se tornar um artista e que, por isso, reúne suas escassas economias e vai morar num quarto, esperando poder vender um quadro antes que o dinheiro acabe? Ela, porém, não consegue vender nenhum quadro, e o seu dinheiro se esgota. Mas no momento em que está desistindo de sua arte, já em desespero, chega um telegrama avisando que um parente distante faleceu deixando-lhe uma pequena herança? (Proffoff).

Esse exemplo demonstra o quanto ocorrências triviais e aparentemente fortuitas podem estar carregadas de significado, o que leva à hipótese de não serem

meras coincidências. Esse modo de interpretar não tem nada a ver, do ponto de vista psicopatológico, com as "percepções delirantes", tão bem analisadas pela Fenomenologia. Coincidências estatisticamente significativas, portanto passíveis de ser submetidas à análise matemática, foram bem demonstradas por J. B. Rhine, da Duke University, e reconhecidas pela Associação Americana de Psicologia como cientificamente válidas.

Saindo do campo da normalidade e adentrando no baldio terreno do patológico, Jung afirmava em 1959 que "(...) sabemos muito pouco sobre os conteúdos e a importância dos produtos mentais patológicos e, contra o pouco que sabemos, temos ainda certos preconceitos teóricos". Essa impressionante afirmativa foi feita após cinquenta anos da mais profícua labuta psiquiátrica de que se tem registro.

O presente ensaio é baseado na vivência e da prática diária, ao longo de duas décadas, no campo na clínica psiquiátrica. Todavia, mais que as experiências e pressupostos teóricos, o pensamento do autor é direcionado pelas vivências pessoais, de caráter subjetivo, difíceis, portanto, de ser transmitidas em níveis meramente cognitivos. Contudo a Moderna Física já demonstrou que a dicotomia cartesiana entre o ego do experimentador e o seu experimento não tem o menor embasamento nos fatos, pois no Universo somente existe uma realidade da qual faz parte a mente e a subjetividade do observador. Essa descoberta fundamental da Física das partículas confirma os pressupostos da Posição Espírita, como será visto mais adiante.

Solicita-se ao leitor relevar a feição sumária e esquemática do presente trabalho, que não pretende esgotar o assunto, em si mesmo inesgotável. Simples-

mente sugere, à luz da experiência do autor, na apaixonante labuta com a alma enferma, um posicionamento holístico. Assim, o escopo deste ensaio é contribuir com idéias e sugestões para futuros especialistas, terapeutas ou não, no sentido de alargar os horizontes ainda demasiado estreitos das ciências médicas em relação à alma de seus clientes.

I

POSICIONAMENTO FILOSÓFICO

A abordagem do tema proposto implica grandes dificuldades, tanto teóricas quanto práticas, devido ao fato de se ter que partir de aspectos objetivos, tais como o corpo, com sua anátomo-fisiologia bem definida, ou o comportamento aparente do indivíduo para, em seguida, adentrar as variáveis subjetivas, englobando, finalmente, aquelas funções conhecidas como mediúnicas, paranormais, sincronísticas ou simples coincidências ou erros de julgamento, como querem crer os céticos.

É conveniente, portanto, a fim de se evitar cair num emaranhado de conceitos obscuros ou mal definidos, o delineamento do posicionamento filosófico que irá nortear as interpretações dos fenômenos que serão aqui analisados. É conveniente frisar que a exposição dos temas abordados evitará, na medida do possível, especulações e sutilezas teóricas, atendo-se o mais possível à análise objetiva e pragmática dos fenômenos. Isso sem se cair na atitude simplista de cunho emocional como a do próprio Freud, quando repreendeu o seu discípulo favorito Jung, alegando que tudo não passava de "bobagens"

("Memórias, Sonhos e Reflexões", Jung). Não é possível, ao abordar um tema tão singular, passar vista larga a uma postura filosófica a nortear a interpretação científica desses fatos.

Do ponto de vista da Filosofia, é de grande importância, para a compreensão do comportamento humano, a questão de ter o homem alma ou não, e, se a tem, em que sentido. Essa questão é certamente das mais difíceis de ser abordadas em face dos inumeráveis preconceitos e prejuízos intelectuais que elicia, e uma definição bem clara do posicionamento filosófico subjacente contribuirá muito, tanto na aquisição de uma compreensão mais acurada do tema como de uma maior tolerância para com aqueles que pensam e julgam de um modo diverso, com igual razão, dentro de seus parâmetros.

Essa postura, aliás, é imprescindível aos procedimentos de mútua ajuda, aparando arestas e pontos de atrito; nos processos psicoterapêuticos não apenas dirigidos às pessoas que sofrem de problemas mentais, como também àquelas em estágios dolorosos de amadurecimento ou reajustamento pessoal, social e espiritual.

No presente capítulo pretende-se demonstrar que uma sólida convicção acerca das realidades espirituais, ou mesmo as diversas atitudes de fé, e uma conseqüente postura religiosa perante o destino pessoal e coletivo não são, de modo algum, uma irracionalidade absurda como quer crer a maioria das pessoas de mentalidade científica ou simplesmente materialista. Julgar que a crença na sobrevivência da alma seja um contra-senso não passa de um preconceito, fruto de uma postura intolerante e parcial. Do ponto de vista estrito da Lógica Formal, tanto é correto supor verdadeira a hipótese da sobrevivência da alma como não. A correção lógica de uma dedução racio-

cinada não implica a veracidade da mesma. Apenas a evidência dos fatos poderá confirmar, ou infirmar, a correção dessa hipótese, e contra fatos não podem existir argumentos.

Esse, aliás, é um dos critérios fundamentais para o diagnóstico do pensamento delirante, em Psicopatologia. Exemplificando, tanto a teoria de Darwin, como a de Larmark, a respeito da evolução das espécies, são corretas do ponto de vista lógico. Mas, somente a primeira é aceita como verdadeira, pelos naturalistas, à luz dos fatos e dos dados coletados ao longo dos anos em todas as latitudes.

É axiomático que contra fatos não podem existir argumentos, e se alguns fatos são incomuns, impossíveis de ser repetidos em condições controláveis, ou mesmo em contradição com as teorias vigentes, isso não implica, em absoluto, que sejam falsos. Ao ser indagado sobre as provas da sua notável Teoria da Relatividade, Albert Einstein declarou que ainda não possuía nenhuma, mas apenas evidências matemáticas, e que ela seria considerada válida somente enquanto pudesse explicar os fenômenos observados, e que, se apenas um fenômeno contrariasse os seus postulados básicos, toda ela deveria ser posta de lado como falsa. Com isso ele tipificou a mais importante atitude científica: humildade. Essa pureza científica é muito rara de ser encontrada, mesmo nos meios acadêmicos.

Ao ingressar, o autor, na Faculdade de Medicina, a primeira aula programada seria uma introdução à Histologia animal. Qual não foi a surpresa, quando o eminente catedrático passou a "demonstrar" que Deus não existe, e que o Método Científico é incompatível com o obscurantismo das superstições religiosas. Com notável prele-

ção conseguiu enorme "sucesso", diante de uma platéia com escassa formação científica. É interessante notar que o referido professor é detentor de impressionante bagagem técnico-científica, e, contudo, poderia ser descrito como um iconoclasta inveterado. Para ele, os compêndios de Histologia, internacionais, eram todos cheios de erros, imprecisões e incongruências, desaconselhando os alunos a adquirirem tais compêndios. Estranhamente, porém, o notável professor não escrevera uma obra sequer, para suprir tão lastimável lacuna.

Esse exemplo é típico da mentalidade dominante nos meios acadêmicos, onde o correto é a atitude cética e a denegação de tudo o que não seja passível de ser submetido aos rigores espasmódicos do Método Científico. Qualquer fenômeno que não se enquadre nesses parâmetros é encarado com raivosa suspeita e quem se atreve a estudá-los tem a reputação comprometida. O curioso é que a rainha das ciências exatas, a Física das partículas, adentrando a tessitura íntima da matéria, deparou-se com um paradoxo composto dos fenômenos mais estranhos e ilógicos, como se estivesse diante de uma fenomenologia de natureza "parafísica", como será visto com maiores detalhes mais adiante. Todavia esse negativismo sistemático das mentalidades científicas mais proeminentes não tem a menor justificativa, do ponto de vista da própria metodologia científica. É o que será demonstrado nos próximos parágrafos.

Na primeira metade do século XX, o notável físico-químico Heisenberg descobriu o desconcertante "Princípio da Indeterminação", que levou o seu nome. Estabeleceu que não se pode, com exatidão, determinar o momento e a posição de um electrón em torno do núcleo atômico, em determinado instante. Somente é possível

determinar meras probabilidades estatísticas, e o conceito de orbitais atômicos cedeu lugar ao moderno conceito de nuvens eletrônicas. Essa descoberta provocou enormes conseqüências, tanto do ponto de vista teórico quanto prático.

O antigo Princípio da Causalidade, pedra angular da metodologia científica newtoniana ruiu, cedendo lugar ao Princípio da Indeterminação. Em outras palavras, a Lei de Causa e Efeito perdeu seu primado no campo das ciências exatas e, conseqüentemente, em termos científicos, não se pode propor nenhum enunciado, em termos absolutos. A certeza perdeu seu assento no bojo do edifício do conhecimento humano. Permaneceu apenas a probabilidade de aproximações tangenciais das realidades últimas do Universo porque, matematicamente, sempre haverá a possibilidade de um determinado fenômeno, observado milhares de vezes, apresentar um comportamento outro que não o verificado anteriormente.

Exemplificando, a maçã madura, observada por Newton, que se desprende do seu talo, tem apenas uma probabilidade de cair de encontro ao solo, que se aproxima da unidade, sem nunca atingir essa unidade anteriormente inquestionável. À luz do Princípio da Indeterminação, permanecerá sempre a probabilidade estatística dela se comportar de um modo completamente estranho, como ir parar dentro de um recipiente hermeticamente fechado, por exemplo. Esse comportamento aparentemente absurdo é observado, diariamente, pela Física Moderna, em relação às partículas subatômicas, por meio dos gigantescos aceleradores de partículas, as quais se comportam de uma maneira totalmente absurda à luz da Lógica Formal.

Uma tentativa séria de se levar essas extraordiná-

rias descobertas ao campo da Psicologia foi realizada por C. G. Jung, ao admitir um funcionamento psíquico de natureza teleológica e, claro, o quase impenetrável conceito de sincronicidade. Esse caminho foi preparado filosoficamente há mais de três séculos por David Hume, ao demonstrar que causalidade não é "alguma coisa que vemos realmente, mas apenas uma dedução da nossa mente". Exemplificando, tudo o que de fato se percebe é que uma bola de bilhar toca outra com uma certa força e, em seguida, essa se afasta. Na realidade não se vê a causalidade, mas apenas se deduz (Progoff). Destarte, a causalidade pode ser apenas um "hábito social de pensamento", o que não deixa também de ser um paradoxo.

Convencido de que a causalidade não mais poderia ser aceita como uma realidade absoluta em si mesma, Jung voltou sua atenção para métodos culturais que encaram a vida em termos não causais. Contudo, até mesmo o estudo deles, por razões válidas, do ponto de vista científico, é considerado suspeito e, em razão disso, Jung foi alvo de muita zombaria. Para os meios acadêmicos, ainda são considerados superstições conceitos como acaso, coincidência, realização de desejos, cognição através dos sonhos, preces e atendimento delas, curas através da fé, precognição, fenômenos mediúnicos e outros. Malgrado esse ceticismo, essas experiências perfazem uma grande porcentagem dos eventos cotidianos que ocorrem não só nas assim chamadas sociedades primitivas, mas também na moderna civilização ocidental (Progoff).

Quando acadêmico de Medicina, o autor foi criticado, com sarcasmo, por um professor do Departamento de Psiquiatria, por ter ajudado a um colega por meio de passes. Certa vez, muitos anos depois de graduado, foi pro-

curado por um colega, bastante probo e competente, aliás, um protótipo de "bom médico samaritano", que combatia os conceitos junguianos. Ao ser indagado sobre qual a obra de Jung que havia lido e que mais o havia impressionado negativamente, respondeu, para perplexidade, que nenhuma. Em relação à literatura espiritista, então, a ignorância é desalentadora nos meios acadêmicos. Aliás, o hábito da leitura e da meditação tem-se tornado tão raro, mesmo nos meios universitários, que o prêmio Nobel de Literatura, Herman Hesse, em sua notável obra "O Jogo das Contas de Vidro", previu que a humanidade poderia entrar em uma nova idade média cultural, em face da incompetência e da irresponsabilidade das futuras gerações.

Indo além da causalidade, Jung desenvolveu um ponto de vista teleológico para a interpretação do inconsciente, e dos problemas que a Psicologia sugeria, mas não tinha condições de responder, perante a comunidade científica, e ele foi levado ao conceito de sincronicidade. Contudo, essa hipótese é apresentada de modo ambíguo, contraditório, com avanços e recuos teóricos, apenas sugerindo que existe "algo" mais. O obscurantismo do pensamento junguiano foi a única maneira encontrada para a introdução dessas realidades no pensamento científico dominante. É interessante *recordar* o furor desencadeado, na comunidade, pelas desconcertantes descobertas da Física Moderna, ao derrubar os edifícios newtoniano e euclidiano até então considerados como inamovíveis.

Essa tática evitou, certamente, que os escritos de Jung tivessem o mesmo destino da Metapsíquica de Charles Richet, William Crookes e *outros* eminentes sábios dessa época. Assim, apesar de transformar o reducionis-

mo causal da Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud em uma interpetação teleológica do psiquismo e do destino do homem, passando pela audácia de incluir os princípios ainda imponderáveis, que agrupou no conceito de sincronicidade, Carl Jung, no julgamento autorizado de Hall & Lindzay "é o psicólogo mais em evidência, depois de Freud, na comunidade científica internacional" ("Teorias da Personalidade"). Esse fato é deveras surpreendente e — por que não dizer? — paradoxal.

Não se pode passar por alto o fato de que Jung pesquisou o mediunismo, tendo até mesmo publicado uma monografia sobre o assunto, e encontrou no I Ching uma das bases experimentais da sua hipótese da sincronicidade. Como se pode muito bem observar em sua autobiografia, Jung era, ele mesmo, portador de impressionantes dons mediúnicos, mas é provável que a comunidade científica não estivesse preparada para revelações de natureza tão transcendentais, daí a sua proposital ambigüidade.

O fato é que o I Ching ainda é muito pouco conhecido nos meios ocidentais. Trata-se de uma metodologia ou técnica similar ao fenômeno das mesas girantes, responsável pela difusão do Espiritismo na Europa. O método do I Ching possui a vantagem de ser mais facilmente submetido à análise quantitativa, tal como as cartas Zener, da Parapsicologia, e de não ter caído em desuso, como as mesas girantes. De maneira geral, os fenômenos ditos de efeitos físicos, pela Posição Espírita, tornaram-se bastante raros, nos dias atuais, além de dificilmente poderem ser submetidos à quantificação matemática.

Voltando ao Princípio da Indeterminação de Heisenberg, se se tentasse estabelecer, com exatidão, a

probabilidade da sobrevivência da alma, após a morte, seria necessário resolver uma equação matemática que suplanta as possibilidades atuais da mente humana. Isso não implica, em absoluto, sua impossibilidade. Nem mesmo as equações de onda das nuvens eletrônicas das mais simples moléculas foram ainda matematicamente solucionadas. Conseguiu-se algum progresso no que toca às nuvens eletrônicas de alguns átomos mais simples.

Essas questões levantam problemas teóricos que somente as gerações futuras poderão resolver. Contudo, pode-se afirmar, sem medo de errar, que, no estágio atual do conhecimento científico, tanto é incorreto o fanatismo de alguns crentes, como o negativismo inveterado de alguns céticos, que refutam mesmo a probabilidade de os fenômenos existirem. Ambas as atitudes não são cientificamente corretas, mas podem ser classificadas como erros de julgamento. Quase sempre essas idiosincrasias são determinadas por emoções e conflitos inconscientes.

É provável que uma atitude mais acertada e equilibrada seja uma interpretação equidistante dos fatos, embora, parodiando Shakespeare, o coração tem razões de que a razão nada sabe. E ficam desautorizados, pois, os cientistas materialistas mecanicistas, pelo próprio Método Científico, de prejudicarem teorias, hipóteses ou convicções contrárias às suas. E sob pena de incorrerem em grave erro de julgamento, a menos que sejam tão radicalmente unilaterais como Lavoisier, ao afirmar que, se visse um cadáver ressuscitado, morreria mas não acreditaria, porque "sabia" que tal era "impossível".

A Física Moderna levou o conhecimento humano a níveis tão profundos, em relação às partículas subatômicas, que se tem um "feeling" de que se está, do ponto de

vista da ciência oficial, no limiar de novos planos de existência, perante o Universo, tais como outras dimensões, o contínuo espaço-tempo, o hiperespaço, a antimatéria, a matéria irradiante etc. E por que seria "impossível" a existência de processos mentais nessas realidades apenas vislumbradas pela Física Moderna?

À atitude de ceticismo exacerbado, aliado a uma obstinada recusa em aceitar fatos ou evidências que impliquem a confirmação da hipótese da sobrevivência da alma como sendo possível, ainda que de modo remoto, o autor denominou "Complexo de Lavoisier". Em termos psicodinâmicos, esse ceticismo possui a mesma natureza do fanatismo religioso, intolerante, em sua pugna secreta contra as dúvidas que corroem os sentimentos. Ambos encerram, em sua estrutura psíquica, mecanismos psicológicos de defesa do eu, destinados à denegação da realidade, para defesa do instável e falso equilíbrio interno. Aliás, as bruscas conversões, tanto aos sistemas religiosos quanto aos materialistas, tendem a confirmar essa suposição.

Do ponto de vista da Filosofia, todas as maneiras de se pensar a respeito desses complexos problemas podem ser reduzidas a cerca de cinco correntes filosóficas gerais: o Dualismo Psicofísico, que se subdivide em Interação e Paralelismo, o Epifenomenalismo, o Hilo-morfismo e o Funcionalismo (Malpass "O Comportamento Humano").

O Dualismo Psicofísico, que também pode ser denominado como a filosofia do senso comum ("Common sense"), consiste na proposição de que o homem é composto de duas substâncias distintas: mente e corpo. Ele admite a existência da alma como coisa. A dificuldade do Dualismo Psicofísico consiste em explicar como se rela-

cionam essas substâncias entre si, e os seus adeptos seguem duas soluções distintas: o Interacionismo de Descartes e o Paralelismo de Geaulinex. Essas noções de Filosofia são básicas para uma melhor compreensão do mediunismo, à luz da Posição Espírita, conforme será visto com maiores detalhes mais adiante.

O Epifenomenalismo interpreta a mente como um mero epifenômeno do cérebro físico, isto é, um subproduto do funcionamento do sistema nervoso central. A Posição Espírita considera o cérebro apenas como instrumento da mente no plano físico e admite também a existência de um cérebro no corpo espiritual, ou psicossoma, ou perispírito.

O gigante espiritual da antiguidade grega Aristóteles, discípulo de Platão, propôs explicar a mente como um atributo da forma do corpo humano: Hilomorfismo. Exemplificando, o cão e o gato possuiriam mentes diferentes devido às diferenças morfológicas de seus organismos. Do mesmo modo, uma mesa difere de uma cadeira exclusivamente devido às diferenças formais existentes entre as suas partes constituintes. Assim, para o filósofo grego, a alma é um subproduto da anatomia do corpo físico.

O notável psicólogo John Dewey propôs uma interpretação materialista extremada, o Funcionalismo, alegando que não há necessidade da suposição de ter o homem uma mente, como coisa, mas simplesmente funções mentais, para a interpretação correta do comportamento humano. Desse posicionamento surgiu a importante e mais científica corrente psicológica, o Behaviorismo. Para Dewey, basta o estudo de aspectos, tais como pulsões biogênicas, memória, atenção, reflexos etc, não existindo a necessidade da suposição de ter o homem coisas

tais como mente, alma etc. O importante aqui é o estudo do comportamento aparente, através dos estímulos, das respostas condicionadas, incondicionadas, do condicionamento respondente, operante etc. Juntamente com a corrente reflexológica pavloviana, entre outras, tentaram esses cientistas do comportamento a criação de uma psicologia sem alma. É interessante notar que os mecanismos por meio dos quais atua a denominada Lei de Causa e Efeito parece seguir as linhas mestras de algumas das descobertas fundamentais do Behaviorismo.

As três últimas correntes filosóficas são adeptas do materialismo científico e têm na matéria seu princípio fundamental, refutando a existência da mente no sentido de substância separada do corpo material. Convém lembrar que, para a Posição Espírita, o corpo espiritual também é material, se bem que num sentido diferente, conforme será analisado nos próximos capítulos. O campo das ciências que estuda a alma (psyché) é a Psicologia, filha da Filosofia, e é natural que os especialistas sejam influenciados pelos diferentes posicionamentos filosóficos subjacentes, pois é sabido que o pensamento filosófico sempre precede a experimentação científica.

Assim fica claro porque, modos diversos de pensar, levam necessariamente a diferentes interpretações de um mesmo fenômeno. Além disso, hábitos de pensamento, condicionamentos culturais, necessidades afetivas, distorções perceptivas e meio ambiente também influem decisivamente nas conclusões individuais. Um exemplo concreto pode ser a marcação de um pênalti duvidoso, ou não, numa partida decisiva de um campeonato de futebol.

A Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud tem uma postura paradoxal Materialista por definição do seu pró-

prio criador, adota conceitos nitidamente dualistas tais como conversão, projeção, transferência, deslocamento etc. Talvez por esse motivo alguns de seus oponentes, tais como Van den Berg, digam que o inconsciente do paciente é o consciente do psicanalista. Como se pode observar, as conseqüências heurísticas dessas proposições são imensas, mas foge ao propósito do tema um maior detalhamento dessas conseqüências.

Os espiritualistas, de um modo geral, são adeptos do Dualismo Psicofísico. embora um número considerável aceite uma proposição unicista, também denominada Monismo. tal como Pietro Ubaldi, os dualistas psicofísicos dizem que o homem se locomove com o corpo físico, mas pensa com a mente, ou alma etc. Assim, tudo no Universo cai numa dessas duas categorias, ou seja, a dualidade espírito-matéria e a sua correspondente dicotomia mente-corpo. Os antigos gregos já se aprofundavam nessas discussões e criaram conceitos, tais como "psykhé" e "physis"

Todavia, do ponto de vista da Lógica Formal, o fato de duas partes ou aspectos de uma mesma coisa serem distintas não prova que sejam separáveis. Assim, o fato de a alma ser distinta do corpo não implica necessariamente que ela seja separável do mesmo. Exemplificando, esta página e as letras que a compõem são duas coisas distintas, mas, ao se destruir a página de papel, as letras necessariamente desaparecerão. Ficariam as idéias, e Platão já dizia que, com a morte, há uma separação entre o corpo, putrescível, e a alma, eterna matriz das idéias.

Assim, pelo caminho estrito da Lógica, a resposta à questão da sobrevivência da alma, ou não, depende exclusivamente do uso que cada um faça de suas percepções, sensações, representações, juízos e raciocínios

Os maiores pensadores de todos os tempos chegaram a conclusões bem diversas: Platão com o Dualismo Psicofísico e Aristóteles com o Hilemorfismo.

À primeira vista, tais questões parecem áridas e inossas, tais como as discussões escolásticas medievais. A prática clínica, contudo, ao lidar com os horrores do sofrimento produzido pela patologia mental, demonstrou, a muitos, que elas possuem importância fundamental, para o alívio do sofrimento, na medida em que auxilia ou determina qual o sentido e o propósito do destino individual. Jung descobriu que, a partir da segunda metade da vida, o sentido e o propósito existenciais, de maneira geral, e uma orientação de certa maneira religiosa perante a vida são poderosos fatores na profilaxia dos distúrbios psíquicos. Mesmo que se considere a religião como mero fruto de sugestão, os grandes neurologistas, tais como Charcot, Janet, Bernheim e Freud já demonstraram o seu valor terapêutico. Marx também considerou a religião como um anestésico para o sofrimento das classes proletárias; mas "Sedare dolorem opus divinus est".

Em última análise, contudo, não se pode afirmar que a Posição Espírita seja uma proposição dualista, no sentido estrito do termo. Segundo ela, o princípio material e o espiritual estão interligados por uma relação unívoca. Não se opõem entre si, mas se complementam. A diferença de nível cria como que um "declive", que permite a manifestação e o movimento dos Espíritos, também no plano material. Certamente, esta, é a maior vantagem do Espiritismo sobre a maioria dos sistemas tanto religiosos quanto filosóficos. Ele vai além, ao afirmar que o alto e o baixo estão associados às noções de valor moral, de caráter tanto relativo quanto universal, o que conduz à diferença entre o superior e o inferior, ou, como queira, entre

o bem e o mal. Quanto mais elevados os planos, mais dinâmicos os processos e fluxos de energia. Essa progressiva gradação de complexidade pode ser exemplificada, concretamente, pela música, que, iniciando nos níveis inferiores dos ritmos simples dos batuques, progride até as culminâncias das grandes cerebrações filarmônicas, a se expressarem por meio de extraordinárias combinações melódicas, indescritíveis padrões de harmonia, a compor o ritmo que expressa a introdução de uma ordem cósmica no caos dos sons e ruídos desagregados. Essa concepção é semelhante à do milenar receptáculo da sabedoria chinesa, o "I Ching", tão bem traduzido, para o alemão, por Richard Wilhelm.

Conforme salientou Progroff, os terapeutas perspicazes, que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir, costumam observar, mais freqüentemente do que se supõe, fenômenos que não se enquadram nas categorias comuns de tempo, espaço e causalidade. Esses fenômenos, por serem incomuns, extrapolam o conceito estatístico de normalidade, expresso em termos estritamente matemáticos, mas não são necessariamente patológicos. Outros conceitos de normalidade existem, que não o estatístico, como o de ideal desejável, ou então o de ausência de sofrimento.

Na obra "Psicogênese das Doenças Mentais", Jung cita o caso de um rapaz, portador de Dementia Praecox, que, não suportando mais os horrores e os tormentos, impossíveis de serem captados por mentes saudáveis, resolvera suicidar-se. Para tal, subira no alto de um edifício e se preparava para se jogar pelos ares quando ouviu uma voz, imperativa, conclamando-o a desistir de seus propósitos.

Concomitantemente sentiu um violento empurrão,

transmitido por um tapa na região torácica. O paciente caiu de costas e desistiu, de pronto, de realizar seu propósito, fruto de compreensível desespero.

Para o paciente, tratava-se de um fenômeno de realidade indiscutível. Acontece que, para espanto do médico, o tórax deixava transparecer as marcas das mãos que aplicaram violento tapa. Jung interpreta o fato como uma vivência alucinatória, provocada por um fragmento da personalidade, razoavelmente saudável, que não encontrara outro meio de impedir a consumação do ato tresloucado, fruto dos aspectos mais doentios do paciente. Destarte houve um caso bastante raro, em Psicopatologia, de concomitância de alucinações auditivas (psico-sensoriais de Baillarger, com estesia etc.) e alucinações táteis (a sensação do tapa no tórax).

Contudo, uma análise mais aprofundada do fenômeno constatou as marcas, na epiderme, deixadas pela presumida alucinação tátil. Jung, prudentemente, parou por aí, na descrição do fato. Certamente, por saber muito bem que estava lidando com um fenômeno tabu. Aliás, a própria doença mental é considerada tabu na maioria das culturas. Contudo, a coragem de Jung, ao relatar tão desconcertante fenômeno, foi enorme. Cerviño relata que Pierre Janet fez experiências de sugestão hipnótica a distância e encontrou a confirmação irrefutável do fenômeno, mas se absteve de publicar os resultados, temendo prejuízos para a sua reputação.

O autor foi médico de vôo em uma base aeronáutica onde operavam aviões de caça supersônicos, que desenvolviam velocidades de quase três vezes a velocidade do som. Pôde constatar que inúmeros objetos voadores não identificados eram eventualmente detectados pelos pilotos, através dos radares de suas aeronaves que, após a

caça. nada encontravam. O interessante é que tais pilotos, oficiais graduados, abstinham-se de transcrever tais ocorrências em seus relatórios de voo, temendo consequências negativas para o futuro de suas carreiras.

Os temas tabus, estranhas ocorrências não usuais, como demonstrou Timberg, em suas experiências naturalistas, tendem a despertar sentimentos de medo, curiosidade e hostilidade nos membros de uma comunidade. Contudo, essas experiências foram realizadas em animais, e recebem a válida crítica aos raciocínios por analogia. Submetendo o caso relatado por Jung, que não é tão incomum como se supõe, a uma análise psicopatológica, fica algo que não pode ser completamente explicado pelas Ciências Médicas. Ora, sabe-se que as alucinações nada mais são do que falsas percepções. Segundo Baillarger, são fruto de uma sensação de origem interna, de mecanismo cerebral e não periférico, produzida de dentro para fora, embora seja vivenciada pelo eu, de modo errôneo e, conseqüentemente, patológico, como proveniente do mundo objetivo, sendo, portanto, secundariamente projetada no mundo exterior.

O caso relatado por Jung possui as três características básicas das alucinações psicossensoriais descritas por Baillarger, ou seja, estesia (caracteres sensoriais), espacialidade (distância, orientação, perspectiva etc) e erro de julgamento (tomadas pelo eu como fenômenos objetivos e não subjetivos).

Contudo existe aqui um outro elemento, estranho, que não costuma ocorrer nos processos alucinatórios, estando, pois, fora do conceito de alucinação: as marcas no tórax, que poderiam ser tomadas como indício presuntivo da existência real de um tapa. Aqui, a penetrante análise psicopatológica não explica a contento. Jung, prudente-

mente omitiu a interpretação do estranho fenômeno. A não ser que se interprete a existência das marcas como conseqüência de uma reação fisiológica, urticariforme, da epiderme, diante de uma violenta emoção ou necessidade interior: a autoconservação. Ou então, alguém, ou o próprio paciente tenha desferido o tapa. Entretanto, a anamnese cuidadosa pareceu excluir a última hipótese.

Contrariamente a Tertuliano, que afirmava crer porque sabia que era impossível, certamente sem algum traço de Complexo de Lavoisier, não é de modo algum anti-científico, nem supersticioso, admitir-se HIPÓTESE da intervenção de forças inteligentes, e de natureza moral, oriundas de um outro plano dimensional do Universo. O princípio da Indeterminação de Heisenberg permite atravessar o Rubicão, sem se deixar de lado o Método Científico.

Fatos como esse não são incomuns. Pela Posição Espírita, o fenômeno relatado por Jung extrapola o campo estrito da psicopatologia e adentra a categoria dos assim chamados fenômenos mediúnicos. Esses fenômenos não ocorrem com regularidade, são difíceis de ser quantificados, a menos que espetaculares, e em geral não são susceptíveis de ser repetidos pela experimentação em condições controladas. São como o vento, inesperados e imprevisíveis.

Não é, todavia, científico negar-lhes simplesmente a existência devido a essas características desconcertantes. O seu estudo, do ponto de vista da metodologia científica, apresenta dificuldades, por enquanto, quase insuperáveis. Isso não implica que devam ser negligenciados, especialmente por aqueles que lidam com o doente psiquiátrico.

Entre as conseqüências dessas influências, em Psi-

copatologia, tem-se a forma de "inexplicáveis" impulsos para agir, inibições, idéias obsessivas, alucinações, fala ou escrita automática e mesmo fenômenos psicossomáticos. Myers denominou-os de automatismos sensorial, motor, emocional ou intelectual. Contudo, todos eles podem ter origem na vida marginal da consciência ordinária, mais conhecida como zona do inconsciente, descoberta através dos estudos em pacientes histéricos, por Charcot, Binet, Janet, Breuer, Freud, Mason, Prince, Jung e outros. Para esses autores, tais fenômenos seriam conseqüentes à sugestão, pronunciada sensibilidade emocional ou tendência a automatismos. Segundo Freud, o mecanismo básico seria a repressão, do ponto de vista psicodinâmico.

Segundo William James, se houver poderes superiores aptos a impressionar-nos, eles só poderão obter acesso a nós pela porta subliminal (op. cit.). Esse notável psicólogo diz que "A mim me parece que os limites mais distantes do nosso ser mergulham numa dimensão inteiramente outra de existência do mundo sensível e meramente compreensível. Chamem-lhe região mística, ou região sobrenatural, como quiserem. Na medida em que os nossos impulsos ideais se originam dessa região (e a maioria deles se originam dela, pois vemos que eles nos possuem de um modo que não podemos explicar articuladamente), nós pertencemos a ela num sentido mais íntimo do que aquele em que pertencemos ao mundo visível, pois, estamos ligados, no sentido mais íntimo, ao que quer que pertençam os nossos ideais. Não obstante, a região em apreço, invisível, não é meramente ideal, pois produz efeitos neste mundo."

Mais adiante, "O voltar-se para um plano mais alto é um ato distinto de consciência. Não é uma experiência

vaga, crepuscular, semiconsciente. Não é um êxtase; não é um transe. Não é uma superconsciência no sentido vedântico. Não se deve ao auto-hipnotismo. É uma transferência da consciência, perfeitamente calma, sadia, racional, sensata, dos fenômenos de percepção dos sentidos para os fenômenos de vidência, do pensamento do eu para uma esfera evidentemente mais alta... Tomo a dizer, não é hipnotismo" (op. cit. págs. 318, 319.) "Essa visão inteiramente pragmática da religião, entretanto... toda vez que faço isso, ouço o monitor murmurando., a palavra "bobagem" (idem).

Contudo, além do adjetivo "bobagem", costumam receber, os fenômenos estranhos que serão estudados mais adiante, por parte dos alienistas, o rótulo tranquilizador de "pathos". Aliás, talvez seja de interesse transcrever a antipatia mórbida de Nietzsche pelas pessoas diferentes.

"Os doentes são o maior perigo para os sãos. Os mais fracos, e não os mais fortes, são a ruína dos fortes... os mórbidos são o maior perigo; não os homens maus, não os seres predatórios (...)"

William James considera os fenômenos mediúnicos, tais como a escrita profética, a escrita automática ou o transe etc, como parte de uma categoria mais vasta a que denominou de estados místicos de consciência, caracterizados por inefabilidade, qualidade noética, transitoriedade e passividade (op. cit. págs. 237, 238).

As tradições antigas, desde os tempos imemoriais, tinham pleno conhecimento de que a categoria dos fenômenos ditos sobrenaturais encerra riscos pessoais, ao serem pesquisados. O principal deles é justamente o "pathos", dos alienistas. O mito de Teseu, adentrando o labirinto do Minotauro, coadjuvado pelo fio de Ariadne

bem poderia simbolizar o eu percorrendo os meandros obscuros do seu próprio inconsciente, defrontando-se com as tendências regressivas, indutoras de psicose, ou as forças destrutivas de regiões além dos limites da própria personalidade individual, que os espiritistas denominam Umbral.

Aqueles habituados nas lides dos serviços psiquiátricos poderão compreender melhor o significado dessas advertências. Aqui também entra um outro problema de capital importância em psicopatologia, geralmente considerado pela maioria dos especialistas: a questão do bem e do mal. A saúde ou a doença da vida de relação passa necessariamente por essas questões, por uma escala de valores inerente à natureza individual, e não apenas introjetada a partir dos valores culturais, como quis crer Freud, com a sua noção de superego.

Personalidades imaturas, com um ego frágil, ou com defeitos de natureza estrutural, geneticamente determinados, não devem ser incentivados às práticas psíquicas, segundo Allan Kardec.

Existe um tipo raro de personalidade que, apesar de incomum, não é necessariamente patológico: são os denominados sensitivos, paranormais, médiuns ou "sujets". A esses está indicado o difícil caminho da confrontação com as forças ocultas, tanto de natureza inconsciente, quanto espiritual.

A alegoria de Teseu no labirinto descreve o ego em um processo de expansão através da assimilação do conteúdo do inconsciente, a que Jung denominou de Processo de Individuação, e geralmente ocorre a partir da segunda metade da existência, ou seja, após a maturidade biológica. Esse processo pode não dar certo, levando a uma regressão patológica, com possibilidade de disso-

lução psicótica da função da realidade simbolizada pelo fio de Ariadne. Se, ao contrário, as forças saudáveis, de crescimento, são vitoriosas, o ego incorpora a tremenda carga da energia inconsciente, transformando-se num ser excepcionalmente forte e produtivo. Em geral, as religiões denominam esse processo como iluminação espiritual.

Continuando a tentativa de construção de uma ponte ou elo de ligação entre as ciências naturais, por um lado, e a Posição Espírita, por outro, além da fenomenologia mediúnic ou dos estados alterados de consciência, existe um outro fator de inestimável valor. Trata-se do fenômeno psicológico da fé. É uma vivência psíquica complexa, oriunda das camadas profundas do inconsciente, geralmente de feição constitucional, inata, por se tratar mais de um traço de temperamento do que do caráter do indivíduo. No dizer de J. J. Benitez, as pessoas que têm fé fazem parte do pelotão de choque, a vanguarda dos movimentos espiritualistas. Nas fases iniciais ela é de um valor inestimável, mas à medida que a personalidade atinge estados mais diferenciados de consciência, pode ser dispensável, pois a pessoa não apenas crê, mas sabe.

Segundo William James, a reação produzida por coisa do pensamento é, notoriamente, em muitos casos, tão forte quanto a produzida por presenças sensíveis. Pode ser até que seja mais forte: "A lembrança de um insulto talvez nos deixe mais zangados do que nos deixou o próprio insulto quando o recebemos" (op. cit). É como se uma barra de ferro, sem tato nem vista, sem nenhuma faculdade representativa, pudesse, apesar disso, ser vigorosamente dotada da capacidade de perceber a energia eletromagnética de um ímã nas suas proximidades. O mesmo se dá com as personalidades mediúnicas.

Do ponto de vista psicológico, a vivência da fé pode ser considerada mista, pois engloba tanto aspectos cognitivos quanto afetivos. Faz parte mais do temperamento do que do caráter do indivíduo. Por isso é impossível de ser transmitida por meios intelectuais, tal como a persuasão raciocinada. Pode ser induzida pela sugestão, apelo emocional ou experiências excepcionais, bem como pela interação com pessoas individuadas. O fenômeno da conversão foi muito bem descrito em capítulo especial na obra citada de William James. Como foi dito, o Cristo demonstrou profunda penetração psicológica ao responder à leviana indagação de Pilatos sobre o que era a verdade com um eloqüente silêncio.

Felizmente, para os céticos, as ciências matemáticas e naturais estão adentrando o campo dos eventos incomuns, mágicos, sincronísticos, mediúnicos, paranormais etc. Isso se deve aos experimentos clássicos de J. B. Rhine, na Duke University. Suas descobertas são cientificamente irrefutáveis, e como tal foram reconhecidas como válidas pela Associação Americana de Psicologia.

Apesar de tudo, as pesquisas parapsicológicas são dispendiosas e ainda enfrentam forte preconceito entre grande número de pessoas de mentalidade científica, e não é raro a Parapsicologia ser utilizada não como uma pesquisa científica pura, mas como um instrumento de se provar ou refutar correntes religiosas ou não. Existe uma tentativa conhecida de se tentar refutar o Espiritismo por meio dessas extraordinárias descobertas. A falta de isenção e os prejuízos intelectuais são incompatíveis com a metodologia científica.

Infelizmente as pesquisas parapsicológicas despertaram o interesse da comunidade de informação internacional, especialmente das superpotências, que tentam a

sua utilização com finalidades políticas, e é possível que a utilização desses conhecimentos, com finalidades destrutivas, represente, para o futuro da humanidade, um perigo tão grande quanto o do domínio da energia nuclear

Um outro caminho para a constatação das realidades espirituais é o da experimentação espírita. Já houve uma séria tentativa nesse sentido, com a Metapsíquica dos grandes sábios do século passado, tais como C. Richet, C. Lombroso, W Crookes, entre outros. Por utilizar fenomenologia excepcional, obtida com o concurso dos grandes médiuns da época, não passível de repetição sob condições controladas, não foi aceita pela comunidade científica. Connan Doyle faz um brilhante relato dessa época em sua notável obra "História do Espiritismo", que merece ser estudada em profundidade.

Contudo, especialmente nos países latinos, o Espiritismo experimentou extraordinária difusão, após a sistematização iniciada por Allan Kardec, seguido por Leon Denis, Alexandre Aksakof e outros. A prática mediúnica é provavelmente o método mais simples de se pesquisar as funções espirituais da mente humana. No Brasil a prática do mediunismo é extraordinariamente difundida, e deve ser levada em conta pela comunidade científica pelo menos como fenômeno cultural de elevada complexidade. Por que um número tão grande de pessoas são adeptas do mediunismo? Qual a sua dinâmica psicológica, que o torna tão contagioso? Quais os seus efeitos na vida diária de seus adeptos? Tem ele algum valor psicoterápico? As vivências mediúnicas possuem significado psicopatológico, e qual o seu significado? O que dizer dos sinais e sintomas mentais comprovadamente patológicos e de patoplastia espírita? Tem o mediunismo algum valor na profilaxia dos distúrbios mentais? Qual a sua im-

portância em Saúde Pública? As curas comprovadas são meramente efeito da sugestão? E assim por diante.

Uma outra possibilidade prática, também muito em voga no ocidente são as práticas das diversas modalidades da Yoga. Tais disciplinas incluem métodos de treinamento psicofisiológico, que são comprovadamente indutores de estados alterados de consciência, os quais transcendem as noções de tempo, espaço, causalidade etc, oferecendo condições empíricas também susceptíveis de comprovar a dualidade psicofísica do homem. Contudo, também aqui, as dificuldades metodológicas são enormes. Mira Y Lopez diz que a distância entre o sublime e o ridículo não vai além de um passo. Quais os critérios cientificamente válidos para o diagnóstico diferencial entre um iluminado, um tolo que pensa que é iluminado e um psicótico, com ideação delirante paranóide de feição mística?

A grande pesquisadora francesa Alexandra David-Néel escreveu, em co-autoria com o Lama Yongden, um interessante estudo antropológico, romanceado, sobre usos e costumes do Tibet. Descreve um monge recluso em uma gomba, sempre a usar um zen esfarrapado, habitando um quarto miserável, e considerado pela comunidade monástica como — "Um louco, um verdadeiro louco, diziam os trapas com comiseração vagamente desprezível (...)" Mais adiante. "Mipam falava-lhe. mas ele parecia não ouvi-lo e o jovem devia deixá-lo. sem ter obtido uma palavra ou um olhar, sem que parecesse sequer perceber sua presença. Outras vezes, ao contrário, o velho dava-lhe conselhos ou ensinamentos que ele desejava, antes mesmo que se tivesse manifestado a esse respeito. Mas, falando ou calado, uma força pacífica emanava dele. Mipam sentia a dirigindo seus pensamentos, iluminando os

problemas escuros que resistiram às suas investigações e levantando véus atrás dos quais entrevia imagens imprecisas de uma vida diferente daquela que estava levando ("O Lama das Cinco Sabedorias"). O autor conheceu, no Brasil, uma personalidade com algumas dessas características, indefiníveis, por serem inefáveis, mas inconfundíveis. Trata-se do conhecido médium de Pedro Leopoldo, Francisco Cândido Xavier.

Contudo, mesmo os fenômenos mediúnicos mais espetaculares não são, em absoluto, insentos de dúvidas e suspeitas as mais variadas. Em sua notável obra autobiográfica "No país das Sombras", E. d'Espérance revela suas dúvidas atrozes, as quais a acometeram após uma profícua vida dedicada ao mediunismo, com as mais extraordinárias materializações de que se tem notícia. Após longo e insidioso tormento, provocado por dúvidas atrozes, experimentou um estado alterado de consciência, de tipo extático, muito bem descrito pela autora em sua autobiografia, após o qual conseguiu superar as suspeitas de auto-ilusão e entrar em fase de grande bem-estar. A crise existencial de feição depressiva, descrita pelo médium, ilustra um dos escolhos da mediunidade.

Outras pessoas atingem a fé por meios tortuosos, com o uso de substâncias neurodislépticas, ditas psicodélicas, eidéticas, psicomiméticas etc. Essas substâncias são conhecidas desde tempos imemoriais e fazem parte do patrimônio cultural de diversos povos primitivos. Michael Harner, Carlos Castañeda, Aldous Huxley, entre outros, realizaram estudos aprofundados nesse campo. Existe um ramo importante da Psicologia, denominada Transpessoal, que também trata do assunto, destacando-se, entre outros, Stanislav Grof.

O fenômeno da Adição e do Alcoolismo ilustra os

riscos inerentes a essas substâncias psicoativas, cujo uso foi criminalizado pelas legislações vigentes na maioria dos países. Convém ressaltar que a Posição Espírita tem dado importante contribuição tanto ao diagnóstico como à terapêutica das farmacodependências.

Finalmente, o escopo do presente capítulo é o de desarmar as mentes, tentando clarificar o fato de que o verdadeiro pensamento científico deve primar pela clareza, precisão, eficiência, simplicidade, logicidade, e ser, acima de tudo, isento e imparcial, livre de prejuízo, preconceito ou prevenção de qualquer espécie.

Mais adiante serão dados novos argumentos, a partir dos modernos avanços das Ciências Naturais, em favor de uma maior abertura das mentes para a categoria dos fenômenos incomuns, cujas características fogem aos rigores da metodologia estatística, sem que isso implique, de modo algum, a sua infirmação. A nova argumentação científica tende a corroborar os pontos de vista aqui expressos, a partir da Filosofia.

II

A NATUREZA DA MENTE

No capítulo precedente foi visto como as diferentes interpretações da mente dependem, em última instância, do posicionamento filosófico subjacente a cada uma das diferentes teorias científicas que tentam explicar o homem e sua vida de relação. Para alguns teóricos, a mente é uma forma organizacional da matéria orgânica; para outros, um mero epifenômeno do funcionamento do aparelho neuroencefálico. ou então um simples conjunto fechado, porém não isolado, de funções mentais. Para os autores materialistas, simplesmente não há necessidade alguma da suposição da existência da mente como substância, para que se possa explicar o comportamento humano.

Foi dito, no capítulo precedente, que o ponto de vista filosófico admitido no presente estudo é aquele que considera a mente como coisa, isto é, algo que tem existência "per se". Contudo, a simples adjetivação de um evento não implica a elucidação dos enigmas que ele encerra. Haverá alguma coisa, no mundo fenomênico, mais enigmático do que a mente⁷

Se a mente existe como coisa, qual é a sua natureza? Ocupa ela um lugar no espaço? Ou seria ela imponderável, como querem crer alguns? Quais seriam os mecanismos do seu funcionamento? De que espécie de substância ela se compõe? Que tipo de energia a impulsiona? Estaria limitada às dimensões do mundo material contidas no "continuum" espaço-tempo einsteiniano? Como se vê, um sem-número de questões podem ser levantadas, e, com certeza, explicar como a mente funciona é bem mais difícil que explicar a eletricidade.

Os cientistas aprenderam como dominar os rios. construir gigantescas usinas hidroelétricas com o intuito de transformar a energia hidráulica em eletricidade, e, com ela, dinamizar as economias dos povos e promover o progresso; mas em que a eletricidade consiste, ainda está em descoberto. Pelo menos ninguém nunca a viu.

Não se pretende aqui elucidar esse complicado mistério, mas o contato diário com pessoas que sofrem os tormentos de sintomas, tais como ansiedade, depressão, fobias, obsessões, ideações delirante-alucinatórias etc, obriga a uma tentativa de melhor entendimento do que se supõe ser a mente, para que melhor se possa compreender e auxiliar. Com notável capacidade de penetração, o psiquiatra holandês Van den Berg afirma que, em geral, os terapeutas não entendem nada daquilo que se passa na mente de seus clientes. Essa válida crítica pode ser estendida não somente a todos aqueles que lidam com portadores de distúrbios mentais, mas à comunicação de um modo geral, entre pessoas dentro dos parâmetros da normalidade. Talvez possam ser excluídos desse conjunto de cegos psíquicos alguns poetas e escritores geniais, que decifram a alma humana. Exemplificando, um excelente tratado de Psicopatologia, de feição literária, pode

ser encontrado na obra de Dostoiiewsky, intitulada "Crime e Castigo". Aqui, mais do que nunca, a atitude de humilde aceitação da própria ignorância individual, socrática, deve ser a norma.

Visando a uma maior objetividade, será tentado o método da aproximação tangencial do problema, partindo do estudo dos componentes aparentes do comportamento humano, procurando, a seguir, um aprofundamento até a natureza intrínseca da mente, embora se possa adiantar que não existem elementos suficientes, tanto teóricos quanto práticos, para a elucidação desse grande mistério. Em seguida à apresentação de conceitos de natureza psicológica, será tentada uma ponte que permita uma síntese com os aspectos espirituais da personalidade humana.

Onde começa o psiquismo na escala animal? Num ser, quais são os fenômenos psíquicos? A consciência, a adaptação comportamental, a memória, a vontade, os impulsos, a inteligência, a atenção, os juízos, as emoções, os sentimentos etc. fazem todos parte do psiquismo. Contudo, se esses atos ou qualidades são de natureza psíquica, não definem o que seja a psique em si. Pode-se dizer, numa linguagem técnica, que os fenômenos psíquicos seriam a resultante da organização pessoal, a qual incorpora a experiência à anatomia e à homeostasia internas ("Encyclopédie Médico-Chirurgicale"/"Psychiatrie").

Contudo, essa definição da Psiquiatria francesa peca pela simplicidade, uma vez que a criança, ao nascer, não é uma simples tabula rasa, como querem crer, mas já traz em si esfuziante vida psíquica, se bem que de natureza reflexa. Um dos mais ilustres opositores dessa idéia redutiva da vida psíquica infantil, oriunda da Psiquiatria Mecanicista, é certamente C. G. Jung, com a sua

Teoria dos Arquétipos. A Posição Espírita vai além com a hipótese da reencarnação, trazendo, o nascituro, nos porões da memória pregressa, todo o repositório das experiências pretéritas, tanto de passadas reencarnações, como da vida em erraticidade, no plano espiritual.

Na obra "Autobiografia de um Yogue", Paramahansa Yogananda, grande mestre hindu, relata que "como se enganam os adultos ao avaliarem o *alcance* de um cérebro infantil, julgando que ele se limita apenas aos brinquedos. A fermentação psicológica, não encontrando possibilidade de se expressar através de meu *corpo* imaturo, dava origem a muitas e obstinadas crises de choro. Recordo-me da desorientação e do assombro que meu desespero provocava em toda a família" (...) "Minhas recordações mais antigas abrangem traços anacrônicos de uma encarnação anterior. Lembro-me claramente de uma existência longínqua — a de um iogue entre as neves do Himalaia."

O grande alcance de memória de Yogananda não é, em absoluto, um caso único. Existe um relato impressionante do maior psiquiatra de todos os tempos, C. G. Jung, em sua autobiografia "Memórias, Sonhos e reflexões." Alucinações mnêmicas? Fabulações? Fenômeno do "déjà vu?" Ilusões mnêmicas? Paramnésia? É mais fácil, para os especialistas, cair na tentação de rotular o incomum, mas um rótulo, por mais pomposo que seja, não explica a natureza intrínseca do fenômeno.

Jung não aceitava a hipótese de que o recém-nascido seja uma tabula rasa. Afirmava que todos trazem consigo, do berço, as funções arquetípicas, como infra-estrutura do futuro arcabouço da personalidade do indivíduo. Segundo ele, no processo de formação do ego, tomam parte não somente a estimulação sensorial oriunda do

meio ambiente, mas também as funções inatas da psique. A teoria dos Arquétipos não entra em colisão com a Posição Espírita, mas ambas se complementam, na visão do autor. Posteriormente será visto que, segundo o Espiritismo, esse substrato original de natureza psíquica jaz no cérebro do corpo espiritual do nascituro.

Destarte, a diversidade de corpos é ínfima, se comparada com a diversidade de psiquismos, devido à plasticidade, ao dinamismo e à história pregressa dos mesmos. Contudo, não será lícito discordar de H. Ey, que diz que a condição fundamental da organização psíquica é o sistema nervoso, sede da vida de relação. É claro que, sem órgão, impossível se torna a função.

As funções somáticas e psíquicas formam uma continuidade com grandezas mais ou menos intercambiáveis entre si, em ambos os sentidos. Como a mente determina às funções somáticas, ou é, por sua vez, por elas condicionada, é óbvio que ela não seja uma substância imponderável, nem imaterial, como querem crer alguns. Claro que o termo matéria aqui deve ter um significado mais amplo que o convencional, de forma que se possa explicar a transcendência da psique a certas contingências, tais como espaço, tempo, causalidade, energia etc. Não se pode mais ignorar os resultados das pesquisas parapsicológicas, realizadas em condições controladas, dentro dos mais rigorosos parâmetros do método científico. Apontam também na mesma direção ocorrências de natureza mediúnica, sincronísticas, etc.

As funções instrumentais da vida de relação, isto é, as denominadas funções mentais, encontram o seu órgão de expressão no sistema nervoso central. Assim sendo, alterações neurológicas podem produzir alterações mentais as mais variadas. Afecções, tais como infecções

(meningites, encefalites), toxinas endógenas ou exógenas, traumatismos crânio-encefálicos, acidentes vasculares cerebrais etc. podem ocasionar um comprometimento do córtex cerebral, que por sua vez poderá desencadear sinais e sintomas mentais ou reações psicológicas aos fatores de incapacidade neurológica.

Contudo, os neuropatologistas e psicopatologistas constataram, com certa perplexidade, que uma mesma lesão cerebral pode provocar um certo padrão psicopatológico num determinado paciente, quadros completamente diversos noutros pacientes, ou ainda alterações mínimas ou nulas em outros. Essa desconcertante constatação foi explicada como sendo devida ao padrão básico da personalidade pré-mórbida de cada paciente. Certamente que essa dedução é correta, mas, se a personalidade se assentasse exclusivamente no aparato neurológico, ela seria insuficiente, mesmo considerando o moderno conceito do funcionamento unitário e global do sistema nervoso central.

Se for considerada a hipótese de que a mente se assenta, em última instância, em um aparato pluridimensional, tal como o cérebro perispiritual, proposto pela Posição Espírita, essa e outras tantas questões se clarificam. Todavia, fica de pé a questão de qual a natureza desse "cérebro" extrafísico e de como ele interage com o sistema nervoso central. Essa intrigante questão será vista mais adiante, quando se poderá constatar o imenso potencial heurístico da Posição Espírita.

Concordando com os modernos avanços da Neurofisiologia e da Psicofarmacologia, o Espiritismo concorda com o pressuposto de que as funções psíquicas estão assentadas sobre bases, em última instância, de natureza bioquímica. Essas bases se localizam não somente no

citoplasma dos neurônios, mas também nas sinapses, com o papel fundamental desempenhado pelas aminas neurotransmissoras, e formadoras de circuitos funcionais a representar a vida de relação, tanto na saúde como na doença. A Psicofarmacologia revolucionou a terapêutica dos distúrbios mentais, nas últimas décadas.

Também é bastante conhecido o fato de que, em diversas culturas, drogas de natureza psicodislépticas são utilizadas com finalidades místicas. A obra psicografada por Wera Krijanowski, "La reine Hatasou", descreve as impressionantes peripécias de Horemseb, ao utilizar uma planta com substância psicoativa, orientado pelo feiticeiro hiteno Tadar.

Assim, o substrato das funções psíquicas compreende as atividades químicas e elétricas do cérebro humano. Contudo, não foi ainda possível identificar a maioria dos mecanismos neurofisiológicos responsáveis pelas ditas funções mentais, tendo a Psiquiatria francesa classificado o cérebro como sendo uma "boite noire cybernetique". Com bilhões de neurônios, cada um com dezenas de milhares de ligações sinápticas, o sistema nervoso central está além das possibilidades atuais de análise científica, pelo menos em relação aos aspectos superiores do seu funcionamento. Exemplificando, segundo Schreibler, na substância reticulada ascendente, para cada neurônio existem cerca de 27.500 conexões sinápticas. Como o total de neurônios do SNC é avaliado em 14 bilhões, pode-se apenas imaginar o grau de complexidade das bases anatomofuncionais da psique humana. Acoplando-se os aspectos extrafísicos, essa complexidade ultrapassa os limites do concebível.

Diante do exposto, qualquer postura de certeza e

autosuficiência no campo do estudo do comportamento humano deve ser encarada com reservas.

Bergouignan e Picard afirmam que, em se satisfazendo às necessidades metodológicas requeridas, é inútil querer reduzir os fenômenos psicológicos às condições anatomofisiológicas que lhes dão origem, do mesmo modo que é errôneo querer refutar, "a priori", toda correlação entre essas duas ordens de fenômenos: psíquicos e fisiológicos. Como exemplo desse raciocínio, pode ser citado o fato de uma mesma lesão neurológica, em indivíduos diversos, manifestar-se por meio de sintomatologia singular, em cada um deles.

A mesma meningo-encefalite sífilítica difusa poderá se traduzir por sintomas assaz diversos, como uma euforia expansiva ou uma depressão estuporosa ou pela simples deterioração psíquica, sem qualquer consideração anatomo-patológica (Peters).

Em relação aos tumores cerebrais, análises estatísticas mostram que, sobre esse fundo comum, as manifestações psíquicas dependem grandemente da personalidade pré-mórbida do indivíduo canceroso. Já foi dito que, à luz das realidade extrafísicas, esse quadro aumenta em complexidade, em proporções geométricas, tanto no campo da Semiologia como em relação ao prognóstico, terapêutica etc.

Segundo Guiraud, deve-se, portanto, resguardar de uma "dicotomia tentadora, mas pueril", que destituiria as doenças psiquiátricas do substrato anatomopatológico, mesmo que em grande número esse substrato seja impossível de ser diagnosticado. Essa postura em nada se choca com a Posição Espírita, paradoxalmente, pois, de acordo com ela, é possível a existência de alterações anatomopatológicas, induzidas por energias ou fluidos

de natureza espiritual. Esse tema será abordado mais adiante.

Da perspectiva da ciência oficial, contudo, não é possível colocar, de um lado, as doenças mentais lesionais exógenas e organogênicas, em oposição às doenças mentais endógenas ou psicogenéticas (EMC). Exemplificando, epilepsia endógena idiopática e epilepsia exógena sintomática (*idem*). Essa oposição não tem base científica. Como foi visto, no capítulo precedente, essa base científica, avocada pela Psiquiatria, tem na atualidade um valor relativo, probabilístico, apenas. Não se deve, entretanto, excluir os aspectos etiológicos que traduzem a mobilização intracelular de certos mediadores químicos, tais como as catecolaminas, elementos capitais no funcionamento do cérebro, e, portanto, psíquicos. Mais adiante será visto que os psicofármacos devem o seu poder de indução de alterações do estado psíquico graças a propriedades de ressonância biomagnética no plano espiritual, se é que se possa falar nessa terminologia tão incomum, ou neológica.

Deixando para trás a perspectiva da ciência oficial, e adentrando o domínio do Espiritismo propriamente dito, A. Luiz afirma que o ponto de intersecção entre o cérebro físico e o espiritual são os corpúsculos intracelulares, localizados no protoplasma, citando principalmente a substância de Nissl, entre outras. Esse tema será visto nos próximos capítulos.

Os dados anatomopatológicos que serviram de suporte para os formuladores da Psiquiatria Clássica, materialista e mecanicista, tais como Bayle, Baillarger, Griesinger e outros são hoje considerados caducos pela própria ciência oficial. Se a anatomia patológica permitiu decifrar o domínio das psicoses sintomáticas, as psicoses

funcionais não mostraram seus segredos nem mesmo à microscopia eletrônica. Os dados levantados pelas pesquisas médicas tem infirmado a teoria materialista das localizações cerebrais. Para os alienistas mecanicistas, o protótipo da Paralisia Geral Progressiva não pode ser generalizado, como queriam eles.

Outra linha de pesquisa científica que também produziu resultados pouco alentadores, do ponto de vista dos mecanicistas, foram os estudos radiológicos, em que pese aos enormes avanços das técnicas e da metodologia alcançados por essa especialidade. Os resultados dos diversos autores, do mesmo modo que os estudos histopatológicos clássicos, são altamente contraditórios. Todavia, alguns achados anatomopatológicos, ainda que raros, demonstraram a íntima relação entre o arcabouço somático e as funções psíquicas. Mais adiante será visto como isso se dá, da perspectiva espírita.

Exemplificando, a dilatação do terceiro ventrículo, na encefalopatia gasosa, produz um quadro de esquizofrenia dito deficitário. Também lesões da Pia-máter, com espessamento da meninge e aderência ao tecido nervoso, produz alterações psíquicas variadas. Tumores do terceiro ventrículo e lesões do hipotálamo posterior foram achados em casos de mutismo e acinesia, com perda total da atividade motora.

Certas leucodistrofias (atrofia da substância branca) também pode levar a síndromes esquizofreniformes. Nos casos das intoxicações exógenas tem-se a necrose bilateral dos núcleos pálidos pelo monóxido de carbono, bastante comum nas tentativas de suicídio, bem como lesões bilaterais das regiões anteriores do Cíngulo. Também essas lesões podem provocar quadros clínicos esquizofreniformes. Quanto às terapias biológicas, podem produzir,

raramente, lesões no Sistema Nervoso Central, embora sejam tidas comumente como produtoras apenas de modificações estruturais inteiramente reversíveis.

Como a pesquisa anatomopatológica tradicional em Psiquiatria apenas deu resultados e informações imprecisas, quando não contraditórias e pouco convincentes, as pesquisas dirigem-se, na atualidade, mais para o campo da Biologia molecular. Como será visto mais adiante, da perspectiva espirita, esse direcionamento é o mais promissor, pois é aí que se dá a interação espírito-matéria.

Todavia, até o momento atual, as dificuldades continuam enormes e as ambições da Citologia ultra-estrutural, armada da microscopia eletrônica, são bem mais limitadas que as de seus predecessores. Procura não os traços figurados dos processos mentais, mas as alterações morfológicas interneuronais provocadas pelas drogas psicotrópicas (op. cit.)

O funcionamento do sistema nervoso é também de natureza elétrica, e como se sabe, cargas elétricas produzem campos magnéticos e vice-versa. Durante os impulsos elétricos, nas sinapses axo-somáticas, as vesículas esvaziam-se, liberando catecolaminas. As membranas sinápticas também se alteram. No núcleo dos neurônios, ocorre um acréscimo da permeabilidade da membrana que, através dos seus poros, deixa passar para o citoplasma quantidades consideráveis de ácido ribonucleico (ARN mensageiro). Aqui adentra a pesquisa científica o complexo campo da anatomia bioquímica do sistema nervoso.

É justamente nas alterações bioquímicas do sistema nervoso, com o metabolismo das monoaminas cerebrais, tais como a reserpina, IMAO, serotonina, adrenalina etc. e sua conseqüente atividade bioelétrica, que entra

em campo a Posição Espírita, cujos conceitos mais aprofundados foram introduzidos por A. Luiz.

A ciência oficial já está incorporando, na prática, as possibilidades inesgotáveis que esse campo oferece, ou seja, o eletromagnetismo dos processos orgânicos. Atualmente, o resultado prático mais conspícuo é, provavelmente, o da utilização da ressonância magnética, para fins diagnósticos. Trata-se de um aparelho, segundo Secaf, formado por um campo magnético, que faz os átomos de hidrogênio e oxigênio girarem como piões. Um emissor de radiofrequência injeta mais energia nesses piões e seu eixo de giro então se inclina mais. Assim que o campo magnético é desligado, essa energia adicional é devolvida pelos átomos e pode ser detectado o local de onde ela foi emitida. Um computador que funciona acoplado ao aparelho capta essa energia e identifica sua procedência na forma de uma imagem. Secaf explica que a ressonância magnética de alta intensidade é capaz de dar até a concentração de substâncias como fósforo, carbono e lítio no organismo, daí sua utilidade diagnóstica.

Outro importante método diagnóstico que se utiliza das propriedades bioeletromagnéticas do cérebro é o da Eletroencefalografia. Em relação à terapêutica, de uma maneira completamente empírica, os italianos Cerletti e Bini introduziram o método da estimulação elétrica cerebral como recurso para levar a termo acessos convulsivos, terapêuticos, nas enfermidades mentais. Os romanos já aplicavam as descargas do peixe-elétrico no tratamento dos nervosos (J. O Magdalena).

Segundo a Posição Espírita, o eletromagnetismo é o campo do funcionamento psíquico tanto no que se refere ao corpo físico como em relação ao corpo espiritual. Acrescenta os conceitos de magnetismo animal e magne-

tismo espiritual. Em relação ao magnetismo animal, Anton Mesmer, médico vienense do século passado, já o utilizava em sua prática diária. Banido da Áustria, acusado de charlatanismo, obteve grande sucesso em Paris, ao conseguir curar a cefaléia da rainha Maria Antonieta. Suas idéias foram rejeitadas pela ciência oficial, que aderiu à hipótese de Braid, a qual atribuiu os efeitos mesméricos à sugestão hipnótica. Contudo, os modernos experimentos parapsicológicos tendem a ressuscitar a hipótese do magnetismo animal, confirmando um dos pressupostos fundamentais do Espiritismo. Atribuir todos os fenômenos parapsicológicos e mediúnicos aos efeitos da sugestão seria uma "tour de force".

O grande sucesso que a Doutrina Espírita tem obtido nos dias atuais deve-se principalmente aos processos terapêuticos por meio dos denominados passes magnéticos, preces e irradiações. Advoga também a existência de afecções tanto psíquicas como somáticas, de natureza mediúnica, denominadas fascinações, obsessões, possessões etc. É comum encontrar-se, nos meios acadêmicos, a crítica de que tal postura significa um retrocesso à demonologia supersticiosa da Idade Média. Essa atitude parece ter suas raízes mais em preconceitos ou atitudes de feitiço emocional arcaico do que em pressupostos de natureza científica. Haja vista o repúdio de Freud às idéias de Jung, que ocasionou o rompimento definitivo entre ambos, classificando-o de "bruxo" ("Memórias, Sonhos e Reflexões", C. G. Jung).

Infelizmente, a comunidade científica não vê com bons olhos essa "contaminação mística da ciência", mas é cada vez maior, no mundo inteiro, o prestígio de Jung, ou a procura por métodos alternativos, por parte de terapeutas de diversas especialidades. Como exemplo, tem

-se Acupuntura, método tradicional chinês que foge. em absoluto, aos cânones científicos ocidentais. E o seu funcionamento já foi atestado por eminentes autoridades médicas ocidentais. Isso indica que o método científico, tão arduamente construído pela ciência ocidental, não é a única maneira de se aproximar da realidade dos fatos. Mais adiante serão vistos, mais detalhadamente, como os extraordinários avanços da Física Moderna também apontam nessa direção.

Em que pese à frustração de não ter podido reduzir a mente ao simples funcionamento do cérebro, a neuroanatomia obteve progressos notáveis, ainda que bastante limitados, em termos de entendimento do psiquismo humano e animal. Já se conseguiu demonstrar, com mais ou menos precisão, as bases anatomofuncionais dos componentes instintivo-afetivos. da vigilância, da atenção, do sono, da integração sensorial, da memória, do condicionamento, das gnosias. da linguagem, das praxias. sendo as três últimas componentes do processo de simbolização. Contudo, a simples aplicação ao homem de dados neurofisiológicos, obtidos com o estudo de animais, sofre a válida crítica a todas as formas de raciocínios procedidos por analogia.

As pesquisas deverão necessariamente levar em consideração as etapas da evolução ontofilogenética da espécie humana. Também nesse campo a Posição Espírita apresenta diversos esclarecimentos, ainda que genéricos, mas que lançam nova luz em tão intrincado problema. (Vide em A. Luiz, "Evolução em dois Mundos") Ainda não foi possível especificar, sobre a cartografia nervosa, a sede dos fenômenos psíquicos, tal como se fez para a visão, a motricidade, a fala etc. Segundo a Posição Espírita, a sede dos fenômenos psíquicos superiores.

tais como a abstração, os estados elevados de consciência, sentimentos quintessenciados etc, estaria localizada em formas de matéria que pertencem a outras categorias vibracionais e a outros parâmetros dimensionais de tempo, espaço, causalidade etc. As grandes descobertas da Física Moderna, tais como a antimatéria, a matéria irradiante etc, permitem colocar os pressupostos espiritistas no campo das possibilidades matemáticas de difícil mas não impossível confirmação.

Continuando esse resumo esquemático das bases fisiológicas do psiquismo humano, já foram demonstradas as funções neurotransmissoras de hormônios e vitaminas. São bem conhecidas as relações entre deficiências vitamínicas e os distúrbios mentais. Os diversos hormônios têm papel decisivo nas emoções e na vida psíquica como um todo, mas os conhecimentos dessas correlações são ainda limitados.

Como exemplo, tem-se o papel das glândulas supra-renais no "stress", os hormônios tireoideanos estimulantes associados à ansiedade, bem como os efeitos psicofisiológicos da supressão das gônadas nos eunucos.

As pessoas com problemas de alcoolismo podem desenvolver deficiência de Tiamina (Vit. B1) que, por sua vez, pode levar à Encefalopatia de Wernicke, com nistagmo, ataxia, oftalmoplegia, problemas de consciência, perda de memória recente, tabulações, desorientação auto e alopsíquica, alucinações e mesmo coma. Essa síndrome foi descrita inicialmente por Korsakoff.

Carência de Nicotinamida pode levar a estados psicológicos, bem como a de Vit. B6 e B12. Alguns metais possuem ação tóxica no cérebro e mesmo a poluição atmosférica pode produzir alterações. Mal de Addison, doença de Cushing, também levam a alterações mentais.

As síndromes depressivas estão relacionadas com uma carência cerebral em aminas biogênicas. Também as Esquizofrenias podem apresentar distúrbios bioquímicos, e a base etiopatogênica mais provável seria o hipotálamo, estrutura intimamente relacionada com a hipófise, no comando do sistema endócrino.

Os autores mecanicistas querem crer que esses achados provam que a mente seja um mero subproduto do cérebro ou do funcionamento cerebral (epifenomenalistas, funcionalistas, reflexologistas etc). Todavia, essa conclusão pode ser tendenciosa, pois tanto as alterações mentais podem ser produto das patologias citadas como essas alterações anatomofuncionais podem ser secundárias a estados emocionais particularmente intensos e prolongados, como a situações traumáticas ou até mesmo poderiam ser secundárias a alterações do próprio corpo espiritual. Da perspectiva espírita, todas essas hipóteses são factíveis. O Princípio da Indeterminação de Heisenberg permite a inclusão de todas essas possibilidades estatísticas no bojo do método científico.

A hipótese das bases extrafísicas da mente eleva o problema a níveis de complexidade inconcebíveis ao estágio atual do conhecimento científico oficial.

O autor espiritual A. Luiz confirma essa continuidade de corpo-mente em níveis bioquímicos ao afirmar que "nos traumas cerebrais da cólera, do colapso nervoso, da epilepsia e da esquizofrenia, como tantas outras condições anômalas da personalidade, vamos encontrar essas mesmas fermentações no campo das células, mas em caráter de energias degeneradas, que correspondem às turvações mentais que as provocam" (op. cit.).

Aqui poderia estar a causa primária de grande número de alterações psíquicas, inclusive das obscuras psi-

coses endógenas, até hoje impenetráveis à análise fenomenológica. Esse critério de incompreensibilidade foi magistralmente descrito por Kurt Schneider, ao introduzir os conceitos de desenvolvimento e processo, na corrente fenomenológica de Karl Jaspers.

A impossibilidade atual de uma perfeita compreensão desses obscuros escaninhos psicopatológicos resulta na contradição fundamental observada nos diversos livros da especialidade, como observa I. Paim: "a leitura de manuais como os de Karl Jaspers, Honório Delgado, Werner Wolff, Gabriel Deshies, Carlos Pereira e Célia Sodré, nos deixa a impressão de que tratam de ciências inteiramente diversas".

Numa tentativa de superar essas dificuldades da Psicopatologia, Jaspers passou a estudar a vida psíquica anormal independentemente dos problemas clínicos, e o fez com genial capacidade descritiva. Essa postura fenomenológica, contudo, apenas posterga o problema, levando a uma dissocia o ou mesmo a um impasse, que justificam a crítica de Van den Berg de que, em geral, os psiquiatras não entendem nada do que se passa na mente de seus pacientes. A análise fenomenológica apenas descreve os aspectos superficiais observáveis da vida de rela o.

Do lado dos autores espíritas, como será visto detalhadamente mais adiante, a mente continua envolta em denso mistério: "(...) através de processos ainda inacessíveis   nossa observa o (...)" (A. Luiz, "Mecanismos da Mediunidade").

Os modernos avanços da Bioquímica cerebral levaram   tentativa de obten o dos chamados "soros da verdade". Todavia, eles não são verdadeiros e vão contra os

direitos de reserva e de autodeterminação do indivíduo (EMC).

Uma escola que deu extraordinária contribuição ao estudo da Psicologia normal e anormal foi a Fenomenologia. É uma abordagem filosófica, desenvolvida por Jaspers, Binsvanger, Strauss e outros. Procura analisar todos os planos da experiência psíquica, mas o seu método é tão complexo que se corre o perigo de entrar num labirinto e perder o fio da causalidade da cadeia dos fenômenos psíquicos. Essa corrente se ocupa apenas com os aspectos da consciência e refuta a hipótese da existência de forças psicodinâmicas inconscientes.

Outro campo não menos importante é o conjunto vasto das Teorias da Personalidade. Esse grupo possui uma impressionante diversidade de pontos de vista. Segundo Hall & Lindzay, as Teorias da Personalidade constituem, em conjunto, um "tumulto de informações conflitivas e expressões individualistas". Também impressiona, segundo esses autores, a repetição de pontos de vista de outros autores sem a devida citação da fonte. Talvez devido a essa grande contradição e imprecisão, os teóricos da personalidade representem uma dissidência no campo da Psicologia (idem).

De uma maneira geral, as Teorias da Personalidade descrevem o homem como um ser que se esforça, que busca alvos e com um propósito. Exemplificando, na Psicologia Complexa junguiana, o significado e o propósito do destino individual representam um papel fundamental para a saúde ou para a doença psíquica individual, ao contrário da posição reducionista da Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud. Mc Dougall, Watsom e Tolman também se preocuparam com o fato de o homem ter ou não um propósito a influenciar o seu desenvolvimento psíqui-

co. Miller, Dollard, Sheldon, Eysenck e Lewin não parecem considerar o propósito como questão importante na compreensão do comportamento. Existem também questões mais definidas como o papel da recompensa, a importância do Self e os aspectos inconscientes da motivação a divergir os teóricos (idem).

Com a Lei de Causa e Efeito, a Posição Espírita aceita, implicitamente, no entendimento do autor, os postulados básicos do Behaviorismo como componentes importantes da dinâmica do desenvolvimento espiritual, acrescentando, é claro, um número enorme de outras variáveis desconhecidas por aquela importante corrente da Psicologia. Padrões de comportamento classificados, numa hipotética escala de valores universal, como sendo bons, seriam positivamente reforçados, nessa, noutra existência futura, ou mesmo na vida após a morte do corpo físico. Contrariamente, padrões de comportamento ditos maus, nessa escala de valores, seriam negativamente reforçados. Diversos teóricos admitiram a importância dos valores morais na determinação da saúde ou da doença mental.

É claro que a Antropologia Cultural e a Sociologia já demonstraram, à exaustão, a relatividade das escalas de valores entre as diversas culturas. Também é ponto pacífico o respeito que se deve ter para com usos e costumes diferentes de culturas diversas da ocidental. Também é fato notório que essas escalas de valores variam com a evolução cultural dos grupos étnicos e sociais.

Entre outros, Heinroth, Stalhl etc. consideraram a doença mental como expressão de um mal moral, ou efeito da culpa, do pecado, do erro, e dos tormentos que a consciência infeliz impinge a si mesma. É claro que se deve, por todos os meios, evitar uma postura unilateral,

cujo protótipo foi a demonologia da Inquisição da Idade Média, cujo aspecto mais radical, e porque não dizer, perverso e patológico, foi o terrível "Malleus Maleficarum", editado em 1488, cujas conseqüências práticas foram a tortura e a morte, pelo fogo, de milhares de doentes mentais.

Jung considerou que a função de valores, na personalidade, é dada pela função sentimento, embora concorde que essa terminologia seja passível de ser criticada: "Precisamos designar essa função particular como existindo separada das outras (...) se vocês disserem "Preferimos usar outra palavra", cabe-lhes então a escolha de outro termo..." ("Fundamentos de Psicologia Analítica"). Esse autor cita, com minúcias, a partir da pág. 77, um exemplo clínico de uma paciente cujo diagnóstico era esquizofrenia de caráter depressivo. Jung achava a mulher estranha e "não podia aceitar o diagnóstico como última palavra". Submeteu-a ao Teste de Associação de Palavras, de sua autoria, que por sinal é a base de todos os testes detectores de mentira, e pôde comprovar a psicogênese da doença, na idéia auto-acusatória, "Você matou sua filha" (op. cit.). Esse exemplo será apresentado mais adiante.

Inúmeros casos semelhantes, quer neuróticos quer psicóticos, podem ser vistos, tanto na literatura psicanalítica como na prática diária. É claro que nem todos são capazes de adoecer por motivos morais. Existem os casos de Personalidades Psicopáticas do tipo anti-social que são completamente insensíveis, capazes de "marchar sobre cadáveres". Lamentavelmente o oposto também é verdadeiro, e personalidades excessivamente auto-repressoras, puritanas, moralistas, com mania de ordem, limpeza etc. tendem a desenvolver sintomas psíqui-

cos os mais variados, destacando-se os quadros neuróticos de natureza obsessivo-compulsiva.

Um elemento-chave na diferenciação entre as várias Teorias da Personalidade consiste na ênfase dada aos determinismos inconscientes do comportamento aparente, em oposição à importância das determinantes conscientes.

Entre as Teorias que advogam a causa dos fatores inconscientes, destaca-se a Psicologia Analítica de Jung, com a hipótese do Inconsciente Coletivo e seus Arquétipos. A Posição Espírita vai além, ao advogar também a existência de elementos inconscientes localizados no corpo espiritual, com todo o repositório das experiências e vivências das encarnações pretéritas, além, é claro, das vividas no plano espiritual. De acordo com ela, as forças dinâmicas oriundas do inconsciente espiritual tanto podem ser de natureza positiva, saudável, tais como tendências, idéias ou habilidades inatas, como de natureza morbígena. Os gênios precoces, como Wolfgang A. Mozart, seriam um exemplo de vidas pregressas altamente evoluídas. Crianças portadoras de distúrbios, tais como autismo infantil, psicoses infantis etc, podem representar o segundo grupo.

Em geral, a associação e o enlace espacial e temporal dos eventos e das experiências são menos consideradas pela maioria dos teóricos da personalidade do que o fenômeno da recompensa. Existem também consideráveis diferenças quanto às interpretações do modo como se dá o processo de aprendizagem. Um dos aspectos mais destacados das Teorias da Personalidade são os numerosos esquemas propostos para representar a estrutura da personalidade.

Entre os mais detalhados no assunto estão Allport,

Cattel, Eysenck, Freud, Jung, Murray e Sheldon. Entre os autores que enfatizam o papel da hereditariedade no comportamento humano destacam-se Eysenck, Cattel, Jung, Freud e Murphy. Mais adiante será apresentado material coletado na bibliografia espírita também enfatizando a importância dos fatores hereditários.

Já os autores Eric Fromm, Karen Horney, Lewin, Rogers, Sullivan e outros dão mais ênfase às determinantes de natureza cultural (Culturalistas). Outros autores enfatizam os fatores atuais, em oposição à importância das ocorrências das fases primitivas do desenvolvimento infantil.

Ainda segundo Hall & Lindzey, outro aspecto que distingue as Teorias da Personalidade de outras variedades de Teoria Psicológica é a ênfase dada ao holismo. Ao adotar uma posição holística, a teoria da Personalidade pode estar sugerindo que uma boa teoria deve ser completa, complexa, multivariável, e que ela deva incluir referências às situações dentro das quais ocorre o comportamento humano.

As Teorias da Personalidade empregam o conceito de "Self" em sentidos diversos. Da perspectiva espírita, esse é o mais importante dos conceitos psicológicos, pois se trata da própria alma.

Segundo Sears, "uma teoria é válida na medida em que prova sua utilidade quanto à predição e provisão de controle do comportamento; e isso é matéria apenas de conveniência, não de veracidade dos fatos. Como nenhuma teoria provou sua eficácia na ordenação de dados do comportamento, não surpreende que muitos psicólogos se sintam estimulados a envidar novos esforços no sentido de construir um conjunto sistemático de variáveis da personalidade". Talvez seja conveniente lembrar aqui

que a Posição Espírita é muito mais ampla que uma Teoria da Personalidade, sendo mais uma Cosmogonia, tal a abrangência dos temas que aborda, daí a impossibilidade de se abarcar todas as suas conseqüências.

Assim, impossível e sem interesse a recapitulação de uma grande amostragem de teorias que tentam explicar o psiquismo humano. A adoção, por parte do estudioso, dessa ou daquela teoria, não é fortuita, casual nem aleatória, mas depende do posicionamento filosófico adotado. Esse, por sua vez, obedece às necessidades subjetivas de feição mais afetiva que intelectual, geralmente de natureza inconsciente, onde o amadurecimento da personalidade é fator determinante. Também as experiências prévias são de capital importância, e é onde leva grande vantagem a Posição Espírita, com a palingenesia e pela possibilidade de ocorrência de efeitos físicos ou psíquicos de natureza paranormal ou mediúnica, embora raros e de difícil apreensão. Como foi demonstrado por Ira Progoff, tais fenômenos, em geral, passam despercebidos, a menos que sejam espetaculares. O fenômeno das mesas girantes, por exemplo, perdeu há muito o caráter cotidiano que tinha à época do advento do Espiritismo.

Segundo William James (op. cit), "as tendências religiosas do homem hão de ser, pelo menos, tão interessantes quanto quaisquer outros fatores pertencentes à sua constituição mental". Esse autor critica o "materialismo médico (que) dá cabo de São Paulo explicando sua visão na estrada de Damasco como uma descarga violenta do córtex occipital, visto ter sido ele epiléptico. Tacha Santa Teresa de histérica, São Francisco de Assis de vítima de degenerescência hereditária". Esse gênio psicológico anglo-saxônio pergunta: "pode um relato existencial de fatos da história mental decidir de um modo ou

de outro acerca da sua significação espiritual?". Mais adiante: "Há momentos de experiência sentimental e mística (...) que trazem consigo, ao chegar, enorme sentido de autoridade e iluminação interiores. Mas chegam raramente, e não chegam para todos; e o resto da vida ou não faz conexão com elas ou tende menos a confirmá-las do que a contradizê-las" (op. cit., pág. 23).

Essas observações ilustram bem o fato de ser o caminho proposto árduo e cheio de percalços. Mas, para uma maior simplificação didática, será feita uma sinopse descritiva das funções mentais, antes de se tentar uma aproximação, ainda que tangencial dos seus aspectos espirituais.

A mente não é, de modo algum, um sistema unívoco. Possui funções as mais variadas, que atuam de modo orgânico, mas com relativa independência entre si, podendo, nos casos patológicos, desenvolver sinais e sintomas agrupados em síndromes ou entidades nosológicas pela semiologia psiquiátrica. Se a patologia e a anatomia falharam na tentativa de delimitar as sedes das funções mentais no cérebro humano, com raras exceções, isso não implica, todavia, que a mente seja um sistema homogêneo e uniforme.

Como foi dito, a Psicologia concentra seus esforços no estudo da experiência vivida pelo indivíduo, porém, a falta de um método apropriado para a investigação "in anima nobile", faz com que ela se ressinta da unidade e da generalidade que caracterizam as disciplinas científicas em geral. Ora, a alma, se não fosse uma coisa, não poderia funcionar, muito menos adoecer. Na concepção de Kroenfeld, isso seria uma "metáfora inaudita".

Apesar dos esforços da Psicologia, da Psiquiatria, da Psicopatologia, da Antropologia Cultural, da Sociolo-

gia etc , as dificuldades nesse campo do conhecimento continuam ainda intransponíveis. Segundo I. Paim, fazer uma idéia do que se passa na mente de uma pessoa com, por exemplo, ideação delirante-alucinatória, é algo que foge à experimentação e à introspecção.

Blondel considerava que, quando se define a alucinação como "uma percepção sem objeto", ou quando se diz que o "delírio é um juízo falso ao qual se aferra o enfermo apesar de todas as provas em contrário", recorre-se a fórmulas verbais que, sem serem tecnicamente falsas, não levam à compreensão do que significam, de fato, para o paciente, a experiência alucinatória ou delirante, nem o que realmente experimenta no curso de tais experiências.

Se as dificuldades são tremendas, no campo da ciência oficial, elas se multiplicam, no campo espírita. Isso devido, segundo ela, à plasticidade e interdependência entre a substância astral e as mentes dos Espíritos que a habitam. Há inúmeras descrições de que os planos ditos do umbral, as demonotropias, licanotropias etc, e mesmo os planos superiores, seriam criações formais secundárias aos padrões de pensamento dos grupos especiais de Espíritos que os habitam. Um exemplo de licanotropia plástica, se é que se pode assim denominar tal fenômeno, pode ser visto na interessante obra "Libertação", de A. Luiz.

Segundo a Posição Espírita, no plano astral, os pensamentos são projetados no exterior, sob a forma de energia mental, a plasmar, nos átomos astrais, as denominadas formas-pensamento, que correspondem às idéias e imagens plasmadas na mente dos Espíritos, como será visto mais adiante.

Em que pese à genialidade de autores, tais como

Jaspers, Ninkowski, Schneider, Binswanger e outros, a Psicopatologia não passou além dos fenômenos observados de fora. Para Jaspers, por exemplo, as vias de acesso ao fato psicológico são a compreensão e a explicação, sendo a primeira um ato subjetivo, ao passo que a segunda, objetivo. Seria algo semelhante ao princípio da complementaridade em Física.

A compreensão consiste num esforço de penetração e de intuição do fenômeno, e a explicação é uma ação intelectual que completa a compreensão. Esse autor centraliza sua atenção no fenômeno psíquico fundamental: "a vivência" e criou um método de aproximação que denominou "penetração empática". Para tal se faz mister observar os gestos, a mímica facial, o comportamento, as confidências, autodescrições etc, passando em seguida à classificação dos fenômenos como normais, acentuações dos normais e os incompreensíveis, a que deu o nome de vivências primárias, as quais seriam patognomônicas de psicose. Contudo, Jung, com maior poder de penetração, constatou que, por trás da impassibilidade e da morte psíquica aparente de alguns catatônicos, existem vivências riquíssimas e plenas de significado, geralmente simbólicas. Na experiência do autor, fenômenos mediúnicos também podem ocorrer, mimetizando alterações psicopatológicas típicas.

Em Medicina existe um postulado que diz: não existe função sem órgão. Ora, como existem inúmeras funções mentais, mensuráveis algumas, por meio de testes psicométricos, é lógico supor que deve haver algum locus responsável pelas mesmas.

Já foi dito que as pesquisas psicofisiológicas não foram capazes de delimitar, no cérebro humano, as respectivas cartografias das funções mentais. Para a Posição

Espírita isso é compreensível, pois, segundo a mesma, o cérebro físico não é a matriz da mente, mas apenas o conjunto mais baixo das funções instrumentais da vida de relação. A mente tem sua localização na alma do indivíduo, distinta mas atuante no corpo material, e antes de se adentrar os mecanismos dessa interação será feita uma breve esquematização das funções mentais, tais como observadas de fora.

A mais elementar das funções mentais, do ponto de vista psicofisiológico, é a sensação. Ela pode ser definida como o fenômeno psíquico elementar que resulta da ação dos estímulos sobre os órgãos dos sentidos. Segundo Adrian, a projeção mental dos estímulos vindos tanto do meio externo quanto interno é uma cópia aproximada dos acontecimentos físicos que os originaram. Contudo, a tendência atual é mais no sentido de infirmar essa interpretação, uma vez que o universo demonstrado pela moderna Física Nuclear difere frontalmente da idéia que dele fazemos. Essa postura foi antecipada pela corrente filosófica existencialista. Em "A Convidada", Simone de Beauvoir ilustra essa contradição entre as imagens e a realidade objetiva, de forma poética, mas brilhante.

As imagens que se produzem no campo mental seriam um tipo de reflexo condicionado representativo de uma parcela ínfima da realidade exterior. Os objetos percebidos como densos e sólidos, por exemplo, são compostos de átomos em vertiginosos movimentos e a consideráveis distâncias relativas entre si. Há milhares de anos, os hindus intuíram esse fenômeno fundamental e criaram o termo Maya, para designar a forma ilusória com que se apresenta a realidade exterior à subjetividade do indivíduo.

As sensações podem ser de origem tanto externa

quanto interna, e para que se procedam são necessários o receptor periférico, as vias nervosas aferentes sensitivas e os centros corticais decodificadores. Penfield realizou impressionantes experiências com a estimulação elétrica do córtex sensorial de pacientes submetidos a intervenções neurocirúrgicas sob anestesia local. Conseguiu provocar vivências alucinatórias complexas de feição mnésica.

Rhine conseguiu demonstrar a existência de sensações que procedem por vias outras que não as descritas pela neurofisiologia. É o grupo das sensações e percepções extra-sensoriais, que, segundo William James, Jayme Cerviño e outros, têm uma feição alucinatória e provêm de vias desconhecidas nas regiões do inconsciente. Nos próximos capítulos, será visto como se processam do ponto de vista espírita e quais os critérios para o diagnóstico diferencial das alucinações e pseudo-alucinações de caráter patológico. As funções paranormais, ou Psi, segundo a Parapsicologia, existem latentes em todos os indivíduos, com o que concorda o Espiritismo. Segundo o grande sábio russo espírita Alexandre Aksakof, as faculdades paranormais, mediúnicas e psicológicas são afins, mas distintas em sua origem, como será visto com mais detalhes adiante.

Entre as sensações externas estão a visão, a audição, o tato, a gustação, a olfação, a sensação térmica etc. As internas são as sensações motoras, de equilíbrio, proprioceptivas, cenestésicas, além de sede, fadiga e mal-estar.

As sensações são a base do processo do conhecimento, e segundo Lersch, "se os órgãos dos sentidos não proporcionassem à nossa consciência a matéria-prima das sensações, não teríamos consciência alguma do

mundo". Já foi feita a crítica e a argumentação, do ponto de vista espírita, contra os autores que consideram as sensações como única via do processo do conhecimento. De modo algum o nascituro é uma "tábula rasa". Mais adiante, no capítulo referente à infância, esse tema será exposto com maiores detalhes.

O próximo passo no processo do conhecimento é representado pelas percepções. Segundo Lopes Ibor, são "a apreensão de uma situação objetiva baseada em sensações, acompanhadas de representações e freqüentemente de juízos, num ato único, o qual somente pode ser decomposto por meio da análise". Segundo a Psicologia da Forma, a Gestalt, o ato perceptivo se caracteriza por uma apreensão da totalidade. É possível que esse efeito conjunto ou "Gestaltqualitäten", seja, do ponto de vista subjetivo, o mecanismo plasmador dos ambientes astrais, conforme são descritos nos compêndios da literatura espírita. Essa observação deve ser considerada apenas uma sugestão do autor.

Stern assevera que "não há forma sem aquele que forma". Essa observação é estranhamente coincidente com o conceito oriental de Maya e com as revolucionárias descobertas da Física das partículas subatômicas. Paim complementa afirmando que "a consciência não é passiva, um espelho indiferente que reflete a realidade circundante. Ao contrário, toda consciência perceptiva é, no ato, doadora de significações". No processo perceptivo são agregados dados da memória, do raciocínio, da afetividade, além de receber influência decisiva da atenção e da atitude pensante do indivíduo.

Em relação aos fenômenos mediúnicos, místicos, etc, William James diz que "para a mente médica esses êxtases nada significam senão estados hipnóides sugeridos

dos e imitados, numa base intelectual de superstição, e numa base física de degeneração e histeria. Não há dúvida alguma de que essas condições patológicas existiram em muitos casos e talvez até em todos eles, mas esse fato nada nos diz sobre o seu valor para o conhecimento da consciência que eles induzem. Se quisermos fazer um julgamento espiritual desses estados, não devemos contentar-nos com o linguajar médico superficial, mas indagar-lhes dos frutos para a vida" (op. cit, pág. 257). Conscientizada essa válida advertência do autor do Pragmatismo, serão vistas algumas alterações de natureza psicopatológica.

No campo psicopatológico, as funções estudadas acima podem apresentar alterações, tais como hiperestesia, hipoestesia, anestesia, analgesia, agnosias, ilusões sensoriais etc. Podem ocorrer tanto nos transe mediúnicos, não necessariamente patológicos, como em diversas síndromes neurológicas, psiquiátricas, e sob efeito de substâncias psicodislépticas. Aldous Huxley cita vivências sob o efeito da mescalina: "livros vermelhos, como rubis, livros de esmeraldas, livros encadernados em jade branco (...) que pareciam estar prestes a sair das estantes e arremessarem-se mais insistentemente de encontro à minha atenção."

Ao ato de conhecimento que consiste na reativação de uma lembrança ou imagem mnésica, sem a presença real do objeto correspondente, dá-se o nome de representação (Paim). Em geral não constitui uma reprodução rigorosa do objeto representado. É um processo dinâmico e não estático. Pintores e escritores podem utilizar voluntariamente as representações durante o processo criativo

As representações podem variar em relação ao tipo

de imagem que provocam na mente do sujeito. Podem ser perceptivas, representativas, oníricas, fantasias, pareidolias, imagens eidéticas, ilusões, pseudo-alucinações e alucinações verdadeiras, além das oriundas das percepções mediúnicas e extra-sensoriais.

De um modo geral, existe, entre os psicoterapeutas, a tendência de rotular como sendo de natureza patológica um grande número de vivências que poderiam muito bem ser consideradas como funcionais ou fisiológicas.

Entre as grandes personalidades artísticas, é comum a ocorrência de diversos tipos de imagens acima mencionadas. Segundo seus biógrafos, Beethoven teria "ouvido", acabado, o tema do quarto movimento da sinfonia "Coral". Da sacada de seu quarto em frente a uma praça de Amsterdam, Rembrandt teria "visto" a magnífica cena retratada em seu quadro da "Última Ceia". Em relação a Haendel, ao compor o oratório "O Messias", teria também tido uma "visão" do Cristo. É bem conhecido o fato de que o físico-químico Kekulé encontrou a fórmula estrutural do núcleo benzeno, de forma simbólica, durante o sono. Assim também teria sido descoberta a fórmula da insulina. Albert Einstein fez revelação de vivência semelhante, perante o Parlamento Britânico, a respeito do modo como visualizava o Universo, com a solução matemática que culminou com o advento da Teoria da Relatividade. Em sua autobiografia, Jung relata o fato de que, nos intervalos de sua labuta psicanalítica, "conversava" com uma imagem a que denominava Filemon. Consta que também Sócrates tinha o seu "daimon" particular. Segundo Von Franz, Jung cita Shakespeare e Bach como exemplos de artistas que criavam sem a participação do ego.

Como foi salientado por Progroff, essas vivências

não são raras. Qual a justificativa científica para o psicopatologista rotular essas vivências como sendo de feição patológica?

Mesmo que não se admita a hipótese de uma realidade espiritual, não existem justificativas de ordem técnica para rotular todas essas vivências como sendo patológicas. Aliás, faz parte do desenvolvimento psíquico infantil a criação de amiguinhos imaginários, de natureza provavelmente eidética, que não são patológicos.

Alguns autores utilizam até mesmo essas imagens com finalidades terapêuticas. É bastante conhecida a técnica do "Sonho Acordado" de R. Desoile, bem como a técnica da "Imaginação Ativa" de Jung. Ocorre que essas imagens são, até certo ponto, autônomas, desenvolvendo pontos de vista opostos ao do eu consciente. Daí o seu imenso potencial terapêutico na resolução de conflitos intrapsíquicos. O mesmo pode ser dito em relação ao mediunismo.

A própria Psicopatologia considera as alucinações hipnagógicas e hipnopômpicas como sendo normais. Em relação às imagens oníricas, a simples explicação de que são restos diurnos, satisfação velada de desejos reprimidos, ou mero produto do funcionamento do córtex cerebral, liberada da ativação da substância reticulada ascendente, não abarca fatos verídicos de que alguns sonhos são dramatizações mais ou menos veladas de ocorrências futuras (premonições). A Posição Espírita explica esses sonhos premonitórios (que seguem o denominado processo secundário freudiano), como sendo fruto da atividade da alma no plano espiritual. Por mais inverossímil que seja essa hipótese, do ponto de vista da lógica formal, é plenamente coerente com determinados fatos, ainda que raros.

É interessante frisar que a maioria dos fenômenos mediúnicos e parapsicológicos costumam ocorrer durante um certo "abaissement du niveau mental" (P. Janet). Nesses períodos ocorre um declínio da atividade cortical, com predomínio das ondas alfa, e conseqüente liberação dos núcleos diencefálicos, que, como será visto mais adiante, seria o lócus da interação mente-corpo.

Segundo Mira Y Lopes, alucinação seria "uma imagem representativa que adquire critérios de sensorialidade necessários para ser aceita pelo juízo da realidade como proveniente de um objeto exterior". Em geral é considerada como sendo patológica. Contudo, será visto mais adiante que determinadas alucinações podem ser fruto de estimulação das estruturas diencefálicas por estímulos de natureza extrafísica, e secundariamente atingirem o córtex cerebral, quando então são "percebidas" pelo eu.

Assim, fica demonstrada, pelo menos presuntivamente, a necessidade de um cuidadoso estudo dessas vivências para que se possa realizar o diagnóstico correto. São de capital importância o conteúdo dessas vivências e suas relações com o conjunto global da personalidade do indivíduo, além, é claro, de uma possível análise comparativa com a realidade a que a vivência se propõe comunicar. Segundo William James, vivências religiosas autênticas formam um "continuum" com a vida psíquica normal e patológica. Mas, quem pode ser considerado absolutamente saudável tanto física como mentalmente?

Uma análise cuidadosa demonstra que muitas alucinações não passam de ilusões ou de interpretações falsas de fatos comuns. Os doentes podem dizer: "são umas vozes", ou "é como se fosse um telefone", ou "é uma espécie de", ou "são vozes caindo do céu como go-

tas água" (Paim). Segundo Baillarger, as alucinações podem ser psíquicas ou psicossensoriais. Existem as pseudo-alucinações de Kandinski etc.

Para os teóricos, a alucinação estaria para os centros sensitivo-sensoriais como a epilepsia estaria para os centros motores e pode ser provocada pela estimulação elétrica do lobo temporal. Penfield conseguiu reproduzir fenômenos alucinatórios, como já foi dito, além de ilusões e sonhos complexos, dessa maneira. Um paciente estimulado por Penfield relatou: "ouço minha mãe e meu irmão conversando", e, apesar disso, tinha certeza de que estava na sala de operações (idem). Contudo, não existe, entre os diversos autores, concordância em relação aos mecanismos fisiopatológicos das alucinações. A escola pavloviana, por exemplo, diverge da opinião de teóricos ocidentais.

Segundo Noyes, as alucinações seriam fruto da projeção, para a realidade objetiva, de necessidades psicológicas, tais como realizações de desejos, exaltação da própria personalidade, crítica, censura, culpa, autopunição, desejo de uma realidade mais satisfatória etc. O valor semiológico das alucinações é relativo, pois podem apresentar-se em quase todas as doenças mentais, tais como esquizofrenias, psicose maníaco-depressiva, epilepsia, delírios febris, psicoses exotóxicas, alucinoses alcoólicas, transtornos provocados pelas drogas alucinógenas e nos tranSES de variada espécie. As hipóteses desenvolvidas pela Posição Espírita ampliam enormemente o campo semiológico das senso-percepções.

Outra importante função mental é o conjunto das atividades cognitivas, as quais também tomam parte na misteriosa cadeia de eventos que forma o processo do

conhecimento. Trata-se dos conceitos, dos juízos e do raciocínio.

Os conceitos constituem a unidade estrutural do pensamento. Segundo a Lógica Formal, o conceito é uma forma de pensamento mediante a qual se exprimem as qualidades essenciais de um objeto. Pela sua própria natureza, o conceito é universal, mas alberga também as características particulares e as singularidades dos objetos. Os conceitos se originam a partir das imagens representativas, através dos processos de abstração e de generalização. Exemplificando, ao se afirmar que Sócrates é um homem, o conceito homem perde as características singulares que identificam o indivíduo Sócrates, e passa a simbolizar todos os indivíduos da espécie humana. Houve aqui a abstração dos caracteres singulares e a generalização, tornando a idéia universal.

Pela abstração perdem os conceitos as características elementares de sensorialidade. Segundo Spearman, "os conceitos vão desde idéias sobre coisas muito simples até as abstrações de alto nível, bastante distanciadadas do nível do objeto". Russel afirma que "os conceitos do adulto determinam razoavelmente o que ele sabe, o que ele crê e assim, em grande parte, o que ele faz". É claro que se devem também levar em conta os outros componentes da personalidade, tais como as emoções, sentimentos, ideais, objetivos e propósitos existenciais.

Outra discriminação importante foi feita por Pfander, ao afirmar que não se deve confundir o conceito com a palavra, nem com o objeto. Deve-se discriminar também signo de símbolo. Jung tem importante obra a esse respeito, "O Homem e seus Símbolos". Ao processo de formação das idéias e dos conceitos a Psicologia emprega o termo ideação, parte do processo do conhecimento.

Um elemento bastante abstrato, mas fundamental na cadeia do pensamento são as chamadas relações conceptuais, estudadas pela Lógica Dialética e de enorme importância no diagnóstico de determinadas doenças mentais que levam à chamada desagregação do pensamento ou ao pensamento paralógico. São pesquisados mais detalhadamente pelo teste de analogias, e, segundo Prado Júnior, são preexistentes na mente humana normal. A riqueza e a qualidade das relações conceptuais são fatores determinantes do nível de inteligência do indivíduo. Também a precisão dos mesmos é fator importante. É interessante observar como as parábolas de Jesus são representações, em nível alegórico e concreto, de elevadas abstrações, impossíveis de ser captadas pela mente das pessoas comuns.

Nas doenças mentais, os conceitos e as relações conceptuais se alteram de uma maneira mais ou menos profunda. Pode haver desintegração, condensação, formação de neologismos, alteração ou perda das relações conceptuais.

Paim cita o exemplo do paciente para quem a palavra ateu não quer dizer aquele que não crê em Deus, mas, sim, "a teu comando, isto é, a serviço de Deus". Jung descobriu, pela primeira vez, que às vezes uma expressão com significado concreto é tomada subitamente em sentido simbólico, geralmente bizarro. Segundo Bumke não é nada fácil descrever o significado da desagregação do pensamento, nem o conhecimento de suas verdadeiras causas. O que pode parecer, à primeira vista, um despropósito, ou um absurdo, pode encerrar uma profunda mensagem, apenas encoberta por um simbolismo que é dito impenetrável. Contudo, essa impenetrabilidade deve-se mais à ignorância do pensamento lógico em

apreender o significado do pensamento mágico do inconsciente, segundo Jung, que era o perito dos peritos em decifrar o pensamento mágico de povos primitivos, a linguagem simbólica dos sonhos ou pensamento paralogico dos psicóticos. As idéias de Jung a respeito desse assunto foram dos principais motivos da sua dissidência em relação à Teoria Psicanalítica de Freud.

A análise do pensamento deve também incluir as regras de sintaxe, de semântica, bem como as diferentes formas de estilo, maneirismos, regionalismos etc.

Uma outra função mental que também faz parte do processo do conhecimento são os juízos. A Lógica estuda os juízos em seu aspecto normativo, de acordo com as leis formais do pensamento, sem levar em conta o seu conteúdo, mais do interesse da Psicologia e da Psicopatologia. Do ponto de vista da Lógica Formal, os juízos consistem na afirmação ou negação de uma relação entre dois conceitos. Os juízos se expressam na linguagem, segundo I. Paim, sob a forma de proposições, e podem expressar a verdade ou o erro, conforme suas afirmações correspondam, ou não, aos fatos da realidade objetiva. Segundo Jung, mesmo os juízos patológicos podem ser considerados como uma realidade na medida em que expressam "verdades" subjetivas do sujeito doente.

Aos distúrbios do pensamento oriundos do ato de formação dos juízos dá-se o nome de delírios. O delírio de perseguição, por exemplo, pode existir como um fato real: político, policial etc. Contudo, num esquizofrênico, a vivência persecutória surge na mente do doente sem elementos da realidade que justifiquem a mesma. Os serviços de espionagem desenvolveram técnicas psicológicas, de uso coordenado, capazes de criar em suas vítimas configurações pseudodelirantes, em nada distinguíveis

dos delírios patológicos. O autor observou um quadro rotulado como esquizofrênico, em uma médica perseguida por motivos de natureza política. São métodos de tortura cruéis; sendo que na antiga URSS a dissidência política era considerada sintoma de psicose, podendo levar suas vítimas à reclusão (vide as "escolas de vingadores", em "Ação e Reação" , A. Luiz, pág. 110).

Segundo Bleuler, as "idéias delirantes são representações inexatas que se formaram não por uma causal insuficiência da lógica, mas sim por uma necessidade interior de natureza afetiva". Segundo Jaspers, os delírios podem ser primários ou secundários, e geralmente se caracterizam por uma convicção extraordinária, pela impermeabilidade à experiência e às refutações lógicas e pela inverossimilhança de conteúdo.

De acordo com Kurt Schneider, a percepção delirante ou delírio primário é a atribuição de um significado anormal a uma percepção normal, geralmente no sentido auto-referente, sem que, para isso, existam motivos compreensíveis não só do ponto de vista da razão como dos sentimentos. Geralmente possui, para o doente, um significado transcendental, numinoso. A principal característica do delírio primário é a incompreensibilidade. Todavia, esse critério de incompreensibilidade varia enormemente de terapeuta para terapeuta.

É interessante adiantar neste capítulo que, pelas descrições da literatura espírita, existem, no plano espiritual, entidades em franco processo ideativo delirante-alucinatório. Esses quadros também podem ser observados em inúmeros transes mediúnicos, embora se deva ter sempre em mente a possibilidade de que tais produções sejam oriundas do inconsciente da própria personalidade do médium, conforme será visto mais detalhadamente

nos próximos capítulos, especialmente nos casos de psicose latente.

Como, de acordo com a Posição Espírita, tais quadros ideativos delirante-alucinatórios podem ser encontrados também em personalidades espirituais, desprovidas de corpo físico, deduz-se que alguns quadros de natureza psicopatológica têm o seu lócus no cérebro perispiritual. Provavelmente esse seria o caso das graves psicoses endógenas, as quais não demonstraram seus segredos às pesquisas anatomopatológicas, como já foi explicitado.

Alguns fenomenologistas interpretam esse transtorno no ato de integração significativa como secundário a um grave transtorno do eu. Com isso concordam os autores psicanalistas, quando afirmam que a "fonction du reel" é um atributo do ego. Contudo, de acordo com Jung, o ego não seria mais que um complexo psicológico que, através do processo de individuação, pode ser dispensado, transferindo o foco da consciência para níveis mais interiores. Com essa hipótese concorda William James, bem como diversas correntes espiritualistas, inclusive Aksakof. Contudo também é possível a existência de subpersonalidades inconscientes, fruto do processo de dissociação da consciência, ou ainda resquícios de vidas passadas.

Será estudado, em capítulo à parte, o processo de formação do ego infantil. Serão analisados as revolucionárias descobertas dos psicanalistas infantis Spitz e M. Ribble, a respeito da necessidade de estimulação tátil cinética, e acrescidas das luzes da Posição Espírita, a respeito do suporte biomagnético fornecido pelas figuras parentais.

Como se pode deduzir, os aspectos espirituais au-

mentam, em proporção geométrica, as enormes complexidades da mente humana. Assim, quando se diz que o significado de um delírio primário é não só estranho como impenetrável, deve-se tomar essa afirmativa como relativa à história pregressa da atual existência. Essa impenetrabilidade pode ser desfeita ao se considerar a possibilidade de eventos desencadeantes oriundos do plano espiritual ou do inconsciente espiritual, onde ficam armazenadas, segundo a Posição Espírita, todas as experiências da série insondável das anteriores encarnações. Além do mais, existe o estranho fenômeno das personalidades intrusas, ocasionando as denominadas obsessões espirituais, que serão estudadas mais adiante.

Quanto às feições formais dos conteúdos da ideação delirante, elas podem ser classificadas como de grandeza, de relação, de sedução, de perseguição, de ciúmes etc. Podem ocorrer nas alterações cerebrais, nas esquizofrenias, nas intoxicações endógenas, exógenas, nas demências, nas psicoses sintomáticas, na psicose maniaco-depressiva etc.

Outra função mental intimamente relacionada com a cadeia de eventos descrita anteriormente é o pensamento. Em Lógica, o raciocínio é definido como a operação intelectual que consiste em selecionar e orientar os dados do conhecimento, tendo como objetivo alcançar uma integração significativa que possibilite uma atitude racional ante as necessidades do momento (I. Paim). Essa operação complexa estabelece uma relação, de certa forma, causal entre juízos, conceitos, representações e idéias. Em seu sentido lógico, o raciocínio não é verdadeiro nem falso, mas simplesmente correto ou incorreto, conforme obedeça, ou não, às leis que regem o pensamento.

Segundo Dewey, as idéias não vão e vêm aleatoriamente, pois cada passo do raciocínio é um passo dado de certo ponto em direção a outro. Para esse autor materialista, o pensamento, "por mais sobrenatural que pareça, é o produto de um órgão material, corpóreo, o cérebro". Segundo a Posição Espírita, o cérebro é apenas o instrumento final de uma cadeia de eventos que se inicia na esfera extrafísica, como será visto com maiores detalhes mais adiante. O Espiritismo também não concorda, como foi dito, com o pressuposto da ciência clássica mecanicista de que a fonte de todo o processo do pensamento é a experiência sensorial. Essa postura tende a ser reforçada pelas descobertas mais fundamentais do século XX: a Teoria Quântica e a Teoria da Relatividade. Isso porque esses avanços conduziram o conhecimento a um impasse que somente poderá ser resolvido pelas realidades que estão, por enquanto, muito além do alcance dessas teorias revolucionárias.

A Escola Associacionista tentou explicar o processo do pensamento através das Leis da "associação de idéias", mas sofre a crítica de não levar em consideração o fato de que no pensamento intervêm inúmeras operações de abstração e de generalização.

Na obra clássica "O Pensamento", Mira Y Lopez faz um brilhante resumo das diversas teorias do pensamento, levantando questões fundamentais, tais como: Em que consiste o pensar? Que são os pensamentos? Como surgem, se entrelaçam e desaparecem? Quais são as leis a que obedece o processo do pensamento? A que se deve o fato de que, ante uma mesma situação, várias pessoas normais, de semelhante cultura e boa-fé, cheguem, não obstante, a conclusões completamente diversas? Em que consiste a essência do pensar? No próximo

capítulo será feito um estudo mais detalhado de uma peculiaríssima forma de pensar: o pensamento intuitivo.

As dificuldades teóricas e práticas da Filosofia, Psicologia, Psiquiatria, Psicopatologia, Neurofisiologia etc. são tremendas, na tentativa de elucidar esse problema. Aqui também a Posição Espírita lança novas luzes no problema, como será visto mais adiante.

Nos tratados de Psiquiatria, sob a denominação de perturbações da ideação, estudam-se os distúrbios do conhecimento intelectual, constituídos pela formação dos conceitos, a formação dos juízos e a elaboração do raciocínio.

As alterações do pensamento são geralmente examinadas em seus aspectos formais e em seus conteúdos. Intimamente relacionada com o processo do pensamento está a fala ou linguagem. Aqui são analisadas a sintaxe, a semântica e o estilo. Lesões de ordem neurológica, especialmente localizadas na área de Broca, produzem alterações bem conhecidas da fala.

Quanto às principais alterações do pensamento, destacam-se o bradipsiquismo, o taquipsiquismo, a fuga de idéias, a perseveração, a prolixidade, a desagregação, a incoerência, o bloqueio ou interceptação do pensamento, a compulsão a pensar, as obsessões, o pensamento paralógico, o pensamento dereísta e o autismo. De particular interesse para a Posição Espírita é o grupo das obsessões, que podem ser de etiologia neurótica, até mesmo psicótica, ou efeito de influências de feição espiritual: obsessões simples, fascinações e subjugações, segundo A. Kardec. O pensamento também pode apresentar variações de natureza qualitativa, que vão desde a pobreza conceptual e do concretismo das oligofrenias até as elevadas abstrações das mentes geniais. A forma

mais diferenciada de pensar é o pensamento intuitivo, ou modalidade de pensamento inconsciente ou subcortical como querem alguns, ou formas as mais variadas de percepção extra-sensorial como querem outros. Ambas as hipóteses são verdadeiras, sendo que a segunda será estudada no capítulo referente às funções mediúnicas.

Provavelmente a função mental mais abrangente e importante para a vida psíquica seja a afetividade. É a faculdade de se experimentar emoções e sentimentos. Segundo Delay, "na esfera tímica, que engloba todos os afetos, o humor representa um papel similar ao que a consciência tem na esfera noética, que engloba todas as representações". Essa afirmação peca por uma excessiva redução do significado do conceito de consciência, que de modo algum exclui os afetos. Com essa assertiva concorda Bleuler ao dizer que "o humor ou afetividade consiste na soma total dos sentimentos presentes na consciência em dado momento". O termo consciência aqui difere do conceito de censura moral geralmente empregado na terminologia de diversos credos religiosos.

Segundo o Espiritismo, os estados de consciência, que estão impregnados pela tonalidade afetiva fundamental da alma, representam, na vida espiritual, os graus de evolução espiritual da personalidade e são prontamente reconhecíveis na tonalidade da aura bem como na densidade do corpo espiritual. Isso se deve ao fato de o corpo espiritual ser muito mais psíquico que somático, se é que se possa usar esse termo por analogia.

Um exemplo mais primitivo e instintivo de afetos são os eliciados diante de agressões ambientais e expressos pela conhecida reação psicofisiológica de "fight or flight" (luta ou fuga). As emoções e sentimentos mais complexos e diferenciados e, portanto, mais evolucionados, são os

representados pelos indescritíveis estados de euforia dos estados de êxtase, denominados por Freud como sensação oceânica, e explicados como uma forma de regressão ao útero materno. Na opinião pessoal do autor não ocorreria uma regressão, mas um alargamento dos limites do complexo do eu, ou até mesmo a perda dos seus limites, num processo algo semelhante à dissolução psicótica da personalidade, mas sem a perda do contato com a realidade, e assimilação de vastas regiões do inconsciente dessa e de outras encarnações e, também, com assimilação de energias oriundas de planos mais elevados do mundo espiritual.

Freud declarou nunca ter experimentado uma sensação oceânica, mas conhecia relatos de inúmeras pessoas idôneas que diziam tê-la experimentado, as quais não eram portadoras de nenhum distúrbio psicopatológico.

Proust descreve uma experiência semelhante, provocada pelo retorno à consciência de lembranças previamente esquecidas: "(...) Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência; ou antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo. Cesava de sentir-me medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? (...) De onde vinha? Que significava? Onde aprendê-la? E recomeço a me perguntar qual poderia ser esse estado desconhecido que não trazia nenhuma prova lógica, mas a evidência da sua felicidade, da sua realidade ante a qual as outras se desvaneciam. Quero tentar fazê-lo reaparacer" (...). ("La Recherche du Temps Perdu"). A literatura está repleta de

descrições de experiências especiais, em personalidades especiais, existindo um novo ramo da Psicologia que estuda aprofundadamente o assunto, a Psicologia Transpessoal.

Segundo Störring, a distímia pode ser considerada anômala quando não se encontra nenhum motivo que possa explicá-la ou o motivo é insuficiente. Kurt Schneider considera os sentimentos como "estados do eu". Essa definição peca por ser redutiva e mutiladora da vida psíquica. Jung declara que o eu está para o resto da psique como a ilha está para o oceano. Störring afirma que a atitude afetiva de uma pessoa deriva do núcleo da personalidade, e cita a beatitude, o desespero, o remorso, a paz, a serenidade espiritual etc, como exemplos dessa suprema região da vida emocional. Segundo a Posição Espírita, o núcleo da mente está localizado na alma, onde habita uma centelha da divindade. Segundo o método científico, a existência de Deus pode ser aceita, senão como convicção pessoal, como uma probabilidade matemática. E se a probabilidade matemática da existência da divindade for igual à unidade?

William James (op. cit.) declara que "creio que terei êxito, pelo menos, em convencê-los da realidade dos estados em apreço, e da importância soberana da sua função". Considera-os portadores de quatro características genéricas: infabilidade, qualidade noética, transitoriedade e passividade (págs. 237, 238). Nessa quarta categoria inclui o discurso profético, a escrita automática e o transe mediúnico. Mais adiante será dada a divisão de Alexandre Aksakof com relação a essas vivências.

Até onde pôde pesquisar o autor, o Espiritismo deixa em aberto as questões, tais como o centro da alma, sua origem etc, como se pode depreender da resposta a

pergunta nº 78 de "O Livro dos Espíritos": "Quanto, porém, ao modo por que (Deus) nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. (...) aí é que está o mistério." Na questão nº 11, lê-se "será dado um dia ao homem: compreender o mistério da Divindade? — (...) Quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e o compreenderá" Essa evolução, claro está, é de natureza psicológica.

Entre as alterações da afetividade, destacam-se a hipertimia, a hipotimia, a ansiedade ou angústia, a depressão, a ambivalência, as fobias, o embotamento etc.

Uma outra função mental é a denominada atividade voluntária. É também chamada de função conativa, onde intervêm uma série de fenômenos psíquicos, tais como percepção, representação, conceitos, afetos etc. Segundo Paim, existem em torno de três fases no ato voluntário: deliberação, resolução e execução. O substrato desse complicado processo são as funções instrumentais da vida de relação. Em sua obra revolucionária "Psicopatologia da Vida Quotidiana", Sigmund Freud demonstra, através de extensa casuística, a que denominou de atos falhos, lapsos de linguagem falada e escrita etc, a existência de determinantes inconscientes na atividade voluntária. O "Teste de Associação de Palavras", de Carl Jung, base dos modernos testes detectores de mentira, confirma essa hipótese da atividade subliminar ou subconsciente.

Segundo a corrente behaviorista, a origem da energia gasta no comportamento seriam as pulsões biogênicas, a busca de redução de tensão e o valor simbólico. É enorme o conjunto de informações acumuladas pela Psicologia experimental sobre o comportamento humano e animal. Os psicólogos tendem a evitar o termo vontade.

devido às conotações teológicas a ele associadas. No outro extremo do conhecimento, as filosofias budista e hinduísta enfatizam que a superação dos desejos sensoriais ou biogênicos e mesmos os simbólicos, tais como dinheiro, poder e "status", é a via régia da iluminação espiritual. Em "Sidharta", Herman Hesse traça, de forma literária, os riscos de atitudes unilaterais nesse processo de superação dos desejos através dos personagens Sidharta, bem-sucedido, e Govinda, neurotizado.

A maioria dos atos executados na atividade voluntária é relativamente automática, reflexa e instintiva. A natureza e a direção do ato volitivo dependem do conteúdo cognitivo, mas a intensidade da ação é mais influenciada pela afetividade.

Freud captou muito bem o grau de complexidade da vida de relação, bem como dos produtos mentais subjetivos, mas não cansou de misturar e complicar sua teoria da alma humana. No final chegou, apesar de ser um materialista convicto (?), à proposição dos confusos e metafísicos conceitos de Eros e Thanatos, ou seja, o instinto de vida e o instinto de morte. Esse posicionamento se parece muito com os conceitos místicos do Bem e do Mal. Esse tema foi desenvolvido por esse genial autor em sua obra "Moisés e o Monoteísmo", onde, entre outras idéias, propõe que Jeová não era Deus, mas um Demônio ciumento e vingativo. Os Cátaros foram perseguidos pelo Santo Ofício por advogar essa mesma idéia, entre outras seitas heréticas da Idade Média.

Carl Rogers, um dos expoentes da importante escola da Psicologia do Eu, propõe que o comportamento visa à redução de tensão provocada pelos impulsos biogênicos, a tornar o indivíduo mais independente do ambiente, a usar ao máximo suas habilidades, ser criativo e a che-

gar a níveis mais altos de eficiência. Essa postura é nitidamente teleológica e até certo ponto junguiana e espiritualista.

Entre as patologias da atividade, tem-se a agitação psicomotora, a hipobulia, a abulia, o estupor, o negativismo, os cacoetes, as estereotípias, a flexibilidade cérea, os tiques nervosos, as compulsões etc.

Outra função mental bem estudada, mas ainda bastante desconhecida, é a memória. Segundo a Psicofisiologia, a memória constitui a base de toda a atividade psíquica. O seu material é constituído pelas impressões que chegam à consciência por intermédio das sensações e são denominadas marcas mnêmicas ou engramas. Essa fixação dos engramas é grandemente influenciada pela atenção, pelo interesse, pela repetição e pela familiaridade com o material psíquico preexistente. Em seu sentido estrito, a memória é a soma de todas as lembranças existentes e as aptidões que determinam a extensão e a precisão dessas lembranças. Também tomam parte a capacidade de fixação e de evocação.

Em Neurofisiologia já foram determinados dois tipos distintos de memória, localizados em regiões distintas do cérebro: a memória recente e a memória pregressa. O suporte fisiológico da memorização ainda é obscuro, mas pode envolver tanto a criação de novos circuitos funcionais entre os neurônios cerebrais como a síntese de proteínas no citoplasma das células nervosas. De particular importância no processo mnemónico são os núcleos da base, especificamente o hipocampo, as amígdalas e os corpos mamilares.

A memória tem fundamental importância tanto para o diagnóstico como para a terapêutica em Psiquiatria. A antiga hipótese freudiana do trauma infantil ilustra a im-

portância dos engramas na etiologia de distúrbios psíquicos.

Aqui também a Posição Espírita alarga "ad infinitum" o campo da Psicologia. Já foi apresentado um exemplo autobiográfico de memória de reencarnações passadas. A rememoração de traumas e conflitos de vidas passadas é muito utilizada nos processos de ajuda psicoterápica de caráter mediúnico. Existe também a técnica da terapia de vidas passadas, embora o conhecido médium espírita Chico Xavier tenha recebido mensagem desaconselhando esse tipo de atividade. O autor concorda inteiramente com essa postura e essa terapia deve receber a mesma crítica às condutas psicoterápicas de natureza hipnótica, já consideradas por Freud como inócuas, quando não prejudiciais, ainda no tempo do grande neurologista francês Charcot, ao lidar com a Histeria.

Existem algumas publicações, da própria FEB, onde há referência a uma espécie de registro impessoal denominado, pelas correntes filosóficas orientais, como Registro Akáshico. Contudo, esse tema é muito complexo e foge à finalidade deste ensaio. As lembranças de possíveis reminiscências das vidas pretéritas são citadas, embora não com essa explicação espírita, por Jung em sua autobiografia, quando fala de uma personalidade de um século passado, e vivenciada como sendo ele próprio. Jung fez um brilhante diagnóstico diferencial dessa vivência com o fenômeno patológico da dupla personalidade, fruto de maciços processos dissociativos da consciência.

Um fenômeno bastante interessante é o citado por diversos autores a respeito da rememoração cinematográfica da vida pessoal em situações em que há iminente risco de vida: "no momento em que a asfixia começava parecia estar a ver toda a vida passada, nos seus mais

pequenos incidentes (...) desenrolando-se em sucessão retrógrada, não como simples esboços, mas com pormenores muito precisos, como fornecendo um panorama de toda a existência, em que cada ato era acompanhado de um sentimento de prazer ou desprazer" (Paim). Jaspers também descreveu essas situações limites perante o infortúnio, o sofrimento e a morte iminente. O Espiritismo fornece inúmeros exemplos, principalmente nas obras de Yvonne Pereira e Chico Xavier.

Entre as alterações da memória, tem-se a hiperamnésia, a hipomnésia, a amnésia, encontradas em psicóticos, nas demências em pacientes neuróticos ou epiléticos. A psicose, de Korsakof, produz uma amnésia anterógrada típica, também observada em lesões cerebrais tanto de origem mecânica quanto tóxica, como o envenenamento pelo monóxido de carbono etc. As amnésias das demências é de natureza retrógrada. As amnésias psicogenéticas foram bem estudadas por Freud, a partir de seus estudos em pacientes histéricos e explicadas como sendo secundárias ao mecanismo psicodinâmico de defesa, denominado repressão.

Os esquizofrênicos costumam apresentar paramnesias, ilusões mnêmicas e alucinações mnêmicas. Muitos fenômenos impenetráveis pela análise psicopatológica tornam-se claros à luz da Posição Espírita, como ficará claro mais adiante, ao serem analisados os fenômenos mediúnicos. Os falseamentos da memória também podem produzir o intrigante fenômeno da criptomnésia, que tantas querelas judiciais tem provocado entre inventores, devendo ser feito o diagnóstico diferencial do plágio, que é plenamente consciente.

De fundamental importância para a aquisição dos estados mais elevados de consciência, bem como para

as altas produções artísticas, intelectuais ou mesmo para os fenômenos mediúnicos é a atenção. Através dela a mente concentra a sua atividade psíquica sobre o objeto que a solicita, seja esse uma sensação, uma percepção, uma representação, um afeto, um desejo etc. Muitos autores não a consideram uma atividade psíquica autônoma, sendo determinada pelo interesse, pela motivação ou pela deliberação consciente. Segundo Paim, a atenção, a concentração, a consciência, a distração e a subconsciência estão estreitamente relacionadas. Sem a atenção, a atividade psíquica se processaria como num sonho vago e difuso, como no delírio oníróide ou nos estados crepusculares da consciência.

A atenção seria um dos fatores delimitadores do que Freud denominou processo primário e processo secundário. Contudo, é bom recordar que mesmo nos sonhos a atenção pode operar, e difíceis problemas podem ser resolvidos durante a atividade onírica, tais como as clássicas descobertas do núcleo benzeno, da insulina etc. Nesse campo a Posição Espírita lança intensas clarezas ao ensinar que alguns sonhos são frutos da atividade do espírito emancipado da carne, atuando no plano espiritual.

William James compara a estrutura da consciência a um alvo de tiro. O centro desse alvo corresponde ao grau máximo de consciência, onde a atenção está mais concentrada, e é denominado foco da consciência. Os círculos concêntricos mais próximos simbolizam os processos subconscientes, enquanto que os círculos mais afastados simbolizam o inconsciente. Não existe entre essas regiões mentais uma delimitação nítida.

Conforme será visto mais adiante, os processos mediúnicos costumam ocorrer na franja da consciência

do médium e isso talvez explique o porquê da banalidade, segundo Aksakof, da maioria das comunicações mediúnicas, bem como a confusão com processos inconscientes a que esse autor russo chamou personismo.

Jung considera a focalização da atenção como o elemento essencial da consciência, como se um jato de luz focalizasse certo número de objetos. Em geral, considera-se o número de objetos passíveis de ser focalizados pelo foco da consciência como sendo igual a quatro. Bleuler, por exemplo, considera a atenção como uma das manifestações da afetividade.

Diz Alonso Fernandez: "a faculdade da atenção vem a ser uma espécie de raio luminoso constitutivo da consciência". De acordo com a Posição Espírita, o maior desenvolvimento espiritual é expresso, no mundo espiritual, em irradiação de luz. Os Espíritos superiores são também denominados Espíritos de luz. No nível mental, a luz simboliza a intensidade da atenção, a maior clareza dos processos intelectuais e o maior refinamento dos sentimentos. Aliás, a qualidade predominante da atmosfera psíquica, no plano espiritual, é expressa pela cor da denominada aura espiritual, e exprime com exatidão o grau de evolução espiritual da personalidade. Esse tema poderia ser mais bem pesquisado pelos estudiosos do psiquismo, e ilustra o quanto as disciplinas psicológicas e espíritas são coincidentes e complementares, parecendo encaixar-se como as peças de um imenso e pluridimensional quebra-cabeças.

Aliás, já foi dito que Jung afirmara que "ninguém se torna iluminado imaginando figuras de luz, mas sim tornando a escuridão consciente". Tornar a escuridão consciente significa uma tomada de consciência das possibilidades evolutivas armazenadas nos porões do incons-

ciente da alma. Segundo a Posição Espírita, Deus habita o núcleo do espírito. Assim, o caminho para a perfeição espiritual passa necessariamente pela análise psicológica, desenovelando o emaranhado de idéias, sentimentos, impulsos, valores e ideais, além da dissolução das dívidas morais dessa e de outras existências, visando a uma síntese final, que resulta em plena clareza mental, isenta de qualquer jaça.

A maturação da personalidade se expressa principalmente por estados cada vez mais diferenciados de consciência. Em "As Variedades da Experiência Religiosa", William James apresenta extensa casuística de estados avançados de experiência e de consciência, com enorme erudição.

Atualmente está surgindo um sério movimento no campo da Psicologia, de caráter internacional, no sentido de melhor estudar as possibilidades últimas do funcionamento mental, dentro do campo científico. Anthony Sutich afirma que essa modalidade da Psicologia, a Psicologia Transpessoal está "identificada com uma ampla concepção do método científico (...) Empenhada fundamentalmente na Psicologia como uma ciência (...) Interessada em tópicos que ocupam pouco espaço nos sistemas existentes, tais como amor, criatividade, espontaneidade, jogo, calor humano, transcendência do ego, autonomia, responsabilidade, autenticidade, significado, experiência transcendental, coragem". ("Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal" — Vol. 5/11.)

Esses especialistas estão pesquisando outras dimensões, arrebatamento, beleza, transcendência de espaço/tempo, conhecimento transpessoal etc. Infelizmente, até onde o autor pôde pesquisar, não se preocupam diretamente com o tema mediunismo, mas suas conclu-

sões fundamentais tendem a confirmar os pressupostos básicos espíritas.

Segundo esses estudos, nos estados mais elevados de consciência, ocorrem percepções da realidade universal, de modo independente das vias sensoriais comuns. Aqui entram os fenômenos mediúnicos. Contudo há fortes evidências de que nem todas as percepções ocorridas durante esses raptos são puramente mediúnicas. Fritjof Capra, renomado físico moderno, escreveu uma obra extraordinária — "O Tao da Física " — após vivenciar um estado elevado de consciência: "Há cinco anos experimentei algo de muito belo, que me levou a percorrer o caminho que acabaria por resultar neste livro. Eu estava sentado na praia, ao cair de uma tarde de verão, e observava o movimento das ondas, sentindo ao mesmo tempo o ritmo de minha própria respiração. Nesse momento, subitamente, apercebi-me intensamente do ambiente que me cercava: este se me afigurava como se participasse de uma gigantesca dança cósmica. Como físico, eu sabia que a areia, as rochas, a água e o ar a meu redor eram feitos de moléculas e átomos em vibrações, e que tais moléculas e átomos, por seu turno, consistiam em partículas que interagiam entre si através da criação e da destruição de outras partículas. Sabia, igualmente, que a atmosfera da Terra era permanentemente bombardeada por chuvas de raios cósmicos, partículas de alta energia e que sofriam múltiplas colisões à medida que penetravam na atmosfera. Tudo isso me era familiar em razão de minha pesquisa em Física de alta energia: até aquele momento, porém, tudo isso me chegara apenas através de gráficos, diagramas e teorias matemáticas. Sentado na praia senti que minhas experiências anteriores adquiriam vida. Assim "vi" cascatas de energia

cósmica, provenientes do espaço exterior, cascatas nas quais, em pulsações rítmicas, partículas eram criadas e destruídas. "Vi os átomos dos elementos — bem como aqueles pertencentes a meu próprio corpo — participarem desta dança cósmica de energia. Senti o seu ritmo e 'ouvi' o seu som. (...)"

Provavelmente esse autor praticava alguma técnica de Yoga, pois dizia: "sentindo ao mesmo tempo o ritmo de minha própria respiração". Essas técnicas são indutoras de um estado eletroencefalográfico onde predominam as ondas alfas, e são indutoras do transe, por liberar as estruturas subcorticais. Como é sabido, o córtex cerebral é inibidor das estruturas subcorticais. Mais adiante será visto que a Doutrina Espírita faz inúmeras referências ao lócus dos processos mediúnicos como situados nas estruturas subcorticais.

Bleuler destaca duas qualidades da atenção: a tenacidade e a vigilância. As técnicas orientais em geral procuram desenvolver justamente essas qualidades, como método de desenvolvimento espiritual. Na Doutrina Espírita, tem-se prática mais ou menos similar, através do chamado desenvolvimento mediúnico. Pesquisas mais aprofundadas certamente confirmarão a importância da prática da meditação para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas, onde a concentração desempenha papel fundamental.

Entre as patologias da atenção, destacam-se a distratibilidade, a hiperprosexia, a alosexia e a hipoprosexia. Em relação à consciência, tem-se a obnubilação, o delírio oniróide, a amênia ou confusão mental, os estados crepusculares das mais variadas etiologias.

Para finalizar o presente resumo, será dito que a divisão da atividade psíquica tem mais uma finalidade didá-

tica que uma base natural. Em verdade, a atividade mental deve ser analisada "in totum", encontrando-se as diversas funções vinculadas e entrelaçadas, estabelecendo-se entre elas uma relação de causalidade, sem, contudo, abandonar a perspectiva relativística demonstrada no capítulo precedente.

III

O PROCESSO DA INTUIÇÃO

Embora se tenha dito, no capítulo precedente, que a mente deva ser compreendida como um todo orgânico e indivisível, o seu funcionamento não se apresenta, contudo, homogêneo nem uniforme. Embora não se concorde aqui com o unilateralismo de John Dewey, o criador do Funcionalismo, que abole a noção de mente como substantiva, a análise demonstra que a mente possui inúmeras funções perfeitamente delimitáveis. A própria neurofisiologia tem confirmado, pelo menos em parte, essa conclusão.

No capítulo anterior foram estudadas, resumidamente, as funções mentais normais, em termos estatísticos. O conceito de normalidade em Estatística é definido segundo critérios puramente matemáticos, e por isso não deve ser o único a ser considerado, especialmente pelas disciplinas que lidam com o psiquismo humano. No presente capítulo serão estudadas as funções mentais ditas paranormais, o que não implica, de maneira alguma, patologia mental. Essas funções mentais apresentam evidências claras de transcender os limites im-

postos pela fisiologia da percepção, bem como as contingências de espaço, tempo, causalidade etc. Em Parapsicologia são conhecidas como funções Psi.

Raciocinando de um modo analógico, as funções mentais devem ser entendidas como as diferentes partes do organismo, que, embora distintas, tanto em termos anatômicos como funcionais, compõem um todo harmonioso. Apesar de não ser como um veículo automotivo, formado de peças inteiramente independentes entre si, o corpo humano possui os mais diferenciados órgãos, com as mais variadas funções. É composto de cabeça, tronco e membros, distintos entre si tanto anatômica quanto fisiologicamente. Assim, seria inconcebível o funcionamento de um organismo onde os membros superiores fossem implantados de modo inverso aos membros inferiores.

Exemplificando, os movimentos de pinça e apreensão executados pelos quirodáctilos seriam impossíveis de ser realizados sem a especificidade funcional e anatômica das mãos. A cabeça, para funcionar como tal, necessita da estreita adequação dos diversos órgãos às respectivas regiões anatômicas: frontal, orbitaria, nasal, malar, masseteriana, geniana, auricular, bucinadora, labial, mentoniana etc.

Para a captação dos raios luminosos e subsequente emissão dos impulsos nervosos aferentes, que demandam o encéfalo, tem a retina organização extremamente especializada. O mesmo se pode dizer em relação à audição, olfação, tato, gustação etc. Não seria correto afirmar, por exemplo, que a divisão entre os sistemas endócrino, cardiovascular e digestivo seja apenas em função de maior simplificação didática.

O mesmo ocorre com o cérebro. O sistema nervoso é composto de bilhões de neurônios das mais diversas

especialidades, interligados entre si por trilhões de conexões sinápticas. Embora o seu funcionamento seja harmonioso e orgânico, seria incorreto apagar as diferenças tanto anatômicas quanto funcionais entre as estruturas diencefálicas e corticais.

Ora, o mesmo deve ocorrer com a mente. Não existe função sem um órgão que lhe corresponda. Fica então levantada a questão: onde está localizada a estrutura, ou estruturas, responsáveis pelas funções ditas paranormais? A Parapsicologia já demonstrou a existência de funções mentais que transcendem as contingências anteriormente mencionadas. Suas pesquisas já foram reconhecidas pela Associação Americana de Psicologia. Ao contrário da Metapsíquica, das diversas correntes filosóficas e religiosas, seus métodos se enquadram perfeitamente dentro dos rígidos preceitos estipulados pelo Método Científico. Portanto, não são mais meras suposições ou atos de fé.

Do ponto de vista da Lógica Formal, sendo o organismo humano constituído de matéria densa, ocupando um lugar no espaço, e limitado às contingências de tempo, causalidade etc, não poderia, de modo algum, transcender esses limites. Ora, a lógica impõe a dedução de que, para tanto, deve possuir, o ser humano, algo que transcenda tais limites e contingências. Esse algo mais é o que a Posição Espírita, em particular, e as religiões, em geral, denominam como sendo a alma ou espírito. Essa hipótese tem um embasamento filosófico, que já foi visto, e começa a adquirir foros de conceitos que não mais podem ser refutados pela ciência, de acordo com os modernos avanços da Física Moderna, que serão apresentados resumidamente mais adiante.

O que é matéria? O que é a alma ou o espírito?

Como essas categorias se relacionam entre si? A mera adoção de um raciocínio filosófico, como o do dualismo psico-físico, não resolve essas questões. A solução está sendo lentamente desenvolvida, por mais paradoxal que seja, pela moderna Física.

O ponto de partida foi a descoberta, pelos físicos nucleares, de que, na estrutura íntima do átomo, o ideal clássico de objetividade científica não mais pode ser sustentado. Um segundo fator passou a ser considerado como um elo fundamental da experimentação científica: a mente analítica do experimentador (Fritjof Capra, op. cit.). A Teoria Quântica aboliu a noção de objetos fundamentalmente separados, introduzindo o conceito de participante, em substituição ao antigo conceito de observador independente e imparcial, e pode vir a considerar necessário incluir a consciência humana em sua descrição do Universo.

A Teoria Quântica foi levada a ver o Universo como uma teia interligada de relações físicas e mentais, cujas partes só podem ser definidas através de suas vinculações com o todo. A Doutrina Espírita endossa essa extraordinária postura dos físicos modernos, indo além, ao introduzir, com A. Luiz, o conceito de átomo mental, que será apresentado nos próximos capítulos.

Segundo Kapra, "na Física Atômica, o cientista não pode desempenhar o papel de um observador objetivo distanciado, torna-se, isto sim, envolvido no mundo que observa na medida em que influencia as propriedades dos objetos observados". John Wheeler vê esse envolvimento do observador como a característica mais importante da Teoria Quântica. Segundo ele, "num estranho sentido, o Universo é um Universo participante".

É bastante estranho, para não dizer paradoxal, que

justamente no campo mais exato das ciências a mente passasse a desempenhar um papel preponderante. Assim, os limites entre o mundo fenomênico objetivo e a subjetividade do observador deixam de existir. Esse fato já havia sido pressentido por diversos filósofos, destacando-se o Existencialismo de Kierkgaard e de J. P. Sartre. Em seu texto literário "A Convidada", Simone de Beauvoir descreve essa participação de modo assaz penetrante. Mais adiante serão dados exemplos da literatura espírita, mais especificamente A. Luiz, onde esses modernos conceitos retratam, com exatidão, a existência nos planos espirituais.

Contudo, o mérito da descoberta das estreitas relações entre a Teoria Quântica — e suas implicações filosóficas — e a Psicologia deve ser creditada a Jung, especialmente no que tange ao problema dos arquétipos, que tanto influenciaram o pensamento de W. Pauli, em cuja parceria Jung publicou importante ensaio científico-filosófico, além de Werner Heisemberg e outros (M. Schenberg).

A Física subatômica subverteu completamente o conceito de matéria da Física clássica, assim como os conceitos de espaço, tempo, causa, efeito etc. Kapra assinala que essa disciplina conduziu a Humanidade a uma visão onde a Ciência, a Filosofia e a Religião não se encontram mais separadas. Ora, há mais de um século era exatamente essa a visão da Doutrina Espírita, sistematizada por A. Kardec.

Esse posicionamento também foi alcançado pela Filosofia grega do século VI a.C, especialmente entre os sábios da escola de Mileto. Essa visão organística do Universo também foi atingida pelos grandes místicos do Oriente, conforme demonstra F. Kapra em sua obra já ci-

tada. Para esse autor, a linguagem do Budismo, do Taoísmo e do Hinduísmo tende a se confundir com a linguagem da Teoria Quântica.

Einstein experimentou um choque ao entrar, pela primeira vez, em contato com a nova realidade da matéria, conforme escreveu em sua biografia: "(...) todas as minhas tentativas de adaptar o fundamento teórico da Física a esse novo tipo de conhecimento falharam completamente. Era como se o solo tivesse sido retirado de sob nossos pés, sem que se conseguisse vislumbrar qualquer base sólida sobre a qual pudéssemos erguer alguma coisa".

Contudo, o materialismo dialético reagiu com violência diante do óbvio, e foi criticado por Heisenberg nos seguintes termos: "(...) a reação violenta em torno do desenvolvimento recente da Física Moderna só pode ser entendida à medida que compreendermos que os alicerces da Física começaram a se deslocar e que esse movimento gerou o sentimento de que a ciência perderia terreno". Corrigindo esse eminente cientista, a ciência jamais perderá terreno, mas unicamente a mentalidade retrataria de alguns cientistas, limitados em suas possibilidades pessoais.

Esse deslocamento é da mais extraordinária importância e está apenas nos seus primórdios, e a própria Física se debate, confusa, diante de abismos, insondáveis por ora. Segundo Kapra, "(...) para um entendimento integral do mundo nuclear é necessário uma teoria que incorpore tanto a Teoria Quântica quanto a Teoria da Relatividade. Uma teoria desse porte ainda não foi encontrada (...) a fusão das Teorias Quântica e da Relatividade numa teoria completa do mundo das partículas ainda constitui o

problema central e o grande desafio da Física Moderna" (op. cit).

O palco do universo newtoniano, no qual se desdobravam todos os fenômenos físicos, era o espaço tridimensional da Geometria euclidiana clássica. Havia também uma dimensão separada chamada tempo.

Os elementos do mundo newtoniano que se moviam nesse espaço e tempo absolutos eram partículas materiais, "pontos dotados de massa", e Newton as concebia como objetos pequenos, sólidos, indestrutíveis, a partir dos quais toda a matéria era elaborada. A visão da natureza achava-se, dessa forma, intimamente vinculada a um determinismo rigoroso, cuja base filosófica era a noção de Descartes da divisão fundamental entre o eu e o mundo.

Contudo, Faraday e Maxwell, investigando os fenômenos elétricos e magnéticos, descobriram que envolviam um novo tipo de força, que não poderia ser descrita pelo modelo mecanicista de Newton, até então encarado como a teoria última dos fenômenos naturais. Esses autores substituíram o conceito de força pelo de campo de força: ao fazê-lo, foram os primeiros a ultrapassar os limites da Física newtoniana. Descobriram que cada carga gera uma perturbação no espaço, que apresenta o potencial de gerar uma força e é denominada de campo. É exatamente a partir do conceito de campo, que o autor A. Luiz introduz as interações entre o espírito e a matéria; segundo esse autor, o conceito de campo ainda não é a última descoberta em Física, porquanto "(...) a matéria de base para o campo continua desafiando o raciocínio, motivo pelo qual, escrevendo da esfera extrafísica, na tentativa de analisar, mais acuradamente, o fenômeno da transmissão mediúnica, definiremos o meio sutil em que

o Universo se equilibra como sendo o Fluido Cósmico ou Hálito Divino, a força para nós inabordável que sustenta a Criação". ("Mecanismos da Mediunidade", FEB, 1959, págs. 10/41).

Ao descobrir o conceito de campo, a Física praticamente extrapolou a matéria, pois o campo possui a sua própria realidade, podendo ser estudado sem qualquer referência a corpos materiais. O campo possui peculiaridades estranhíssimas, completamente absurdas, parecendo ser a porta de entrada para as outras dimensões do Universo. Mais adiante isso será confirmado, com a Posição Espírita, conforme já adiantou A. Luiz, citado acima.

A partir do conceito de campo, os físicos galgaram a eletrodinâmica, que considera a luz como um campo eletromagnético. Essa teoria foi complementada por Einstein, meio século mais tarde, ao declarar que os campos eletromagnéticos são entidades capazes de percorrer o espaço e que não podem ser explicados mecanicamente.

Einstein era um cientista que acreditava decididamente em Deus e na harmonia inerente da Natureza, e sua preocupação mais profunda era encontrar um fundamento unificado para a Física. Descobriu que o espaço não é tridimensional e que o tempo não constitui uma entidade isolada. Descobriu que o espaço é curvo e que o conceito de vazio não tem significado, formando o espaço e o tempo um "continuum" espaço-tempo. Foi além, ao descobrir sua genial fórmula $E=mc^2$.

Com Rutherford, ao bombardear os átomos com partículas alfa, a Física descobriu que a matéria é bastante estranha, apresentando um aspecto dual, comportando-se ora como partícula ora como onda. Descobriu-se também a unidade entre a matéria e a energia, que

também é descontínua, existindo sob a forma de quanta ou "pacotes de energia". Segundo Kapra, essa contradição fundamental da matéria deixou os físicos perplexos, sendo obrigados a formular verdadeiros paradoxos, semelhantes aos Koans do Budismo Zen. Ruíram as bases falsas do materialismo dialético, embora não se possa afirmar ainda que a Física tenha descoberto o Espírito. Essa possibilidade é ainda bastante remota, mas já existe cientificamente, o que já é um passo enorme.

Através de gigantescos aceleradores de partículas, puderam os físicos nucleares estudar o comportamento de inúmeras partículas, em determinado campo. Ocorre que, para a mais absoluta perplexidade, foi constatado que partículas surgem do "nada", descrevem trajetórias compatíveis com as respectivas massas, para depois adentrarem o "nada". Algumas percorrem a dimensão tempo progressivamente, em direção ao futuro, outras o percorrem regressivamente, em direção ao passado. Nada consegue explicar esses paradoxais comportamentos das partículas subatômicas. Contudo, com a proposição do autor espírita anteriormente transcrita, parece que tudo adquire uma nova e maravilhosa luz, causando não perplexidade, mas deslumbramento, arrebatamento, até!

Os físicos nucleares descobriram que a realidade atômica e subatômica transcende os limites da Lógica clássica e que a linguagem comum afigura-se inteiramente inadequada para a descrição dessas realidades. Estranhamente, essa dualidade, esses paradoxos e essa impossibilidade de representação pela linguagem convencional ocorrem de maneira idêntica em relação aos fenômenos mentais, como assevera Jung. Segundo esse grande psiquiatra suíço, não existe um único material psíquico unívoco, nos porões do inconsciente.

Nem a imaginação, nem a linguagem estão normalmente preparadas para lidar com esse tipo de coisa. Essa limitação imposta à mente pela Lógica Formal é o mais poderoso obstáculo à compreensão não só da realidade da matéria como também da realidade da mente como coisa (alma).

Essa impossibilidade de penetração é bem conhecida da maioria dos psicoterapeutas, que procuram suprir essa lacuna fundamental através de uma espécie de penetração empática, baseada principalmente em elementos afetivos e intuitivos. Alguns se utilizam de métodos não diretivos, permitindo a seus clientes uma maior liberdade de ação, liberando seus processos mentais para a aquisição dos "insights" fundamentais ao processo terapêutico.

Os psicoterapeutas ainda não chegaram a um consenso sobre o que realmente se passa na relação terapeuta-cliente. Segundo Mallpass, os pressupostos teóricos têm pouca serventia aqui, onde o fundamental é a própria personalidade do terapeuta. Segundo a Doutrina Espírita, o que realmente ocorre durante o processo psicoterápico é uma troca de energia mental, como será visto mais adiante. É fato geralmente aceito, por grande número de terapeutas, o fenômeno da comunicação inconsciente, que alguns teóricos denominam de relação transferencial. Essa relação se dá tanto no nível puramente psicológico como também no energético. Muitos consideram essa proposição espírita um retrocesso a uma espécie de mesmerismo ultrapassado, ou até mesmo a uma demonologia medieval obscurantista. Contudo, a Física das partículas tem contribuído para abrir novos horizontes no campo do psiquismo humano, que tendem a apontar na mesma direção da hipótese espírita.

As descobertas que revolucionaram o pensamento científico se deram principalmente na década de 20, por um grupo de físicos, internacional, entre os quais se destacaram Niels Bohr, da Dinamarca, Louis de Broglie, da França, Erwin Schrödinger e Wolfgang Pauli, da Áustria, Werner Heisenberg, da Alemanha, e Paul Dirac, da Inglaterra. Eles descobriram que a estrutura intrínseca da matéria subatômica é feita de paradoxos desconcertantes.

Demonstraram que as unidades subatômicas da matéria são entidades extremamente abstratas, dotadas de uma natureza dual, tal como os processos psíquicos, e que não podem ser dissociadas dos processos mentais do experimentador, agora dito participante.

Dirac, ao descobrir a simetria fundamental entre a matéria e a antimatéria, empurrou a Física Moderna para um campo que poderia ser dito, sem exagero, Parafísico. A simetria entre a matéria e a antimatéria implica o fato de que para cada partícula existe uma antipartícula, portadora de igual massa, mas de carga oposta. Pares de partículas e antipartículas podem ser criados, se se dispuser de suficiente energia, e podem ser transformados em energia pura no processo de aniquilação. Esse processo conduz ao paradoxo de que as partículas subatômicas são destrutíveis e indestrutíveis ao mesmo tempo. Nesse mundo, conceitos clássicos como "partículas elementares", "substância material" ou "objeto isolado" perderam qualquer significado, e a partícula não mais pode ser compreendida como uma entidade isolada, mas sim como parte integrante de um todo. O mesmo se pode afirmar em relação aos processos psíquicos.

Talvez seja de interesse encerrar este resumo ultra-esquemático das novas descobertas sobre a realidade últi-

ma da "matéria" com o aforismo de Albert Einstein: "Até onde as leis da Matemática se referem à realidade, elas estão longe de constituir algo certo; e, na medida em que constituem algo certo, não se referem à realidade."

Com a derrocada da Lógica Formal, como instrumento de pesquisa das realidades da "matéria" e da mente, ficam outros meios de abordagem das realidades últimas do Universo. Esses meios, ou funções instrumentais da busca de conhecimento são as denominadas funções transcendentais. Essas funções compreendem o pensamento intuitivo, por um lado, e as ditas funções paranormais por outro. As funções mediúnicas seriam uma terceira categoria, conforme sistematização de Alexandre Aksakof, e serão estudadas em capítulo à parte. Contudo, segundo o mestre russo, um mesmo fenômeno pode ser explicado pelas três hipóteses, como será visto mais adiante.

Não existe consenso, entre os diversos autores, e correntes filosóficas, quanto às origens, aos mecanismos e mesmo à terminologia aplicada a esses ditos fenômenos. Contudo, a falta de concordância não implica, em absoluto, a infirmação da hipótese de sua existência.

O estudo dessas funções mentais aqui proposto será centralizado sempre no indivíduo, participante do fenômeno, e, por isso mesmo, será dada ênfase especial aos aspectos psicológicos. A esse respeito, F. Kapra afirma que uma experiência mística não se afigura menos sofisticada que um moderno experimento da Física, embora essa sofisticação seja de um tipo inteiramente diverso. Esse mesmo raciocínio comparativo pode ser aplicado entre a resolução cirúrgica de uma hidrocefalia, por exemplo, e a resolução psicoterápica de uma neurose fóbica.

Schopenhauer afirmou, com pessimismo, que o "homem é um animal que tem a funesta mania de pensar". Isso em se tratando do pensamento lógico, que conduziu o homem à lua, mas também conseguiu a bomba atômica. Mas, em que consiste a essência do pensar?

Segundo Aristóteles, o pensamento formal era regido por quatro leis fundamentais: a) Lei da associação por simultaneidade ou continuidade temporal; b) Lei da associação por contiguidade espacial; c) Lei da associação por semelhanças de forma ou de contraste; d) Lei da associação por semelhanças ou contrastes de significado. Contudo, essas leis não explicam o âmago da questão, ou seja, o ato de pensar, ou o conteúdo desse ato ou o efeito obtido com ele.

De acordo com Mira Y Lopez, o pensamento permanece intimamente ligado aos sentimentos e à ação. Assim, o pensamento não surge bruscamente na evolução filogenética, mas foi evoluindo com os centros nervosos que lhe servem de substrato. Essa evolução biológica do pensamento, em particular, e do espírito, em geral, se processou paralelamente no binômio matéria física e espiritual, de acordo com a Doutrina Espírita, segundo A. Luiz ("Evolução em dois Mundos", FEB, 1958). Segundo esse autor, esse paralelismo se processa entre "o corpo espiritual (...) que não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação" (pág. 25).

Mira Y Lopes refere que inicialmente surgiu o pensamento primitivo, também chamado de instintivo, automático ou sensorimotor. Esse pensamento não tem formulação verbal e somente opera com dados sensoriais e motores.

Depois surgiu o pensamento arcaico ou pré-mágico. Ocorre nos primatas mais evoluídos e nas crianças de 2 a 3 anos de idade. Possui tonalidade alucinatória por ser a projeção imaginativa dos impulsos internos, determinados pela tonalidade emocional imperante. É encontrado também nalguns sonhos ou sob o efeito de algumas drogas psicodélicas, que, por isso mesmo, também são denominadas eidéticas. O indivíduo é autista, o pensamento é dereísta, e não existem limites entre o ser pensante e o pensado. Ainda não está presente a "fonction du réel", ou juízo de realidade.

A etapa evolutiva seguinte é o denominado pensamento mágico. Milhões de pessoas, de baixo nível cultural, vivem submetidas a essa modalidade de pensamento. Contudo, o seu período natural de ocorrência no desenvolvimento psíquico da criança ocorre entre o 3º e o 6º ano de vida. É a base de um sem número de crenças, lendas e tradições. Não capta a essência, mas unicamente as aparências dos objetos. Por não conhecer os princípios da razão, deixa-se guiar apenas pelas temporárias e fortuitas conexões associativas de proximidade, contiguidade e similitude. Quando o feiticeiro apanha o fio de cabelo de sua suposta vítima para executar seus atos maléficis ou benéficos, na verdade está sendo regido por essa forma mágica de pensamento.

A etapa seguinte da evolução do ato de pensar é a do assim chamado pensamento egocêntrico. Segundo a escola franco-suíça de Piaget, essa modalidade de pensamento é própria da primeira e da segunda infância. Sua característica fundamental é estar centralizado ao redor da própria pessoa pensante, que é incapaz de ver a realidade objetivamente. Tudo deve passar pelo crivo do "para que me serve?" A pessoa vítima de uma forte

emoção, como a raiva, o medo ou até mesmo do amor romântico, ou em um campo de batalha com risco real de morte iminente, também se torna incapaz de pensar objetivamente.

A etapa seguinte do processo evolutivo do pensamento é a do pensamento lógico, própria dos adultos humanos, civilizados e cultos. Essa forma de pensar serviu ao homem para alcançar todas as suas conquistas científicas e tecnológicas, e se caracteriza por clareza e distinção. A base do pensamento lógico é o princípio da contradição, que introduz as noções de substância, essência e categoria. Segundo alguns autores, essa forma de pensar foi conquistada pelo povo grego poucos séculos antes de Jesus. Contudo, essa afirmativa é altamente questionável, pois reduz todas as culturas mais antigas a níveis arcaicos e mágicos, o que é difícil de ser comprovado. O pensamento lógico é especialmente estudado pela Filosofia, no capítulo da Lógica Formal, e já foi feito um breve resumo do seu funcionamento normal e patológico no capítulo precedente.

Finalmente é atingida a forma mais complexa, elaborada, superior e por isso mesmo menos compreendida, que é a do pensamento intuitivo. Alguns psicólogos, com pequena capacidade de penetração, nem chegam a admitir a sua existência.

De acordo com Mira Y Lopez ("O Pensamento"), essa modalidade de pensamento se apresenta como consequência de um trabalho mental inconsciente, cujo resultado final emerge bruscamente, em forma de palpite ou de inspiração, ante a consciência do sujeito. A pessoa afirma: "eu sei que isto é assim", mas não sabe explicar porque o sabe nem em que se baseia a sua certeza.

O pensamento intuitivo ocorre especialmente nas

peessoas dotadas de grande riqueza imaginativa e grande sensibilidade afetiva, ou seja, nas pessoas em que domina o sentimento sobre a razão. Ora, essas características são encontradas especialmente nas pessoas com dotes artísticos, como também nas personalidades com faculdades mediúnicas mais ou menos desenvolvidas. O processo da criação artística se dá em sua maior parte por vias inconscientes, recebendo o eu, às vezes, o produto acabado, como se pode concluir do relato pessoal de inúmeros grandes artistas. Consta que Beethoven recebeu o tema do quarto movimento da sua famosa sinfonia "Coral" praticamente pronto. Robert Schuman entrava em desespero, nos primórdios de sua doença mental, por não conseguir transcrever as maravilhosas melodias que percebia por meio da intuição. Uma prova da atuação dos processos inconscientes na criação, artística ou não, são os testes projetivos, destacando-se o Teste de Rorschach. Existe no Brasil o maior museu de produção artística de pacientes psicóticos em todo o mundo, o Museu de Imagens do Inconsciente, criado pela dama da Psiquiatria brasileira, Nise da Silveira, e tombado pela Unesco, localizado no Hospital D. Pedro II, do Rio de Janeiro.

Ao subtrair o juízo reflexivo-crítico da consciência, o pensamento intuitivo pode igualmente conduzir o sujeito ao acerto ou ao erro. É muito difícil o diagnóstico diferencial entre a intuição genial, a intuição delirante e a intuição de origem mediúnica. Mais adiante será estudado o mecanismo psicofisiológico da intuição mediúnica. A diferenciação tem mais importância no campo da Psicopatologia propriamente dita.

As pessoas nas quais se dão tais manifestações terão que submetê-las imediatamente à análise do seu pensamento lógico, para saber a origem de suas intuições.

Aqueles processos que parecem corresponder a princípios desconhecidos foram agrupados por Rhine no grupo do ESP ("extra sensorial perception") ("The Reach of the Mind"). Não será demais repetir que a Associação Americana de Psicologia reconheceu os experimentos de Rhine como cientificamente válidos. Seus resultados têm sido utilizados até mesmo por serviços de inteligência de alguns países mais avançados, infelizmente.

Ainda existe, na comunidade científica, arraigado preconceito em relação a esse campo de pesquisa científica. Todavia, essa atitude não tem qualquer embasamento teórico e se assenta nos processos arcaicos e inconscientes desses opositores. Ela é também fruto da ignorância em relação a essas modernas pesquisas.

Ao longo da história, tem-se reconhecido que a mente humana é capaz de duas espécies de conhecimento, ou de duas modalidades de consciência, denominadas racional e intuitiva, e tradicionalmente associadas à ciência e à religião, respectivamente.

Há séculos que a filosofia chinesa enfatizava a complementaridade do conhecimento intuitivo e racional, representando-os pelos arquétipos yin e yang. O conhecimento racional é um conjunto de símbolos, conceitos abstratos, caracterizados pela estrutura seqüencial e linear, explicitado através do uso da linguagem (Kapra). Contudo, a ciência já demonstrou que o pensamento conceitual mostra-se incapaz de descrever ou sequer apreender integralmente a realidade objetiva. Em relação à realidade subjetiva essa dificuldade aumenta em proporções geométricas, já tendo sido dito, por exemplo, que em geral os psiquiatras não apreendem quase nada daquilo que se passa na mente de seus clientes.

Segundo Werner Heisenberg cada palavra ou con-

ceito, por mais nítidos que pareçam, só possuem uma faixa limitada de aplicabilidade. Contudo, há uma tendência generalizada de confundir o sistema de conceitos com a própria realidade. Isso tem gerado uma tremenda confusão, sendo bem maior em relação ao campo das ciências que estudam o comportamento humano, tanto aparente como velado ou inconsciente. Quando um psicoterapeuta se depara com alguma vivência incompreensível, tende a rotulá-la com um nome pomposo que escotomiza a sua ignorância e alivia a ansiedade provocada pelo desconhecido.

Segundo Kapra, o pensamento intuitivo, desenvolvido em alto grau pelos místicos orientais, busca justamente superar essa confusão através de uma experiência direta da realidade que transcenda não apenas o pensamento intelectual, mas também a percepção sensorial, através dos órgãos dos sentidos.

Em sua "Autobiografia de um Yogue", Paramahansa Yogananda descreve a seguinte e rara experiência intuitiva:

"Meu corpo tornou-se imóvel como se tivesse raízes; o alento saiu de meus pulmões como se um ímã enorme o extraísse. Instantaneamente o espírito e a mente romperam com sua escravidão ao físico e jorraram de cada um de meus poros como luz perfurante e fluida. A carne parecia morta e, contudo, em minha intensa lucidez, eu percebia que nunca antes estivera tão plenamente vivo. Meu senso de identidade já não se achava confinado à estreiteza de meu corpo, mas abarcava os átomos circundantes. Pessoas em ruas distantes pareciam mover-se suavemente em minha própria e remota periferia. Raízes de plantas e árvores eram percebidas através

de uma tênue transparência do solo; e eu distinguia a interna circulação da seiva.

A vizinhança inteira surgia desnuda diante de mim. Minha visão frontal comum havia-se transformado em vasto olhar esférico que percebia tudo simultaneamente. Através de minha nuca, vi homens caminhando além da distante viela de Rai Ghat e também notei uma vaca branca aproximando-se preguiçosamente. Quando ela chegou à porta do áshram, observei-a como se o fizesse com meus dois olhos físicos. Depois que passou para trás do muro de tijolos do pátio, continuei a vê-la, claramente.

Todos os objetos dentro de meu olhar panorâmico tremiam e vibravam como rápidos filmes cinematográficos. Meu corpo, o corpo de meu Mestre, o pátio com suas colunas, a mobília, o assoalho, as árvores e a luz do Sol, tornavam-se, de vez em quando, violentamente agitados até que tudo se fundia num mar luminescente, assim como os cristais de açúcar, mergulhados num copo d'água, diluem-se depois de serem sacudidos. A luz unificadora alternava-se com materializações de formas e as metamorfoses revelavam a lei de causa e efeito da criação.

Uma alegria oceânica rebentava nas praias serenamente intermináveis de minha alma. Atingi a realização de que o Espírito de Deus é Beatitude inesgotável; Seu corpo compreende incontáveis tecidos de luz. Um sentimento de glória crescente dentro de mim começou a envolver cidades, continentes, o planeta, os sistemas solares e as constelações, as tênues nebulosas e os universos flutuantes. O cosmo inteiro, suavemente luminoso, semelhante a uma cidade vista de alguma distância à noite, cintilava dentro da infinidade de meu ser. Para

além de seus contornos definidos, a luz ofuscante empalidecia ligeiramente nos confins mais longínquos; ali eu via uma radiação branda, nunca diminuída. Era indescritivelmente sutil; as figuras dos planetas constituíam-se de uma luz mais densa.

Os raios luminosos dispersavam-se oriundos de uma Fonte perpétua, resplandecendo em galáxias, transfiguradas com auras inefáveis. Vi, repetidas vezes, os fechos criadores condensarem-se em constelações e depois dissolverem-se em lençóis de transparente chama. Por reversão rítmica, sextilhões de mundos transformavam-se em brilho diáfano e, em seguida, o fogo se convertia em firmamento.

Conheci o centro do empíreo como um ponto de percepção intuitiva em meu coração. Esplendor irradiante partia de meu núcleo para cada parte da estrutura universal. O beatífico Amri, néctar da imortalidade, corria através de mim, com fluidez de mercúrio. Ouvi ressoar a voz criadora de Deus, Aum, a vibração do Motor Cósmico.

De súbito, a respiração voltou aos meus pulmões. Com desapontamento quase insuportável, constatei que havia perdido minha infinita vastidão. Mais uma vez me limitava à jaula humilhante do corpo, tão desconfortável para o Espírito." (Op. cit. págs. 144/145.)

Vivências de feição mística soem ocorrer em pacientes psicóticos com ideação delirante-alucinatória. Haverá alguma diferença fundamental entre essas produções patológicas e aquelas dos místicos de todas as épocas e latitudes?

O autor tratou de um jovem psicótico, com cerca de 19 anos de idade, ao sofrer o primeiro surto psicótico, após uma infância de abandono e orfandade. Trata-se de um jovem com dotes artísticos e com incomum capa-

cidade de verbalização de suas vivências pessoais. Certa feita, acordou pela manhã com a convicção delirante de que era um grande profeta com a missão de pregar uma nova religião. Levantou-se da cama e, imediatamente, se pôs a caminhar "na direção dos raios luminosos", isto é, em direção à própria sombra. Atravessou terrenos baldios, estradas, matas, rios e pântanos, quando foi socorrido em uma herdade rural. No trajeto teve uma visão do Espírito Santo, que lhe apareceu sob a forma de um bebê. Diante de uma vivência dessa natureza, o chão parece desaparecer por sob os pés do interlocutor. Rótulos pomposos, tais como delírio primário, delírio secundário, onirismo, alucinações psicossensoriais de Baillarger, psicose paranóide etc, embora aliviadores da tensão provocada no terapeuta, não lançam nenhuma luz sobre o fenômeno. O mistério permanece.

Segundo Van den Berg, esses estados provocam, de uma certa forma, reações similares nos terapeutas, que ficam, eles mesmos, em certo sentido, um pouco psicóticos. Jung cita, em sua obra "Psicologia da Transferência", casos de psiquiatras com surtos paranóides por contágio psíquico. Ora, o mesmo se dá em relação aos fenômenos místicos, cujos protagonistas costumam arrebanhar uma legião de seguidores mais ou menos fanáticos.

Diante do ilógico, teorias lógicas não levam a nenhum porto seguro. Diante das vivências relatadas pelo paciente, pôde o autor captar, sob a forma de visão, o significado psicológico das mesmas, de forma absurda, do ponto de vista da Lógica Formal. Viu, o autor, um sol eclipsado, e pôde compreender que o material, de pelo menos algumas psicoses, é idêntico ao dos estados místicos, só que eclipsados pelas densas névoas do ego

imaturo, e se apresentam de modo fragmentário, de modo impossível de ser integrado pelo ego, que, fragmentado, perdeu a "fonction du réel".

Ora, a menos que Yogananda seja um mitômano, charlatão, embusteiro ou psicótico, a sua vivência é a visão de um sol em pleno meio-dia, enquanto que a vivência do paciente, embora proveniente das mesmas regiões recônditas da alma, são como uma visão da lua nova, isto é, a verdade da experiência foi eclipsada pela densidade material de um ego e de um sistema psicológico patológico. É interessante notar que o autor presenciou, por meio desse mesmo paciente, vários anos mais tarde, a ocorrência dos "raps", de forma indiscutível, bem conhecidos e descritos pela Posição Espírita. Essas experiências são menos raras do que se supõe, em Psiquiatria.

Essa modalidade intuitiva de conhecimento independe de discriminações, abstrações e classificações típicas do processo do conhecimento cognitivo. Segundo William James, "Nossa consciência normal do estado de vigília — a consciência racional, como a denominamos — constitui apenas um tipo especial de consciência, ao passo que, ao seu redor, e dela afastada por uma película extremamente tênue, encontram-se formas potenciais de consciência inteiramente diversas" (op. cit.).

Aliás, o próprio Freud, com sua mentalidade mecanicista, admitiu a existência desses estados especiais de consciência, a que denominou sensação oceânica, que, na sua ansiedade interpretativa, considerou, erradamente, acredita-se, como sendo uma forma de regressão aos estágios de vida intra-uterina, embora tenha afirmado que ele mesmo jamais havia passado por experiências dessa natureza. Infelizmente tais estados não são passí-

veis de ser transmitidos de modo completo por meio da linguagem verbal.

Segundo Kapra, o "conhecimento racional e as atividades racionais constituem, por certo, a parcela mais significativa da pesquisa científica; contudo, não a esgotam. A parte racional da pesquisa seria inútil se não fosse complementada pela intuição, que fornece aos cientistas novos 'insights' e os torna mais criativos. Esses 'insights' tendem a surgir repentinamente, de forma característica, em momentos de relaxamento, no banho, durante um passeio pelo bosque ou na praia etc. — e não quando o pesquisador está sentado à mesa de trabalho, lidando com suas equações" (...) "a experiência mística da realidade é, de fato, uma experiência essencialmente não sensorial".

Segundo esse autor, embora as experiências místicas profundas não ocorram, via de regra, sem uma longa preparação prévia, os "insights" ou intuições mais diretos são experimentados por todos, na vida cotidiana.

A preparação da mente para essa consciência imediata e não conceitual da realidade é o propósito básico das escolas de misticismo oriental, e é também largamente desenvolvida entre os adeptos do Espiritismo, através das técnicas do desenvolvimento das faculdades mediúnicas. O objetivo básico dessas técnicas parece ser o silenciar da mente pensante, por meio da concentração e da abstração das distrações, e na transferência do foco da consciência, ou da energia psíquica, do ego racional, analítico e cortical, para o inconsciente subcortical e intuitivo. Como será visto mais adiante, o transe mediúnico é uma forma típica de estado intuitivo.

Quando a mente racional é silenciada pelas diversas técnicas de meditação, o padrão eletroencefalográfico

co do cérebro muda para o predomínio das ondas alfa. Como o córtex cerebral exerce um papel inibitório sobre as estruturas subcorticais, essas estruturas são liberadas. Estando mais livres, é facilitada a liberação das instâncias do inconsciente, uma região da personalidade que poderá entrar em contato com realidades outras do Universo, segundo a Posição Espírita, ocorrendo assim a ativação das faculdades mediúnicas, através da intuição ou de outras modalidades de intercâmbio. Em termos psicológicos, ocorre um desvanecimento do complexo do eu, e o centro da consciência se desloca para níveis mais profundos da personalidade, ou é simplesmente abolido.

Segundo Jung, esse é o mecanismo do denominado Processo de Individuação, embora esse autor não pareça ter tentado explicá-lo em termos neurofisiológicos. Mas é na direção do centro da alma que se processa esse movimento, em direção ao "Selbest" junguiano, à Sétima Morada de Santa Teresa, à Imago Dei. Ao assimilar essa região da alma, de forma natural e sadia, vivência o indivíduo experiências similares à descrita por Yogananda, que conheceu o "o centro do empíreo como um ponto de percepção intuitiva em meu coração".

Yogananda vai além ao ensinar que a aceleração da evolução humana é proporcionada pelo desenvolvimento da intuição por meio da concentração da atenção. Diz que a intuição nascida da concentração percebe a verdade por meios internos, intrapsíquicos; e que o método usual de aprendizagem depende do senso de realidade e da experiência, além da capacidade de inferência, o qual pode apenas explicar a "aparência" das coisas. Também ensina que por meio da intuição é possível a realização de qualquer processo de conhecimento correta e diretamente, sem a intermediação dos sentidos.

Como já foi dito, a Física Moderna tende a confirmar essa linha de pensamento oriental, e aponta na mesma direção da hipótese espiritual, conforme será demonstrada mais adiante — talvez não seja indiscrição comunicar o fato de o médium Chico Xavier haver relatado ao autor, pessoalmente, vivência semelhante à descrita por Yogananda, mas comparada, pelo médium, a uma descrição de Vivekananda. Esse diálogo foi feito em particular, quando o autor deste ensaio consultava-o a respeito de uma vivência intuitiva experimentada vinte anos atrás. A esse respeito, convém o leitor estudar aprofundadamente a obra erudita, já citada, de William James, que trata dos aspectos psicológicos e psicopatológicos das modalidades da experiência intuitiva.

IV

AS FUNÇÕES PARANORMAIS

Jung declara que seus estudos das ciências naturais lhe haviam ensinado que veiculavam uma quantidade imensa de conhecimentos especializados, mas sem grande profundidade. Seus estudos filosóficos lhe ensinaram que sem alma não havia saber nem conhecimento profundo. No entanto, nunca se falava da alma. ("Memórias, Sonhos e Reflexões" — obra póstuma.)

Leu um livrinho sobre os primórdios do Espiritismo: "o material era indubitavelmente autêntico". Constatou que em todas as épocas, nos mais diversos lugares da Terra, as mesmas histórias eram contadas. Leu praticamente todos os livros dessa época sobre o Espiritismo. Contudo, "comentei o assunto com meus colegas, e com grande espanto constatei que reagiam não acreditando, por brincadeira, ou então por uma recusa ansiosa diante de tais fenômenos. Eu me espantava com a segurança de suas afirmações sobre a impossibilidade dos fantasmas, das mesas girantes e com a certeza que tinham de que tudo isso era um embuste". Contudo, Jung declara que se tornou temeroso de permanecer afastado do mun-

do e de adquirir a fama duvidosa de um personagem excêntrico, se continuasse a relatar seus estudos sobre o Espiritismo.

Certamente, por isso, seus escritos primam pela ambigüidade, o que o salvou do destino dos pesquisadores abertamente psiquistas. Somente autorizou a publicação de sua autobiografia após a sua morte. Contudo, mesmo em vida estudou o Espiritismo e publicou uma tese sobre o assunto ("Sobre a Psicologia e a Patologia dos Assim Chamados Fenômenos Ocultos", 1902).

Jung constatou que a relação médico-doente, principalmente quando intervém uma transferência do doente ou uma identificação mais ou menos inconsciente entre médico e doente, pode ocasionalmente conduzir a fenômenos de natureza parapsicológica (op. cit., pág. 125).

Cita o caso de um doente que curara de uma depressão psicógena. O paciente casou-se em seguida, mas a sua esposa era uma das "mulheres que não amam verdadeiramente os maridos, sentem ciúmes e destroem as amizades deles". Após um ano, Jung fazia uma conferência, e voltou ao hotel; quase à meia-noite, deitou-se. Por volta das duas horas acordou espantado, persuadido de que alguém entrara em seu quarto: 'linha a impressão de que a porta se abria precipitadamente. Acendi a luz, mas não vi coisa alguma. Pensei que alguém se enganara de porta; olhei no corredor, silêncio de morte. 'Estranho', pensei, 'alguém entrou no meu quarto'. Procurei avisar minhas lembranças e percebi que acordara com a sensação de uma dor surda, como se algo tivesse ricocheteado em minha frente e em seguida tivesse batido na parte posterior de meu crânio. No dia seguinte, recebi um telegrama me avisando que aquele doente se suicidara.

Dera um tiro na cabeça. Soube mais tarde que a bala se detivera na parte posterior do crânio" (op. cit., pág. 126).

Exemplos como esse não são raros, mesmo na vida pessoal do autor, mas o exemplo de Jung é suficiente diante de sua autoridade e do seu renome mundiais.

Mas Jung foi admoestado por Freud, que muito ansioso lhe disse: "Meu caro Jung, prometa-me nunca abandonar a teoria sexual. É o que importa, essencialmente. Olhe, devemos fazer dela um dogma, um baluarte inabalável (...) contra a onda de lodo negro (...) do ocultismo" (op. cit., pág. 136).

Ernest Jones, em sua monumental biografia de Freud, relata que o mesmo sofrera diversos desmaios durante discussões de ordem teórica com seu discípulo mais importante, na época, Carl Jung. Tece algumas críticas a Jung, mas acaba por reconhecer o seu valor e a sua extraordinária produtividade intelectual.

Os fenômenos denominados por Freud de ocultos existem ao longo da História e não constituem nenhuma novidade. Magos, feiticeiros, derviches, profetas, pitonisas, médiuns ou simplesmente "sujets" são elementos indefectíveis na cultura de todos os povos.

Charles Richet, o criador da Metapsíquica, dividiu em quatro períodos e evolução histórica dos chamados fenômenos ocultos.

Período mítico, que se estende desde a Pré-História até o médico vienense Anton Mesmer e sua teoria sobre o Magnetismo Animal, em 1778.

Período magnético, interregno para o advento do Espiritismo. Introduz a noção de fluido, e sua escola também é denominada de Fluidista. Mesmer possuía notáveis dotes magnéticos, e obteve retumbante sucesso clínico, mas sofreu violenta perseguição por parte da socie-

dade médica vienense, tendo sido forçado a mudar-se para Paris. Lá obteve o beneplácito da rainha Maria Antonieta, após curá-la de seus acessos de enxaqueca. A rainha forçou a sua aceitação por parte da comunidade científica parisiense. Segundo sua escola, as neuroses dependeriam do Sistema Nervoso Autônomo, e as modificações se dão pela transmissão dos fluidos. Contudo, houve oposição por parte da comunidade científica, que considerou os efeitos mesméricos como de caráter psicológico e fruto da sugestão. Bertrand foi o primeiro a explicar o magnetismo pelo Hipnotismo artificial e a praticá-lo, mas foi J. Braid quem recebeu o mérito da descoberta do Hipnotismo. De acordo com a Posição Espírita, existem tanto os fenômenos de transmissão do fluido magnético, para o bem como para o mal, como os efeitos da sugestão, que são irrefutáveis, mas que de modo algum explicam todos os fenômenos observados. O Espiritismo desenvolveu extensa gama de conhecimentos, de ordem terapêutica através dos passes magnéticos.

Nos primórdios, a Teoria Animista de Braid recebeu a adesão de Tuke, Forel e outros, que criaram a escola de Nancy, permanecendo a escola Fluidista na Salpêtrière. Contudo, a partir dos estudos de Charcot sobre a Histeria, o pensamento médico foi-se deslocando até culminar na Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud, passando antes pelos estudos de Bernheim, Janet, Breuer e outros.

A vertente fluidista sofreu continuidade através do Espiritismo, principalmente depois dos fenômenos de Hydesville, protagonizados pelas irmãs Kate e Margaret Fox. Na Europa ocorreu a epidemia das mesas girantes, que culminou com a Sistematização feita por Allan Kardec, em 1857, com a edição de "Le Livre des Sprits" — "Écrit sous la dictée et publié par Tordre d'es-

prits supérieurs". Todavia, o Espiritismo teve pouca repercussão científica, evoluindo para o campo predominantemente religioso e filosófico. Esse movimento tão amplo e vasto foi registrado por Sir Arthur Conan Doyle, o genial criador do personagem Sherlock Holmes, em sua magistral obra "História do Espiritismo". Ao publicar "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec julgou a ciência (...) "incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo" (...) ("Livro dos Espíritos", FEB, págs. 28, 29). Mas concluiu que os sábios acabariam por se render à evidência dos fatos (idem).

O período científico começou com os trabalhos de Sir William Crookes, ao estudar os médiuns excepcionais Daniel Home e Florence Cook. Esse período pode ser subdividido em duas etapas: o período da Metapsíquica de Charles Richet e o período parapsicológico, com as rigorosas experiências de J. B. Rhine, da Duke University.

Em "The Reach of the Mind", Rhine descreve a Parapsicologia como sendo "uma ciência que se ocupa de fenômenos mentais e da conduta, que parecem responder a princípios não conhecidos". R. Amadou define como sendo "a evidenciação e o estudo experimental das funções psíquicas que ainda não estão incorporadas ao sistema da Psicologia científica, com a finalidade de incorporá-las ao dito sistema então ampliado e complementado".

A grande contribuição da Parapsicologia foi, através de métodos matemáticos, e portanto dentro das restrições impostas pelo Método Científico, a de demonstrar a existência das funções paranormais, que englobam a percepção extra-sensorial (ESP) e a psicocinésia, ou ação direta da mente sobre a matéria (PK), as quais independem das restrições impostas pela dimensão espaço-tempo e pela

causalidade. Essas descobertas foram grandemente reforçadas pelos modernos avanços das Teorias Quântica e da Relatividade, como foi visto no capítulo precedente.

Em "The Reach of the Mind", Rhine indaga: "Existe algo extrafísico ou espiritual na personalidade humana? A resposta experimental é afirmativa." Não será demais repetir que suas experiências foram reconhecidas como cientificamente válidas pela Associação Americana de Psicologia.

O que caracteriza a Parapsicologia é justamente o método quantitativo, estatístico, que consiste em aplicar, em larga escala, e em qualquer indivíduo, testes específicos que podem comprovar a existência das funções paranormais ou Psi. Trata-se de verificar se os resultados traduzem um desvio estatisticamente significativo, inexplicável pela simples probabilidade matemática. Vale repetir que a realidade da Parapsicologia apresenta estreita afinidade com os avanços da Física nuclear e, em especial, com o Princípio da Indeterminação de Heisemberg.

Segundo Cerviño, os trabalhos de Aksakof, Bozzano, Myers e outros teóricos do Espiritismo científico permaneceram incólumes, não sofrendo o menor abalo por parte da Parapsicologia. Rhine indica alguns caminhos para testar a sobrevivência da alma. Alguns avanços parapsicológicos nesse sentido foram feitos na antiga União Soviética.

Pode parecer, à primeira vista, um contra-senso, o fato de que a mente possa transcender as limitações impostas pelo "continuum" espaço-tempo e a causalidade. Contudo, essas faculdades aparentemente absurdas foram confirmadas matematicamente pela Parapsicologia, e se enquadram perfeitamente dentro do novo edifício que a Física atômica vem erguendo nas últimas décadas.

Por meio dos gigantescos aceleradores de partículas, puderam os físicos nucleares demonstrar que a matéria é quadridimensional. Demonstraram também que, em um sentido estrito, os átomos não são compostos de matéria em si, como queria crer a Física clássica, mas são formados por partículas subatômicas que não são nada mais que pacotes de energia, possuindo uma estranha configuração dual, sendo, ao mesmo tempo, ondas e partículas.

Através do bombardeamento dos átomos, descobriram, os físicos, que as partículas subatômicas podem se desmaterializar, sumindo completamente no que Einstein denominou campo, podendo outras partículas surgir do "nada", sob a roupagem de novas partículas (são conhecidas já cerca de duzentas), descrevendo uma trajetória em direção ao futuro ou ao passado.

Perplexos, os físicos descobriram a unidade fundamental do Universo, incluindo aí a mente do observador, que deixou de ser pesquisador independente para ser participante. O autor admite a possibilidade teórica de, no futuro, ser detectado o que A. Luiz denomina átomos mentais, o que viria a lançar uma nova luz sobre a dinâmica do funcionamento das funções parapsicológicas e mediúnicas. Essa síntese entre Ciência, Filosofia e Religião é um dos pressupostos básicos do Espiritismo.

Seguindo o modelo do raciocínio lógico, se o encéfalo é puramente material, conforme o têm demonstrado as análises anatomopatológicas, bem como as modernas técnicas da microscopia, da bioquímica e da radiologia, é lícito supor que as estruturas responsáveis pelas funções transcendentais estejam localizadas em algum tipo de órgão que não esteja limitado às condições impostas pelo "continuum" espaço-tempo, bem como pela causalidade.

A quem possa parecer absurda essa hipótese, deve ser recordado que não existe nada mais absurdo, no campo das chamadas ciências naturais, do que a própria tessitura íntima da matéria, em seus níveis atômicos e subatômicos.

Ora, segundo a Posição Espírita, o lócus dessas funções transcendentais é a própria mente, aqui entendida como coisa, com existência própria e com independência em relação à matéria, pelo menos no sentido próprio da Física. Essa mente é a própria alma, enquanto encarnada, ou o espírito, após a morte do corpo físico, para utilizar a terminologia revelada pelos Espíritos.

Atravessado o Rubicão, surgem novas e complexas questões: Qual a natureza da alma? Que tipo especial de matéria ou de energia a compõe? Qual a sua forma organizacional? Que tipo de anatomia ela possui? Que mecanismos funcionais ou fisiológicos são responsáveis pelo seu funcionamento? Como ela interage com o corpo físico, em particular, e com o mundo material em geral? Em que sentido ela está dependente do mundo quadridimensional? Ou que outras dimensões a circunscrevem? De onde veio, como surgiu e para onde vai? Em que sentido ela é eterna? O que é ser eterno? E assim, sucessivamente, o raciocínio vai deixando o plano da Lógica Formal para adentrar o denominado processo da intuição.

Diante do imponderável, e do aparentemente impenetrável, o dualista psicofísico Geaulinex propôs a Teoria do Paralelismo, com a qual não concorda o Espiritismo, que é fundamentalmente Interacionista. Até certo ponto, poder-se-ia afirmar que a Posição Espírita é uma espécie de Monismo, como foi dito nos capítulos precedentes. Contudo, fuge ao conhecimento do autor um posicionamento claro a esse respeito, na literatura espírita. Mas o

presente ensaio é apenas um resumo esquemático, mais preocupado com assuntos práticos, tais como psicodiagnóstico, psicoterapia, ainda que empíricos, com o ensejo de ajudar a aliviar o sofrimento humano.

Ora, um dos mais importantes campos da Medicina é o estudo das doenças psicossomáticas. Essas afecções comprovam o grau de interação existente entre os processos físicos e psíquicos. Além dos distúrbios puramente psicológicos, de fundo psicogenético, que seguem um modelo mais ou menos semelhante ao das neuroses funcionais, descobertas pela escola pavloviana, com os estudos experimentais em cães, por exemplo, ou das neuroses humanas mais complexas, propostas pelos modelos psicanalíticos de diversas escolas, o Espiritismo acrescenta o modelo de doenças físicas cuja matriz jaz em disfunções no perispírito ou psicossoma, conforme será visto nos próximos capítulos.

Cães, ratos etc foram submetidos a experimentos laboratoriais, onde neuroses experimentais desencadearam úlceras pépticas etc. São bem conhecidos dos clínicos gerais as doenças de etiologia psíquica, tais como dermatites, neurodermites, urticária, psoríase, gastrite, úlcera péptica, dispepsias, colites, gastroenterites, hipertensão arterial essencial, palpitações, extra-sístoles, dispnéias, asma brônquica, disfunções menstruais, distúrbios sexuais, desvios do impulso sexual etc. Já foi demonstrada relação entre tuberculose cavernosa e impulsos homossexuais latentes. No campo da ortopedia e reumatologia, tem-se o exemplo clássico da artrite reumatóide.

Os médicos peritos — e o autor têm longos anos de experiência em perícia médica — conhecem bem a que ponto podem chegar os clientes com Neurose de Renda.

No campo criminalístico, a Síndrome de Ganser, ou psicose carcerária, é típica. No capítulo das síndromes conversivas, a Neurose Histórica ocupa destaque especial.

Em sentido inverso, isto é, alterações somáticas determinando disfunções mentais, tem-se a reação exógena de Bonhoeffer, a encefalopatia de Wernicke, a síndrome de Korsakof, as doenças de Pick, de Alzheimer etc. Seria fastidioso o prolongamento dessa lista de afecções que comprovam as interações mente-corpo.

Segundo A. Luiz, e as funções paranormais e mediúnicas o confirmam, a mente, tal como as partículas subatômicas, também tem uma natureza dual: matéria e espírito. No próximo capítulo será feito um resumo dos processos por meios dos quais se dá a interação corpo físico- corpo espiritual, segundo a Posição Espírita. Será adiantado aqui que, do mesmo modo que no processo da intuição, esses mecanismos ocorrem nas instâncias inconscientes, cujo substrato anatomofuncional é o citoplasma dos neurônios, especialmente dos localizados nos núcleos da base.

Segundo Amadou, a condição necessária, mas não suficiente, para que ocorram os fenômenos paranormais é o transe. É claro que aqui também, como em todas as regras, existem certas exceções. Isso porque o transe abre as comportas do inconsciente, onde estão localizadas as funções paranormais e mediúnicas.

Segundo P. Janet, o transe se relaciona com uma baixa tensão dos processos psíquicos, um "abaissement du niveau mental". Em outros termos, pode haver um estreitamento do campo da consciência, com dissociação dos processos psíquicos; daí a possibilidade de surgimento de material histeriforme, como personalidades subconscientes, muito comuns, e observadas tanto em

centros espíritas como em seitas pentecostais ou nos serviços de pronto-socorro psiquiátricos.

Pode haver também uma obnubilação da consciência, fenômeno mais generalizado do que o anterior. A escola pavloviana explica-o por meio de um processo de inibição generalizada do córtex cerebral. É claro que aqui estão excluídas as patologias graves que provocam obnubilação, tais como encefalites, traumatismos crânio-encefálicos, intoxicações exógenas etc.

É conveniente recordar que os processos inconscientes implicam, além de mecanismos psicológicos, aspectos neurofisiológicos, endocrínicos, por um lado, e processos de ordem espiritual, segundo a Posição Espírita, quando o transe for de natureza mediúnica. Mas nem todos os tranSES possuem elementos mediúnicos, que são, na opinião do autor, uma minoria.

Jayme Cerviño ("Além do Inconsciente", FEB, 1968) afirma que existem sujeitos dotados, denominados metagnomos, que atuam, pelo menos aparentemente, sem sinal algum que denote a existência de transe.

Uma característica fundamental desse estado, além das citadas alterações da consciência, é a passividade. Em termos psicológicos, representa o abandono, por parte do eu, do controle do material psíquico, bem como da atividade crítica e discriminativa, dos juízos etc. Em termos neurofisiológicos, tem sido constatado um predomínio das ondas eletroencefalográficas do tipo alfa. Entre os hindus esse estado é alcançado, nas práticas especiais de Raja Yoga, a Pratihara, ou abstração, com o esvaziamento, do foco da consciência, de todo o material psíquico. Segundo Yogananda, nesse momento ocorrem alucinações, que não devem ser levadas em consideração, para que se possa atingir estados mais avançados

de consciência, onde ocorre a percepção intuitiva, ou Dhiana e, em seguida, o Samadi. Mas esses aspectos fogem ao tema proposto neste capítulo. Segundo Cervino, "a interiorização da consciência é o aspecto básico do transe".

Se uma das características básicas do transe é o afrouxamento do controle do ego sobre os processos inconscientes, fica claro que pessoas com psicose latente, com psicoses progressas ou surtos psicóticos recidivantes não se devem submeter a esse tipo de experiência. Igualmente, como o transe desencadeia reações neurovegetativas, como será visto mais adiante, pessoas com afecções cardiovasculares, neuronais, infecciosas etc, também devem-se abster dessas práticas, pelo menos em tese. Aliás, o próprio Freud abandonou a prática da Hipnose, como método terapêutico, ao constatar as inúmeras inconveniências que apresenta.

Segundo Cerviño, a dissociação pode ser explicada, em termos neurofisiológicos, por áreas de inibição mais ou menos extensas do córtex cerebral, que podem ser desvinculadas da consciência normal. Na dependência da região do encéfalo que adquire autonomia funcional, pode haver a escrita automática, a palavra automática, gestos ou automatismos psicomotores, quando a região for motora, ou alucinações, quando a região for do córtex sensorial. Quando o automatismo é mais extenso, pode-se observar o aparecimento de uma nova personalidade. Em geral ocorre amnésia lacunar acompanhando o processo (op. cit.).

Durante o transe podem ocorrer fenômenos puramente psicológicos, oriundos do vasto repertório de material inconsciente, mas também costumam aparecer, mais raramente, processos paranormais e/ou mediúni-

cos. No próximo capítulo, será apresentada a classificação dessas ocorrências, pelo Espiritismo, utilizando-se da argumentação de Alexandre Aksakof.

O diagnóstico diferencial não é simples, sendo bastante difícil, levando-se em conta simplesmente os aspectos cognitivos. É necessário alto grau de captação intuitiva, penetração empática, além de muita prática, para não se errar em excesso, em relação ao diagnóstico diferencial. Isenção, imparcialidade, ausência de preconceitos e prejuízos intelectuais de qualquer espécie são fundamentais para não se cair em credulidade fácil, tanto de um lado quanto de outro.

Penfield realizou estudos eletroencefalográficos que assinalaram diferenças entre a atividade elétrica do cérebro no transe hipnótico e no sono.

O transe pode ser superficial, quando o sujeito pode recordar-se de tudo e até duvidar do fato de ter permanecido em transe, ou profundo, com inconsciência completa e amnésia posterior. Quanto à duração, pode ser fugaz ou prolongado. Segundo Jung, o paciente esquizofrênico está num estado patológico semelhante ao sono, do qual não consegue acordar. É errôneo considerar que o catatônico ou o autista não apresenta riqueza de vida psíquica, embora voltada exclusivamente para dentro de si mesmo.

Von Hartman já levantara a hipótese de que, no transe, os processos psíquicos estejam vinculados à região centrencefálica, em face da onda inibidora que varre o córtex cerebral. Cerviño afirma que "o transe pode colocar o indivíduo em contato mais íntimo com a própria alma, com a personalidade integral, de que a consciência é pálido revérbero" (op. cit.). Jung pensa de modo semelhante.

O transe pode ser patológico, como nos estados crepusculares da epilepsia, especialmente do lobo temporal, e da neurose histérica. Também no pré-coma, no delírio febril, no período pré-agônico e nas diversas afecções neurológicas, infecciosas etc., podem surgir estados similares ao transe. Segundo Geley, Osty etc., podem surgir transe espontâneos nos indivíduos hereditariamente predispostos, e não necessariamente patológicos, os quais denominam médiuns, sujeitos dotados, metapsíquicos, sensitivos, metagnomos etc.

Formas de transe também são utilizadas como terapias, tais como a técnica do sonho acordado de Robert Desoile, a imaginação ativa de Jung, regressão de memória e a própria prática mediúnica.

De acordo com Cerviño, os transe provocados podem ser hipnóticos, mediúnicos e farmacógenos. Berheim, entre outros, explicou o transe pelo processo da sugestão. Mac Dougal ensina que é fruto de um processo de comunicação que resulta na aceitação convicta de idéias, crenças ou impulsos, sem a necessidade de fundamentação lógica. Pode também haver auto-sugestão. Já o pesquisador russo Pavlov apresenta uma explicação reflexológica.

De alguma forma, as experiências de Rhine reabilitam, em certa medida, a corrente fluidista de Mesmer, e tendem a confirmar as revelações dos espíritos, pois a percepção extra-sensorial e a psicocinesia implicam a existência de uma energia "psíquica". Cervino informa que Janet realizou experiências com sugestão a distância, e "em 25 experiências obteve 18 êxitos completos e 4 parciais", mas não publicou esses resultados, evitando comprometer-se. Rhine explica que isso não pode ser su-

gestão, pois não havia nenhuma relação sensorial entre o experimentador e o "sujet".

Volgyesi, da corrente reflexológica, considera a Hipnose como sendo uma descerebração fisiológica reversível e enfatiza o papel do subcortex como "o substrato anatômico dos reflexos provocados por sugestão".

Certamente é dispensável uma descrição pormenorizada das funções paranormais, uma vez que existe vasta literatura acessível ao leitor. Contudo, é conveniente reforçar que as funções parapsicológicas indicam que a personalidade possui estruturas que não estão submetidas às limitações de tempo, espaço, causalidade etc, uma vez que não existe função sem órgão.

V

AS FUNÇÕES MEDIÚNICAS

No prefácio da edição alemã da sua monumental obra "Animismo e Espiritismo", Alexandre Aksakof declara: "o objetivo geral do meu trabalho não foi provar e defender a todo custo a realidade dos fatos mediúnicos, mas aduzir à sua explicação um método crítico, conforme as regras indicadas pelo Sr. Hartmann" (op. cit., FEB, 1978). O grande filósofo alemão Von Hartmann admitia a realidade psíquica dos fenômenos mediúnicos, mas os considerava como meros produtos de vivências alucinatórias.

Para a aceitação da sua realidade objetiva, Von Hartmann exigia certas condições experimentais. Essas condições foram introduzidas pela Metapsíquica de Charles Richet, especialmente com notáveis experiências como as do Sir William Crookes, mas as condições estudadas eram tão excepcionais que não foram aceitas pela ciência oficial. Ora, essas condições, impostas pelo Método Científico, foram em parte supridas pela Parapsicologia de J. B. Rhine.

Conforme foi dito, sumariamente, nos capítulos pre-

cedentes, os modernos avanços das Teorias Quântica e da Relatividade abrandaram os rigores da metodologia científica, apesar das enormes resistências afetivas e intelectuais da comunidade científica.

A admissão da realidade subjetiva desses fenômenos é o suficiente, do ponto de vista da Psiquiatria. Foge às finalidades deste trabalho a apresentação de argumentação e de fatos comprobatórios da realidade objetiva dos mesmos. Isso também se torna redundante em face da vasta literatura do Espiritismo, da Metapsíquica, da Parapsicologia, da Teosofia, da Yoga e autores de grande conceito na comunidade científica, já citados.

R. A. Johnson revela que "A psicologia de Jung nos leva de volta à alma como uma realidade concreta, passível de ser conhecida, descrita e vivenciada. Aqui está o ponto de interseção entre a vida interior encontrada nas religiões antigas e a vida interior da psicologia dos arquétipos; ambas comprovam a realidade da alma, e ambas sabem que é apenas através da alma que encontramos o inconsciente, a vida interior, o lado que está além do ego e fora do âmbito estreito de sua visão superficial" ("We", 1983).

Seria interessante frisar que, atualmente, cerca da metade dos títulos publicados no Brasil versam sobre esse tema.

Em relação ao campo prático, existem milhares de grupos mediúnicos, ou afins, instituições espíritas de caráter religioso, além de grande número de hospitais espíritas, como já foram anteriormente especificados alguns exemplos, dentro dos limites éticos e científicos, e fiscalizados pelos próprios CRMs. A grande deficiência se verifica em relação à pesquisa científica em laboratórios, sendo esse campo mais desenvolvido nas superpotên-

cias. Parece, ao autor, que um novo arquétipo já foi ativado, no inconsciente coletivo do povo brasileiro: "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho".

O estudo das funções mediúnicas da personalidade apresenta duas dificuldades quase insuperáveis: em primeiro lugar, trata-se de uma classe de fenômenos um tanto quanto raros, pelo menos os que poderiam ser considerados como autênticos, do ponto de vista objetivo, além de serem de difícil repetição. Em segundo lugar, de acordo com Jayme Cerviño, "o grande escolho nas pesquisas que visam a demonstrar essa transcendental possibilidade é, paradoxalmente, o próprio médium" (op. cit., FEB, 1968). Contudo, apesar desses escolhos, Aksakof viu na realidade desses fatos a base de uma "convicção profunda de que eles nos ofereciam (...) uma base verdadeiramente sólida, um terreno firme, para a fundação de uma ciência nova que seria talvez capaz, em futuro remoto, de fornecer ao homem a solução do problema de sua existência". Essa suposição permanece de pé mais de um século após a sua formulação.

Todavia, o grande mestre russo enfatiza alguns percalços: "o automatismo evidente das comunicações espíricas e a falsidade arrogante, e do mesmo modo evidente, do seu conteúdo; os nomes ilustres, com que elas são freqüentemente assinadas, constituem a melhor prova de que essas comunicações *não são* o que pretendem" ("Animismo e Espiritismo", Vol. I, pág. 20, FEB). Aduz que "nada, à primeira vista, justifica a suposição de uma intervenção dos 'Espíritos'. Só mais tarde, quando certos fenômenos de ordem intelectual nos obrigam a reconhecer uma força inteligente extramediúnica, é que esquecemos as primeiras impressões e encaramos com mais indulgência a teoria espírica em geral" (idem).

De acordo com Aksakof, com o prosseguimento da experiência prática, "os lados fracos do Espiritismo tornavam-se cada vez mais visíveis: a banalidade das comunicações, a pobreza do seu conteúdo intelectual, ainda quando elas não são banais, o caráter mistificador e falso da maioria das manifestações, a inconstância dos fenômenos físicos (...) a credulidade, a preocupação, o entusiasmo irrefletido dos espíritas e dos espiritualistas, finalmente a fraude (...)", e ainda "uma multidão de dúvidas, objeções, contradições e perplexidades de toda a espécie (...)".

Em sua busca, Aksakof declara que chegou a duvidar do Espiritismo, e crer que não passava de mais uma ilusão da Humanidade, tal como a Teoria Geocêntrica de Claudio Ptolomeu etc. Paradoxalmente, o pensamento de Aksakof foi impulsionado em favor da Teoria Espírita justamente pela crítica objetiva de Von Hartmann. A partir daí começou seu trabalho importantíssimo de sistematização da fenomenologia espírita, a qual veio ao encontro de suas suspeitas e solidificou seus conceitos, em favor da sobrevivência da alma.

Descobriu Aksakof que a principal dificuldade do Espiritismo é a tendência, entre seus seguidores, de atribuir tudo à intervenção dos Espíritos. O oposto ocorre com os cépticos ao negarem 'tudo': "aqui, como sempre, a verdade se encontra entre os dois" (op. cit).

Outro paradoxo no desenvolvimento do pensamento de Aksakof foi que a luz só começou a despontar no dia em que foi obrigado a admitir, pelos fatos, "que TODOS os fenômenos mediúnicos, quanto ao seu tipo, podem ser produzidos por uma ação inconsciente do homem vivo" (destaque do autor), e que "a atividade psíquica inconsciente de nosso ser é limitada à periferia do corpo e não

apresenta um caráter exclusivamente psíquico... produzindo efeitos físicos e mesmo plásticos" (idem).

A essa atividade extracorpórea do inconsciente do indivíduo pertencem os fenômenos antes ditos sobrenaturais, a que deu o nome de animismo. Dessa maneira, Alexandre Aksakof chegou não a uma, mas a três hipóteses, suscetíveis de fornecer a explicação dos fenômenos oriundos do inconsciente:

1*) Personismo — Fenômenos psíquicos inconscientes e produzindo-se nos limites da esfera corpórea, conseqüente ao fenômeno fundamental do desdobramento da consciência, ou transe, ou dissociação. Aqui entra a Psicopatologia isenta de prejuízos intelectuais, no diagnóstico diferencial entre mediunismo, neuroses e psicoses.

Para o autor russo, o personismo pode ser normal, anormal e fictício e demonstra a não identidade entre o "eu" individual, interior, inconsciente e o "eu" pessoal, consciente, exterior. O conceito de Aksakof do "eu" interior se aproxima muito do conceito junguiano de "Selbst". William James prefere utilizar o conceito de foco de energia na personalidade, que pode ser deslocado pelas experiências de caráter religioso (op. cit). Essa descoberta de Aksakof é importantíssima para a Psicologia.

2*) Animismo — Fenômenos psíquicos inconscientes, quando produzidos fora dos limites da esfera corpórea, tais como a telepatia, a telecinesia, as materializações etc. De acordo com Aksakof, haveria aqui uma exteriorização de elementos da própria personalidade do sensitivo, provocando efeitos psíquicos, físicos ou plásticos. Aqui o pensamento Aksakofiano se aproxima muito da Escola Fluidista de Mesmer. Segundo ele, o fenômeno da bicorporeidade atribuída a Santo Antônio seria um exem-

pio extremo de animismo. Aksakof usa o termo animismo por ser derivado de "anima" ou alma, que não seria o eu individual, que pertence ao espírito, porém apenas o envoltório ou corpo fluídico desse "eu" espiritual. Allan Kardec usa aqui o termo perispírito. A. Luiz usa psicossoma, e Hellenbach denomina-o metaorganismo. A alma é um conceito fundamental da Psicologia Complexa de C.G. Jung, só que num sentido diverso.

3º) Espiritismo — Fenômenos com a mesma aparência de personismo e de animismo, porém, provocados por uma causa extramediúnica, supraterrrestre, isto é, fora da esfera da existência do indivíduo. Segundo Aksakof, o conteúdo intelectual que trai uma personalidade diversa determinaria o diagnóstico diferencial. Essa postura Aksakofiana é a que melhor síntese produz entre a Teoria Espírita e as ciências médicas na visão do autor.

Contudo, muitas vezes, as três hipóteses podem servir como fundamento para a explicação de um só fenômeno: "O problema é pois decidir a qual dessas hipóteses é preciso atender (...), a crítica proíbe ir além da que basta para a explicação do caso submetido à análise." (Idem.) Aksakof introduziu na Rússia o termo mediunismo para explicar os fenômenos da terceira categoria.

Destarte, a Posição Espírita, secundada pelas correntes afins, destacando-se a Metapsíquica e a Parapsicologia por um lado, e as diversas correntes da ciência oficial, por outro, provocou uma mudança revolucionária no conceito de personalidade, evoluindo para a conclusão de Du Prel: "As forças psíquicas constituem uma substância real. A alma humana é um organismo composto dessas substâncias psíquicas, tão eternas e indestrutíveis quanto qualquer substância de ordem mais material."

Do mesmo modo que o fez em relação aos fenômenos parapsicológicos, o presente trabalho deixará de lado a imensa casuística mediúnica, bem descrita na vastíssima bibliografia espírita, passando diretamente ao estudo dos aspectos psicofisiológicos do mediunismo. O ponto de partida será o estudo do fenômeno básico do mediunismo, segundo Aksakof e outros autores: o desdobramento da consciência.

O fenômeno do desdobramento da consciência é muito estudado em Psiquiatria, geralmente sob a denominação de dissociação. Os fenômenos dissociativos vão desde os casos fisiológicos, normais, até os processos francamente patológicos, tanto de natureza neurótica quanto psicótica. As interpretações desse fenômeno fundamental costumam variar conforme a corrente teórica dos autores. Na Doutrina Espírita é mais difundido o termo Transe Mediúnico.

Algumas correntes psiquiátricas fazem a distinção entre a dissociação neurótica e a desagregação ou mesmo dissolução psicótica. A fenomenologia, por exemplo, introduziu, com Karl Jaspers e outros, os conceitos de "desenvolvimento" e "processo", muito especializados para serem discutidos neste ensaio. Por outro lado, Jung, o psiquiatra que mais compreendeu o material que existe na mente do doente psiquiátrico, já era menos radical, considerando, por exemplo, que a diferença entre os sintomas histéricos e os esquizofrênicos é mais de natureza quantitativa que qualitativa. É provável que ambas as maneiras de interpretar os sintomas estejam corretas, considerando que Bleuler não descreveu a esquizofrenia como uma entidade nosológica pura, mas sim o "Grupo das Esquizofrenias". Há ainda muito mistério, e a Posição Espí-

rita poderá lançar novas luzes sobre esse intrigante problema.

É interessante observar que, na literatura espírita, são comuns descrições detalhadas, de modo mais ou menos literário, de casos de psicoses delirante-alucinatórias encontradas no próprio plano espiritual, especialmente na obra de André Luiz. Isso aponta para a conclusão de que algumas psicoses não são, em absoluto, mero epifenômeno patológico de disfunções cerebrais.

Uma importante contribuição à compreensão das reações dissociativas foi dada pela Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud. Esse genial neurologista considerou as dissociações como sendo fruto do fenômeno fundamental da vida mental, a "repressão", que é uma espécie de esquecimento seletivo. O indivíduo pode esquecer segmentos amplos de seu comportamento e tornar-se dissociado da realidade. Existem três tipos principais de reações dissociativas: amnésia (perda da memória), personalidade dupla ou múltipla (o indivíduo adota em seu comportamento duas ou mais personalidades diferentes) e sonambulismo (caminhar dormindo). Segundo Rosensweig, as ações que são positivamente reforçadas estão menos sujeitas à repressão do que as que têm efeito punitivo. Aqui pode estar um dos mecanismos de atuação da Lei de Causa e Efeito admitida pelo Espiritismo como fundamental no processo de desenvolvimento espiritual, ou na aquisição de estados cada vez mais diferenciados de consciência. Vide exemplos em "Psicopatologia da Vida Quotidiana" de Freud.

Em geral, considera-se o transe mediúnico, auto-sugerido, uma forma de auto-sugestão ou auto-hipnose. Segundo Osty, os médiuns teriam uma tendência hereditária para o transe. Diversos autores espíritas apontam nessa

mesma direção, acrescentando, a Doutrina Espírita, a ação hétérossugestiva de feição telepática, oriunda de uma personalidade espiritual de um sistema dimensional ainda insuspeitado pela Física das partículas.

Para Geley, "o médium é um ser cujos elementos constitutivos, mentais, dinâmicos e materiais são susceptíveis de descentralização momentânea" (ou dissociação).

Contudo, para a Posição Espírita, o conceito de dissociação adquire extensão jamais prevista pela Psiquiatria, e pressupõe a exteriorização ou a introjeção de uma forma singularíssima de energia, capaz de produzir fenômenos de ordem física, psíquica ou plástica. Essa energia, ou energias, para ser mais preciso, parece ser diferente das energias nuclear, eletromagnética e gravitacional, o tripé da Física Moderna. Uma das modalidades dessas energias que atuam no processo mediúnico são os denominados "átomos mentais", de A. Luiz, que serão estudados mais adiante.

Para os que não contêm um sorriso diante dessas possibilidades, é bom lembrar que as Teorias Quântica e da Relatividade levaram os físicos à beira de um abismo insondável, absurdo e completamente ilógico, denominado de "campo", que é e não é ao mesmo tempo, não é nada e ao mesmo tempo é a fonte de todas as partículas da matéria subatômica. Os físicos ainda estão longe de ter desvendado a "matéria", e para o maior deles, Einstein, Deus existe e é matemático.

Voltando ao tema, durante o transe, podem ocorrer fenômenos puramente psicológicos ou, então, parapsicológicos, mas é também possível a ocorrência de material que extrapole o material psíquico do médium, através da identificação de uma personalidade metanóica ou de uma

percepção extra-sensorial. Assim, fica a possibilidade da emersão, do psiquismo do médium, de material psíquico aparentemente oriundo de outros planos de existência do Universo, e as personalidades desses planos, segundo Allan Kardec, se autodenominaram "Espíritos".

Do ponto de vista da Neurofisiologia, durante o transe ocorre inibição do córtex cerebral, com a liberação das estruturas subcorticais que passam a reger a atividade nervosa superior (Cerviño, W. James). A baixa tensão psíquica e o estreitamento do campo da consciência (Janet: "abaissement du niveau mental") significam, em linguagem neurofisiológica, inibição cortical. O transe se distingue do sono devido à preservação de pontos de vigília no córtex cerebral. Aqui deve ser lembrada a distinção fundamental entre a vigília neurofisiológica e a consciência psicológica. São conceitos correlatos, mas bastante diversos.

Do ponto de vista psicológico, algumas formas de transe são associadas a uma alteração quantitativa da consciência, como o rebaixamento ou a obnubilação. Noutras ocorre apenas uma alteração qualitativa, com estreitamento do campo da consciência, tal como se dá nas crises epilépticas temporais. Outras formas, descritas por William James em "As Variedades da Experiência Religiosa", costumam apresentar um extraordinário alargamento do campo da consciência, tal como o exemplo citado de Yogananda em capítulo precedente.

Seria um grave lapso deixar de lado as importantes contribuições da Psicologia Transpessoal, de um lado, e a Antropologia Cultural, de outro, destacando-se os trabalhos profundos de Michael Harner e Carlos Castañeda, entre outros.

Exemplificando, a escrita automática tanto pode ser

mero produto de material inconsciente, reprimido ou simplesmente esquecido, como ser oriunda de personalidade dita metanóica.

É interessante frisar que, para o ego psicótico, todo o material psíquico oriundo dos fragmentos autônomos da personalidade são vivenciados como sendo oriundos do mundo "objetivo", tanto de natureza "material" como "espiritual". Daí o caráter irreduzível de suas experiências delirante-alucinatórias.

A extensão maior ou menor do transe condiciona a dissociação de um segmento maior ou menor da consciência. Cerviño sugere que o transe mediúnico, embora intimamente ligado ao hipnótico, tem fisiologia própria, e merece estudo à parte. Para esse autor, o transe mediúnico receberia, através das faculdades paranormais da subconsciência (Funções Psi), estímulos "não-físicos", oriundos de uma realidade ultrafísica: "poder-se-ia mesmo admitir que o médium, ao reviver uma personalidade postuma, está em "rapport" com essa personalidade, e mais, que graças ao "processus" sugestivo-telepático, sua conduta dissociada realiza nestas condições um verdadeiro psicometismo ("faculdade mimética" do subliminal-Myers)" (op. cit.).

Os fatores químicos, endógenos ou exógenos, que diminuem a eficiência biológica dos neurônios corticais, libertam o subcórtex, e assim, induzem ao transe. Quem trabalha em serviços de pronto-socorro psiquiátrico conhece bem essa liberação provocada, por exemplo, pelos efeitos da ingestão alcoólica. Teoricamente pode dizer-se que a excitação de setores subcorticais produza efeito idêntico. Esse aspecto será estudado mais pormenorizadamente no próximo capítulo.

De uma maneira geral, o transe pode provocar alte-

rações de ordem motora, tais como paralisias funcionais, contraturas musculares, abalos musculares, contrações epileptiformes, catalepsia, estereotípias e flexibilidade cérica.

Entre as alterações das senso-percepções, destacam-se as alucinações, anestésias, analgesias, hiperestesias, parestesias etc. Maiorov cita um paciente para quem "o suave ruído do metrônomo parecia um disparo de arma de fogo".

Alterações da personalidade, tais como regressão da memória, regressão a níveis de comportamento menos maturo, criptomnésia, hipermnésia, amnésia lacunar etc. Surgimento de personalidades duplas, múltiplas ou mesmo surgimento de complexos ou arquétipos mais ou menos autônomos em relação ao eu, além, claro, de personalidades metanóicas ou espirituais.

Também ocorrem alterações das funções neurovegetativas, por ativação do simpático e do parassimpático, tais como somatizações, conversões, embora estas, por definição, ocorram na musculatura estriada e não lisa, alterações da pressão arterial, da frequência cardíaca, respiratória, alterações metabólicas, descontrole esfinteriano etc.

Entre os fatores que parecem induzir o transe, tem-se a diminuição dos estímulos exteroceptivos, tais como o silêncio, a meia-luz etc, com conseqüente rebaixamento do tônus cortical; também a prece à meia-voz atua como indutor da inibição do córtex cerebral (indução negativa de Pavlov, segundo Cerviño).

Finalmente a concentração com o conseqüente estreitamento do campo da consciência.

A inibição da atividade dos neurônios corticais também pode resultar de um déficit no funcionamento da

substância reticulada ascendente, responsável pelo mecanismo da vigília.

Segundo Chusid ("Neuroanatomia"), a porção central do tronco cerebral cefálico e áreas adjacentes, formadas pela formação reticular, subtálamo, hipotálamo e tálamo medial, é essencial para a iniciação e manutenção de um estado de vigília alerta.

O sistema reticular ativador pode ser considerado essencial para o despertar do sono, a vigília, o estado de alerta, a focalização da atenção, a associação perceptual e a introspecção dirigida. Os distúrbios de sua função podem estar associados com anestesia e estados comatosos.

É interessante frisar que, segundo o grande Yogue Yogananda, o bulbo raquidiano é considerado pelos orientais como sendo "The mouth of God", especialmente na altura do quarto ventrículo, e seria a principal porta de entrada da energia espiritual, essencial à manutenção da atividade orgânica, e denominada Prana. Qualquer lesão dessa região produz morte instantânea, segundo os neuropatologistas.

Esse sistema citado por Chusid pode ser estimulado globalmente pela estimulação de todos os sentidos periféricos. O grande psicólogo William James cita exemplos de transe onde ocorre o bloqueio de toda estimulação sensorial exterior. Os grandes yogues citam estados semelhantes, e, entre os grandes místicos espanhóis, Santa Tereza denomina esse estado como "oração de quietude".

A Psicofarmacologia tem demonstrado que as drogas neurolépticas, como a cloropromazina, a levomepromazina etc. bloqueiam seletivamente a transmissão dos impulsos aferentes ao sistema reticular ativador. Essa

ação é aproveitada pela farmacoterapia como indutora indireta do sono, mas o seu efeito mais importante é o anti-psicótico.

Essa ação dos neurolépticos bem que poderia explicar a ruptura das simbioses observadas nos casos obsessivos, de natureza mediúnica, impedindo que o espírito obsessor continue atuando, de modo deletério, sobre o sistema nervoso da vítima encarnada.

Não possui, o autor, dados experimentais comprobatórios dessa hipótese, mas, já pode colher observações de médiuns videntes de que tais substâncias, ao modificarem o tônus do SNC, impediriam a atuação das entidades obsessoras. Ademais, a própria Psiquiatria desconhece o modo intrínseco de atuação dessas drogas nas mentes de seus pacientes. A. Luiz ensina que os psicotrópicos possuem essa ação graças à ressonância magnética especial com a matéria do plano astral, como será visto mais adiante. Isso não implica a dedução de que todas as doenças mentais sejam de fundo espiritual, e também aqui a postura equilibrada de Aksakof é a mais prudente.

Segundo Volgyesi, o transe mediúnico implica um mecanismo de descerebração reversível, e o córtex frontal, sede das funções superiores, seria a primeira etapa desse processo.

A participação dos centros subcorticais, segundo Cervino, é evidenciada pelas alterações neurovegetativas, tais como congestão ou palidez facial, taquicardia, sudorese etc. Aqui o pólo subcortical do psiquismo ativaria os "psicorreceptores" (Cerviño, op. cit.) que ficariam aptos à detecção de influxos psicocinéticos, que de ordinário não lhes atingiriam o limiar. Através da percepção extra-sensorial entra a psique em relação com a realida-

de não-física, de onde lhes chegam estímulos evidentemente não-físicos (idem). Nessas zonas ocorre a transformação dos influxos psicocinéticos oriundos do plano espiritual em "processus" biológico. Como isso se dá? A resposta é dada por André Luiz.

Na obra "Mecanismos da Mediunidade" (FEB., 1959), esse autor espiritual discorre sobre o papel e a natureza do pensamento no reino do Espírito (Cap. I).

Por meio de um raciocínio analógico, citando a Teoria Eletromagnética de Maxwell, aportando na Teoria Quântica de Max Planck, esse autor traça a "analogia do que se passa no mundo íntimo das forças corpusculares que entretencem a matéria física e aquelas que estruturam a matéria mental" (formadora do Plano Espiritual). (Cap. II.)

Em seguida, cita a proposição de Einstein quando aboliu o conceito de "éter", substituindo-o pelo moderno conceito de campo. Já foi dito nos capítulos precedentes que a Física Moderna se estancou diante do abismo existente além das Teorias da Relatividade e Quântica. Esse abismo é justamente o conceito de campo, onde o "nada" ou o "vazio" é ao mesmo tempo "pleno", com um contínuo e infinito processo de destruição e criação das partículas subatômicas.

Convém repisar aqui as impressionantes descobertas da Física Nuclear que levaram os cientistas mais proeminentes a um estado extremo de perplexidade.

Descobriram, os físicos, que as partículas subatômicas apresentam uma seqüência de eventos, que Kenneth Ford adjetivou como sendo "horrenda" ("The World of Elementary Particles). Descobriram partículas desprovidas de massa, os gravitons, que, no entanto, são responsáveis pelas tremendas forças gravitacionais que dirigem

os movimentos dos gigantes do espaço cósmico. A Física ainda não observou o graviton, "embora não haja uma razão ponderável que nos leve a duvidar da sua existência" (Kapra). O mesmo pode ser dito em relação aos átomos mentais descritos por André Luiz.

O paradoxo atingiu o extremo com as descobertas da natureza do campo: "O campo existe sempre e por toda parte; jamais pode ser removido. É portador de todos os fenômenos materiais. É o 'vácuo' a partir do qual o próton cria os mésons pi. A existência e o desaparecimento das partículas são formas de movimento do campo" (W. Thirring).

Destarte, tornou-se evidente que as partículas virtuais podem passar a existir espontaneamente a partir do "vácuo" e a desaparecer novamente neste último (Kapra). Ora, esse aparecimento e desaparecimento de partículas de onde a Física constata não existir "nada" é um contra-senso, um completo absurdo, um verdadeiro "tour de force".

Aqui é que André Luiz desvenda o mistério e resolve o enigma, com a Posição Espírita (op. cit.) ao dizer que onde a Física encontra o vácuo estão os átomos mentais: "A proposição de Einstein, no entanto, não resolve o problema, porque a indagação quanto à MATÉRIA DE BASE para o campo continua desafiando o raciocínio, motivo pelo qual, escrevendo da esfera extrafísica, na tentativa de analisar, mais acuradamente, o fenômeno da transmissão mediúnica, definiremos o meio sutil em que o Universo se equilibra como sendo o Fluido Cósmico ou Hálito Divino, a força para nós inabordável que sustenta a Criação" ("Mecanismo da Mediunidade", págs. 40, 41).

A Física das partículas ainda não detectou esses re-

feridos átomos mentais, mas sua existência preenche o abismo em que se debruça a Física e soluciona os paradoxos "horrendos", para utilizar terminologia dos próprios físicos. Isso porque, segundo a Teoria Quântica dos campos, todas as interações se dão através da troca de partículas, e aqui está, provavelmente, a base dos processos mediúnicos, ou seja, a interação entre o mundo físico e o espiritual ou hiperfísico. Contudo, apesar do avanço proporcionado pela Posição Espírita, o próprio André Luiz declara essas bases por ora inabordáveis, como foi transcrito.

Assim, no fundo do abismo insondável da Física, a Doutrina Espírita situa a própria divindade. Talvez intuído o alcance de suas descobertas, Einstein declara de público acreditar na existência de Deus, que, para ele, é um Deus matemático. Aliás, Einstein relatou diversas experiências paranormais da mais profunda religiosidade, sem por isso deixar de ser o maior cientista moderno.

André Luiz interpreta o "Universo como um todo de forças dinâmicas, expressando o Pensamento do Criador. E superpondo-se-lhe à grandeza indevassável, encontraremos a matéria mental (...)" (pág. 43). Segundo ele, "o pensamento, ou fluxo energético de campo espiritual" se expressa "nos mais diversos tipos de onda, desde os raios super-ultra-curtos, em que se se exprimem as legiões angélicas (...) passando pelas oscilações curtas, médias e longas em que se exterioriza a mente humana, até as ondas fragmentárias dos animais..." (op. cit., pág. 44).

Para a Posição Espírita, entretanto, o pensamento "ainda é matéria — a matéria mental —, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido (...) considerando os

átomos, tanto no plano físico quanto no plano mental, como associações de cargas positivas e negativas": "núcleons, prótons, nêutrons, pósitrons, elétrons, ou fótons mentais" "em vista da ausência de terminologia analógica para estruturação mais segura de nossos apontamentos". As energias mentais obedecem a lei das "quanta de energia" e aos princípios da mecânica ondulatória (...)" (idem, pág. 45).

Quem não estiver familiarizado com as sutilezas e profundidades espíritas poderá estar considerando tudo isso mera fantasia. Contudo, já viu alguém um elétron? Ou um méson etc? Certamente que não. Mas ninguém duvida que a energia elétrica que impulsiona a indústria de São Paulo, por exemplo, provenha das imensas turbinas da hidrelétrica de Itaipu. Do mesmo modo, os fenômenos mediúnicos, para quem tenha olhos de ver e ouvidos de ouvir, aí estão a confirmar os postulados espíritas.

André Luiz ensina que uma "corrente de partículas mentais exterioriza-se de cada Espírito com qualidades de indução mental (...) e que (...) a corrente mental é susceptível de reproduzir as suas próprias particularidades em outra corrente mental que se lhe sintonize". Aqui está a base dos mecanismos do fluidismo de Mesmer.

Destarte, prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero etc. "não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de forças em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva" (idem).

Essa postulação espiritista explica muito bem o que B. Schneider denomina de identificação recíproca, na relação médico-paciente, que para ele seria a origem da fadiga médica (identificação com muitos pacientes, a frustração médica e as interações inconscientes). Aqui tam-

bém entra o misterioso fenômeno da transferência e da contratransferência. Aliás, Jung já dizia que os estados mentais são altamente contagiosos. Exemplificando, o pânico de uma multidão em um estádio de futebol, ocasionando trágicos acontecimentos. De acordo com a Posição Espírita, a sugestão longe está de esgotar esse intrigante fenômeno. A relação médico-paciente, se bem compreendida e manipulada, é em si mesma uma relação terapêutica (Schneider). Mesmo involuntariamente ocorrem aqui intensas trocas de correntes mentais, daí a importância fundamental do padrão de personalidade do terapeuta no processo de tratamento. Esse fenômeno explica também, em parte, o sucesso ou o fracasso de muitos procedimentos terapêuticos, que seguem um modelo básico tipo autoridade-confiança.

Segundo o autor acima citado, o processo terapêutico depende muito da auto-imagem do médico, bem como das fantasias do paciente em relação ao mesmo: é mago? santo? curas milagrosas? Os doentes sempre estão regredidos aos níveis mais primitivos e arcaicos de pensamento, diante do ignoto representado pela doença.

Os fenômenos descritos por Aksakof, como personismo, animismo e espiritismo, também possuem aqui os seus mecanismos de funcionamento.

Segundo André Luiz, existe no "cérebro um gerador auto-excitado, acrescido em sua contextura íntima de avançados implementos para a geração, excitação, transformação, indução, condução, exteriorização, captação, assimilação e desassimilação da energia mental" (op. cit).

Mas como se processa a interação mente-corpo? O autor espiritual André Luiz assevera que a mente controla o corpo, em que se exprime, administrando "as ocorrên-

cias do metabolismo (...) sobre os elementos albuminóides do citoplasma, em que as forças físicas e espirituais se jungem (...)" ("Evolução em dois Mundos", FEB, 1958, pág. 62), e "por intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos (...)" (idem, pág. 63). Aos que sorrirem diante dessa afirmação, convém lembrar que a Física já demonstrou que matéria e energia são dois aspectos de uma mesma grandeza, e que além dos aspectos líquido, sólido e gasoso, a matéria apresenta outras maneiras de ocorrência.

A Doutrina Espírita representa a mais avançada combinação entre ciência, religião e filosofia da história da Humanidade. Explica os fenômenos espirituais por meio de processos naturais, palpáveis, ao contrário das religiões tradicionais que, de um modo geral, recorrem ao dogma, aos milagres e aos mistérios da fé. Ela dispensa atitudes extremadas como a de Tertuliano que afirmava crer porque sabia que era impossível. Dispensa também raciocínios impossíveis de ser verificados como o Paralelismo de Geaulinex, estudado no primeiro capítulo. Através da prática mediúnica, oferece os instrumentos necessários à experimentação individual, mediante as potencialidades inerentes a cada um.

André Luiz explica que "a inteligência influencia o citoplasma, que é, no fundo, o elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas (...) e obriga as células ao trabalho automático". "O controle mental é quem dirige (inconscientemente) o ordenamento e as funções das células, dos tecidos, dos órgãos, via citoplasma" por meio de "ordens magnéticas de origem mental que saturam as células, provocando alterações bioquímicas específicas. Esse processo magnético também expli-

ca a exteriorização de fluidos de impulsão e explica os fenômenos de efeitos físicos" (op. cit.).

Dentro das células, os corpúsculos de concentração especial de natureza fluídico-magnética são os próprios cromossomos, considerados a matriz da vida. Esse mistério para os biólogos, a vida, tem suas bases estruturais nos cromossomos, "(...) estruturados em grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática, partilham do corpo físico (...) e do corpo espiritual (...)" (op. cit., pág. 50).

Continuando o seu resumo, André Luiz cita o centríolo como outro importante ponto de convergência das forças físicas e espirituais e que "sob as ordens dos automatismos da mente se processa o controle do metabolismo através os hormônios, para-hormônios, vitaminas, enzimas, co-enzimas, neurotransmissores etc, e o princípio inteligente haure elementos quimiotácticos electromagnéticos no laboratório das forças universais através da respiração" (idem). Aqui existe um importante ponto de convergência entre a Posição Espírita e a Yoga, que ensina a assimilação do prana também através da respiração.

Esse princípio é largamente utilizado pela Yoga, no Oriente, desde tempos imemoriais, que por meio de técnicas respiratórias especializadas induz ao transe, com o alcance de elevados estados de consciência, como o de Yogananda, descrito anteriormente. Entre essas técnicas, destaca-se a Krya Yoga, reintroduzida na Índia moderna pelo Mahavatar Babaji, e difundida no Ocidente por Paramahansa Yogananda. Tais técnicas podem ser solicitadas por carta à "Self Realization Fellowship", cujo endereço se encontra na obra autobiográfica de Yogananda, em português, já citada.

André Luiz cita também as mitocôndrias "como acu-

muladores de energia espiritual, em forma de grãos, assegurando a atividade celular". Cita ainda "um pigmento estreitamente relacionado com o corpo espiritual, de função muito importante na vida do pensamento, a espalhar-se no citoplasma e nos dendritos, que se expressa nos corpúsculos de Nissl e representa o elemento psíquico, haurido pelo corpo espiritual no laboratório da vida cósmica, através da respiração (...), essa substância é conhecida no Mundo Espiritual como fator de fixação, como que a encerrar a mente em si mesma" (idem, pág. 68).

Segundo De Robertis ("Biologia Celular"), a substância de Nissl encontra-se em quantidades consideráveis nas fibras nervosas, sendo composta por ribossomas e retículo endoplasmático. Está relacionada principalmente com as propriedades biossintéticas dos neurônios, células adaptadas à condução rápida de impulsos nervosos, sem perdas, através de largas distâncias.

Quando uma fibra nervosa se estimula, produz-se uma profunda mudança nas propriedades elétricas da membrana celular e no potencial de repouso. A resistência elétrica cai de 100 a 25 ohms por cm², o que indica um aumento da permeabilidade aos íons, e uma subsequente despolarização. Esses processos elétricos se dão por conta de trocas entre os íons de sódio e potássio. Ora, é fato elementar da Física que cargas elétricas geram cargas magnéticas. O inverso é verdadeiro e aí estaria outro canal de atuação dos fenômenos mediúnicos. Contudo, Bois Reymond descobriu que a transmissão também pode ser de natureza química, por meio das catecolaminas, mas uma descrição minuciosa da extensa atividade bioelétrica do sistema nervoso foge às finalidades do presente trabalho.

Entretanto, com a finalidade de demonstrar a impor-

tância dos aspectos magnéticos nas funções instrumentais da vida de relação, será citado um uso prático moderno: trata-se do método de diagnóstico por Ressonância Magnética, muito mais preciso que a Tomografia Computadorizada, já descrito anteriormente (Secaf).

Para a Posição Espírita, segundo André Luiz, os Neurônios "são vias eletromagnéticas de comunicação entre o governo espiritual e as províncias orgânicas (...) No diencéfalo, o centro coronário, por fulcro luminoso, entrosa-se com o centro cerebral, a exprimir-se no córtex e em todos os mecanismos do mundo cerebral, e, dessa junção de forças, o Espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem como aparelho de expressão" (op. cit.).

A mente se relaciona com outras estruturas além do encéfalo, como ensina André Luiz: "Desde o grupo tectobulbar das fibras pré-ganglionares, saindo com os pares cranianos, tecidas com neurônios do mesencéfalo, protuberância, bulbo e incluindo os núcleos supra-ópticos, paraventriculares e a parede anterior do infundíbulo, até o grupo sacro, com neurônios localizados na medula sacra, nervos especiais funcionam como estações emissoras e receptoras, manipulando a energia mental, projetada ou colhida pela mente (...)" ("Evolução em dois Mundos", pág. 71).

É interessante anotar aqui o fato de que os Yogues hindus chegaram a conclusões bastantes semelhantes, tendo Yogananda denominado o bulbo raquidiano ou medula oblongata como sendo "Ihe mouth of God", como foi dito e localiza nessa estrutura anatômica a principal via de entrada das energias espirituais, necessárias à manutenção da vida nas células materiais, bem como à indu-

ção de estados diferenciados de consciência, tais como os descritos por William James (op. cit.).

Os iniciados em Krya Yoga, ou Kundalini Yoga, utilizam-se de uma técnica psicofisiológica que consiste em ativar o fluxo da energia mental desde o cóccix até o córtex frontal, onde estaria localizado o centro frontal correspondente ao corpo espiritual. É deveras surpreendente o grau de concordância entre os modernos avanços da Física, da Neuroanatomia, da Neurofisiologia, da Yoga, da Psicologia e do Espiritismo. André Luiz afirma que a Fisiologia e a Psicologia são indissociáveis (op. cit.). Essa indissociabilidade pode ser parcialmente superada, segundo esse autor, durante o mecanismo de alguns tipos de sono, quando a alma consegue "desprender-se do corpo denso de carne, desligando as células do seu corpo espiritual das células comuns" (op. cit.).

As qualidades heurísticas da Doutrina Espírita são inesgotáveis e não contradizem os modernos avanços das Teorias Psicanalíticas ou dos estudos psicofisiológicos do sono, com as Fases I, II, III, Paradoxal ou REM etc.

Sonhos simples, restos diurnos, sonhos alegóricos, simbólicos, premonitórios, revelações de cunho filosófico, científico, artístico etc, comunicações telepáticas entre vivos, eventos mediúnicos, sincronísticos ou paranormais são plenamente explicados pela Teoria Espírita. Exemplificando, sonhos notáveis como o de Kekulé, ao descobrir a fórmula do núcleo de benzeno, são prova da existência de atividade intuitiva e lógica durante o sono.

Essas complexas modalidades de interação mente-corpo não devem causar incredulidade, uma vez que o plano espiritual é também natural, não tendo nada de sobrenatural, mítico, mágico, imaterial, fantástico etc: "na esfera

nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte, encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética" (A. Luiz, op. cit., pág. 96).

Aliás, o próprio Codificador admitiu a indissociabilidade entre a Ciência e o Espiritismo: "O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação" (Allan Kardec, "A Gênese", FEB, pág. 21).

O pensamento possui "massa e trajeto, impacto e estrutura" (A. Luiz, op. cit.). As conseqüências, tanto teóricas quanto práticas dessa afirmação, para a Psicologia, a Psicoterapia e a Psicopatologia são imensuráveis, no estágio atual do conhecimento da mente humana.

Em sua obra "Mecanismo da Mediunidade", A. Luiz compara o intercâmbio mediúnico a uma corrente elétrica, com um pólo positivo, o Espírito comunicante, e um pólo negativo, a mente do médium, gerando entre os dois uma "diferença de potencial", no caso, de natureza "mento-eletromagnética": "Estabelecendo um fio condutor de um para o outro, que (...) representa o pensamento de aceitação ou adesão do médium, a corrente mental desse ou daquele teor se improvisa (...)." O pensamento de "aceitação ou adesão da personalidade mediúnica" atua como um gerador de força.

De acordo com o exposto acima, os aspectos conscientes são fundamentais para o intercâmbio mediúnico. Como se explicam, entretanto, os fenômenos de domina-

ção da mente do médium por personalidades espirituais ditas obsessoras?

A Psicologia profunda explica. Segundo Jung, a parte consciente da personalidade está para a parte inconsciente como uma pequena ilha está para o vasto oceano. Podem ocorrer idéias, anseios, impulsos, motivações, pulsões, desejos e valores inconscientes completamente em desacordo com os padrões da parte consciente da personalidade. Podem ocorrer ambivalências as mais variadas, no pensar, no sentir e no agir. Assim, mesmo que o ego rejeite certas influências, podem existir afinidades no dinamismo inconsciente muitíssimo mais poderosas, e é elementar que, entre forças opostas, sempre uma sai vitoriosa, resultando, no caso, a saúde ou a doença de fundo espiritual.

Esse fator explica os fracassos tanto das terapias de ordem psicológica ou psiquiátrica, que não levam em consideração a dinâmica do inconsciente, como também o fracasso das terapias alternativas de feição espiritual puramente "desobsessivas". Aqui, as raízes dos problemas jazem nas profundezas da alma, e somente aí podem ser encontradas as possíveis soluções para os mesmos. O bom senso indica que são fundamentais o tempo, a esperança, o esforço pessoal e o trabalho tanto interno quanto externo. É interessante notar que no Evangelho, o Cristo, quando fazia curas, não dizia que ele havia curado os doentes, tal como no exemplo de Mateus (Cap. 9:20 a 22): "E eis que uma mulher que havia já doze anos padecia de um fluxo de sangue, chegando por detrás dele, tocou a orla do seu vestido; porque dizia consigo: se eu tão-somente tocar o seu vestido, ficarei sã. E Jesus, voltando-se, e vendo-a, disse: Tem ânimo, filha, a tua fé te salvou. E imediatamente a mulher ficou sã."

Essas citações costumam causar hilaridade nos meios acadêmicos. Contudo, à luz do Princípio da Indeterminação de Heisenberg, essa atitude cética não é de modo algum científica.

Segundo André Luiz, a prática do mediunismo implica sérios riscos, quando feita de maneira intempestiva, podendo ocorrer a "formação de extracorrentes magnéticas, capazes de operar desajustes e perturbações físicas, perispiríticas e emocionais, de resultados imprevisíveis para o médium, quanta para a entidade em processo de comunicação (op. cit., pág. 58).

Esse mesmo autor considera a mediunidade como sendo uma anomalia do campo magnético do médium, sempre mais "pronunciada naquelas criaturas que estejam temporariamente em regime de 'descompensação vibratória', seja de teor purgativo ou de elevada situação (...)" (pág. 72). Esse autor, contudo, desconhece a origem da corrente mental: "Nasce das profundezas da mente, em circunstâncias por agora inacessíveis ao nosso conhecimento, porque, em verdade, a criatura, pensando, cria, sobre a Criação ou Pensamento Concreto do Criador" (op. cit., pág. 82). Os orientais denominam esse Pensamento Concreto de Deus como sendo "OM", ou o Poder Vibratório Cósmico, que, segundo eles, pode ser percebido em estados extáticos denominados Samadi.

Para as filosofias orientais, tais como o Taoísmo, o Budismo e o Hinduísmo, a realidade intrínseca da alma é incognoscível, isto é, não pode ser apreendida pelo pensamento lógico formal. Essa noção de incognoscibilidade é expressa no Zen por meio de afirmações completamente absurdas, denominadas Koans, sobre as quais os discípulos são induzidos a meditar. Também já foi dito que o pensamento lógico formal e matemático não pode pene-

trar na estrutura última da matéria, em níveis subatômicos, onde conceitos de tempo, espaço, causalidade, contradição etc. deixam de existir, de acordo com os grandes físicos modernos, já citados.

Convém lembrar que, do ponto de vista da Psicopatologia, é fundamental o diagnóstico diferencial entre os diversos tipos de transe. É claro que, para a corrente materialista, esse problema deixa de existir, uma vez que ela não admite a existência do transe de natureza parapsicológica nem do mediúnico. Mas, para os que admitem a hipótese da sobrevivência da alma e da mediunidade, permanece pertinente a advertência de Allan Kardec: (...) "Se assim é dir-se-á, nada prova que seja de preferência o Espírito estranho que escreve ao invés do Espírito do médium. A distinção, com efeito, algumas vezes, é bastante difícil de se fazer" (...) ("O Livro dos Médiuns", Item 186).

Segundo Cerviño, o contato imaginário com mundos invisíveis tem sido, para muitos, a compensação de uma vida íntima cinzenta, desprovida de brilho e de afetos. O transe,, como o sonho, é também a estrada real da satisfação de desejos, ou a válvula de escape de personalidades secundárias, que podem emergir, quando se apagam as luzes do córtex cerebral (op. cit). Aqui, sem dúvida, se adentra o campo doloroso da Psicopatologia.

A esse respeito, o psiquiatra Henrique Roxo salienta que os histéricos, os débeis mentais, os psicopatas, em geral, devem ser afastados das práticas mediúnicas, pois a freqüência às sessões mediúnicas pode desencadear o que ele denominou "Delírio Espírita Episódico", caracterizado principalmente pela ocorrência de alucinações auditivas e cenestésicas, medo e excitação psicomotora. O paciente ouve vozes de pessoas falecidas, julga-se atua-

do por Espíritos, permanece insone, em estado de pânico.

Segundo esse autor, essa síndrome ocorre nas pessoas predispostas à atividade delirante, cujos sintomas poderiam ser eliciados por outros fatores desencadeantes ou eventos estressantes. Outros psiquiatras também recomendam o afastamento de pessoas "borderline" das práticas mediúnicas. ("Manual de Psiquiatria", Henrique Roxo.)

Contudo, é de suma importância frisar que prática mediúnica não é sinônimo de prática religiosa, que tem efeito salutar para aqueles que têm o dom da fé, coadjuvada pela praxiterapia, ludoterapia e terapia ocupacional, entre outras.

Jayme Cerviño descreve uma forma de mediunopatia, uma forma mórbida de mediunismo, geralmente incipiente, que tende a normalizar-se pelo exercício ponderado e autocontrolado da própria faculdade. Esse autor propõe, para o diagnóstico diferencial, além da verificação do possível conteúdo parapsíquico das alucinações, a prova terapêutica: a mediunidade normal, se é que se pode usar aqui esse conceito estatístico, que não implica patologia, bem como a mediunidade patológica não se dissipam com as terapias físicas ou farmacológicas (op. cit., pág. 110). Entretanto, a prática do autor tem indicado que os neurolépticos suprimem, pelo menos temporariamente, tanto os sintomas delirante-alucinatórios dos pacientes psicóticos quanto aqueles parapsicológicos ou mediúnicos, independentemente de possuírem patoplastia espírita ou não.

Em "O Livro dos Médiuns", Allan Kardec adverte: "há pessoas relativamente às quais se devem evitar as causas de sobreexcitação e o exercício da mediunidade

é uma delas", e que "o bom-senso está a dizer que se deve usar de cautela", ou ainda "do seu exercício cumpre afastar, por todos os meios possíveis, as pessoas que apresentam sintomas ainda que mínimos de excentricidade nas idéias ou de enfraquecimento nas faculdades mentais" etc. Na "Revue Spirite" de dezembro do 1858, Allan Kardec usou o termo "monomanía espírita". Naquela época, a Psiquiatria francesa usava o termo monomanía, atualmente em desuso, como indicativo de psicose. Sob a denominação de monomanía, o grande alienista Esquirol agrupava as neuroses obsessivas, a paranóia etc.

Com muita argúcia, Cervino assevera que "à medida que diminui a incidência de 'demonopatas', aumenta necessariamente o número de 'espírito-maníacos'".

O papel desempenhado pelo Espiritismo tem sido o inverso daquele assumido pela Igreja Católica, durante a Idade Média, com os exageros da possessão demoníaca. A atitude inquisitorial de alguns membros da Igreja, certamente verdadeiros psicopatas, chegou ao extremo de editar o terrível "Malleus Malleficarum", um "vade-mécum" de tortura e execução de doentes mentais supostamente "demonopatas". Apesar desses pecados, coube à Igreja a edificação dos primeiros monastérios-hospitais, precursores dos hoje tão criticados quanto combatidos hospitais psiquiátricos.

O Espiritismo, bem dosado e com aplicação judiciosa e equilibrada, é poderosa forma de psicoterapia holística, possuindo valiosos recursos nos tratamentos por meio dos passes mento-magnéticos, da prece, da leitura edificante e da ressocialização, praticada em milhares de Centros Espíritas ou em Clínicas Psiquiátricas de natureza espírita, já enumeradas e comentadas. Seus benefí-

cios são imensuráveis e merecem todo o apoio da Ciência Médica oficial, uma vez que cresce, a cada dia, o número de facultativos espíritas. Claro que os contra-sensos devem ser combatidos pelos riscos que oferecem à população em geral.

Como se vê, o mediunismo é um tema vasto, profundo e quase inesgotável. Muito provavelmente a maior autoridade mundial psiquiátrica sobre o mesmo tenha sido Carl Jung, mas esse autor não só não conseguiu introduzir o tema na comunidade acadêmica como foi obrigado a escamotear suas idéias por meio de alguns verdadeiros logogrifos. Sua autobiografia "Memórias, Sonhos e Reflexões" prova que Jung era, ele mesmo, um poderoso médium, mas somente permitiu a sua publicação após sua morte ocorrida em 1961. Paradoxalmente o seu prestígio científico não cessa de aumentar, ao longo dos anos.

Em "As Variedades da Experiência Religiosa", o notável psicólogo William James fez talvez a mais profunda análise da fenomenologia mediúnica, embora não tenha vinculado essas descrições ao Espiritismo. É uma obra imprescindível a quem queira se aprofundar sobre o tema. Quanto à literatura espírita, é vastíssima e facilmente acessível.

VI

MEDIUNISMO E PSICOPATOLOGIA

No capítulo precedente já foi dito alguma coisa sobre os percalços da mediunidade. No presente capítulo será realizado um ensaio a respeito do mediunismo, agora do ponto de vista e da perspectiva da Psicologia e da Psicopatologia.

A prudência recomenda balizar as idéias aqui expostas no pensamento daquele que é considerado o maior psiquiatra de todos os tempos, e ele próprio um poderoso médium, Carl Gustav Jung.

Quando ainda jovem médico militante no Burgholzy, o famoso hospital psiquiátrico de Zurique, Jung chegou a descobertas semelhantes às de seu colega vienense Sigmund Freud, a respeito das instâncias inconscientes da personalidade humana. Devido ao seu poderoso intelecto, Jung se tornou o principal discípulo de Freud, chegando a provocar crises de ciúmes entre aqueles do círculo íntimo de Viena (Ernst Jones). Contudo, com o avanço de seus estudos e experiência clínica, Jung pôde constatar que a vida psíquica individual não esgota a magnitude do próprio ser psíquico. Isto quer dizer que o

indivíduo representa muito mais do que o somatório de suas vivências pretéritas, colhidas através da anamnese.

Jung descartou então a hipótese empirista-sensualista, segundo a qual nada existe na mente do indivíduo que não tenha antes passado pelo crivo da percepção sensorial. Descobriu que a hipótese de que a mente do recém-nato é uma tábula rasa é uma falácia. Esses avanços possuem um incalculável poder heurístico e, embora Jung não tenha admitido abertamente a hipótese da reencarnação, suas descobertas fundamentais apontam nesse sentido. Jung verificou que existe na mente uma instância inconsciente que 'teria vivido incontáveis vezes a existência do indivíduo, da família, das tribos e dos povos, e seria dono do ritmo do porvir' ("Realidade da Alma"). Esse oceano psíquico foi denominado por ele Inconsciente Coletivo, e o seu conteúdo, os Arquétipos. Convém enfatizar que essa hipótese não é excludente com a hipótese da reencarnação espírita, mas são plenamente complementares entre si.

Contudo, Jung, num gesto de audácia, foi além e admitiu a existência das funções Psi, ou parapsicológicas, e afirmou que os fenômenos Psi escapam à lei da causalidade, pois, segundo ele, não se poderia conceber o determinismo fora da continuidade espaço-tempo. Baseado nessa suposição criou o confuso conceito de Sincronicidade, cujo desenvolvimento é uma progressão de avanços e recuos. Essa tática de escotomizar e de prestigiar salvou seus escritos de terem o mesmo destino da Metapsíquica e do próprio Espiritismo nos meios acadêmicos eivados de preconceitos materialistas. Existem psicoterapeutas junguianos materialistas e espiritualistas na dependência da interpretação individual dos conceitos junguianos, baseada nas próprias vivências pessoais.

Em que pese à genialidade desse grandioso médico, a sua inigualável capacidade de penetração empática da alma de seus pacientes, os seus escritos são criticados por excesso de obscurantismo. Jung, contudo, se defende dizendo que a ambigüidade de seus conceitos é fruto da própria ambigüidade da psique, que, segundo ele, não possui uma única grandeza unívoca, e que seus padrões fogem aos sistemas lógicos formais, tais como a natureza das partículas subatômicas. Jung chegou a publicar um importante artigo em parceria com o gigante da Física Nuclear, W. Pauli, a respeito do impressionante paralelismo entre os fenômenos psíquicos e o comportamento das partículas subatômicas.

Voltando à mediunidade, Cerviño ensina que, a partir dos psicorreceptores subcorticais ("Além do Inconsciente", FEB 1968), originam-se influxos nervosos que atingem o córtex e seguem a via motora, produzindo automatismos vários: psicofonia, psicografia etc; ou a via sensorial, produzindo automatismos sensoriais: visões, vozes etc; ou imagens na consciência sob a forma de intuições.

Freqüentemente essas percepções extra-sensoriais possuem um caráter, além de alucinatório, simbólico, tal como ocorre nas ideações delirante-alucinatórias dos doentes mentais, nos sonhos das pessoas normais etc. Exemplificando, com Cerviño, o médium vê um féretro ou uma coroa de flores: é a imagem alucinatória que o centro cortical da visão projeta para o exterior, excitado pela premonição da morte próxima. André Luiz confirma essa feição simbólica da mediunidade. O autor observou um caso em que o médium teve diversas visões similares, de caixões do próprio vidente, um Espírito apontando-lhe uma arma de fogo, que precederam um processo de per-

seguição de origem política, que culminou com o fim de uma brilhante carreira profissional. O mesmo indivíduo apresentou uma série de sonhos com queda de avião. Jung cita o caso de um professor universitário que teve sua carreira interrompida, por motivo de doença mental, precedida de sonhos de desastres de trem. Segundo esse autor, o trem descarrilhando-se simbolizava o processo de desagregação do ego do sonhante.

Essa hipótese da percepção mediúnica como sendo fruto de uma projeção alucinatória, simbólica e a partir de uma percepção extra-sensorial, via inconsciente, parece ser aceita pela Posição Espírita, uma vez que a obra citada de Cerviño foi editada pela própria FEB. É possível que existam outros mecanismos, mas essa hipótese se encaixa perfeitamente bem ao quadro de conhecimentos psicofisiológicos da Psicologia e Neurofisiologia, de um lado, e aos ensinamentos de André Luiz, de outro, como foi visto no capítulo precedente. Além do mais, é uma hipótese de enorme potencial heurístico.

É fato comprovado que ninguém vê, ouve, percebe odores etc, com o córtex cerebral. O que ocorre no córtex é a elaboração superior dos impulsos nervosos aferentes, oriundos das células dos órgãos dos sentidos. Ora, esses impulsos nervosos passam preliminarmente pelos centros subcorticais, onde são codificados. Ao atingir o córtex são transformados, inicialmente, em sensações simples que são, em seguida, submetidas aos complexos mecanismos de formação das percepções. Aí entram em ação a memória, os afetos, os juízos, as representações etc. num processo inteiramente automático. Assim, a percepção mediúnica seguiria basicamente o mesmo padrão, com a diferença de que os estímulos seriam de natureza extrafísica e incidiriam diretamente nas estruturas

subcorticais, dispensando os órgãos dos sentidos, sendo por esse motivo também chamada de percepção extra-sensorial.

Ora, se as percepções extra-sensoriais e mediúnicas se processam pelas vias do inconsciente, é perfeitamente natural o seu caráter simbólico ou mesmo metafórico. Podem ocorrer também verdadeiras dramatizações, no sentido descrito por Freud ao analisar determinados sonhos. Assim, existe um estreito parentesco entre o mediunismo, os sonhos, as alucinações patológicas, bem como com todo o material mitológico, objeto de estudo da Antropologia Cultural. Isso explicaria o fato de médiuns diversos observarem quadros diversos numa mesma sessão mediúnica, sem se esquecer, é claro, dos fenômenos puramente imaginativos, ou eidéticos, também denominados de personismo por Alexandre Aksakof.

Cerviño observa que, durante a comunicação mediúnica, a qualquer momento uma emoção reprimida ou um impulso instintivo, oriundos das profundezas do sub-córtex, podem desinibir uma área cortical, imiscuir-se num lídimo fenômeno de percepção extra-sensorial, dramatizá-lo, modificar-lhe a forma e/ou o conteúdo.

Segundo Osty, dois fatores identificam a vera mediunidade: a dissociação funcional da atividade mental e o sentido paranormal. Descartando a paranormalidade, a Psicologia tende a estudar somente os efeitos dissociativos.

Psicologicamente falando, as reações dissociativas são fruto de um mecanismo psicodinâmico, descoberto por Freud, denominado repressão. A repressão pode ser normal ou patológica. As formas patológicas de repressão se caracterizam pela grande extensão do material reprimido, geralmente se manifestando sob três formas clí-

nicas: Amnésia, Personalidade dupla ou múltipla e o Sonambulismo (caminhar dormindo, soníloquos etc).

Segundo Freud, a repressão é o mecanismo psicodinâmico de defesa do ego mais importante, e destina-se a distorcer a realidade para a manutenção da auto-imagem. É um processo inconsciente e automático. Se o indivíduo evita deliberadamente a lembrança de vivências, o que ocorre é a supressão, que é deliberada e consciente. De um modo geral, a supressão é normal e é utilizada nas técnicas de meditação que se utilizam da abstração, sem a qual o transe é quase impossível.

Segundo Malpass, os mecanismos de defesa ocorrem quando o eu sente uma ameaça em negar ou falsear a realidade devido a ameaças do mundo exterior, pressões internas do id, autocondenações do superego etc. Em sua obra "Psicopatologia da Vida Quotidiana", Freud oferece uma profusão de casos ilustrativos.

O conhecimento desses mecanismos de defesa do eu é imprescindível ao estudo do mediunismo, uma vez que os impulsos, as idéias, as emoções e os desejos ou motivações inconscientes podem interferir no processo de comunicação, produzindo os fenômenos denominados de personismo por Aksakof. Além da repressão, podem interferir a racionalização, a projeção, a identificação, o deslocamento, a generalização, a formação reativa, a intelectualização, a regressão, a fuga da realidade etc.

O comportamento defensivo tem suas raízes nos sentimentos de inadequação. Sempre que uma pessoa se sente inadequada, torna-se ansiosa, supersensível a críticas, com tendência ao retraimento, muito sensível ao elogio e com tendência para depreciar os outros (Malpass).

Se uma pessoa imatura e emocionalmente instável

tenta obter uma comunicação mediúnica, concentra-se nesse objetivo. Se a comunicação não vem, a imaginação dessa privação tende a aumentar a ansiedade até um nível insuportável pelo ego imaturo e narcisista, atingindo então níveis de frustração dolorosos. Aí entram em ação os mecanismos de defesa, orientados para o alívio da tensão, de modo inconsciente: a pessoa perde momentaneamente os limites da realidade e passa a alucinar ou até mesmo a delirar, tomando a fantasia pela realidade "transcendental", na qual suas demandas são satisfeitas (modificado de McClelland). Esse é um dos possíveis mecanismos de produção do personismo de Aksakof. O mecanismo neurofisiológico proposto por Cervino já foi citado logo acima.

Um estudo aprofundado do mediunismo seria mutilado se se deixasse de lado o enfoque das ciências sociais como a Sociologia e a Antropologia Cultural. Aliás, o Espiritismo anglo-saxônico difere do latino em alguns pontos, tal como, por exemplo, a reencarnação, segundo Connan Doyle. Essa faceta será analisada mais adiante.

O comportamento interno ou velado, parente próximo do mediunismo, como foi dito, tanto inconsciente como consciente, é determinado pelas crenças, escala de valores, expectativa e aspirações. Embora não se possa medir esse comportamento diretamente, ele pode ser inferido pelas reações exteriores, do mesmo modo que o físico nuclear observa os efeitos de um elétron sem jamais tê-lo visto. Assim não é difícil obter uma impressão diagnóstica tanto da personalidade do médium em transe como da possível entidade comunicante. De acordo com o Espiritismo, a natureza corpórea dos Espíritos depende de duas variáveis psicológicas: o temperamento e o caráter. Os aspectos morais da personalidade,

o padrão intelectual, sua escala de valores, seus afetos predominantes e a conduta são aspectos capitais, não só para o Espiritismo mas também para todas as religiões.

Maior desenvolvimento e amadurecimento da personalidade implica, no plano psicológico, maior clareza da consciência e, no plano espiritual, maior iluminação da alma. Daí a expressão espírito de luz, em oposição a espírito das trevas.

Como foi salientado, desde os primórdios do Espiritismo, o íntimo parentesco entre a percepção mediúnicamente e as alucinações, é de interesse a apresentação de um resumo esquemático dos tipos de imagens mentais que se podem apresentar à mente do médium, durante o transe. Aliás, Cerviño ressaltou o caráter alucinatório das percepções mediúnicas (op. cit.).

Quando ocorre um ato perceptivo normal, a imagem do objeto se impõe por sua presença e pelo seu caráter de objetividade. Nas imagens representativas, em geral, o objeto não se acha presente, sendo a imagem projetada no espaço subjetivo do indivíduo.

De acordo com Caio Prado Jr., as imagens representativas "não constituem reproduções rigorosas, e são mesmo, em regra, bastante afastadas do modelo sensível que as produziu. Todavia, elas possuem certa independência dos elementos sensoriais, conservando os elementos mais importantes, do ponto de vista das necessidades afetivas do indivíduo, abandonando as características secundárias".

Para Pavlov, as sensações, as percepções e as representações constituem o primeiro sistema de sinalização da realidade objetiva. As representações, porém, se formam em nível mais elevado da atividade nervosa superior. Toda imagem perceptiva é basicamente uma

gnosia, embora existam dados individuais que implicam a modificação dessas gnosias. Assim, a atitude perceptiva (vigília, orientação, atenção, afetividade etc), os esquemas perceptivos de referência, as motivações (conscientes ou não), os hábitos perceptivos (fatores sociais, culturais etc), a significação do objeto para o indivíduo (cognitivo, afetivo, simbólico etc), as possíveis defesas perceptivas (supressão, escotomização etc.) e finalmente uma possível rigidez perceptual (atitudes convencionais, preconceitos etc.) interferem no processo perceptivo.

A Psicologia da Forma, ou Gestalt, ensina que existe um isomorfismo entre os processos nervosos e os fatos percebidos. Já para a Psicanálise, existe sempre, no ato perceptivo, um investimento libidinal, mais ou menos inconsciente. Problemas de personalidade conduzem a deformações na elaboração sensorial, intelectual, imaginativa ou afetiva dos dados. Essas distorções podem ser diagnosticadas pelos testes projetivos, entre os quais se destaca o "Teste de Rorschach", do qual Jung foi precursor.

A Psicopatologia se interessa particularmente pelos seguintes tipos de imagem:

Imagem perceptiva, que é o resultado mental da estimulação de um órgão sensorial pela presença de seu excitante específico, passando os impulsos nervosos pelas fibras aferentes e centros corticais correspondentes (Mira Y Lopes). Tem as seguintes características: nitidez sensorial, corporeidade, estabilidade, projeção para o exterior, ininfluenciabilidade pela vontade; possui uma irresistível força de convicção de realidade objetiva (idem).

Imagem representativa, evocada a partir dos engramas mnêmicos arquivados no cérebro. É imprecisa, incorpórea, instável, projetada no espaço subjetivo e habi-

tualmente sofre influência da vontade. Pode ser do tipo visual, auditivo, gustativo, olfativo, tátil, cinético e cenes-tésico.

Imagem fantástica ou fantasia, resulta da atividade imaginativa, representando algo novo, não correspondendo à experiência sensorial concreta. Esse tipo é parente próximo das imagens mediúnicas e pode ser utilizado terapêuticamente pelas escolas junguiana (Técnica da Imagem Ativa) e R. Desoile (Sonho acordado), entre outras. A escola junguiana faz descrições tão impressionantes dessas imagens, as quais conseguem autonomia em relação ao eu do indivíduo, que é bastante provável que algumas delas sejam fruto de percepções mediúnicas das realidades do mundo espiritual, embora Jung tenha utilizado termos como inconsciente coletivo, arquétipos etc. para justificá-las. Jung conversava com uma imagem dessas a que denominou Filemon. Sócrates também dialogava com o seu Daimon particular.

Imagem onírica, própria do sono, constituiu-se à base de representações e imagens fantásticas. Dotadas de grande plasticidade, instabilidade e projeção no espaço subjetivo, geralmente ilógicas e sem relação temporal e espacial. Segundo Freud são submetidas a mecanismos destinados a camuflar seu real significado, tais como condensação, deslocamento, dramatização e simbolização. Jung discorda dessa interpretação "pejorativa" de Freud. A Teoria Espírita ensina que existem alguns sonhos que são frutos da atividade da alma, semiliberta da matéria, no plano espiritual. Tais sonhos em geral são plenos de conhecimento e, às vezes, premonitórios, ou clarividentes.

Pareidolias são imagens tomadas de empréstimo da realidade objetiva, mas com uma atribuição imaginativa

adicional, sem implicar alteração do juízo crítico da realidade. São comuns nos delírios febris, sendo aqui, consideradas patológicas.

Imagens eidéticas, ou intuitivas, também são, tais como a imaginação, parentes bastante próximas da percepção mediúnica, podendo confundir-se. O eidetismo é bastante comum na primeira infância, quando a criança possui amiguinhos ou brinquedos imaginários que, para elas, são reais. Geralmente desaparecem com a idade, mas por motivos os mais diversos, até mesmo hereditários, podem permanecer ativas nas personalidades adultas, mais sensíveis, com dotes artísticos ou mediúnicos. Um exemplo notável é o de Jung. Entre os artistas, Beethoven, Schumann, Rembrandt, entre outros, possuíam faculdade eidética plenamente desenvolvida.

Ilusão é uma percepção deformada de um objeto real e presente. Em determinadas situações, como nos estados emocionais intensos, na desatenção etc., é comum a ocorrência de ilusões sensoriais. Diz o ditado popular que não há lobos pequenos, pois o medo intervém na apreciação das dimensões do animal perigoso. Alguns doentes mentais vêem nas lâmpadas do teto olhos ou aparelhos que emitem raios elétricos etc. (Paim). Outro paciente, ouve, nos ruídos dos vizinhos, injúrias e ameaças dirigidas à sua pessoa. Deve-se fazer o diagnóstico diferencial com as percepções delirantes de alguns esquizofrênicos paranóides.

Alucinações são distúrbios senso-perceptivos quase sempre de natureza patológica, com raras exceções, tais como as alucinações hipnagógicas e hipnopômicas, relacionadas ao adormecimento e ao acordar. Se os fenômenos mediúnicos fossem considerados de natureza patológica, o número de doentes mentais seria incrementa-

do em progressão geométrica. Daí a importância do bom senso na delimitação entre o normal e o patológico.

As alucinações já eram conhecidas desde a Antiguidade, e Asclepiades afirmava que elas eram reais para os pacientes. O termo provém do latim "aluo" que significa ter o espírito extraviado. Entre os povos primitivos, dizer que se perdeu a alma é sinônimo de doença mental. Esquirol definiu, erradamente, as alucinações como sendo uma "percepção sem objeto". Os fenômenos alucinatórios não são fruto de percepções e, para os pacientes, representam um objeto real. A Posição Espírita acrescenta aqui a hipótese das percepções extra-sensoriais, como já foi dito, para explicar uma minoria de casos.

Baillarger definiu as alucinações como sendo fruto de uma estimulação interna, de mecanismo cerebral, e não periférico, produzidas de dentro para fora. Secundariamente são projetadas no mundo objetivo e adquirem critérios de sensorialidade suficientes para serem aceitas pelo juízo da realidade como provenientes de um objeto real. Quando fruto de desordens mentais, são em geral sinais sugestivos de quadros de natureza psicótica.

Segundo Cerviño (op. cit.) e André Luiz (idem), a percepção mediúnica é também de natureza intracerebral, mais especificamente subcortical, onde existiriam os denominados "psicorreceptores", que captariam os estímulos de natureza extrafísica e, posteriormente, transmitidos ao córtex cerebral, onde seriam percebidos de uma forma alucinatória. André Luiz ensina que, para que se processe o mecanismo mediúnico, é necessária uma certa dissociação entre o corpo físico e o psicossoma ou perispírito, ou corpo espiritual. A Psiquiatria mecanicista tende a classificar toda percepção extra-sensorial como sendo patológica. Contudo, somente uma avaliação gio-

bal das condições psíquicas da personalidade individual poderá confirmar, ou infirmar, a suposição de patologia de qualquer espécie, subjacente a essa classe de fenômenos. Mais adiante será visto que o critério de patologia mental está longe de ser consistente e que existem divergências fundamentais entre as diferentes correntes, mesmo dentro da ciência oficial. Devem ser levados em consideração critérios biológicos, psicológicos, antropológicos, sociológicos, culturais e até mesmo políticos. Existem países em que dissidência política é considerada sintoma de patologia mental. Esses critérios variam no tempo e no espaço, sendo, em geral, pouco objetivos.

Cerviño pergunta: "— Até que ponto as alucinações dos santos, profetas ou médiuns coincidem com uma realidade extra-sensível?" "Que crédito podemos dar à interpretação figurativa que os visionários de todos os tempos nos dão de um mundo que escapa das limitações sensoriais?" "Até onde a percepção da realidade física tem um caráter alucinatório?" (op. cit.). Já se comprovou que, se a organização do sistema nervoso fosse outra, outro seria o aspecto do universo percebido.

Segundo Pavlov, os cães vêem o mundo em nuances de preto e branco. Em relação a eles, somos todos alucinados, vivendo num estranho sonho colorido. Cerviño afirma que o mecanismo da projeção, que intervém igualmente nas alucinações patológicas e nas imagens mediúnicas, integra, igualmente, a percepção normal.

Penfield, estimulando eletricamente o córtex de pacientes prestes a se submeterem a intervenções neurocirúrgicas, produziu vivências alucinatórias clássicas, no sentido de Baillarger, do tipo psicossensoriais. Existem também as alucinações induzidas pelas substâncias psicodislépticas, que serão discutidas mais adiante.

Assim, a existência de um componente alucinatório na percepção real concede, à "experiência visionária", certa hierarquia como fonte de conhecimento (Cerviño). Segundo o Espiritismo, existem, sem dúvida alguma, imagens que correspondem a uma realidade não-física. Claro está que essa hipótese não exclui a existência de casos mórbidos, cuja característica principal é a deformação da realidade objetiva, quer natural quer sobrenatural, sob uma roupagem simbólica, segundo o dinamismo próprio da personalidade do doente. Daí o termo usual de alienação mental, ou ruptura, ou clivagem ("splitting"). Dostoievski captou essa característica fundamental da patologia mental, de modo tão genial, que o nome do protagonista da sua obra "Crime e Castigo" é Raskolnikof, que, em russo, significa fendido.

Em Psicopatologia existem grandes obstáculos em se rotular todas as alucinações como sendo de fundo mórbido. O maior deles, segundo Henri Ey, é a existência de fenômenos alucinatórios nos indivíduos aparentemente são, psiquicamente falando. Outra dificuldade reside na impossibilidade de se fazer uma abstração do contexto psíquico da pessoa que alucina, a não ser pela artificial distinção entre as alucinações psicossensoriais e as psíquicas. Isso porque já foi demonstrado que elas não têm estrutura independente da personalidade do indivíduo que alucina (idem).

Bozzano cita o caso de que "certa mãe vê voar, em deserta planura, um passarinho, do qual caem as asas, e, súbito, pouco depois lhe morre o filho". Lombroso cita o caso de uma "pessoa que vê um esquife na casa de um parente, e este, também, pouco depois falece". As mentalidades positivistas não vêem nesses exemplos nada mais que pura casualidade, mas estudos estatísticos con-

seguiram demonstrar um desvio estatístico significativo, o que descarta a possibilidade de se desconsiderar a hipótese de uma relação desconhecida, pelo menos matematicamente falando. A dificuldade é a mesma dos físicos em determinar quais as possibilidades da localização de um elétron num determinado ponto, num dado instante. Daí o famoso Princípio da Indeterminação de Heisenberg.

De um modo geral, o médium entra em contato com uma realidade extra-sensível e a descreve em linguagem alucinatória, mais ou menos exuberante, mais ou menos simbólica, conforme a intensidade e a natureza de seu temperamento artístico (Cerviño). A casuística é vastíssima, e existe uma literatura extensa sobre o tema.

Bozzano cita "comovente episódio de uma menina que, nos seus três últimos dias de vida, vê um irmãozinho defunto e outras entidades espirituais, e com eles conversa ao mesmo tempo que se lhe apresentam passageiras visões do Além".

Richet cita o caso de "Ray, com idade de 2 anos e 7 meses, vê seu irmãozinho que acabara de morrer e que o chamava. — Mamãe, disse ele, o irmãozinho sorriu para mim, ele quer levar-me; o pequeno Ray morreu dois meses depois".

Tais exemplos são aparentemente banais, e o psicólogo irá supor, certamente, na ocorrência de puro eidetismo, mas existe aqui um aspecto premonitório que suscita sempre a hipótese da ocorrência de mediunismo, associado ao eidetismo nas crianças citadas. As relações entre eidetismo, mediunismo e arte constituem belo tema para um estudo aprofundado (Cerviño).

É de interesse enviar o leitor aos grandes clássicos da literatura universal, tanto espiritualistas como não, tais

como Platão, São Paulo, Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz, São Tomás de Aquino, Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Assis, Anie Besant, M. Blavatsky, Proust, Goethe, Dante, Beethoven, além da literatura Metapsíquica, Espírita, Parapsicológica etc.

O grande sábio e psicólogo norte-americano William James revela que "não pode haver dúvida de que, na verdade, uma vida religiosa, levada de modo que exclua tudo o mais, tende a tornar a pessoa excepcional e excêntrica", e que os "gênios na esfera religiosa (...) têm mostrado, não raro, sintomas de instabilidade nervosa (...) exaltada instabilidade emocional (...) e sofrido de melancolia (...) sujeitos como estavam a obsessões e idéias fixas, transe, vozes, visões e toda sorte de peculiaridades classificadas, de ordinário, como patológicas" (op. cit.).

O autor citado observou que as pessoas comuns tendem a anular o valor espiritual das vivências de caráter religioso, fazendo racionalizações, tais como: "Alfredo acredita na imortalidade porque seu temperamento é muito emocional"; "A melancolia de Guilherme a respeito do Universo é fruto da má digestão"; "O prazer que Elisa encontra na igreja é um sintoma de sua constituição histérica". Outros dizem: "as macerações dos santos e a devoção dos missionários são apenas manifestações de uma perversão do instinto paterno de auto-sacrifício" ou "para a monja histérica, Cristo é apenas o substituto imaginário de um objeto mais terreno de afeição" etc. (idem).

O materialismo médico dá cabo de São Paulo, explicando sua visão na estrada de Damasco como uma descarga violenta do córtex occipital, visto ter sido ele epiléptico. Tacha Santa Teresa de histérica, São Francisco de Assis vítima de uma degenerescência hereditária etc. À

luz da Fenomenologia, por exemplo, Cristo seria um caso provável de Esquizofrenia paranóide, com delírio de grandeza mística.

William James declara que argumentar com a causalção orgânica de um estado de espírito religioso para refutar-lhe a pretensão de ter um valor espiritual superior é totalmente ilógico e arbitrário. Essas críticas empedernidas não serão mais consideradas neste trabalho, uma vez que o método científico foi liberado de suas amarras mais cruentas graças aos avanços da Física das partículas subatômicas.

As explicações pretensiosas de feição psicopatológica, psicanalítica, neurológica etc. não têm aqui grande serventia, uma vez que nomear ou rotular um sintoma não implica a elucidação do seu mecanismo psicofisiológico. É fato notório, como já foi citado, que, de maneira geral, os psiquiatras não entendem nada do que se passa na mente do seus clientes. Em se tratando de vivências de feição religiosa ou paranormal, o grau de conhecimento tende a zero, a menos que tenham eles próprios vivências que possam servir como termo de comparação. Caso contrário, em que se apoiar? Tudo acaba sendo incluído na vala comum do bizarro, quando não patológico. Para tal não falta terminologia bombástica e bastante pomposa, quase impenetrável por facultativos de outras especialidades. Claro está que passa longe a idéia de rejeitar aqui o enorme conjunto de conhecimentos adquirido pelas ciências do comportamento. A crítica é dirigida apenas às interpretações unilaterais, com prejuízos intelectuais e afetivos. O autor já pôde observar a raiva que certos especialistas experimentam diante da mera suposição de fenomenologia parapsicológica por parte de algum colega.

William James assinala que, para a avaliação dessa categoria de fenômenos, a luminosidade imediata, a razoabilidade filosófica e o valor moral são os critérios mais legítimos. A Posição Espírita vai além, ao propor métodos experimentais que possibilitem a constatação empírica dessa classe de fenômenos.

William James possui o mérito da introdução do método pragmático no estudo dos fenômenos mentais: "Pelos frutos os conhecereis, não pelas raízes (...) nas ciências naturais e nas artes industriais jamais ocorre a alguém tentar refutar opiniões pondo a nu a constituição neurótica do autor. As opiniões aqui, são invariavelmente testadas pela lógica e pela experiência, seja qual for o tipo neurológico de quem as espora. Não deveria ser diferente, em se tratando de opiniões religiosas." E acrescenta: "os materialistas médicos, portanto, são apenas outros tantos dogmatistas retardatários, que torcem os argumentos dos predecessores utilizando o critério da origem de modo destrutivo, em vez de fazê-lo de modo construtivo".

Quem se der ao trabalho de estudar minuciosamente a extensa obra de Santa Teresa de Ávila, verá que suas vivências diferem em gênero, número e grau daquelas descritas pelos pacientes com ideação delirante-alucinatória. Eis um exemplo, citado por William James:

"Como o sono imperfeito que, em vez de dar mais força à cabeça, a deixa ainda mais exausta, o resultado de meras operações da imaginação é o enfraquecimento da alma. Em lugar de nutrição e energia, ela colhe tão-só lassidão e repugnância; ao passo que uma visão celeste autêntica lhe proporciona uma messe de inefáveis riquezas espirituais e uma admirável renovação das forças do corpo. Opus essas razões aos que tão freqüentemente

acusaram minhas visões de serem obra do inimigo do gênero humano ou desporto da minha imaginação"... "Mostrei-lhes as jóias que a mão divina deixara comigo: minhas verdadeiras disposições. Todos quantos me conheceram perceberam que eu estava mudada; meu confessor foi testemunha disso; a melhoria, palpável em todos os sentidos, longe de estar oculta, era bem brilhantemente evidente para todos os homens (...)."

Uma análise dos escritos da Santa revela um estilo do mais alto valor literário. Tanto a sintaxe quanto a semântica são perfeitas. Os conceitos são precisos, o discurso coerente, o raciocínio lógico, as relações conceituais estão preservadas, e parece haver uma boa modulação afetiva. O critério mais importante, em saúde mental, o pragmatismo útil, não está comprometido; pelo contrário, a Santa comprovou, com a reforma da ordem dos Carmelitas, criando os Descalços, fundando dezenas de mosteiros e conventos, sua extraordinária vitalidade e sentido de responsabilidade social.

Todo psicoterapeuta sabe bem acerca das dificuldades em reinserir seus clientes no mercado de trabalho. É notória a abulia, a lassidão, a ociosidade e a desmotivação, além do estreitamento do horizonte existencial tanto dos pacientes internos quanto ambulatoriais.

Em sua autobiografia, Annie Besant diz o seguinte: "muitas pessoas nutrem bons sentimentos para com qualquer boa causa, mas poucas se esforçam por ajudá-la, e muito poucas arriscarão alguma coisa para apoiá-la" Quem se der ao trabalho de ler atentamente "O Livro da Vida" de Santa Teresa poderá tirar suas próprias conclusões.

Será apresentado a seguir um caso clínico, igualmente famoso, para uma análise comparativa entre per-

sonalidade mediúnica e patológica. Trata-se do famoso caso Schreber — estudado por Freud —, o qual era presidente da Corte Superior Regional de Dresden. Era advogado dotado de inteligência, habilidade e posição social superiores, quando se tornou vítima de uma doença mental: concebeu a idéia de que, através da intermediação de potentes raios vindos de Deus, estava se transformando numa mulher e, assim, iria dar nascimento a uma forma de vida mais gloriosa do que a que povoava a Alemanha (John Nemiah). Schreber achava que o seu antigo neurologista Flechsig, juntamente com outros demônios do mal, tentava apossar-se dele, a fim de forçá-lo a transformar-se numa prostituta, para satisfazer a luxúria de uma legião de espíritos infernais. Com isso escreveu sua autobiografia "Memoirs of my Nervous Illness", porque pensava que a profissão médica estava interessada no curioso fenômeno biológico de um homem que se transformava numa mulher:

"Durante os meus primeiros meses aqui os milagres nos meus olhos realizavam-se por 'pequenos homens', bastante iguais aos que mencionei quando descrevi o milagre dirigido contra minha coluna dorsal. Esses 'homenzinhos' eram um dos mais notáveis e, mesmo para mim, um dos mais misteriosos fenômenos; mas não tenho a menor dúvida quanto à realidade objetiva desses acontecimentos, porquanto vi esses 'homenzinhos' inúmeras vezes com os meus próprios olhos e ouvi suas vozes. O extraordinário sobre o caso era que os espíritos ou os nervos isolados podiam, sob certas condições, tendo em vista objetivos particulares, tomar a forma de minúsculas figuras humanas, como mencionado anteriormente, de uns poucos milímetros apenas e, como tais, fomentavam discórdias em todas as partes do meu corpo, tanto interna-

mente quanto na superfície. Os que se ocupavam com o abrir e fechar dos olhos permaneciam acima dos olhos, nas sobrancelhas e, daí, puxavam os cílios para cima e para baixo, a seu bel-prazer, com filamentos finos como teias de aranha. Aqui, também, os encarregados eram habitualmente um 'Flehsig pequenino' e um 'pequeno V. W.' e algumas vezes, ainda mais um 'homenzinho' que saíra da alma de Daniel Futchtegott Flehsig que, por esse tempo, ainda existia. Toda vez que eu mostrava sinais de que me achava indisposto a permitir que as minhas pálpebras fossem puxadas para baixo e efetivamente me opunha a isto, o 'homenzinho' mostrava-se agastado e expressava este desgosto chamando-me de 'misérável'; se eu os afastava dos meus olhos com uma esponja, o ato era considerado pelos raios como uma espécie de crime contra a dádiva dos milagres de Deus. Incidentalmente, o ato de afastá-los tinha sempre apenas um efeito temporário, porquanto os 'homenzinhos' reuniam-se quase que continuamente na minha cabeça, em grande número. Eram chamados 'diabinhos'. Literalmente davam voltas na minha cabeça, fuçando com curiosidade, a fim de se cientificarem se novas destruições haviam ocorrido na minha cabeça pelos milagres. De uma certa maneira, chegavam até a compartilhar das minhas refeições, servindo-se a si mesmos de um bocado, embora naturalmente de um pequeno bocado, do alimento que eu comia; isso fazia com que parecessem temporariamente inchados, mas também menos ativos e menos destrutivos nas suas intenções. Alguns dos 'diabinhos' participavam de um milagre que se realizava freqüentemente contra a minha cabeça e do qual agora direi um pouco mais. Esse talvez fosse o mais abominável de todos os milagres — depois do milagre da compressão do peito — a expres-

são usada para mencioná-lo, se me recordo bem, era 'máquina-de-compressão-da-cabeça'. Em virtude de muitas incidências de raios etc, aparecera na minha caixa craniana uma profunda fissura ou rasgão, mais ou menos na área mediana, que provavelmente não era visível da parte externa, mas visível da parte interna. Os 'diabinhos' postavam-se em cada um dos lados dessa fissura e comprimiam minha cabeça como se fosse um torno, fazendo girar uma espécie de parafuso, fazendo com que minha cabeça, temporariamente, assumisse uma forma alongada, quase que de uma pêra. Produzia um efeito extremamente ameaçador, particularmente porque era acompanhada de uma dor intensa."

Não é preciso ser especialista para perceber que Schreber apresentava grave distúrbio mental, de natureza psicótica. Sua ideação é francamente delirante, com pensamento paralógico, eivado de neologismos, idéias de auto-referência, alucinações visuais, auditivas, cenes-tésicas, com perda do juízo crítico da realidade e do estado mórbido. O humor básico pode ser classificado como sendo delirante. O quadro é francamente paranóide.

Freud interpretou a forma de delírio desenvolvida por Schreber como psicogênico, sendo pois uma forma de delírio secundário. É possível que outros especialistas não concordem com essa interpretação de Freud, que não era psiquiatra e tinha pouca experiência com psicóticos. Além do mais, ele não examinou Schreber pessoalmente. Para Freud o delírio em questão é uma forma extrema de defesa contra a emergência de impulsos homossexuais, que são projetados no exterior, sendo transformados no sentimento oposto, isto é, ódio, daí a feição persecutória. O objeto principal do amor homossexual de Schreber era provavelmente o neurologista Flechsig, pois

ocupava o centro do quadro persecutório. A partir desse caso, Freud concluiu que todos os casos paranóides, Paranóia, Esquizofrenia Paranóide, Parafrenia etc. seriam fruto de impulsos homossexuais latentes. Essa tendência de generalizar, a partir de casos isolados, era talvez a maior deficiência do pensamento de Freud, em que pese à sua inegável genialidade.

Em Psicopatologia, os delírios são descritos como sendo uma alteração dos juízos. Do ponto de vista da lógica formal, a peculiaridade dos juízos é ser uma forma de pensamento enunciativo, asseverativo. É a afirmação ou a negação de uma relação entre dois conceitos, entre um sujeito e um predicado, entre uma percepção e um conceito etc.

O juízo pode expressar a verdade ou o erro, conforme sua afirmação corresponda, ou não, à realidade. Por essa razão, o único critério de veracidade dos juízos é a sua consonância com a realidade objetiva. De uma maneira geral, alguns especialistas tendem, erradamente, a classificar, como sendo patológicos, alguns juízos que estejam em desacordo com suas crenças, materialistas, por exemplo. Essa atitude desequilibrada, inconsciente, de se julgar um paradigma da normalidade, foi denominada por Jung como inflação (do ego).

Uma outra fonte de erro diagnóstico, por parte dos psicopatologistas, é a tendência a dar por encerrado o caso, assim que se consegue rotular os fenômenos com um nome técnico, apesar de não se ter a menor idéia daquilo que realmente se passa na mente do paciente.

Para Kraepelin, as idéias delirantes são "morbidamente falseadas e não são acessíveis à correção por meio de argumentos". Bumke as define como sendo fruto de "um erro morbidamente originado e incorrigível". Ge-

ralmente possuem uma convicção extraordinária, uma certeza notável, são impermeáveis à refutação lógica e à experiência objetiva (teste da realidade). Possuem também uma conspícua inverossimilhança de conteúdo, são bizarras, extravagantes e ilógicas. Geralmente produzem, no observador, uma impressão de estranheza.

O contrário pode ser dito a respeito das experiências transcendentais. Possuem um caráter numinoso, sagrado, contagioso, dando um sentimento de alegria, felicidade, paz, harmonia com a vida e com as pessoas, mesmo as supostamente inimigas, leveza e claridade interior. Mais do que a análise cognitiva do conteúdo do pensamento enunciado é a penetração empática que dá as bases do diagnóstico diferencial.

À guisa de comparação com o estado mental de Schreber, será apresentado, a seguir, uma descrição da perita das peritas na descrição dos estados elevados de consciência, Santa Teresa de Ávila, agraciada pelo Papa Paulo VI com o título inédito de "Doutora Universal da Igreja".

O elemento mais importante no diagnóstico é o humor. O humor delirante é angustioso, opressivo, rancoroso, vingativo, suspicaz, susceptível e altamente distorcido da realidade, pelo mecanismo da projeção. A atmosfera psíquica é de alienação mental. O humor do extático, ao vivenciar as realidades dos elevados estados da alma e, por extensão, dos elevados planos espirituais é o oposto: alegria, amor universal, encantamento, desprendimento, abnegação, esperança, beatitude, grande claridade dos processos mentais etc.

Outro elemento importante é o comprometimento com as atividades produtivas e com a realidade. Enquanto que a personalidade delirante é dereísta, ensimesma-

da, abúlica e apragmática, a personalidade individuada, para se utilizar um termo junguiano, é extraordinariamente produtiva, pragmática, desprendida, caridosa, com extremado espírito de renúncia e auto-sacrifício.

Outra distinção fundamental é a relação entre o eu e os processos inconscientes. Nas pessoas normais e saudáveis, as portas do inconsciente estão mais ou menos fechadas, e apenas indiretamente o material inconsciente irrompe na consciência, através dos sonhos, dos atos falhos, das produções artísticas etc.

Nas personalidades psicóticas, ao contrário, o material inconsciente irrompe na consciência com violência e com uma irresistível compulsão no sentir, no pensar e no agir, subjugando completamente o eu, que atribui o material, erradamente, como proveniente da realidade exterior. O complexo do ego se fragmenta e o contato com a realidade fica gravemente comprometido, quando não impossibilitado. Dissolvem-se os limites entre as próprias fantasias, impulsos, desejos e os objetos exteriores. Devido a essa ruptura fundamental, Bleuler propôs o termo esquizofrenia, de "schizo" = fendido e "phrenos" = espírito.

O oposto pode ser observado nas personalidades mediúnicas equilibradas, extáticas ou paranormais, com elevado grau de amadurecimento ou em avançado estágio de individualização, ou com grande evolução espiritual, conforme terminologia espírita. Possuem uma maior ou menor abertura das instâncias do inconsciente, mas o ego é suficientemente forte para integrar e assimilar o material, solucionar os conflitos, traumas, controlar os impulsos menos construtivos etc. Esse processo é simbolizado pelo mito de Teseu no labirinto a enfrentar o Minotauro, com o auxílio do fio de Ariadne, vencendo-o e assimilando a energia psíquica das profundezas.

A luta aqui não é de caráter destrutivo, e as tendências regressivas, simbolizadas pelo Minotauro não devem ser alijadas, nem reprimidas, nem rechaçadas, mas dissolvidas e assimiladas como energia psíquica adicional ao ego, pelo mecanismo da sublimação.

Ao contrário de Freud, que apresentou uma visão pejorativa do inconsciente, Jung descreve a ocorrência de inesgotável fonte de sabedoria, amor e iluminação, no centro da alma. Com isso concorda a Posição Espírita, ao ensinar que a alma é de natureza divina.

Quer do inconsciente do indivíduo, quer dos planos superiores da espiritualidade, esse material numinoso encontra passagem via subcórTEX e daí, atingindo o eu, é elaborado em produções artísticas, mediúnicas, científicas ou laborativas. Eis alguns exemplos descritos por Santa Teresa:

"Estando, pois, uma vez sozinha, sem ter pessoa em quem descansar, não podia rezar, nem ler, estava como uma pessoa espantada de tanta tribulação e temor de que o demônio [ou Espíritos maus, em terminologia espírita] me podia enganar, toda alvoroada e aflita sem saber que fazer de mim. Nesta aflição me vi algumas e até muitas vezes, embora não me pareça que nenhuma em tanto extremo como esta. Estive assim quatro ou cinco horas, em que não houve para mim consolação alguma nem do Céu nem da Terra, senão me deixou o Senhor padecer temendo mil perigos (...)

Estando eu, pois, nesta grande aflição ainda não tendo então começado a ter nenhuma visão — só estas palavras bastaram para me tirar e aquietar-me de todo: 'Não tenhas medo, filha, sou Eu e não te desampararei, não temas' (...)

E eis-me aqui, só com estas palavras, sossegada,

com fortaleza, com ânimo, com segurança, com uma quietude e luz que, num momento vi minha alma feita outra e parece-me que sustentaria contra todo o mundo que aquela fala era de Deus. Oh, que bom Deus" ("Obras Completas", Ed. Carmelo, 1970, págs. 207-208).

Mais adiante, "estando um dia do glorioso São Pedro em oração, vi ao pé de mim ou senti, para melhor dizer, pois nem com os olhos do corpo nem com os da alma não vi nada, mas parecia-me que Cristo estava ali mesmo junto ao pé de mim e via ser Ele que me falava, segundo me parece. Eu, como estava ignorantíssima que pudesse haver semelhante visão, deu-me um grande temor a princípio (...) Parecia-me andar sempre a meu lado Jesus-Cristo e, como não era visão imaginária, não via sob que forma, mas sentia muito claramente estar Ele sempre a meu lado direito e que era testemunha de tudo quanto eu fazia" (idem, pág. 217).

"(...) estando um dia em oração, quis o Senhor mostrar-me só as mãos com tão grandíssima formosura que não o poderia eu encarecer" (pág. 228) (...) "Poucos dias depois vi também aquele divino rosto que de todo, me parece, me deixou absorta (...) Não podia entender porque era que o Senhor se mostrava assim pouco a pouco (...) Depois compreendi que o Senhor me ia levando conforme a minha fraqueza natural" (idem).

"Um dia de São Paulo, estando à Missa, se me representou toda esta Humanidade sacratíssima, como se pinta ressuscitado, com tanta formosura e majestade (...) Esta visão, embora seja imaginária, nunca a vi com os olhos corporais, nem a nenhuma, senão com os olhos da alma. Dizem, os que sabem melhor do que eu, ser mais perfeita a visão passada do que esta, e esta muito mais do que as que se vêem com os olhos corporais. Estas, di-

zem, que são as mais baixas e onde o demônio mais ilusões pode fazer (...) E também me acontecia, depois de passada a visão — isto era logo em seguida —, pensar eu também que seria ilusão minha e afligia-me de tê-lo dito ao confessor, julgando que o teria enganado" (idem).

Como consequência das suas vivências, a Santa experimentou: "Fartas afrontas e trabalhos passei em dizê-lo e fartos temores e fartas perseguições. Tão certo lhes parecia que eu tinha demônio que algumas pessoas me queriam exorcizar" (idem, pág. 240).

A Santa teve então uma prova material das suas visões:

"Uma vez, tendo eu a cruz na mão, que a trazia num rosário, pegou nela o Senhor com a Sua e quando ma tornou a dar tinha quatro pedras grandes, muito mais preciosas que diamantes e isto sem comparação. É que nem quase mesmo as pode haver como as que se vê de sobrenatural, pois o diamante parecia coisa contrafeita e imperfeita à vista das pedras preciosas que lá se vêem. Disse-me o Senhor que assim a veria de aí em diante, e assim foi que não via a madeira de que era feita, senão estas pedras, mas isto a ninguém acontecia senão a mim" (idem, pág. 243).

Descreve na página 246 a visão mais famosa, que mereceu uma estátua, em mármore, exposta na galeria do Vaticano:

"Via um anjo ao pé de mim, para o lado esquerdo, em forma corporal, o que não costumo ver senão em maravilha. Ainda que por muitas vezes se me representam anjos, é sem os ver, senão como na visão passada, que disse primeiro. Nesta visão quis o Senhor que o visse assim: não era grande, mas pequeno, formoso em extremo, o rosto tão incendiado que parecia dos mais sublimes que

parecem todos se abrasam. Devem ser os que chamam Querubins, que os nomes não nos dizem, mas bem vejo que no Céu há tanta diferença duns anjos a outros e destes a outros que o não saberia dizer. Via-lhe nas mãos um dardo de ouro comprido e no fim da ponta de ferro me parecia que tinha um pouco de fogo. Parecia-me meter-me este pelo coração algumas vezes e que me chegava às entranhas. Ao tirá-lo dir-se-ia que as levava consigo, e me deixava toda abrasada em grande amor de Deus." E assim, sucessivamente, suas confissões perfazem 1.407 páginas do mais puro estilo literário.

Convém discutir aqui o evidente simbolismo sexual da última visão descrita. O autor não engrossa a fileira dos iconoclastas, mas as experiências religiosas são tão naturais como os fenômenos psicológicos corriqueiros, segundo o Espiritismo.

Da perspectiva da Psiquiatria mecanicista, as vivências acima descritas bem que poderiam cair na vala comum daquelas descritas anteriormente, isto é, os delírios patológicos do infeliz Schreber. Quando muito, poderia ser encarada como raptos de natureza histérica, com ptoplastia católica. Um dado favorável a essa interpretação poderia ser o modo de vida antinatural das monjas encasuradas, o sistema mais radical de repressão dos impulsos biológicos que se conhece. Parece ser superado apenas pelos monges emparedados do Oriente. Outro ponto também suspeito, além das alucinações, é claro, seria o intenso colorido emocional da Santa, embora a excitabilidade histérica seja mais do tipo fogo-de-palha, o que não é o caso presente, já que a Santa passava dias "abrasada".

Está claro que a ninguém é lícito emitir qualquer juízo sobre o material descrito sem levar em consideração o

contexto global da personalidade da Santa, sua história pregressa, suas crenças, seus valores, seus ideais, seu temperamento, seu estado físico, seu caráter, sua educação, a cultura medieval católica onde estava inserida, seu padrão genético, sua história familiar etc.

As personalidades históricas são caracterizadas pela evidente imaturidade psicosexual e emocional, infantilidade, instabilidade, mudanças abruptas do estado de ânimo, manipulação do ambiente, teatralidade, podendo mesmo desenvolver traços mitômanos e chantagistas. Como tal são, via de regra, dependentes, pouco produtivas, hipobúlicas, incapazes de persistir na liderança de causas coletivas.

Não parece serem essas as características da personalidade da Santa, que foi uma das personalidades mais criativas e reformadoras de toda a história do catolicismo. Sua vida foi, em todos os sentidos, do tipo heróico.

Sua personalidade, através dos séculos, agiganta-se a partir das brumas da Idade Média, tanto do ponto de vista filosófico como psicológico, religioso e social. Inteligência genial, grande escritora, perita das peritas, segundo William James (op. cit.), consumada psicóloga, mística grandiosa. A Igreja lhe fez justiça, quatro séculos após a sua morte, conferindo-lhe o título de Doutora Universal, a primeira a receber essa honraria em dois mil anos de catolicismo.

Santa Teresa foi, certamente, uma extraordinária personalidade mediúnica, protagonista dos mais extraordinários fenômenos paranormais. A personalidade de Schreber contrasta com a dela de forma iniludível. A forma e o conteúdo do seu pensamento, seus conceitos, neologismos, seu humor angustioso, delirante, o quadro

mental assombroso e bizarro, revelam as diferenças fundamentais entre a psicose e a iluminação espiritual.

Claro está que as personalidades mediúnicas não estão isentas de alterações psicopatológicas. Nem mesmo a Santa. A própria Posição Espírita reconhece a anormalidade da mediunidade, conforme já foi transcrito de André Luiz. Mas a anormalidade mediúnica é mais um desvio estatístico da média do que doença, embora essa possa também existir. Mas já foi citado William James, para quem a anormalidade não implica infirmação das experiências religiosas.

Está além do alcance das possibilidades do autor a análise do simbolismo da visão de Santa Teresa e o anjo em forma "corporal". Contudo, algumas considerações poderiam ser aqui aventadas, com muita cautela, apenas como suposições.

O místico hindu Paramahansa Yogananda assevera que a união entre os amantes implica intercâmbio de energias espirituais semelhantes às do êxtase, onde a alma estabelece contato com a própria divindade. Esse aspecto foi analisado por Jung, em seus aspectos psicológicos na sua difícil obra "Psicologia da Transferência". Quem se der ao trabalho de estudar atentamente São João da Cruz verá a quantidade enorme de simbolismo sexual em suas poesias.

O autor espiritual Emmanuel afirma que "missionários do devotamento vibram em faixas de amor sublime, quase sempre inacessíveis à compreensão" (...) ("Vida e Sexo", FEB, 1970, pág. 107).

Revela, anteriormente, que "as Leis do Universo não destroem o instinto, mas transformam-no em razão e angelitude, na passagem dos evos, pelos mecanismos da sublimação". Mais adiante, "estímulos genésicos (...) são

ingredientes da vida e da evolução, criados pela mesma Providência Divina para a sustentação e elevação" (...) (idem, pág. 106).

Esse autor, e por extensão, a Posição Espírita, apresenta uma visão natural a respeito do sexo, portanto não indutora de desequilíbrio psíquico, quer pela repressão pura, quer pela promiscuidade, também indutora de distúrbios mentais: "Diante do sexo, não nos achamos, de modo nenhum, à frente de um despenhadeiro para as trevas, mas perante a fonte viva das energias em que a Sabedoria do Universo situou o laboratório das formas físicas e a usina dos estímulos espirituais" (Idem, pág. 104.)

Emmanuel aprofunda o estudo da sexualidade humana até os abismos da evolução filogenética: "Toda criatura traz consigo, devidamente estratificada, a herança incomensurável das experiências sexuais vividas nos reinos inferiores da natureza" (...) (idem, pág. 102), e que "o instinto sexual, exprimindo amor em expansão incessante, nas profundezas da vida, orientando os processos da evolução".

Esse autor espiritual enfatiza a importância "da energia sexual que, na essência, verte da Criação Divina para a constituição e sustentação de todas as criaturas. Com ela e por ela é que todas as civilizações da Terra se levantaram, legando ao homem preciosa herança na viagem para a sublimação definitiva, entendendo-se, porém, que criatura alguma, no plano da razão, se utilizará dela, nas relações com outra criatura, sem conseqüências felizes ou infelizes, construtivas ou destrutivas, conforme a orientação que se lhe dê" (idem pág. 27).

Em relação às demais religiões, com respeito às disfunções sexuais, é a Doutrina Espírita que adota uma

das posturas mais humanística, não repressiva nem acusatória e, portanto, mais terapêutica: "Companheiros da Terra, à frente de todas as complicações e problemas do sexo, abstende-vos de censura e condenação" (idem, pág. 109). Essa atitude liberal parece ser a que mais se aproxima do liberalismo responsável do Cristo, ao conviver com prostitutas, cobradores de impostos, enfim, as classes rejeitadas e oprimidas pelo eclesiarquismo da época. Essa atitude compassiva e de aceitação é condição "sine qua non" para o êxito terapêutico nos consultórios analíticos, psicológicos e psiquiátricos. Provavelmente não foi mera casualidade o fato de Maria de Magdala, a prostituta convertida, cujos pecados foram perdoados porque muito havia amado, ter sido a primeira pessoa a receber a boa nova da ressurreição do Cristo, privilégio não concedido à "virgem concebida sem pecado". Esses temas são explosivos, mas casos como o de Schreber obrigam o terapeuta a meditar mais profundamente sobre os mesmos.

Esse tema é de importância capital em Psicopatologia e em Psicoterapia, e o exemplo de Schreber ilustra, segundo Freud, o grau de devastação mental a que podem levar conflitos não resolvidos de natureza sexual. Destarte, o posicionamento não radical da Teoria Espírita tem importância fundamental na profilaxia de distúrbios psiquiátricos. Considerando novamente o Evangelho, eis a atitude do Cristo diante do pecado: "Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Nem eu também te condeno: vai-te, e não peques mais" (João, 8:10,11). Convém repisar que a promiscuidade é tão perniciosa quanto a repressão pura, sendo também causa de distúrbios mentais. A perda da capacidade de estabe-

lecer relações autênticas, com comportamento sexual promíscuo, é um dos sinais da esquizofrenia.

Em geral, os grandes romancistas captam as realidades da alma de um modo muito mais completo do que os próprios psicoterapeutas. É o caso do Prêmio Nobel de Literatura Herman Hesse, com o impressionante romance alegórico "Siddhartha". A iluminação do herói Siddhartha, e a neurose e o desespero de Govinda trazem em si um profundo conhecimento das realidades dos mecanismos psicodinâmicos da alma, embora a maioria dos homens esteja despreparada para vê-los como o empreendido pelo primeiro.

O caminho do amadurecimento da personalidade, ou do desenvolvimento espiritual é estreito como o fio de uma navalha. Aqueles que se transviam na luxúria, na licenciosidade, na libertinagem e na promiscuidade perdem uma das mais importantes qualidades do gênero humano: a capacidade de estabelecer relações profundas, autênticas, duradouras e profícuas. Caem num vazio existencial de dolorosas conseqüências.

No processo de iluminação interior que, segundo Jung, não se trata de ficar imaginando figuras de luz, mas sim em tornar a escuridão consciente, isto é, em ampliar as fronteiras do eu, em abarcar cada vez mais os tesouros e eliminar as escórias do inconsciente, existem grandes riscos, perigosos acontecimentos tanto internos como externos. O caminho do equilíbrio é representado pela senda estreita de um mecanismo psicodinâmico denominado sublimação. É um processo extremamente difícil, pois implica processos dolorosos de renúncia, de repressão equilibrada e de investimento da energia libidinal em objetivos mais elevados.

Sublimação difere em gênero, número e grau de re-

pressão, racionalização, intelectualização, identificação, deslocamento, projeção, formação reativa, isolamento etc. Pessoas puritanas, rígidas, formalísticas tendem a ser intolerantes, susceptíveis, rancorosas, ciumentas e invejosas, enfim, neuróticas, bloqueando o próprio desenvolvimento espiritual.

Em "Psicologia da Transferência", Jung indica que o êxito ou o fracasso do tratamento psicoterápico tem, no fundo, muito a ver com o problema da transferência, que é um processo ligado à sublimação. Diz que para uns, pode ser remédio, para outros veneno (pág. 35). Em "We", o psicanalista R. A. Johnson faz interessantíssimo estudo psicológico do amor romântico.

As dificuldades desse tema são tremendas, e não caberia, num trabalho tão superficial como este, o aprofundamento do mesmo, nem possui o autor capacitação para tal tarefa. Roga-se ao leitor o estudo de conceitos junguianos, tais como "Mysterium Coniunctionis", "donum Dei et secretum altissimi" etc. Aqui o campo da Psicologia adentra os mistérios últimos da alma, e o próprio Jung reconheceu sua incapacidade em ir adiante. A esse respeito, Von Rosenroth declarou: "Procuro, não afirmo, nada determino aqui nem dito, conjeturo, esforço-me, comparo, tento, interrogo (...)."

Além do caso Schreber, serão citados alguns exemplos ilustrativos de distúrbios mentais. Weitbrecht apresenta o seguinte: "Quando percebi que chamavam três vezes às 12 horas em ponto no andar inferior e que um Volkswagen vermelho passava rápido pela rua, senti um medo terrível e compreendi que se havia decidido o destino da Europa."

Esse é um exemplo de percepção delirante, que segundo Kurt Schneider é sinal de psicose esquizofrênica.

Essa vivência deve ser diferenciada da percepção extra-sensorial, pois é vivenciada pelo ego como algo imposto a partir de uma outra realidade. Contudo é de natureza patológica, por atribuir a uma percepção um significado anômalo, no sentido auto-referente. Esse significado é estranho, bizarro, inverossímil e vivenciado como se fosse uma "revelação", com uma aura luminosa.

Tem alguma semelhança formal com o que Jung denominou sincronicidade, mas os mecanismos psicológicos intrínsecos são completamente diferentes.

Em sua autobiografia, Jung cita um impressionante fenômeno de sincronicidade, presenciado por Freud, que se repetiu, e a partir do mesmo houve a ruptura definitiva entre o mestre de Viena e seu discípulo dileto. Os livros de Ocultismo estão repletos de ocorrências similares e que podem ter um mecanismo de ação mediúnica. Em "O Lama das Quatro Sabedorias" (op. cit.), o personagem principal, Mipan, viu, num bando de aves no céu voando em direção ao norte, um "aviso" que, após difíceis tentativas de verificação, se confirmou como sendo verdadeiro.

A diferença fundamental entre o médium, o sensitivo e o doente mental é que nas personalidades mediúnicas o juízo crítico da realidade e do estado mórbido não estão comprometidos, o que permite ao sensitivo questionar o sinal, ou procurar verificar a sua possível veracidade ou mera casualidade. O doente mental é incapaz de testar a realidade.

Às vezes o doente pensa que é rei, Cristo, Napoleão etc., com ideação delirante de feição grandiosa. Esse delírio não deve ser confundido com as credences de espiritistas de que são a reencarnação de personalidades proeminentes do passado. É mais provável que aqui haja simplesmente uma satisfação de desejos, uma

compensação a uma vida de frustrações e desprovida de brilho e satisfação pessoal. As idéias delirantes são inconfundíveis, embora alguns delírios possam ser dissimulados pelos pacientes. "Não sou filho de meu pai, sou rei, baixei expressamente de cima, de ser em ser, até a minha situação atual de rei, e sou rei porque os astros virão buscar-me" (Wassily).

O paciente delirante desenvolve o humor delirante: é desconfiado, acusa os outros de hipocrisia e hostilidade, ou de dissimulados e reticentes, altera-se a consciência do eu, os objetos e os acontecimentos adquirem uma significação especial, particular, e a personalidade apresenta traços negativos, desagradáveis, podendo cometer escândalo público, agressões ou mesmo homicídio ou suicídio.

Por outro lado, William James (op. cit.) descreve as experiências religiosas e mediúnicas, de modo geral, como tendo infalibilidade (quem o experimenta diz que desafia a expressão, que não se pode fazer com palavras nenhum relato adequado do seu conteúdo, não podendo ser comunicado nem transmitido aos outros). Possuem também qualidade noética (são para os que as experimentam estados de conhecimento, estados de visão interior dirigidas a profundas verdades, não sondadas pelo intelecto discursivo). Transitoriedade (esses estados não podem ser sustentados por muito tempo, a não ser em casos raros (vide Yogananda, op. cit.). Passividade (tem a impressão de que sua própria vontade está adormecida, podendo, no entanto, não haver nenhuma recordação posterior do fenômeno ("As Variedades da Experiência Religiosa").

Todas essas características podem ser encontradas na seguinte experiência de Santa Teresa, relatada em "O

Livro da Vida": "um dia, estando em oração, foi-me concedido perceber, num instante, como todas as coisas são vistas e contidas em Deus. Eu não as percebia em sua forma apropriada e, apesar disso, a visão que eu tinha delas era de uma clareza soberana, e permanecem vividamente impressas em minha alma. Foi uma das poucas mais extraordinárias que o Senhor me conferiu (...) A visão era tão delicada e sutil que o entendimento não pôde captá-la".

Ao Codificador da Teoria Espírita não passaram despercebidas as possíveis imbricações entre doença mental e mediunismo. Allan Kardec formula a seguinte questão, há mais de um século, no auge da psiquiatria mecanicista:

"Poderia a mediunidade produzir a loucura?"

R. "Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém, existindo este, o bom senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial." ("O Livro dos Médiuns", 59ª ed. FEB, pág. 265.)

No capítulo XXIII de "O Livro dos Médiuns", classifica as obsessões de origem espiritual nas seguintes modalidades: obsessão simples, fascinação e subjugação. Substitui o termo possessão por subjugação para evitar as conotações demonológicas da Idade Média. Convém observar que já foi demonstrada a existência desses mesmos sintomas de natureza puramente neurótica, fruto da repressão, ocorrendo principalmente na Neurose Obsessivo-compulsiva, o que obriga a um diagnóstico diferencial. (Vide Aksakof.)

No texto do "O Livro dos Médiuns", Cap. XXIII, da 59ª edição da FEB, pág. 323, entre tantos temas importantes, destacam-se os seguintes:

"A subjugação corporal, levada a certo grau, poderá ter como conseqüência a loucura?"

"Pode, a uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura ordinária. Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas." (nº 254; pergunta 6ª.)

O bom senso Kardequiano ensina que "(...) em todos os casos, se deve proceder com grande circunspeção, não convindo nem excitá-las, nem animá-las nas pessoas débeis. Do seu exercício cumpre afastar, por todo os meios possíveis, as que apresentam sintomas, ainda que mínimos, de excentricidade nas idéias, ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porquanto, nessas pessoas, há predisposição evidente para a loucura, que se pode manifestar por efeito de qualquer sobre-excitação... O que de melhor se tem a fazer com todo indivíduo que mostre tendência à idéia fixa é dar outra diretriz às suas preocupações, a fim de lhe proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos". (Cap. XVIII, nº 222, final.)

VII

TRANSE FARMACÓGENO

Ao atrelar a alma, e os mecanismos da mente, ao cérebro físico, mais especificamente ao diencéfalo e às estruturas íntimas do protoplasma celular, tais como o centríolo, as mitocôndrias, a substância de Nissl etc, a Posição Espírita dá as mãos aos modernos avanços da Psiquiatria, cada vez mais direcionada à Psicofisiologia, à Psicofarmacologia e à Farmacoterapia de um lado, e ao inconsciente e às psicoterapias de outro.

Esse fato não é nada surpreendente, visto possuir o Espiritismo, além do aspecto religioso e filosófico, uma faceta eminentemente científica e positivista. O próprio Allan Kardec declarou que esses três aspectos são indissociáveis na Doutrina Espírita.

Esse tríplice aspecto do Espiritismo não deve causar espanto, pois ao reconhecer o papel fundamental do cérebro físico na vida de relação, a alma deixa o plano sobrenatural e mágico, entrando no rol dos fenômenos naturais do Universo, se bem que em dimensões que superam o "continuum" espaço-tempo e a causalidade. Ora, os fatos confirmam plenamente esse posicionamento,

uma vez que alterações mínimas no funcionamento cerebral provocam as mais variadas repercussões no mundo mental do indivíduo. Exemplificando, um traumatismo crânio-encefálico, com concussão cerebral, poderá provocar alterações da consciência, tais como obnubilação, torpor, confusão mental ou mesmo estados comatosos, com abolição até mesmo dos reflexos neurológicos. Fica assim demonstrado, acima de qualquer dúvida, que a vida psíquica depende da integridade das funções instrumentais da vida de relação.

Todavia, o Espiritismo torna a vida de relação infinitamente mais complexa ao agregar, ao cérebro físico, um cérebro espiritual que, segundo revelação dos Espíritos, via mediúnica, e ocorrências sincronísticas ou parapsicológicas, não é imaterial, mas formado por um tipo especial de matéria, ainda não inteiramente detectada pela Física, mas cuja existência já é suspeitada por diversos cientistas em face dos "horrendos" paradoxos apresentados pelo comportamento das partículas subatômicas e pela energia, dando-se destaque ao conceito einsteiniano de campo.

Uma outra via de acesso às realidades da alma é aquela constituída pelo transe farmacógeno. Data de tempos imemoriais o conhecimento de substâncias psicoativas, indutoras de um tipo especial, ou melhor, de tipos especiais de transe. É fato notório que durante tais estados podem ocorrer fenômenos mediúnicos ou paranormais, associados a estados alterados de consciência.

As substâncias capazes de induzir tais estados alterados de consciência possuem uma certa similaridade estrutural com as monoaminas cerebrais ou seus derivados catabólicos, e são denominadas drogas eidéticas, psicodélicas, psicotomiméticas, psicolíticas, psicotrópicas

etc, ou pelo termo mais técnico e específico de psicodislépticas. A característica fundamental dos psicotrópicos é a afinidade especial com o Sistema Nervoso Central. Essas drogas provocaram uma verdadeira revolução na Psiquiatria, com o advento dos tranquilizantes, dos neurolépticos, neuroanalépticos, anticomiciais etc.

Cerviño (op. cit.) assevera que "filtros místicos integram quase sempre os ritos religiosos das comunidades primitivas. O álcool é elemento indispensável em certos cultos africanistas difundidos entre nós".

Os hindus usavam uma bebida inebriante extraída de uma asclepiadácea. Os incas usavam a *Banisteria quitensis*. Os índios mexicanos, a cactácea *Anhalonium cewinii*. Também a *Lophophora willi amsii*, bem descrito na obra de Carlos Castañeda.

Oschangessy observou, casualmente, (idem) um legítimo transe farmacógeno, produzido pela *Cannabis indica*: "Às duas horas da tarde, deu-se a um paciente reumático um grão de resina de uma espécie de *Cannabis*. Às 4 horas ele estava excessivamente tagarela: cantou, pediu em voz muito alta mais comida e declarou achar-se em perfeita saúde. Às 6 horas estava dormindo. Às 8 encontraram-no insensível, mas respirando com perfeita regularidade, pulso e pele em estado normal e as pupilas levemente contraindo-se à aproximação da luz. Tendo, por acaso, levantado seu braço — facilmente se imaginará o meu espanto quando vi que ele ficava na posição em que eu o colocava. O paciente tinha ficado cataléptico. Nós o sentamos e pusemos seus braços e suas pernas em todas as posições imagináveis. Um figura de cera não seria mais plástica. Ele continuou assim até a 1 hora da madrugada, quando a consciência e o movimento voluntário voltaram prontamente." É interessante frisar a simi-

laridade entre esse caso induzido farmacologicamente e alguns casos de flexibilidade c erea da catatonía.

O conhecido médium Francisco Cândido Xavier fez um relato de uma experiência vivida após a ingestão de mínima dose de ácido lisérgico. Concluiu que o material liberado não se constituía em nada de novo, mas simples libera o e exalta o de estados de ânimo preexistentes. Com isso concordam os compêndios de Psiquiatria.

Sudre ("Traite de Parapsychologie") comunica que a associa o de escopolamina e cloral seria a droga de elei o para a indu o do "estado parapsicol gico", com transe, seguido de amnésia ao despertar.

Hofmann, descobridor do LSD, viveu uma experiência espantosa, muito conhecida nos anais da Psiquiatria. Sob a a o da droga, viu seu corpo inerte, deitado sobre o sofá, enquanto "ele próprio andava pelo laboratório". A dietilamida do ácido lisérgico resulta da hidrólise alcalina dos alcalóides do esporão do centeio *Claviceps purpurea*, e amplia as percep o es e produz pseudopercep o es, estimula a introspec o, libera material inconsciente tanto esquecido como suprimido ou reprimido, ocasiona a hipermn sia, além de libera o de emo o es e sentimentos localizados abaixo do limiar dos processos conscientes.

Cervi o refere que existem várias observa o es sobre plantas que favorecem o transe ou mesmo o exercício das fun o es paranormais ou mediúnicas. Pucharichi assinalou as virtudes paraps quicas da *Amanita muscaria*.

As substâncias psicodislépticas provocam altera o es impressionantes da atividade mental do indivíduo, mas de uma maneira que depende tanto da susceptibilidade individual como do padrão básico da personalidade pr -mórbida, podendo desencadear um distúrbio delir ide dos

juízos, uma distorção da apreensão da realidade, modificações da escala de valores, ilusões sensoriais, alucinações as mais variadas, aberrações perceptivas, alterações da síntese perceptiva tais como desrealização, despersonalização, estados confusionais, onirismo etc.

Podem provocar também ab-reações emotivas intensas, culpa, súbitas modificações do humor, além de "insights" os mais profundos. Apesar dos riscos notáveis que o seu uso experimental implica, alguns especialistas utilizam-nos com finalidades terapêuticas, como foi exemplificado anteriormente. Em meio a essa profusão de sinais e sintomas mentais, podem ocorrer autênticos fenômenos de natureza paranormal ou mediúnico.

Existe uma estreita correlação, bem definida, entre a personalidade básica preexistente e os efeitos dessas drogas. Aldous Huxley chamou a atenção para o fato singular de que a mescalina não produz alteração na identidade dos objetos e sim no conteúdo das percepções. O distúrbio consiste na maneira como os objetos familiares são percebidos. Ao ingerir a droga, olhou para os livros da estante e percebeu "livros vermelhos como rubis, livros de esmeralda, livros encadernados em jade branco, livros de ágata, de água-marinha, de topázio amarelo; livros de lápis-lazúli de cor tão intensa, tão intrinsecamente característica que pareciam estar prestes a sair das estantes e arremessar-se mais intensamente de encontro à minha atenção". Esse fenômeno difere das ilusões, das pareidolias e das alucinações e também pode ocorrer nas psicoses esquizofrênicas: "certo paciente, ao ser visitado por pessoa, no hospital, e dar-lhe notícias dos filhos, interrompeu o visitante: 'como poderia ele perder tempo com um casal de crianças ausentes quando tudo o que verdadeiramente importava, ali e naquele instante, era a

indizível beleza dos desenhos que ele criava, em seu casaco marrom de xadrez, a cada movimento de braços" (I. Paim).

Esses desenhos e cores de excepcional beleza também costumam ocorrer nas vidências mediúnicas, bem como no êxtase religioso. Cerviño aduz que, como a própria percepção extra-sensorial pode revelar-se sob forma alucinatória e simbólica, geralmente torna-se extremamente difícil estabelecer limites precisos entre alucinações patológicas, aberrações perceptivas e as percepções extra-sensoriais, que, como foi dito, também possuem natureza alucinatória. É interessante frisar que os pacientes psicóticos, neuróticos etc. costumam apresentar, não raro, verdadeiros fenômenos mediúnicos, fáceis de ser averiguados, bastando, para tanto, ausência de preconceito e a capacidade de ver e de ouvir.

Segundo esse autor, o transe, como o sono, é também a estrada real da satisfação dos desejos frustrados, a válvula de escape de personalidades secundárias que podem emergir, em aparição meteórica, quando se apagam as luzes do córtex cerebral. Aqui, o personismo cultivado e exclusivo entra, sem dúvida, no campo francamente patológico, relacionando-se com as neuroses e as psicoses em geral.

J. Garcia ("Compêndio de Psiquiatria") aduz que "o erótico terá alucinações correspondentes (de mulheres nuas, de cenas eróticas, afrodisíacas etc.); o tímido e o inseguro terão visões terroríficas; as pessoas de ânimo alegre verão panoramas e cenas risonhas". Existem casos relatados de homicídios, crimes sexuais e mesmo suicídio após a ingestão dessas substâncias, sendo o alcoolismo a principal causa de acidentes automobilísticos.

Contudo, as drogas que induzem ao transe não são

necessariamente depressoras corticais, como o álcool. Rhine verificou a ação favorável à produção de fenômenos paranormais da cafeína, que é um excitante do córtex, e do amital que, em pequenas doses, deprime o hipotálamo. É notório que os barbitúricos são drogas depressoras do SNC.

É preciso ter em mente que a ação das drogas depende também da dose, da sensibilidade individual, além de possíveis idiosincrasias. Outro dado fundamental, segundo Pavlov, é a capacidade auto-regulável do cérebro: a excitação suscita, em determinadas condições, a inibição e vice-versa.

O éter, por exemplo, numa fase inicial, excita o córtex, mas, a reação inibitória por fim predomina (Bleger). Devido à extraordinária correlação entre as diversas estruturas encefálicas, é praticamente impossível interferir numa parte sem interferir no todo. Segundo a reflexologia de Pavlov, os barbitúricos atuam primariamente inibindo o córtex cerebral, tal como o álcool. Como o córtex atua como repressor das estruturas subcorticais, entendeu-se a liberação inicial das tendências inconscientes ou reprimidas. Os estados de embriaguez patológica, com exaltação psicomotora e condutopatia de caráter destrutivo são a causa maior das internações nos serviços de pronto-socorro psiquiátricos, segundo a experiência do autor.

Cerviño aduz que é justamente a liberação das estruturas subcorticais que, de algum modo desconhecido, se relaciona com as funções paranormais ou mediúnicas, por meio dos hipotéticos receptores Psi (op. cit).

O metabolismo dos neurônios é basicamente composto de oxigênio e glicose, e, secundariamente, entram os aminoácidos e os lipídios. Entre as vitaminas destaca-se o papel da Tiamina (B1) cuja carência pode provocar

distúrbios mentais e pelagra. As vitaminas atuam como enzimas biocatalizadoras.

O equilíbrio ácido-básico e eletrolítico representa outro fator fundamental na fisiologia cerebral. Assim sendo, quaisquer substâncias que modifiquem a homeostasia do SNC (hormônios, catabolitos, toxinas tanto endógenas como exógenas etc.) podem, de algum modo, interferir nas funções nervosas e, conseqüentemente, psicológicas e parapsicológicas.

Entre as condições que, intervindo nesses complexos mecanismos nervosos, propiciam o transe, destacam-se:

Anóxia cerebral, talvez a indutora das visões luminosas dos pacientes ressuscitados pelas modernas técnicas da medicina. O excesso de oxigênio também. Essa reação já era conhecida pelos yogues hindus desde tempos imemoriais, anteriores a Patânjali, que criaram as técnicas respiratórias denominadas pranayama, indutoras do transe. Destacam-se as formas de Kundalini yoga e Krya yoga, reintroduzidas nos tempos modernos, principalmente por Babaji.

Hipercapnia ou excesso de gás carbônico é outra condição que favorece o transe. Pode ocorrer durante a apnéia voluntária dos yogues, como na técnica de Hong Sau, ou nas preces intermináveis ou cânticos religiosos, que aumentam o teor do gás carbônico no interior dos alvéolos.

Modificações do equilíbrio ácido-básico, tal como a acidose provocada pela hipercapnia, com a queda correspondente do pH sangüíneo, pode facilitar ou induzir o transe, como ocorre no jejum etc.

Seria de interesse tecer algumas considerações psicofisiológicas sobre a Yoga, pois esse conjunto de técnicas

cas orientais tem muito em comum com as práticas mediúnicas.

Segundo Wilhelm Hass ("Die Psychist Dingwelt" — Bonn 1921), a Yoga não pretende atribuir as formações sutis aos órgãos anatômicos. O mesmo se pode dizer em relação ao Espiritismo cujo conceito de perispírito ou psicossoma, tem íntima relação com as estruturas do protoplasma celular, como já foi citado, com André Luiz.

A ascensão da Kundalini é digna de interesse especial, pois produz a rigidez cadavérica ou morte aparente dos que se deixam enterrar vivos (R. Schmidt, "Fakire und Fakistemm in alten und modernem Indien". Berlim, 1908). Foi constatado que tais indivíduos conservam calor no alto da cabeça, região que se relaciona com o centro coronário. Contudo, permanece inexplicada a capacidade funcional das células a despeito de tão notável carência de oxigênio, embora se deva reconhecer, em princípio, que todas as células animais sejam capazes de anoxibiose.

Jung fez interessante estudo psicológico em "Kundalini Yoga". Segundo o brilhante psicanalista junguiano Robert A. Johnson, em "We", a ascensão de Kundalini para centros de níveis mais elevados simboliza a elevação do estado de consciência: "Sempre que você é chamado pelo destino, sempre que você é levado em direção do próximo chakra (nível de consciência), você experimenta a sensação de ficar de 'cabeça para baixo', uma sensação de que o seu mundo foi revirado, e descobre que todos os valores e lealdades do mundo que você conhecia estão em conflito terrível com o novo mundo que o chama" (pág. 99).

Segundo Donders, a contração dos músculos do pescoço, inervados pelo acessório, pode paralisar o cora-

ção, e esse fato poderia explicar o retardo voluntário das contrações cardíacas.

Para F. A. Weiss (1936), Samadhi representa, do ponto de vista fisiológico, uma "forma rígida de catalepsia com redução de todos os processos motores e sensitivos, bem como dos vegetativos, tais como respiração, pulso, até um mínimo apenas suficiente para a manutenção da vida".

O Instituto de Fisiologia da Universidade de Yale constatou que o consumo de oxigênio durante os exercícios respiratórios é 20% maior, apesar da menor frequência respiratória, cerca de 1 irpm, o que conduziria a mudanças no metabolismo gasoso.

A Academia de Yoga de Lonavla, entre Bombaim e Poona, fundada em 1924, estuda de modo científico os fenômenos físicos e psíquicos condicionados pelos exercícios de Yoga, tendo constatado bons resultados clínicos nos distúrbios funcionais, mesmo sem a "iniciação teórico-mística" dos adeptos. Demonstrou que tanto a P_{O2} como a PC_{O2} levam a alterações psíquicas.

Foi também constatado que as posturas, ou ásanas, produzem alterações circulatórias que, aliadas à fixidez do olhar, conduziriam a um estado de transe hipnótico. As técnicas de Meditação difundida por Paramahansa Yogananda dão ênfase especial à fixidez do olhar, dirigido ao ponto entre as sobrancelhas, associada à supressão e de toda atividade cortical, ou estado alfa. Procedeu-se também a estudos comparativos entre os estados psíquicos dos Yogues, e as alterações da consciência dos esquizofrênicos. Em relação a esse aspecto fundamental, a experiência pessoal do autor constatou a perda dos limites do ego, sendo que nos transes, o foco da energia psíquica se dirige a regiões mais profundas, em direção

ao inconsciente, subcortical, mas sem a perda do "fio de Ariadne", isto é, do contacto com a realidade e do juízo crítico do estado mórbido. Costumam ocorrer estados de euforia intensa, sensação de luminosidade interna, além de indescritível "transparência" dos processos psíquicos. Parece que os esquizofrênicos não possuem a habilidade de manter o foco da consciência em regiões alheias ao eu superficial, fruto dos engramas mnemônicos e das experiências pretéritas, sem perder o controle da atividade psíquica.

J. H. Schultz enfatizou a importância do estudo da natureza real da Yoga, do mesmo modo das pesquisas da Hipnologia. Segundo se observou, a prática da Kundalini Yoga levaria o indivíduo a dirigir a atenção para os centros sutis, além dos limites do ego. O processo de auto-realização pela Yoga consistiria basicamente num processo funcional de dissolução do complexo do ego, fisiológico, sem ocorrer a alienação mental própria dos estados psicóticos. Na Psicologia ocidental, o processo de individuação de Jung descreve o mesmo fenômeno.

Segundo a Yoga, o homem, subjugado pela ilusão do processo do conhecimento (Maya), chega ao conhecimento mais real da realidade divina apoiado precisamente nesse mundo ilusório, criado pelos órgãos dos sentidos, daí a necessidade da reencarnação, como forma de amadurecimento espiritual e libertação do complexo do ego. Esse pressuposto parece ser também compartilhado pelo Espiritismo.

Segundo a Japa Yoga, ao permanecer concentrado em Deus, o indivíduo dissolve os conflitos neuróticos e restaura a sensação de bem-estar e a harmonia do funcionamento dos processos mentais.

Cerviño refere que qualquer fator que diminua a gli-

cernia, tais como o jejum, a inanição, disendocrinias, distúrbios hepáticos etc, ou interfira na utilização da glicose pelas células cerebrais (mescalina, por exemplo), predis põe ao transe. É interessante recordar a ênfase que a religião tradicional dá ao jejum e à frugalidade.

O "stress", com a mobilização da histamina, da adrenalina, pela supra-renal, pode originar catabolitos alucinogênicos, tais como o adenocromo. Assim, a auto-flagelação e as práticas antigas de mortificações religiosas estabeleceriam condições favoráveis ao transe.

As insuficiências hipofisária, supra-renal, tireoideana também podem produzir queda da glicemia e assim alterar o funcionamento das células nervosas do cérebro.

Pelas experiências de Zondek e Bier, é possível que o bromo, existente no organismo, tenha alguma importância na indução do transe, condição diferente do sono, mas que resulta igualmente dos processos cerebrais de inibição.

Em relação aos mecanismos cerebrais de inibição como condições indutoras do transe, outra linha de experimentação parece também apontar nessa mesma direção. Trata-se das experiências de privação sensorial.

Existem algumas formas especiais de transe, particularmente profundas, em que o indivíduo relata a parada completa do processo perceptivo. Santa Teresa denomina esse transe com o sugestivo nome de "oração de quietude". São João da Cruz faz também descrições bastante minuciosas. Paramahansa Yogananda descreve estados similares.

Ora, é sabido o papel importante que a substância reticulada ascendente possui na integração dos estímulos sensoriais e posterior ativação do córtex cerebral, sendo a base do processo neurofisiológico de vigília.

Conhecendo bem esse papel, os psiquiatras usam substâncias, tais como a Levomepromazina, como indutoras secundárias do sono, em pacientes psicóticos, pois essas substâncias interferem na recepção e integração dos impulsos nervosos aferentes, provenientes dos órgãos sensoriais, ao nível da SRA.

Experimentos "in anima nobile" demonstraram que a privação sensorial, obtida artificialmente, induz a formas especiais de transe, com distúrbios senso-perceptivos e até mesmo delirium.

Segundo Mayer-Gross, Hebb e Heron, 1961, fizeram pesquisas sobre "isolamento perceptivo", quando constataram a ocorrência de alucinações e debilitação da função cognitiva. Hebb afirmou que as alucinações assemelhavam-se às produzidas pela nectalina e pela exposição a luzes intermitentes. Alguns elementos eram oniróides, muitos eram vívidos como se estivessem diante dos olhos. Os indivíduos duvidavam se estavam sonhando acordados ou dormindo e sonhando. Mayer-Gross aduz que inúmeras pesquisas subseqüentes não conseguiram explicar os fenômenos de forma adequada ("Psiquiatria Clínica", Mayer-Gross, Slater e Roth, pág. 395).

Ziskind também estudou esses fenômenos e concluiu que tais vivências não se tratavam de alucinações, pois não apresentavam falta de "insight". Esses autores sugerem que as experiências alucinatórias e pseudo-alucinatórias, relatadas no curso de experiências de isolamento perceptivo, devem-se a redução intermitente no nível de consciência e estão amparadas pela observação de alteração no EEG. Ora, é bastante conhecida a hipótese levantada por inúmeros autores sobre a importância do "estado alfa" como indutor de formas de transe. Esses fenômenos podem ocorrer também na privação do sono,

em prisioneiros trancafiados em celas solitárias e em pessoas privadas de convívio social, tais como migrantes privados do contato social pelas barreiras lingüísticas e pela falta de familiaridade com o ambiente. Para o presente estudo, pode-se acrescentar a situação vivida pelos eremitas medievais ou pelos yogues indianos nos altiplanos dos Himalaias.

Os estados carenciais, com hipovitaminoses também diminuem a eficiência biológica do córtex e facilitam o transe. Um dos principais fatores eliciadores do *Delirium tremens* é a carência de vitamina B1. O D.T. pode ser considerado uma forma mórbida de transe, com êxito letal em cerca de 5% dos casos.

Deve-se alertar aqui que a indução do transe, através de drogas psicodélicas, é bastante arriscada, para dizer o menos. Cerviño observa que seria profundamente lamentável que a "visão sacramental da realidade" conduzisse alguém ao descalabro da adição ou dependência. Convém alertar que os casos de toxicomania ocorrem em personalidades imaturas, dependentes, frustradas e com tendências, ou sintomas francos de neurose ou psicose, quando não sociopáticas.

Michael Harner usou drogas conhecidas dos povos indígenas da Amazônia e criou um método de mútua ajuda na América do Norte. Carlos Castañeda fez experiências similares, tendo desenvolvido um episódio, classificado pelo seu mestre Don Juan como "perda da alma", termo indígena para surto psicótico. Caso bastante conhecido é dos auto-experimentos de Aldous Huxley. Existem hipóteses relacionando a psicose desenvolvida pelo pintor Van Gogh com o seu hábito de mascar grãos de centeio, enquanto pintava.

Segundo Fontana, a atuação das substâncias aluci-

nógenas seria de modo indireto, via catabolitos do grupo derivado das aminas biogênicas, que à maneira dos neuro-hormônios, interfeririam no funcionamento do sistema nervoso e, seguramente, das atividades psíquicas. A possível ação direta dos psicodislépticos foi comprovada em culturas de Oligodendroglia. Foi demonstrado que a Oligodendroglia tem papel importante como ponte metabólica entre o neurônio e o meio circundante, aumentando funcionalmente o fluxo sangüíneo cerebral. Assim, os alucinógenos produziram uma ativação do córtex através da excitação das estruturas subcorticais. Atuando por via da formação reticular, interfeririam nos mecanismos integradores do hipocampo e do sistema límbico, relacionados com a conduta instintiva, com as emoções, com a memória, com a aprendizagem e com as funções paranormais, segundo Cerviño, como já foi dito (FEB, 1968). Sua expressão eletroencefalográfica são as ondas Teta, medidas por meio de eletrodos localizados nessas regiões profundas, e seu efeito mais característico é o da alucinação.

Entre os antagonistas dos psicotomiméticos se destacam o haloperidol, a clorpromazina e a tioridazina. A experiência pessoal do autor indica que o uso dos neurolépticos inibe não apenas os sintomas produtivos psicóticos propriamente ditos, como os fenômenos mediúnicos, tanto de feição paranormal como os francamente mórbidos, classificados por Allan Kardec como obsessão simples, fascinação e subjugação. Em Psicopatologia não é possível a distinção nítida desses fenômenos, que quase sempre ocorrem misturados entre si. Aliás, essa dificuldade também foi crucial no desenvolvimento da Psiquiatria, que abandonou o conceito clássico das entidades nosológicas para se utilizar do conceito mais correto de síndrome.

mes psicopatológicas, conforme foi dito anteriormente. A Psicofarmacologia ainda não decifrou os mecanismos de ação da maioria dessas drogas, que são eminentemente empíricas, cuja descoberta se deu casualmente, tal como a clorpromazina.

Diversos autores enfatizam a possibilidade da eclosão de um surto psicótico, abrupto ou não, associado ao uso dos psicodislépticos. O seu uso, mesmo experimental, é contra-indicado em pessoas com alguma enfermidade somática crônica, pacientes "borderline", pré-psicóticos, psicóticos, personalidades psicopáticas ou com um ego fraco ou mal estruturado, nos histéricos, nas infecções agudas ou crônicas, na gravidez, em depressões graves, em pessoas delinqüentes, isoladas, com conflitos matrimoniais ou existenciais graves etc.

Um dos campos da ciência que mais profundamente tem estudado os efeitos dos psicodislépticos é o da Psicologia Transpessoal, com eminentes autores, destacando-se Stanislav Grof.

Esse autor critica a tendência, dentro da ciência contemporânea, de rotular tais experiências como sendo psicóticas ou a considerá-las como sintomas manifestos de doenças mentais, talvez devido ao fato de que experiências semelhantes possam ser observadas em pacientes esquizofrênicos.

Grof considera a aceitação não tendenciosa desses fenômenos como fundamentais para a compreensão mais aprofundada da personalidade humana. Exemplificando essa atitude tendenciosa, Freud equacionou a religião com rituais simbólicos e tentou explicá-la em termos de conflitos não resolvidos da psique infantil e em termos da sexualidade infantil. Já foi dito como Jung esclareceu essa tentativa de Freud de mascarar os fenômenos ditos

ocultos com o manto prestidigitador da Teoria do Determinismo do Desenvolvimento Psicosexual. A maioria dos estudos da Psicologia experimental, bem como dados antropológicos, tendem a infirmar essa suposição de Freud, embora a existência dos fenômenos paranormais ainda esteja longe dum consenso entre os cientistas.

William James (1902), M. Laski (1962), Assaglioli (1965) e Maslow (1969), construíram os alicerces de uma nova concepção da Psicologia, baseada nas observações de experiências culminantes de ocorrência espontânea. Criaram-se técnicas de laboratório, tais como a privação ou sobrecarga sensorial, o emprego de "feed back", de ondas alfa e teta para o controle voluntário de estados internos, o uso de vários aparelhos sinestésicos, novas modificações da hipnose etc. Lamentavelmente o Espiritismo foi pouco estudado pela maioria dos autores científicos dos círculos acadêmicos, provavelmente devido à sua pequena difusão nos países anglo-saxônicos, muito mais avançados no campo da pesquisa científica em praticamente todos os setores.

Grof é criticado justamente pelo fato de se utilizar do LSD como meio sistemático de definir e descrever as experiências transpessoais. O mediunismo é um método muito mais seguro, uma vez que não artificial, mais natural, profícuo e socialmente aceitável que os métodos químicos. Na experiência do autor, as vivências psicodélicas, embora algumas mais ou menos autênticas, seriam meras caricaturas das vivências mediúnicas ou produzidas pela Yoga, por exemplo, mais naturais e mais facilmente integradas pelo eu.

As vivências mediúnicas promovem um desenvolvimento natural da personalidade, quando bem dosadas, com menos riscos individuais, especialmente quando de-

envolvidas em grupos sérios e voltados para os valores positivos da Filosofia e da Religião.

Basicamente os psicólogos transpessoais buscam estudar vivências ditas transpessoais, definidas como uma experiência que envolve uma expansão ou extensão da consciência para além dos limites usuais do ego, bem como dos limites impostos pelo denominado "continuum" espaço-tempo. Essas peculiaridades são também características do transe mediúnico, conforme já foi estudado.

Um dos maiores inconvenientes das sessões psicodélicas, segundo seus adeptos, são as experiências ditas "sem saída" ou infernais. São geralmente caracterizadas por um escurecimento admirável do campo visual e por cores bastante sinistras e ominosas. Os sujeitos sentem-se enjaulados e presos numa situação claustrofóbica sem saída, e experimentam incríveis torturas psicológicas e até mesmo físicas, numa situação totalmente insuportável, vivenciada como sem fim e sem esperança, sem nenhuma possibilidade de escapar nem no tempo nem no espaço, nem mesmo pelo suicídio (Grof). Geralmente são acompanhadas por sentimentos de culpa, inferioridade, agonia, solidão metafísica, alienação, desamparo, e desespero, podendo contatar figuras semelhantes a Sísijo, Tântalo, Íxion, Prometeu etc. (idem). Também podem ocorrer excitação de natureza sexual intensa, mesclada com agressão excessiva, orgias de feição sado-masoquista, com visões de assassinatos sangüinários, torturas, crueldades de todos os tipos. Grof denomina essa experiência de "êxtase vulcânico" e cita a seguinte experiência:

"Uma paciente tratada pela terapia psicolítica, por causa de sua cancerofobia intensa e de sua sintomatologia de psicose fronteira, teve, num estágio avançado de tratamento com quatro sessões consecutivas de LSD, vi-

vências que consistiram quase exclusivamente de cenas e seqüências que se deram em Praga, no século XVII. Esta época foi um período bastante crucial na história tcheca; após a perda da Batalha da Montanha Branca, em 1621, que assinalou o início da Guerra dos Trinta Anos, na Europa, o país deixou de existir como um reino independente e ficou sob a dinastia dos Habsburgos. Num esforço para destruir os sentimentos de orgulho nacional e para anular as forças de resistência, os Habsburgos enviaram mercenários para capturar os nobres mais proeminentes do país. Vinte e sete membros destacados da nobreza foram então decapitados pelos Habsburgos. Numa seqüência bastante dramática, a paciente finalmente reviveu, com fortes emoções e com bastante detalhes os eventos reais de execução, incluindo a angústia terminal e a experiência de agonia."

É interessante notar que posteriormente Grof descobriu que a árvore genealógica da família da paciente indicava serem eles descendentes de um dos nobres que foram executados após a Batalha da Montanha Branca. Grof considera essa observação clínica "um problema de difícil interpretação dentro da estrutura de paradigmas tradicionalmente aceitos". Ora, dentro dos paradigmas espíritas, a interpretação das possíveis interações fica bem mais acessível.

Alguns raros pacientes apresentaram experiências intimamente relacionadas às sessões espíritas: o sujeito exibe sinais de transe mediúnico, sua expressão facial é transformada surpreendentemente, seu semblante e seus gestos parecem estranhos e sua voz é dramaticamente modificada. Ele pode falar numa língua estrangeira, escrever textos automaticamente e produzir desenhos hieroglíficos obscuros, ou desenhar quadros estranhos e

ininteligíveis. Ou encontrar-se com corpos astrais ou entidades espirituais de pessoas já falecidas, ou então uma comunicação extra-sensorial com elas (Grof). Esse autor cita um exemplo clínico:

"Após termos cruzado o limiar entre a vida e a morte, eu me encontrei num mundo misterioso e ameaçador. Todo ele estava cheio de éter fluorescente, de uma natureza estranhamente macabra. Um número infindável de almas de seres humanos falecidos estava suspenso no éter fluorescente; em atmosfera de estranha angústia e de excitação inquietantes eles estavam me enviando mensagens não-verbais, através de alguns canais extra-sensoriais inidentificáveis. Eles pareciam extremamente necessitados, e era como se quisessem algo de mim. Em geral, a atmosfera me fez recordar as descrições do sub-mundo que li na literatura grega (...) meu pai estava presente nesse mundo com um corpo astral; seu corpo astral estava como que superposto ao meu (...) Foi a experiência mais ameaçadora de minha vida." (Idem.)

Como se vê, as sessões experimentais da Psicologia Transpessoal tendem, também, a confirmar a Doutrina Espírita.

VIII

DOENÇA MENTAL E MEDIUNISMO

O conceito de doença mental foi introduzido no campo das ciências médicas, contra muitas resistências, a partir do gesto de Philippe de Pinel, rompendo as cadeias dos alienados da Bicêtre, e de outros médicos que o acompanharam (Ey).

Esses pioneiros humanitários libertaram os doentes mentais de seus entraves mais terríveis. Pode-se dizer que a Psiquiatria, como um ramo da Medicina, nasceu das exigências éticas, filosóficas e sociais, que elaboraram o conceito de Doença Mental como um fator imprescindível no campo das ciências médicas (idem).

Posteriormente, os avanços dos conhecimentos fisiopatológicos das ditas funções instrumentais da vida de relação, isto é, do sistema nervoso, consolidaram esse conceito. Assim, o conceito evoluiu das superstições demonológicas da Idade Média para os rigores do cientificismo atuais, se é lícito expressar-se dessa maneira. Todavia, essa evolução das doenças mentais para o campo das ciências naturais teve o seu ponto de partida com o grande médico da antiguidade grega, Hipócrates, que in-

roduziu as primeiras interpretações naturalistas. O termo histeria, por exemplo, foi criado pelo denominado Pai da Medicina.

Houve um retrocesso, durante a Idade Média, com os exageros da possessão demoníaca, mas esse rigor teológico teve pelo menos um aspecto positivo: contribuiu para clarear os limites da vida psíquica normal e patológica.

Retrocedendo no tempo, mais uma vez, veio o Cristianismo com o estabelecimento do valor intrínseco do homem. Na Antiguidade, esse valor não existia, em absoluto. Os reis eram divinizados e adorados como tais, ao passo que os escravos eram despojados de qualquer dignidade humana, enquanto que os homens livres não tinham individualidade própria. O único critério de valoração do indivíduo era a origem, por nascimento, real, nobre, plebéia ou escrava.

Outro importante avanço na compreensão do homem, segundo H. Ey, veio com a Reforma, apregoando o livre exame da consciência religiosa, libertando o componente psicológico da personalidade humana. Todavia, a libertação da tirania intelectual, exercida durante séculos pelo pensamento católico romano dominante, conduziu o pensamento ocidental a um outro exagero: o materialismo científico, que despojou o homem de qualquer componente de feição espiritual, produzindo uma atitude desequilibrada, denominada pelo autor como Complexo de Lavoisier, já descrito nos capítulos precedentes.

Foi esse desequilíbrio materialista que gerou a Psiquiatria mecanicista do século XIX. Paralelamente a esse desenvolvimento teórico, as instituições assistenciais evoluíram, a partir dos numerosos monastérios hospitalares medievais, para os hospícios, sanatórios, casas de re-

pouso, hospitais psiquiátricos, enfermarias psiquiátricas em hospitais gerais, culminando com as técnicas de A. Meyer de "open doors", "no restraint" etc. dando ênfase especial à ressocialização e terapia ocupacional ("Christian Science" de Meyer). Assim, houve uma evolução no conceito de doença mental, apesar de alguns retrocessos, desde os excessos da possessão demoníaca até a influência materialista na Psiquiatria mecanicista do século passado. Com o Espiritismo abriram-se novos caminhos à compreensão do ser humano integral.

Contudo, essa evolução não foi pacífica nem livre de percalços, e se existe um ramo da Medicina onde reina confusão e contradição é justamente o campo que lida com as doenças mentais, não existindo consenso nem mesmo sobre a delimitação entre a saúde e a doença (Ey).

Segundo a organização Mundial de Saúde, o conceito de saúde deve incluir um completo bem-estar físico, mental e social. Com tal abrangência fica difícil a delimitação dos conceitos de saúde e doença. Convém antecipar aqui que, com o Espiritismo, tal conceito ganha uma nova dimensão, que se vem agregar às anteriormente citadas, ou seja, a dimensão espiritual, o que aumenta enormemente a complexidade do tema. É conveniente repisar aqui o caráter científico da Doutrina Espírita, que de modo algum abdica dos modernos avanços da Anatomia, da Fisiologia, da Bioquímica, da Patologia Geral e da Psicopatologia em particular, passando, pois, necessariamente pelos campos da Psiquiatria, da Psicologia, da Antropologia, da Psicofarmacologia etc. etc, como se tem tentado demonstrar ao longo do presente trabalho.

Para a Psiquiatria mecanicista do século passado, as doenças mentais seriam simples agregados de sintomas específicos de lesões cerebrais. Assim, a doença

mental foi despojada do elemento psíquico, ainda que isso seja um verdadeiro paradoxo. Essa escola tomou como protótipo das doenças mentais a paralisia geral (neuro-sífilis), doença provocada pela infecção do sistema nervoso central pela bactéria *Treponema pallidum*.

Assim, em lugar de uma Psicopatologia, foi criada uma anatomia patológica dos sinais e sintomas das doenças mentais. Foi a época dos grandes médicos alienistas sistematizadores como Esquirol, Morel, Kraepelin (certamente o maior deles), Falret, Hecker, Kahlbaum, Magnan, Wernicke, Kleist etc.

A Psiquiatria Clássica se assentava em três teses fundamentais:

1º) Redução do quadro clínico a um sintoma basal, ou a uma coleção deles.

2º) Interpretação desse sintoma por uma patogenia mecânica das localizações cerebrais.

3º) Exclusão de todo fator psíquico da etiologia e da estrutura das doenças mentais. Exemplificando, os sintomas foram reduzidos a mecanismos simples, tais como problemas associativos, problemas de memória, hipertimia, alucinação, obsessão, sugestão, esquema corporal etc.

Como já foi dito, apesar do furor das sessões de anatomia patológica, essa corrente mecanicista não resistiu à realidade dos fatos. O sistema nervoso central tem mecanismos de funcionamento que vão muitíssimo além de sistemas tais como cardiovascular, hematopoético, digestivo etc. Destarte, o mito das "entidades nosológicas" dos alienistas clássicos, conduziu aos "tipos sindrômicos" que são ainda a base da Psiquiatria clínica.

A monomania de Esquirol cedeu lugar às neuroses obsessivas, à paranóia etc. A "folie circulaire" de Falret

evoluiu para a psicose maníaco-depressiva de Kraepelin. A hebefrenia de Hecker e a catatonia de Kahlbaum foram agrupadas por Kraepelin no grupo da "dementia praecox", que depois cedeu lugar para o mais moderno conceito de GRUPO das esquizofrenias de Bleuler (1911). As síndromes tóxico-infecciosas de Régis foram agrupadas na reação exógena de Bonhoeffer, e assim sucessivamente.

Surgiu um novo movimento de tendência psiquista, que deu notáveis contribuições para a compreensão das doenças mentais, seguindo a cadeia dos grandes médicos clínicos pensadores.

Por um lado, a filosofia dominante passou a ser a do problema da vida interior do homem e das forças subjetivas, através dos filósofos Kant, Schelling e Schopenhauer, filosofia essa menos racional e mais intuitiva, advogando também a causalidade psíquica na patogenia das doenças mentais.

No campo das ciências médicas, a corrente iniciou-se com Anton Mesmer, criador da escola fluidista, Braid, criador da escola psiquista, Berheim, Charcot, genial neurologista parisiense que iniciou os estudos científicos da histeria, Pierre Janet e finalmente Freud, com a culminância provável em Carl Jung. Mas a evolução não parou ainda e está bastante longe de ser concluída. Na América do Norte, a grande reação ao mecanicismo partiu, inicialmente, de Adolf Meyer, que introduziu o conceito de multiplicidade das causas da reação psicológica, criando a Teoria Biopsicológica, acabando com a nosologia clássica.

A nova Semiologia procurou um sentido que uniformizasse e harmonizasse a heterogeneidade aparente da sintomatologia das doenças mentais. Modificou-se o conceito de localização cerebral, por falta de bases anatômicas.

mofisiológicas, levando ao novo modelo de organização de funções, destacando a doença mental como liberação das instâncias inconscientes do ser, ou seja, as funções mentais como produto do funcionamento "in totum" do sistema neuro-endocrínico (Ey).

Com os estudos fornecidos principalmente pelas neuroses históricas, as doenças mentais pouco a pouco se desmaterializaram. Isso se deu graças às concepções psicogenéticas, em oposição às concepções mecanicistas que se mostraram inviáveis na maioria dos casos.

Segundo essas concepções, a doença mental é o efeito de causas psíquicas, é de natureza psíquica e tem uma motivação psíquica. São secundárias a situações vivenciais insatisfatórias ou a tendências inconscientes. A partir da primeira hipótese, surgiu a Fenomenologia, e da segunda, a Psicanálise. Segundo a primeira hipótese, as causas das doenças mentais são de origem socio-psicogenéticas, sendo produto da situação patogênica ou da acumulação de dificuldades vitais. Contudo, contra essa teoria, nem todos os indivíduos têm as mesmas reações nas mesmas situações existenciais. Já com a segunda hipótese, a psicodinâmica, o doente não exprime as dificuldades vitais da situação externa, presente, mas sim, simbolicamente, situações internas profundas e arcaicas, inconscientes.

Não parece muito difícil demonstrar que ambas as hipóteses podem ser verdadeiras, dependendo do caso, e esse foi o pensamento de Jung. Também está claro que a hipótese mecanicista é a correta em outros casos, como, por exemplo, os tumores cerebrais e suas complicações psiquiátricas. A todas elas, a Doutrina Espírita abarca e acrescenta uma outra hipótese, ainda mais ampla e vasta, ou seja, a atuação, em determinados casos,

de entidades espirituais, como será visto mais pormenorizadamente adiante, ou ainda a eclosão de sinais e sintomas mentais cujas bases se assentam em desajustes cármicos do perispírito.

À medida em que ia aumentando o número das análises patológicas dos cérebros de doentes mentais falecidos, e que iam se aperfeiçoando as técnicas de análises histológicas microscópicas e bioquímicas, ficou demonstrada a insuficiência da postura radical da Teoria das Localizações Cerebrais. Permaneceram de pé somente aquelas doenças enquadradas pela "Classificação Internacional de Doenças" com os números 290 (Quadros psicóticos orgânicos senis e pré-senis), 291 (Psicoses alcoólicas), 292 (Psicoses por drogas), 293 (Quadros psicóticos orgânicos transitórios) e 294 (Outros quadros psicóticos orgânicos crônicos) (Nona revisão).

Na vertente psicodinâmica, Sigmund Freud devassou os escaninhos da mente, como nunca se tinha feito anteriormente, e introduziu o extraordinário conceito de Inconsciente. Contudo, ao se aprofundar, estacou diante do que denominou de "onda negra do ocultismo" (Jung) e refugiou-se na Teoria da Sexualidade. Atualmente, a maioria das idéias de Freud têm sido informadas pelas modernas pesquisas psicológicas e antropológicas.

Carl Jung, o psicólogo mais em evidência depois de Freud, segundo Hall e Lindzay, aprofundou-se na pesquisa do inconsciente e abriu à Medicina as perspectivas dos fenômenos sincronísticos e parapsicológicos. Estabeleceu a existência da alma como coisa, embora muitos possam discordar dessa interpretação do pensamento junguiano. Infelizmente, a Metapsíquica de Charles Richet, bem como o Espiritismo, codificado por Allan Kardec, não tiveram penetração nos meios acadêmicos.

De um modo geral, porém, parece haver certa concordância com o fato de ser a doença mental o fruto da dissolução ou da imaturação, disgenesia ou desestruturação da totalidade do organismo, levando a um modo de vida regressivo. Assim, a patologia mental constitui uma tentativa de reorganização, por parte do indivíduo, a partir da massa de existência humana subsistente. A Doutrina Espírita vai além, ao estabelecer um componente teleológico para a doença mental, como um mal necessário, imposto por contingências cármicas, como será explicitado mais adiante. Contudo, não se deve cair no exagero de crer que tudo seja cármico. Além das vivências expiatórias, existem as provações e as missões.

Assim, sobre os sintomas deficitários, ou primários, se agregam os sintomas secundários ou positivos, que derivam da vida psíquica engajada no problema, qualquer que seja a sua etiologia. Contudo, convém repisar o fato fundamental de que a patologia mental não pode dispensar também uma perspectiva genética. Além disso, de acordo com grande número de autores, o fenômeno sonho-sono é de grande importância para a compreensão dos estados psicopatológicos.

Entretanto, as tentativas de criar-se uma semiologia psiquiátrica têm recebido críticas as mais variadas, de autores de diferentes escolas.

G. Lanteri-Laura refere que, nas obras de Psiquiatria Clássica, a semiologia figura como o aspecto mais falho, mais redundante e mais disparatado da obra. Devido a isso, foi rebaixada a certo grau de descrédito. Segundo esse psiquiatra da escola francesa, as oposições mais acusativas dos modernos psiquiatras contra a semiologia seguem três temas principais:

Em primeiro lugar, os sinais não seriam mais que

projeções do clínico e lhe permitiriam defender-se do paciente, comprimindo-o e alienando-o no "status" de doente mental.

Em segundo lugar, a pesquisa dos sinais serviria para bloquear a atitude terapêutica, perdendo tempo com a anamnese, em vez de dispensar cuidados mais urgentes.

Finalmente, segundo esses autores, a patologia mental seria enganadora e não se justificaria a procura dos sinais, pois somente existiria a unicidade da patologia mental, arrastando a obscuridade da semiologia psiquiátrica.

No pensamento do autor, essa confusão e essa contradição apresentam duas conseqüências, uma de ordem teórica e outra de ordem prática.

Do ponto de vista teórico, a situação reflete o dito popular que diz "na casa onde não há pão, todo mundo chora e ninguém tem razão". Isso implica o fato de que certamente tanto as teorias mecanicistas quanto as teorias psicogenéticas não esgotam, em absoluto, o assunto. Isso porque o homem é um organismo material, não existe a menor dúvida, mas é também possuidor de uma alma, que tem existência "per se" e um dinamismo característico próprio. E um dos desenvolvimentos teóricos que complementam a Psiquiatria de modo mais perfeito é justamente a Doutrina Espírita, em suas três vertentes: científica, filosófica e religiosa. Ao soma ela acrescenta o psicossoma ou corpo espiritual, funcionando ambos de modo integrado e sinérgico tanto na saúde como na doença.

Assim, longe de contradizer a Medicina, em geral, e a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicopatologia, em particular, ela complementa e esclarece, ao agregar um mundo

novo e insuspeitado, definido no plano espiritual. Isso porque ela é basicamente uma teoria dualista psicofísica interacionista.

Alguns grandes psiquiatras já vislumbraram esse novo mundo espiritual, refletindo nas profundezas da mente de seus clientes, e por que não dizer também de si próprios? Richard Evans, entrevistando Jung, transcreveu o seguinte: "O eu é meramente um termo que designa a personalidade. A personalidade do homem, como um todo, é indescritível. A sua consciência pode ser descrita; o seu inconsciente não pode ser descrito porque (...) repito uma vez mais (...) é sempre inconsciente. E como é realmente inconsciente, o homem não o conhece. E, assim, desconhecemos nossa personalidade inconsciente. Ninguém pode dizer onde termina o homem. É aí que está a beleza da coisa. Todo o seu grande interesse. O inconsciente humano oculta sabe Deus que segredos. Temos ainda grandes descobertas a fazer."

É interessante notar que, no próprio plano espiritual, essas profundezas permanecem incognoscíveis para a maioria absoluta dos Espíritos, a deduzir-se da seguinte passagem de André Luiz, ao discorrer sobre a corrente mental: "Nasce das profundezas da mente, em circunstâncias por agora inacessíveis ao nosso conhecimento, porque, em verdade, a criatura, pensando, cria sobre a Criação ou pensamento concreto do Criador" ("Mecanismo da Mediunidade" pág. 82). Esse autor espiritual se refere também ao pensamento "(...) em que se exprimem as legiões angélicas, através de processos ainda inacessíveis à nossa observação (...)" (idem, pág. 44). Contudo, é bom repisar que, segundo a Doutrina Espírita, a mente ainda é matéria: "Como alicerce vivo de todas as realizações nos planos físico e extrafísico, encontramos o pen-

samento por agente essencial. Entretanto, ele ainda é matéria — a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido (...)" (idem, pág. 45).

Quanto às conseqüências práticas, resultantes da grande contradição existente entre os teóricos a respeito do conceito de doença mental, elas são de menos importância para a terapêutica por um motivo fundamental: no processo terapêutico, o fator determinante não são os conhecimentos teóricos do psicoterapeuta, mas o padrão básico da sua personalidade como um todo (Malpass). Além dos aspectos científicos, tomam parte os aspectos emocionais, a empatia, a capacidade inerente de compreender e ajudar. Aqui entra em campo a Psicologia Médica, que estuda a relação médico-paciente. Aos avanços da Psicologia Médica, bem como aos aspectos transferenceis, o Espiritismo acrescenta a troca fluídica entre o terapeuta e seu cliente (aspectos biomagnéticos e mentomagnéticos).

É fato conhecido, mas não explicado, pelos médicos, a capacidade de determinados terapeutas em realizar diagnósticos de modo correto e a capacidade quase mágica de realizar curas. A essa faculdade os médicos costumam dar o nome "olho clínico", sem saber bem o que seja. Aqui, também, a Doutrina Espírita explica, plenamente, sendo que existe uma modalidade especial de mediunidade denominada mediunidade de cura, na qual o indivíduo libera uma incomum quantidade de elementos biomagnéticos de feição curadora. Essa faculdade não é fantasiosa, e já era conhecida nos tempos do advento do Cristianismo: "E uma mulher, que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos, e gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curado. Che-

gando por detrás dele, tocou na orla do seu vestido, e logo estancou o fluxo do seu sangue. E disse Jesus: quem é que me tocou? E negando todos, disse Pedro e os que estavam com ele: Mestre, a multidão te aperta e te oprime e dizes: Quem é que me tocou? E disse Jesus: Alguém me tocou, porque bem conheci que de mim saiu virtude. Então, vendo a mulher que não podia ocultar-se, aproximou-se tremendo, e, prostrando ante ele, declarou-lhe diante de todo o povo a causa por que lhe havia tocado, e como logo sarara. E ele lhe disse: Tem bom ânimo filha, a tua fé te salvou; vai em paz" (Lucas, Cap. 8, vv 43 a 48).

Esse fenômeno não tem nada de milagroso, perante a Doutrina Espírita, e demonstra muito bem a que profundezas pode chegar a relação médico-paciente. Ao explicar o fenômeno, sem ab-rogar as leis naturais, o Espiritismo não diminui, em absoluto, a grandeza inerente à personalidade de Jesus. Aliás, não são incomuns, nos hospitais, casos de pacientes se recuperarem de um modo que contraria todas as expectativas dos melhores especialistas. A recíproca também pode ocorrer. A Psicologia Médica, disciplina que estuda a relação médico-paciente, ainda tem um longo percurso à sua frente, e sem sair dos limites das ciências naturais.

Além desses aspectos teóricos e práticos já citados, a respeito das doenças mentais, existe um terceiro aspecto importantíssimo, mas sistematicamente ignorado ou suprimido pela quase totalidade dos teóricos. Trata-se da vertente moral da vida psíquica, tanto na saúde como na doença. Essa escotomização talvez seja uma defesa contra o passado demonológico a que esteve ligado o conceito de doença mental.

Esse tema é cheio de preconceitos, prejuízos, tabus

e obstáculos de toda espécie. Isso porque é praticamente impossível evitar o efeito, por vezes devastador, de juízos de valor, até certo ponto distorcidos por problemas de ordem pessoal, cultural ou até mesmo religiosa. Talvez seja mais prudente e seguro evitar tal assunto, mas o objetivo do presente estudo, sendo eminentemente de natureza prática, obriga enfrentar um tema tão espinhoso.

Os psiquiatras alemães Stahl e Heinroth tentaram explicar a etiologia das doenças mentais como sendo fruto ou expressão de um mal moral, efeito da culpa, do pecado, do erro e dos tormentos que a consciência culpada impinge a si mesma. Esse posicionamento seria evidentemente incorreto, se generalizado, mas em alguns casos, segundo Jung, a culpa bem que pode explicar a etiopatogenia de determinados distúrbios psíquicos, com o que concorda o Espiritismo.

Em geral, os grandes escritores penetram na alma das pessoas de um modo muito mais completo do que a grande maioria dos terapeutas. A vertente moral de um caso específico de doença mental foi descrita com genial penetração pelo grande escritor russo Dostoievski na obra "Crime e Castigo", que de modo algum está desprovida de valor clínico. Esse autor foi tão perspicaz na descrição e compreensão da doença do seu personagem que, muitos anos antes de Bleuler, já o denominou Raskolnikof, que em russo significa fendido, termo muito semelhante a esquizofrênico. A culpa foi o "leitmotif" da doença de Raskolnikof.

Que a culpa também possa levar à doença mental foi uma percepção de Spinoza, aqui citado por William James: "Pode-se talvez esperar que as torturas da consciência e o arrependimento ajudem a trazê-los para o bom caminho, e pode-se, em vista disso, concluir (como

todo mundo conclui) que essas afeições são coisas boas. Entretanto, se examinarmos a questão mais de perto, descobriremos que elas não são boas, senão, pelo contrário, paixões más e deletérias. Pois é manifesto que podemos sempre tirar maior proveito da razão e do amor da verdade do que da perturbação da consciência e do remorso. Nocivos e maus são estes últimos, na medida em que formam uma espécie particular de tristeza" (op. cit.).

Com esta postura concorda, certamente, a Doutrina Espírita, pois, na obra do autor espiritual Emmanuel "Pensamento e Vida", encontra-se a descrição do que ele denominou "abscessos mentais" (FEB, 1958). No capítulo 22, tem-se que "Quando fugimos ao dever, precipitamo-nos no sentimento de culpa, do qual se origina o remorso, com múltiplas manifestações, impondo-nos brechas de sombra aos tecidos sutis da alma". E que "É nesse estado negativo que, martelados pelas vibrações de sentimentos e pensamentos doentios, atingimos o desequilíbrio parcial ou total da harmonia orgânica, enredando corpo e alma nas teias da enfermidade, com a mais complicada diagnose da patologia clássica". Como se vê, as semiologias psiquiátrica e espiritual, se é que se possa fazer tal dicotomia, estão intimamente relacionadas.

Esse autor espiritual envereda também nos meandros da terapêutica: "Cair em culpa demanda, por isso mesmo, humildade viva para o reajustamento tão imediato quanto possível de nosso equilíbrio vibratório, se não desejamos o ingresso inquietante na escola das longas reparações."

Desta maneira, o Espiritismo, além de corroborar a Psicopatologia, amplia os seus horizontes, ao revelar que algumas doenças mentais se prolongam após a morte do corpo físico, e que a etiologia de outras tantas está asso-

ciada a processos de influência por parte de entidades espirituais, tais como obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

De acordo com André Luiz ("Evolução em dois Mundos"), "(...) o corpo espiritual preside no campo físico a todas as atividades nervosas, resultantes da entrosagem de sinergias funcionais diversas (pág. 124). E que os fenômenos patológicos susceptíveis de ocorrer (...) em alguns dos setores corticais do corpo físico podem surgir igualmente no corpo espiritual, quando a turvação da mente é capaz de obstruir temporariamente esse ou aquele fulcro energético da região diencefálica, no centro coronário da entidade desencarnada" (pág. 126).

Em seguida descreve um dos possíveis mecanismos de psicose espiritual "(...) pode sofrer disfunção específica pela qual um Espírito desencarnado contemplará tão-somente, por tempo equivalente à conturbação em que se encontre, os quadros terríveis que lhe digam respeito às culpas contraídas, sem capacidade para observar paisagens de outra espécie; (...) com absoluto olvido de fatos (...) o pensamento contínuo que lhes flui da mente, em círculo vicioso sobre si mesmo, age coagulando ou materializando pesadelos fantásticos, em conexão com as lembranças que albergam" (pág. 127). Essa descrição pode bem representar um tipo especial de autismo, no plano espiritual, com alucinações correspondentes, semelhando as monomanias da corrente alienista francesa (psicoses).

Esse autor vai mais fundo na sua análise, ao declarar que "(...) esses pesadelos não são realmente meras criações abstratas (...) (mas são) formadas pelas partículas vivas de matéria mental, e se articulam em quadros que obedecem também à vitalidade mais ou menos longa

do pensamento, (...) que, congregando criações do mesmo teor, de outros Espíritos afins, estabelecem, por associações espontâneas, os painéis apavorantes em que a consciência culpada expia (...)" (idem). Nessa mesma direção, existe o pensamento de diversos psiquiatras convencionais, entre os quais Jung, que admitem o caráter até certo ponto contagioso de certos distúrbios mentais.

Continuando, nas págs. 213/214, tem-se que "a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas (...) nóculo de forças mentais desequilibradas (...) expressando as chamadas dívidas cármicas". E que "todo remédio da farmacopéia humana, até certo ponto, é projeção de elementos quimioelétricos sobre as agregações celulares, estimulando-lhes as funções ou corrigindo-as (...). Na Espiritualidade, os servidores da Medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo, para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença (...)" "(...) na Espiritualidade Superior, o médico não se ergue apenas com o pedestal da cultura acadêmica (...) visto que a psicoterapia e o magnetismo, largamente usados no plano extrafísico, exigem dele grandeza de caráter e pureza de coração" (pág. 216).

Como se vê, a Doutrina Espírita amplia consideravelmente o campo tanto da Psicologia normal como anormal. Assim fica demonstrado, supõe-se, que tanto a unilateralidade da Psiquiatria mecanicista, de um lado, quanto a de alguns psiquistas, de outro, estão incorretas. Aliás, já foi dito, com Aksakof, sobre a tendência dos espíritas de atribuírem todos os sinais e sintomas à atuação dos Espíritos. Aqui, como sempre, o bom senso deve prevalecer, acima de condicionamentos unilaterais, tanto de ordem teórica como prática.

Ao enfatizar os fatores genéticos, constitucionais, culturais, além das existências passadas do indivíduo, a Teoria Espírita ajuda na compreensão da etiopatogenia e da terapêutica dos demais distúrbios mentais, tais como as psicoses endógenas (CID 295, 296 e 297), as psicoses outras (CID 298), as psicoses infantis (299). Também o mesmo se dá em relação aos transtornos neuróticos (300), de personalidade (301), sexuais (302), dependências do álcool e outras drogas (303, 304 e 305), os distúrbios psicossomáticos (306), o porquê de determinadas reações ao "stress" (308), outras síndromes, tais como as oligofrenias etc. etc. Contudo, não se deve cair na interpretação simplória de que o Espiritismo tenha soluções para tais distúrbios, mesmo porque explica que a grande maioria tem causas cármicas. Mas "sedare dorem opus divinus est". Mesmo o Cristo realizou poucas curas, a deduzir das descrições dos quatro evangelistas, e sempre atribuía essas curas à fé dos enfermos.

Com o fito de demonstrar que a retomada da culpa, como possível fator etiológico de certos distúrbios mentais, não é mera superstição, mas uma postura científica, será apresentado um caso descrito por Jung ("Fundamentos de Psicologia Analítica", Zurich, 1935):

"A figura 6 é o caso de uma mulher de aproximadamente trinta anos de idade.

Ela estava na Clínica e o diagnóstico era esquizofrenia de caráter depressivo. A prognose era igualmente negativa. A paciente estava sob minha responsabilidade e eu tinha por ela um sentimento diferente. Era impossível concordar com a prognose, pois a esquizofrenia já começava a ser uma idéia relativa para mim. Eu acreditava que somos todos um pouco loucos, mas essa mulher era estranha e eu não podia aceitar o diagnóstico como últi-

ma palavra. Infelizmente, naquele tempo conhecíamos muito pouco. É óbvio que fiz a anamnese, mas nada do que foi descoberto esclareceu o caso. Foi quando a submeti ao teste de associações, fazendo finalmente uma descoberta estarrecedora."

Em seguida, Jung descreve o tortuoso caminho percorrido para a descoberta das motivações subjacentes aos sintomas esquizofreniformes. Trata-se do famoso Teste de Associação de Palavras, importantíssimo instrumento de investigação psicológica, e que veio a se tornar o ponto de partida de praticamente todos os testes detectores de mentira. Por ser uma investigação especializada, serão suprimidos os passos dados, podendo ser pesquisados na obra citada, pág. 77 (Editora Vozes, 1968). Relata Jung: "E consegui fazê-la contar a história inteira."

"Na pequena cidade em que nascera havia um jovem muito rico. Ela provinha de uma família financeiramente estável, mas sem grande fortuna. O rapaz era da aristocracia, possuía muito dinheiro; todas as garotas sonhavam com ele, sendo pois o herói da cidadezinha. Nossa paciente era bonita, e pensou que teria algumas possibilidades em relação ao rapaz. Mais tarde descobriu estar enganada e a família disse: 'A troco de que pensar nele? É um homem rico e nem nota a sua existência. Veja fulano de tal, um homem de bem. Por que não se casa com ele?' E assim ela o fez, e os dois viveram perfeitamente bem, até que um velho amigo da cidadezinha natal foi visitá-la. Quando o marido saiu da sala, o cavalheiro disse: 'Você fez certo cavalheiro sofrer muito' (referindo-se ao antigo herói) — O quê? Eu o fiz sofrer? — 'Você por acaso não sabia que ele a amava, e teve um choque quando soube do seu casamento?' Isso fez a casa vir abaixo, mas a paciente conseguiu reprimir a

emoção. Quinze dias depois ela estava dando banho nas crianças, um menino de dois anos e uma menina de quatro. A água da cidade não era recomendável — não era na Suíça que o caso se passava. Estava na verdade infectada com febre tifóide. A mulher viu que a menininha estava chupando uma esponja de banho. E não interferiu. Quando o menino pediu água para beber ela lhe deu da água possivelmente contaminada. A menina contraiu tifo, morrendo logo depois. Mas o garoto conseguiu salvar-se. Assim ela teve o que queria — ou o diabo queria dentro dela: a recusa do casamento para poder casar-se com outro homem. Considerando-se as coisas sob tal ângulo, ela simplesmente cometera um assassinio. A paciente não o sabia; apenas contou-me os fatos sem tirar a conclusão de que era responsável pela morte da criança, desde que sabia que a água estava infectada e que havia perigo. Deparei-me com a questão de dizer-lhe, ou não, que havia cometido um crime (era apenas a questão de dizer-lhe, não havia a menor ameaça de processo criminal). Se eu lhe dissesse a verdade, sua condição poderia piorar muito, mas, de qualquer forma, já havia uma péssima prognose; mas se ela pudesse tomar a consciência profunda de seu ato, haveria chances de que sua doença encontrasse cura. Afinal, tomei a decisão de dizer-lhe simplesmente: 'Você matou sua filha.' Um forte estado emocional a afogou, mas depois a paciente conseguiu chegar à realidade dos fatos. Em três meses pudemos dar-lhe alta e ela nunca mais voltou. Examinei-a durante quinze anos e não houve recaída. A depressão anterior adaptou-se ao seu caso: a paciente era uma criminosa que em outras circunstâncias mereceria a pena máxima. Praticamente salvei-a da loucura, colocando-lhe um enorme fardo sobre a consciência. Quem aceita o seu pecado

pode viver com ele. Se não aceitar tem de suportar as inevitáveis conseqüências."

Lendo atentamente o livro, que descreve as conferências realizadas em Tavstok, é espantoso constatar o fato de as discussões passarem ao largo das implicações morais do caso apresentado. Mais adiante, Jung critica a audiência dizendo: "meus métodos não descobrem teorias, mas sim fatos (...) Creio que os senhores confundem muito teoria com fato" (op. cit, pág. 87).

Na obra "Ação e Reação", A. Luiz cita um caso de psicose provocada por culpa, no plano espiritual: "(...) no entanto, vergastado pelos remorsos, Ernesto entrou em comunhão com impassíveis agentes das sombras, que o fizeram presa de inomináveis torturas, por se recusar a segui-los nas práticas infernais. Conservando no imo da alma a lembrança da vítima, através da percussão mental do arrependimento sobre os centros perispiríticos, enlouqueceu de dor, vagueando por vários lustros, em tenebrosas paisagens, até que, recolhido à nossa instituição, foi convenientemente tratado para o reajuste preciso. Não obstante, recuperado, porém, as reminiscências do crime absorviam-lhe o espírito de tal sorte que, para o retorno à marcha evolutiva normal, implorou o regresso à carne, a fim de experimentar a mesma vergonha, a mesma penúria, e as mesmas provas por ele infligidas ao irmão indefeso, pacificando, desse modo, a consciência intranquã. (...) tornou ao campo físico, carreando na própria alma os desequilíbrios que assimilou além do sepulcro, com os quais renasceu alienado mental (...)" (pág. 237).

Na obra, já citada, "As Variedades da Experiência Religiosa" (Ed. Cultrix) o eminente psicólogo norte-americano William James trata do mesmo tema, especialmente nos capítulos VI e VII, sob o título "A Alma Enferma".

Para esse autor, existem pessoas para quem o mal significa apenas um desajustamento com coisas, uma correspondência errada entre a vida da pessoa e o ambiente. Um mal dessa ordem, segundo o mesmo, é curável, pelo menos em princípio, no plano natural, pois bastará modificar o eu ou as coisas, ou ambos ao mesmo tempo. Para outros, porém, o mal não é apenas uma relação entre o sujeito e determinadas coisas externas, senão algo mais radical e geral, um erro ou vício em sua natureza essencial.

Esse autor eminente adverte, entretanto, que o conflito, a culpa e a melancolia podem-se constituir num momento essencial em toda evolução religiosa completa.

IX

DOENÇA MENTAL DE FUNDO ESPIRITUAL

O presente capítulo é um aprofundamento e um desenvolvimento do tema discutido no capítulo precedente. O tema proposto é muito obscuro e de difícil apreensão, e bem pode ser obstaculizado por uma série interminável de escolhos. A história que se segue ilustra bem um dos obstáculos a ser enfrentados, geralmente quase nunca superados.

Quando acadêmico de Medicina, pôde o autor presenciar, numa unidade de pronto-atendimento de um grande Hospital Geral, o diálogo entre um velho sacerdote católico, que prestava assistência espiritual aos doentes internados, e um grupo de internistas, médicos residentes e "staff". O religioso tentava explicar, com grande entusiasmo, as diferenças existentes entre as doenças do corpo, objeto das Ciências Naturais, segundo suas crenças, e as doenças da alma, de natureza sobrenatural. Qual não foi a surpresa ao observar que a audiência caíra numa jocosa hilaridade, expondo o velho sacerdote a uma situação constrangedora, grotesca e ridícula. Era absolutamente impossível estabelecer um canal de co-

municação entre a Medicina e a Teologia. O presente estudo tenta demonstrar que a síntese é factível, entre a Doutrina Espírita e as Ciências Naturais.

Felizmente, os rigores do Santo Ofício tornaram-se impraticáveis, nos tempos modernos. O mesmo não se pode dizer em relação ao pretérito. No dia 17 de fevereiro de 1992, fez 392 anos que, em Roma, por decisão insistente do Colégio dos Cardeais, na Praça das Flores, acendeu-se a fogueira que consumiu um dos grandes monumentos humanos — Giordano Bruno, que, como outros, defendeu a liberdade de pensamento, o direito à opinião e, mesmo sem ferir a intangibilidade dos dogmas aceitos na época, morreu como herege. Não tem conta, no hagiológico da Igreja Católica, as centenas de milhares que caíram apodrecidas nas prisões ou torrados pelo fogo da Santa Inquisição. Grandes figuras pagaram com a vida as alucinações de Torquemada, entre outros (Austregésimo de Athayde). Segundo Voltaire, a intolerância é intolerável, porque afunda as suas raízes nos instintos bárbaros do homem das cavernas, e os trogloditas não acabaram, sobrevivendo com outras denominações, caldeados na injustiça e na violência, quer física quer moral.

Realmente pode parecer, à primeira vista, hilariante a simples referência às doenças mentais de fundo espiritual. Contudo, os fatos coletados e estudados pela literatura espírita demonstram a realidade dessa hipótese, que não tem nada de milagrosa, mágica, misteriosa ou sobrenatural. Isso porque os fatos estudados são naturais, embora difíceis de ser submetidos aos rigores do Método Científico, o que não implica, em absoluto, a sua infirmação. Por mais paradoxais que sejam, não o são mais que os problemas suscitados pelas partículas subatômicas, conforme foi dito em capítulos precedentes.

Até hoje nenhum físico nuclear conseguiu isolar um electrón, um méson etc., mas suas realidades são plenamente confirmadas pelos estudos dos seus efeitos. O mesmo se pode dizer em relação à mente a suas funções transcendentais.

As doenças mentais de fundo espiritual podem ocorrer pelo simples fato de não ser a mente um epifenómeno do cérebro, ou um mero agregado de funções neuronais, mas assenta suas bases funcionais nas profundezas do próprio núcleo da personalidade que, como já foi dito, é de natureza espiritual.

De acordo com o Espiritismo, e já foram dados exemplos, existem patologias mentais as mais variadas no próprio Plano Espiritual. A mente enferma, psicótica ou não, carrega no cérebro perispiritual os mesmos sintomas que a acometiam no plano físico, dependendo do caso. O nível de desenvolvimento mental é fator importante, no mundo espiritual, na determinação da saúde ou da doença. Em outros termos, o grau de desenvolvimento moral e espiritual é fator determinante de sanidade ou insanidade. Mesmo patologias de fundo organo-cerebral podem deixar suas marcas no funcionamento do cérebro espiritual, com, um corolário de sinais e sintomas próprios, após a morte do corpo físico, durante um período de tempo mais ou menos longo, conforme as características da personalidade desencarnada. A Doutrina Espírita apresenta uma vasta casuística, relatada em sua extensa literatura.

Não se pretende aqui afirmar que todos esses impressionantes relatos sejam exatamente verídicos, em face dos escolhos próprios do processo da percepção mediúnica, que tem parentesco com os processos aluci-

natórios, mas esse pormenor não implica a invalidação da totalidade desses impressionantes relatos.

Como se explica o intrigante fenômeno das patologias mentais de fundo espiritual? Em primeiro lugar, a alma ainda é coisa, matéria, se bem que num modo diverso de existência. Se a alma fosse imaterial, certamente seria o nada, e o nada não existe, como já o demonstrou a Física Moderna, com o complexo conceito einsteiniano de campo.

Conforme já foi dito nos capítulos precedentes, o comportamento do campo e das partículas subatômicas levou a Física Moderna aos limites do mundo material, defrontando-se com um abismo ainda inexplorado. Foi dito também que esse abismo que está cerceando a moderna Física é o limiar do vasto, ou infinito Plano Espiritual, que também ainda contém matéria, conforme André Luiz.

No Cap. II de "Evolução em dois Mundos" (FEB, 1958), esse autor espiritual aduz que o corpo espiritual "não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental, que lhe preside a formação". Mais além, diz que "após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética (...)".

Cumprе enfatizar que a Doutrina Espírita endossa, com A. Luiz, a existência também de um corpo mental: "assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, (o qual) é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação (...) por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre" (op. cit, pág. 25).

Mais adiante, esse autor espiritual faz referência à

"estrutura mental das células", além da possibilidade de renovação e transformação no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, recursos esses que se popularizarão na Medicina terrestre do grande futuro. Aqui está um dos possíveis mecanismos etiopatogênicos das doenças mentais de natureza espiritual.

Quanto à anatomofisiologia da alma, esse autor identifica a sede da mente no centro coronário, instalado na região central do cérebro, que orienta a morfologia, a fisiologia, a homeostasia, o metabolismo e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada (op. cit., pág. 26).

Outro postulado básico do Espiritismo é o fato de a personalidade prosseguir no seu padrão básico de funcionamento, mesmo após a morte do corpo físico, nos planos espirituais. Continua com os mesmos anseios, impulsos, idéias, conhecimentos, crendices, superstições, traços temperamentais e caracterológicos, com os mesmos propósitos e padrões de comportamento: revolta, vingança, amor, conhecimento, cultura, sensualidade etc.

Somente com o passar do tempo, e condicionadas pelas novas experiências vividas no plano extrafísico, tais características podem ser acentuadas ou atenuadas de maneira parcial. A mudança radical do padrão básico da personalidade somente será factível por meio de novos procedimentos reencarnatórios, no plano da matéria densa.

Assim, o conceito de finalidade ou teleologia associado à reencarnação é básico na Doutrina Espírita. Até mesmo as doenças mentais possuem uma finalidade e um propósito, embora quase impossíveis de serem encontrados. Isso devido ao fato de, na maioria das vezes,

se constituírem em remédios amargos, que a Lei de Causa e Efeito impõe às personalidades recalcitrantes, cujo comportamento extrapole os direitos e deveres ontológicos.

O Espiritismo tem um posicionamento diferente do Budismo, por exemplo, para o qual, com a morte do corpo material ocorre uma dissolução da personalidade atual. Contudo, admite que a alma não está isenta de processos ainda pouco esclarecidos de metamorfose após a desencarnação. Esses mecanismos são revelados pelo autor espiritual A. Luiz: "(...) o momento em que se imobiliza na cadaverização, mumificando-se à feição de crisálida (...) sob o governo dinâmico de seu corpo espiritual, padece de extremas alterações que, na essência, correspondem à histólise das células físicas, ao mesmo tempo que elabora órgãos novos pelo fenômeno que podemos nomear (...) como sendo histogênese espiritual (...). Pela histogênese espiritual, os tecidos citoplasmáticos se desvencilham em definitivo de alguns dos característicos que lhes são próprios, voltando temporariamente, qual se atendessem a processo involutivo, à condição de células embrionárias multiformes que se dividem, através da cariocinese, plasmando, em novas condições, a forma do corpo espiritual, segundo o tipo imposto pela mente" (op. cit., págs. 84 e 85).

Segundo esse autor, o desencarnado primitivo, ou o doente mental, que não possui um fluxo de pensamento adequado, "perde" o seu corpo espiritual, transubstanciando-se num corpo ovóide" (op. cit., pág. 91; também no livro "Libertação", FEB, págs. 84 e seguintes).

Aplicando uma análise psicopatológica a essas personalidades descritas por diversos autores espirituais, poder-se-ia dizer que se trata de personalidades franca-

mente psicóticas, com pensamento dereísta ou autista. Psicologicamente falando, trata-se, de um processo extremo de regressão, com dissolução das funções psíquicas e perda do contato com a realidade. Quando tais personalidades se reencarnam, os ovóides, provavelmente seriam portadores de, ou tenderiam a desenvolver algum quadro de psicose infantil, autismo infantil, oligofrenia ou até mesmo disgenesias as mais variadas, podendo chegar ao aborto, anencefalia, hidrocefalia etc. Esse pensamento é uma suposição pessoal do autor.

Segundo a Doutrina Espírita, o que determina o estado da personalidade além da morte do corpo físico é o seu maior ou menor desenvolvimento moral. Esse desenvolvimento, no entanto, deve ser natural, autêntico e total, não significando uma simples introjeção de uma rígida escala de valores, baseada em pura repressão. A Psicologia já demonstrou que os aspectos mais importantes da personalidade são inconscientes. Assim, uma personalidade cujo Ego seja uma instância rígida, formalista, perfeccionista, cujas virtudes foram auto-impostas à custa de muita repressão, formação reativa, projeção, etc., de modo algum seria considerada como sendo evoluída, no plano espiritual. Tragicamente, personalidades muito reprimidas, quando hiperbúlicas, tendem a se tornar projetivas, quando não paranóides, e tendem a engrossar as fileiras de líderes tenebrosos e fanáticos de diversas religiões, como o exemplo citado de Torquemada. Os fariseus foram descritos por Jesus como túmulos caiados por fora e cheios de podridão por dentro.

O Prêmio Nobel de Literatura Herman Hesse captou profundamente esses meandros da vida espiritual, bem descritos na sua obra "Sidharta", onde apresenta uma profunda análise psicológica, romanceada, entre o de-

envolvimento espiritual dos jovens Sidharta e Govinda. Contudo, não se deve pensar que aquele autor prega alguma modalidade de libertinagem como forma de desenvolvimento pessoal e espiritual. Isso vem reforçar a idéia de que o caminho é estreito, difícil, cheio de percalços, como um "Fio da Navalha", outro romance com significado espiritual. A obra do autor A. Luiz, "Ação e Reação" (FEB, 1956), é toda ela versada sobre a causalidade psicológica no plano espiritual, com suas implicações cármicas, e merece ser profundamente analisada.

O que determina, pois, o estado psicológico da personalidade depois da morte do corpo físico são as disposições reais e não as imaginárias, é o seu centro real de interesse espontâneo, o desenvolvimento total de sua consciência, seus abandonos, seus desvalimentos, sua maior ou menor integração. Recapitulando, o fator determinante é a conduta, vista não da perspectiva do ego consciente, mas também do ponto de vista das pulsões e dos conflitos soterrados nos porões do inconsciente. Em sua obra "Psicopatologia da Vida Quotidiana", Freud apresenta uma assombrosa coletânea de atos falhos, lapsos de linguagem e de escrita, que provam que os motivos da conduta pessoal estão longe de ser simples e conscientes.

Segundo William James, o importante é a consciência total do indivíduo, expressa na sua atitude pessoal (op. cit.). Para ele, a atitude pessoal "se revela mais fundamental que a teologia ou o eclesiasticismo". Relata que essa atitude pode variar de grau, indo desde uma autêntica e não forçada piedade interior até os níveis mais primitivos de fetichismo ou de magia.

Assim, a Lei de Causa e Efeito fornece uma ajuda considerável à elucidação da etiopatogenia das diversas

categorias de doença mental. Contudo, o Carma não tem nada de mágico ou milagroso, nem existem deidades nos confins do Universo com a tarefa de punir os maus e premiar os bons. Ela funciona de um modo bastante semelhante aos condicionamentos operante e respondente, bem estudados pelo Behaviorismo. Dessa forma, naturalmente, induz as personalidades a níveis cada vez mais elevados de maturidade, autoconsciência e desenvolvimento.

A personalidade orientada e impulsionada pela violência, automaticamente entrará em sintonia com forças espirituais do mesmo teor. Isso ocorre também no plano material graças a uma lei geral das afinidades, que se expressa até mesmo nas interações entre os átomos de uma molécula, podendo formar tanto substâncias curadoras, como a penicilina, a insulina, a clorpromazina etc, como substâncias tóxicas como a estriknina. Essas suposições não têm a pretensão de ser verdadeiras, mas pretendem, pelo menos, estimular pesquisas futuras no complexo campo da interação entre a Psicologia e a Lei de Causa e Efeito.

Segundo o Espiritismo, as relações entre a Lei de Causa e Efeito e o destino individual ou coletivo não são simples nem rígidas, podendo ser grandemente influenciadas pelas circunstâncias e pelo livre-arbítrio. Existe aqui outra linha de pesquisa onde se podem estabelecer importantes pontos de ligação entre a Psicologia e a Doutrina Espírita. É o que será visto a seguir.

Algumas idéias bastante interessantes, bem como descobertas assaz impressionantes, que tendem a confirmar alguns postulados espíritas, foram desenvolvidas pelo grande psicólogo suíço L. Szondi: "Introdução à Psicologia do Destino" (Ed. Manole). Esse autor descobriu,

no campo da Psicologia, que o ser humano tem pressões que o governam, mas ele as pode escolher, muitas vezes, relegando as desagradáveis a um plano não evidenciado no destino triplo: somático, social e emocional.

Muller explica esse fato com o exemplo dos cachorros: todos são cachorros, mas há Dobermans e há Pequineses. Os primeiros são sádicos, e terão atividades e tendências nesse círculo. Os segundos são sensíveis e ternos, e terão comportamentos próprios do vetor ternura.

O comportamento e as afinidades serão dadas, então, pelos ascendentes tribais. Raciocinando paralelamente, pela Lei de Causa e Efeito, esses antecedentes jazem no inconsciente da alma, em se tratando de indivíduos humanos, cujas sementes (ativações biomagnéticas?) foram implantadas pela conduta nas vidas passadas. Não se pode eliminar o componente hereditário, como já foi explanado em capítulos precedentes, mas mesmo o componente hereditário está longe de ser casual ou aleatório, havendo por trás das leis genéticas um determinismo mais profundo que influencia na seleção dos gametas com um código genético mais apropriado ao ser encarnante. Foi citado, a propósito, o autor espiritual André Luiz, a respeito do tema. O impressionante, e genial, é que Szondi conseguiu um método, o Teste de Szondi, ou teste das escolhas, que pode prever parcialmente essas tendências de comportamento. Daí o nome Psicologia do Destino, dado a essa escola.

Em "A Análise do Destino", Szondi ensina que "ser mau significa não ter encontrado ainda a apropriada, a adequada saída de emergência para os impulsos negativos. Disse: ainda não. Portanto, acredito que amanhã ou depois poderá ser diferente". Assim, a postura szondiana apresenta evidente contradição com a Teoria de Sigmund

Freud, para quem o homem não passa de um animal sexual agressivo.

É interessante frisar que, através da análise profunda de casos clínicos, de personalidades patológicas ou mesmo criminosas, ou não, Szondi chegou a descobertas, no campo da Psicologia Experimental, que se aproximam muito do conceito do Carma. Também outros importantes autores realizaram pesquisas nesse novo campo experimental: "Crime como Destino" (Lange, 1929), "Destino e Neurose" (Schultz, 1931), "A Hereditariedade como Destino" (Pfalzer, 1932), "Destinos da Vida de Gêmeos Criminosos" (Krapps, 1936), "Caráter e Destino" (Rudert, 1944) etc.

Alguns achados de pesquisas de gêmeos criminosos, criados separadamente, são realmente espantosos, tais como coincidência (ou não?) entre o tipo de crime, bem como a época de ocorrência dos mesmos. A Síndrome de Turner é um dos exemplos, especialmente relacionada com as condutopatias sexuais: com porte físico avantajado, aumento da libido sexual e diminuição da potência sexual.

Jores observou que "todo médico atento, ao estabelecer um levantamento cuidadoso dos antecedentes familiares e pessoais de seus pacientes, supreende-se cada vez mais com as conexões entre doença, destino vital e destino social. Os três fatores se entrelaçam intimamente".

Na Clínica Médica, von Weizsandzer foi o precursor dessas idéias. Convém relembrar que aqui a palavra destino não tem o mesmo significado atribuído pelos adivinhos, pelas cartomantes etc. São tendências e possibilidades estatísticas, não sendo, de modo algum, fatalidades impostas por alguma deidade vingativa.

C. G. Jung também adentrou nesse campo e considerou de fundamental importância o denominado complexo paterno: "A força do Complexo Paterno, capaz de determinar o destino provém do arquétipo." O conceito junguiano de arquétipo é o que mais se aproxima, do lado das ciências médicas, dos conceitos de Carma e reencarnação, mas não se confundem, como já foi dito. Contudo, Jung foi além, ao introduzir o conceito de sincronicidade, a atuar no destino tanto individual como coletivo, pela "continuidade relativa entre a psique e a matéria, a qual pode determinar não apenas o destino como experiências parapsicológicas". Do lado espírita, entra a mediunidade, com a intervenção dos Espíritos nos momentos culminantes da vida pessoal. Raros são os que nunca sofreram tal intervenção, e a maioria simplesmente não percebe a intervenção, que raramente é espetacular.

Outra interessante possibilidade de pesquisa experimental dessas inter-relações entre psique, matéria, destino etc. é oferecida pelo mais antigo livro da sabedoria oriental, o "I Ching". Seus resultados podem ser comparados aos das mesas girantes dos primórdios do Espiritismo. A mais confiável versão do "I Ching" é a tradução de Richard Wilhelm, prefaciada pelo próprio Jung. Aliás, esse destemor de Jung lhe valeu grandes ataques por parte da comunidade científica de sua época.

Emerson ensina que "na alma do homem há uma justiça, cujas retribuições são instantâneas e inteiras. Aquele que pratica uma boa ação é instantaneamente enobrecido. Aquele que pratica um ato vil é diminuído pelo próprio ato (...) Se um homem dissimula e engana, engana-se a si próprio e perde o conhecimento do próprio ser.

Retomando Szondi, "só hoje a genética coloca a

questão do destino no centro das suas pesquisas. Ela estuda especialmente a relação concordância-discordância na vida de gêmeos uni e bivitelineos, e a função da herança e do mundo circundante, mediante métodos estatísticos heredológicos" (op. cit.).

Esses meandros profundos da moderna Psicologia confirmam, ou pelo menos apontam na mesma direção, os postulados espíritas, os quais podem ser estudados no Cap. X, da Parte Terceira de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, que trata de questões, tais como destino, fatalidade e livre-arbítrio.

Essas idéias, apresentadas de modo filosófico, pelos autores mais antigos, são desenvolvidas em terminologia bastante atual e acessível por André Luiz, na obra "Evolução em dois Mundos" (FEB, 1958), especialmente no Cap. VII, que trata do tema evolução e hereditariedade: "Lentamente, os cromossomas adquirem a sua apresentação peculiar, em forma de ponto-alça-bastonete-bengala, e a evolução que lhes diz respeito na cariocinese, desde a prófase à telófase, merece a melhor atenção dos Construtores Divinos, que através do centro celular mantêm a junção das forças físicas e espirituais, ponto esse em que se verifica o impulso mental, de natureza eletromagnética, pelo qual se opera o movimento dos cromossomas, na direção do equador para os pólos da célula, cunhando as leis da hereditariedade e da afinidade que se vão exercer (...)."

Segundo a Doutrina Espírita, o momento crucial do destino do homem, no que diz respeito aos aspectos hereditários, é justamente o momento da fecundação do óvulo pelo espermatozóide. Nesse ponto atuam as diretrizes Cárnicas inerentes ao Espírito reencarnante, as quais determinam, entre milhões de gametas masculinos,

aquele que melhor se ajuste às futuras necessidades de temperamento e de caráter da nova personalidade e, conseqüentemente, das tendências, das possibilidades, inibições e restrições do seu destino.' Além disso, "(...) o Espírito, entregue ao comando da própria vontade, determina com a simples presença ou influência, no campo materno, os mais complexos fenômenos endomitóticos no interior do ovo, edificando as bases de seu próprio destino (...)" (idem, pág. 57), e que "a criatura submete-se à lei da hereditariedade, com o direito de alterar-lhe as disposições fundamentais até o ponto não distante do limite justo (...)" (idem, pág. 58).

Como se depreende, diante do exposto, as ciências médica e espírita se complementam e se justificam mutuamente, ultrapassando o abismo existente entre a ciência e as antigas concepções teológicas, deixando de lado as correntes de pensamento tendenciosas, fanáticas ou ignorantes. Mas essa complementaridade vai a níveis muito mais profundos, como se verá nos parágrafos seguintes.

Szondi pergunta se o homem "pode também livrar-se de um destino coercitivo, até então aceito, trocando-o por outro, livremente escolhido?" "Seu destino não oferece várias alternativas?" "Se, de fato, existem muitas possibilidades desde o início da vida, como poderia o indivíduo tomar consciência delas?" etc.

A Análise do Destino de Szondi, e dos autores citados, entre outros, é, pois, uma tendência da Psicologia profunda que procura, antes de tudo, tornar conscientes os apelos ancestrais inconscientes. Por ela, o indivíduo é levado a confrontar-se com as possibilidades que seu destino lhe oferece, das quais ainda não tinha consciência e posto diante da alternativa de escolha de uma vida

pessoal mais adequada. Segundo André Luiz, tal análise também ocorre no plano espiritual, onde o Espírito reencarnante é orientado por técnicos, se é que se possa utilizar tal termo, lotados no denominado "Planejamento de Reencarnações", mediante estudo aprofundado da ficha cármica individual, do grau de evolução da personalidade, além das aspirações e motivações atuais (vide a obra "Missionários da Luz", pág. 158).

Os fatores condicionantes do destino, segundo a perspectiva szondiana, são: funções hereditárias, funções pulsionais ou afetivas, funções sociais, o ambiente em que o indivíduo nasceu, por força do destino, funções do Ego e funções da mente. Segundo o Espiritismo, além dessas variáveis, existe a Lei de Causa e Efeito subjacente, sendo que todo acontecimento determinante na vida do indivíduo não tem nada de aleatório ou casual.

Szondi descobriu que os setores mais influenciados pelo destino são a escolha no amor, na amizade, na profissão, na doença e no tipo de morte.

Convém enfatizar o fato de que essas hipóteses foram confirmadas estatisticamente, em relação à escolha dos parceiros, à esquizofrenia, ao alcoolismo e a dificuldades conjugais.

O exemplo szondiano clássico é a semelhança das árvores genealógicas de psiquiatras, psicanalistas e psicólogos com as de seus pacientes (Schicksayse). Também foi constatado que, nas árvores genealógicas de bombeiros, foram encontrados piromaníacos; na de juristas, paranóicos com compulsão de querela e assim por diante. Também no tipo de suicida, estreitas ligações entre epilepsia latente e suicídio, entre homossexualidade, esquizofrenia paranóide, mania e suicídio etc.

É interessante notar que a literatura espírita lança

também luzes nesse campo de pesquisa: a repetição das circunstâncias nas quais o Espírito falhou em vidas passadas, ligações cármicas dentro ou fora do núcleo familiar, débitos e créditos de feição moral, o imperativo do resgate de dívidas do pretérito etc.

Szondi afirma que o Ego deve tomar posição quanto às possibilidades do destino herdadas: afirmá-las, incorporá-las, negá-las e, em casos extremos, até mesmo destruí-las. Para tal, deve usar a transcendência, através da ligação com uma idéia superior, tal como ideal, finalidade ou propósito da existência tanto individual quanto coletiva, como arte, ciência, religião, humanidade etc; para tal o Ego deve unir-se, de maneira duradoura, com essa idéia. Do ponto de vista espírita, aquelas almas que conseguem realizar essa transcendência, de forma mais ou menos completa, são denominadas, por André Luiz, de completistas.

É interessante recordar que o próprio Freud reconheceu a existência de uma instância moral na personalidade humana, à qual deu o nome sugestivo de Superego. Contudo, as raízes desse mecanismo auto-regulador de justiça e moralidade são bem mais profundas do que o imaginou o próprio Freud, com sua teoria reducionista, segundo a qual o Superego seria uma simples introjeção do código de ética social a partir dos pais, educadores e da opinião pública, nada mais que isso. Seria um simples verniz superficial, fruto exclusivo do processo de socialização e de educação. Contudo, é bem provável que Freud tenha percebido a insuficiência desse conceito, e de outros, ao reformular, mais tarde, sua teoria, introduzindo os confusos conceitos, até certo ponto metafísicos, de Eros e Thanatos, ou seja, instinto de vida e instinto de morte.

Pelo exposto, parece ter ficado demonstrada a importância dos aspectos hereditários, tanto do ponto de vista da ciência médica como da ciência espírita. Essa importância é também confirmada em relação às doenças mentais.

Dongier afirma que o papel dos fatores genéticos no determinismo do comportamento é importante quer no homem quer no animal. Desde o nascimento, manifestam-se os traços de temperamento, tais como placidez, exigência, agitação etc.

Foi demonstrado que os genes entram em ação sob a influência do meio ambiente. Assim, um gene dominante poderá permanecer latente durante décadas e depois atuar, como ocorre na Coréia de Huntington, ou na Doença de Pick. Contudo, uma predisposição poderá permanecer inaparente durante toda a existência, tanto sob a coação de um meio favorável como de outros genes.

Em diferentes idades, entram em jogo constelações diferentes de genes, e assim sua influência muda de acordo com a idade do indivíduo. Não existem, portanto, taras hereditárias, mas apenas genes predisponentes de ação intermitente. Destarte, na patogenia da doença mental, bem como do crime, por exemplo, existe um movimento dialético entre a endogeneidade e a influência do meio ambiente. A essa dialética acrescenta o Espiritismo a noção de livre-arbítrio, com a qual muitos cientistas materialistas não concordam, por considerarem o comportamento humano mera resultante de forças mecânicas, desprovidas de qualquer finalidade, sentido ou propósito.

Assim, uma neurose ou até mesmo uma psicose poderão permanecer latentes a vida inteira, se o destino pessoal fornecer condições existenciais favoráveis. Na li-

teratura espírita, são inúmeros os exemplos de almas de elevada evolução que adentram a vida material em condições bastante adversas, com o objetivo único de auxiliar entes queridos na luta contra os percalços de destinos trágicos, com enormes riscos de novas quedas morais.

Uma carga genética perturbada não poderá, todavia, manifestar seus efeitos senão através de uma hipersensibilidade às alterações ambientais. A Medicina demonstrou que todas as doenças hereditárias são erros congênitos do metabolismo. Cada gene corresponde a uma enzima, e a doença deve-se, em última análise, a um distúrbio da síntese proteica (O DNA produzindo o RNA mensageiro no metabolismo celular).

A transmissão genética pode ser de feição dominante, recessiva ou ligada ao sexo. Segundo a Genética, esse processo se dá de maneira casual ou aleatória. Segundo o Espiritismo, por trás dessa aparente casualidade existe uma causalidade espiritual.

Em Medicina, a Genética ganhou enorme impulso através do estudo de gêmeos uni e bivitelineos, e foram descobertas semelhanças sobretudo nos casos de "Folie à Deux", mas os resultados desses estudos são contraditórios.

Mas, a Medicina já descobriu que, no caso das oligofrenias, de fundo genético, o tratamento precoce, com dosagens de metabólitos sangüíneos e urinários anormais, permite prevenir a doença, que, doutro modo, prosseguiria seu curso inexorável. Esse exemplo tipifica o grau em que a ciência, ou os cuidados, podem modificar o destino de um indivíduo.

Em relação aos casos de trissomias, Klinefelter apresenta 20% de retardo mental, enquanto que a Síndrome de Turner leva a problemas médico-legais, com

baixo quociente intelectual e anormal taxa de criminalidade: imaturidade, insegurança, impulsividade, forte libido sexual associada a baixa potência sexual, com indução de delitos sexuais, além de problemas de caráter, de alcoolismo etc. Todavia, alguns desses indivíduos conseguem ter uma vida normal.

A esquizofrenia, a psicose maníaco-depressiva, o nível de inteligência, as personalidades sociopáticas etc. têm um componente hereditário mais ou menos pronunciado. Contudo, os conhecimentos atuais do modo de transmissão das doenças mentais permanecem no terreno das probabilidades, como já foi dito.

A Doutrina Espírita explica determinados casos de doenças mentais como sendo condicionados por fatores extrafísicos, ou espirituais. Tais doenças possuem uma etiopatogenia de fundo espiritual, básico, e apenas secundariamente a personalidade e o corpo físico são atingidos. Os fatores espirituais desencadeadores podem ser divididos em duas categorias distintas: intrínsecos e extrínsecos.

Os fatores intrínsecos são aqueles inerentes à própria personalidade, quer encarnada quer desencarnada. A sua fisiopatologia não seria primariamente orgânica, pois estaria na dependência do mau funcionamento do corpo espiritual, também denominado perispírito ou psicossoma. Essa categoria não suprime as doenças aceitas pela Psiquiatria, tanto as organogênicas como as psicogênicas.

Segundo terminologia espírita, tais patologias de origem espiritual são encontradas em personalidades que habitam o Umbral, nome dado aos planos espirituais inferiores, ligados à crosta terrestre. Essa inferioridade é tanto de ordem física, pelo baixo teor vibratório da matéria

que o compõe, como psíquica, pelo baixo nível de consciência, ou de evolução dos Espíritos que nele habitam.

Tais personalidades, quando encarnadas, apresentam distúrbios independentes de alterações cerebrais físicas. A análise psicológica também não consegue determinar uma causalidade psicogenética. Não se encontra nexos causais entre os sintomas apresentados e a vida progressiva do indivíduo. Talvez algumas psicoses endógenas, certos casos de neuroses, bem como distúrbios de conduta etc. possam ser enquadrados nessa categoria. O autor não dispõe de dados suficientes para a diferenciação desses casos, mas a literatura espírita relata-os em sua vasta bibliografia.

Essa dificuldade de penetração por parte da Psicanálise ou da análise fenomenológica decorre basicamente do fato de sua etiopatogenia provir de distúrbios localizados no cérebro espiritual, fruto de vivências ocorridas em vidas pretéritas.

Em face da íntima interação entre alma e corpo, tais distúrbios acabam por provocar alterações as mais diversas no veículo físico. Convém lembrar que cada caso deve ser estudado como único, pois diversos mecanismos etiopatogênicos podem intervir ao mesmo tempo. A descrição aqui feita é incompleta e insuficiente e caberá aos futuros especialistas a elucidação de casos tão complexos e clarear esses meandros ainda insondáveis da propedêutica psiquiátrica.

No livro "Evolução em dois Mundos" (FEB, 1958), A. Luiz faz referência a "doenças secundárias, porquanto a etiologia que lhes é própria reside na estrutura complexa da própria alma" (pág. 208). O Espiritismo considera a alma como coisa, que tem existência "per se", e naturalmente ela é dotada de uma fisiologia própria e, conse-

qüentemente, existem possibilidades as mais variadas de ocorrências patológicas, como assevera o próprio André Luiz. Talvez devido a esse fato está, ainda, a Psiquiatria perdida nos meandros da etiopatogenia.

Em Psicopatologia, aos fenômenos deficitários impenetráveis pela lógica do analista, dá-se o nome de sintomas primários. Sobre essa massa de material psíquico arrasada pela doença, surgem os sintomas secundários, frutos dos esforços da personalidade em manter um contato, mais ou menos precário, com a realidade.

Os psiquiatras aceitam, em geral, essa postura que diferencia, pelo menos no plano teórico, por exemplo, esquizofrenia de processo e esquizofrenia reativa. A escola fenomenológica faz uma aprofundada distinção entre processo e desenvolvimento. Mas, segundo alguns críticos, essa distinção é meramente fenomenológica, descritiva e superficial: o que não elucida a natureza real do problema. Sob muitos aspectos, a distinção entre processo e reação é semelhante à distinção entre reações crônicas e reações agudas.

Segundo Barclay Martin, os fatores biológicos hereditários são as influências causadoras primárias nas doenças mentais de processo, e as experiências de aprendizagem social e as tensões sociais e situacionais imediatas são mais importantes para determinar as doenças mentais reativas.

Entretanto, não houve demonstração clara de fatores causais diferentes a não ser quanto aos aspectos genéticos. Além disso, quase todos os grandes clínicos e pesquisadores são de opinião que a distinção entre processo e reação não seria real, mas simplesmente representariam os extremos de um contínuo, com muitos doentes manifestando certo grau intermediário de ajusta-

mento pré-psicótico (Phips, Stephens, O'Connor e Wiener). Essas questões são de grande importância em relação ao prognóstico das doenças mentais.

Já foi citado o caso de Jung, que não concordava com o diagnóstico de esquizofrenia depressiva de sua paciente. É provável que o talento de cada facultativo seja determinante na impressão diagnóstica. Contudo, vem a Doutrina Espírita acrescentar um complicador, ao revelar que realmente alguns casos de doença mental possuem sua gênese em vidas passadas e, conseqüentemente, no mau funcionamento do corpo espiritual.

No livro citado de André Luiz, tem-se a seguinte questão: "— Os Espíritos encarnados que sofreram de desequilíbrio mental de alta expressão voltam imediatamente à lucidez espiritual após a desencarnação?" R —"Isso nunca sucede, porquanto a perturbação dilatada exige a convalescença indispensável, cuja duração naturalmente varia com o grau de evolução do enfermo em reajuste" (pág. 209). Aqui se vê, claramente, que, para o Espiritismo, a doença mental tem uma finalidade de reajuste, isto é, conduzir a alma das sombras da ignorância, do erro ou do pecado, para a luz da sabedoria, da auto-consciência, do amor divino. Sim, porque Deus é o princípio e a finalidade de todo acontecimento físico ou psicológico, quer no mundo físico quer no mundo espiritual, segundo se vê pela revelação dos Espíritos. Assim, chega-se ao aspecto religioso do Espiritismo.

Contudo, André Luiz tece outras considerações: "De um modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas. (...) Os nódulos de forças mentais desequilibradas" (idem, pág. 213). Mais adiante: "Essas enquistações de energia pro-

funda, no imo da alma, expressando as chamadas dívidas cármicas (...) são perfeitamente transferíveis de uma existência para outra" (pág. 214).

André Luiz revela que "— Na Espiritualidade, os servidores da Medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença que lhe são particulares. Aí, os exames nos tecidos psicossomáticos com aparelhos de precisão, correspondendo às inspeções instrumentais e laboratoriais em voga na Terra, podem ser enriquecidas com a ficha cármica do paciente, a qual determina quanto à reversibilidade ou irreversibilidade da moléstia, antes de nova reencarnação, motivo por que numerosos doentes são tratáveis, mas somente curáveis mediante longas ou curtas internações no campo físico, a fim de que as causas profundas do mal sejam extirpadas da mente pelo contato direto com as lutas em que se configuram (...) porque, mesmo no mundo, todo remédio da farmacopeia humana, até certo ponto, é projeção de elementos quimioelétricos sobre as agregações celulares (...) Contudo (...) na Esfera Superior (...) a psicoterapia e o magnetismo, largamente usados no plano extrafísico, exigem do médico grandeza de caráter e pureza de coração" (op. cit, págs. 215 e 216). Seria impossível resumir, neste trabalho, todos os meandros espíritas pertinentes ao tema.

A segunda categoria de doenças mentais de fundo espiritual é aquela condicionada por fatores extrínsecos alheios à personalidade do doente, quer no plano físico quer no plano espiritual. A nosologia psiquiátrica classifica as reações exógenas, como Bohoeffer, por exemplo, como aquelas condicionadas por fatores físicos ou químicos alheios às funções instrumentais da vida de relação.

O tema aqui difere, por serem os fatores exógenos de fundo espiritual.

Trata-se do vastíssimo campo das influências espirituais, descritas por Allan Kardec, como obsessão simples, fascinação e subjugação espirituais. O termo obsessão aqui difere daquele usado para descrever a obsessão encontrada na neurose obsessivo-compulsiva, que é um sintoma psicológico formado pelos mecanismos de defesa do eu, tais como repressão, deslocamento e isolamento, tendo como resultado final um pensamento impositivo que provoca pugna interna. Uma neurose obsessivo-compulsiva pode, entretanto, vir associada a influências espirituais. Os mecanismos psicodinâmicos que lhe são peculiares não devem, entretanto, ser negligenciados. Essa neurose é uma das mais difíceis de ser tratadas e geralmente não possui bom prognóstico. Os pensamentos obsessivos se impõem repetidamente à consciência e são percebidos geralmente como irracionais, indesejáveis, e dificilmente controláveis ou elimináveis (B. Martin, "Psicologia da Anormalidade"). Quando o indivíduo se vê obrigado a realizar atos contra a própria vontade, sentidos como irracionais e incontroláveis, tem-se a compulsão. Os clínicos consideram que formas brandas de traços obsessivo-compulsivos são passíveis de ocorrer em indivíduos normais. Exemplificando, a canção que não se pode tirar da cabeça, uma certa compulsão para voltar à casa e verificar se a porta está fechada ou o fogão desligado etc.

Quando fruto de mecanismos de defesa do eu, ou mecanismo de ajustamento, podem ser enquadradas no que o mestre russo Aksakof denomina Personismo ("Animismo e Espiritismo", FEB, 1978).

Todavia, Aksakof ensina que se os "fenômenos de

personismo e de animismo na aparência, porém que reconhecem uma causa extramediúnica, supraterestral, isto é, fora da esfera da nossa existência" são então considerados como produto de influência espiritual (vol. I, pág. 24). Quando perturbadores e causadores de distúrbios mentais são ditas, por Allan Kardec, como obsessão simples, fascinação ou subjugação. Tais casos não apresentam necessariamente uma patoplastia espírita, e podem apresentar quadros, tais como distúrbios de personalidade, raptos de humor, diversos graus de neurose, até quadros psicóticos francos.

Esse posicionamento dualista psicofísico aplicado à Psiquiatria é de grande importância para o diagnóstico, prognóstico e terapêutica dos distúrbios psíquicos e merece ser melhor investigado pelas mentalidades científicas.

Segundo Aksakof, a grande dificuldade para o diagnóstico diferencial é que "muitas vezes, as três hipóteses podem servir como o mesmo fundamento para a explicação de um só e mesmo fato. Assim, um simples fenômeno de personismo poderia também ser um caso de animismo ou de Espiritismo. O problema é, pois, decidir a qual dessas hipóteses é preciso atender, pois se enganaria quem pensasse que uma só é bastante para dominar todos os fatos. A crítica proíbe ir além da que basta para a explicação do caso submetido à análise" (idem, vol. I, pág. 25). Alexandre Aksakof vai além ao dizer que... "o grande erro dos partidários do Espiritismo é ter querido atribuir todos os fenômenos, geralmente conhecidos sob esse nome, aos Espíritos". A crítica inversa pode ser feita aos psicoterapeutas de mentalidade materialista.

Em seguida, Aksakof cita Carl Du Prel, fundamentado em Beneke, que "as forças psíquicas constituem uma

substância real. A alma humana é um organismo composto destas substâncias psíquicas tão eternas e indestrutíveis quanto qualquer substância da ordem mais material".

J. C. Nemiah (op. cit.) apresenta um exemplo bastante ilustrativo de neurose obsessivo-compulsiva, do sexo masculino, 41 anos de idade:

"Bem, fui operador de elevador, ascensorista, e nunca tive qualquer acidente. Mas mesmo assim, ultimamente, nos últimos seis meses, o elevador começou a me amolar. Onde vivo há um elevador (...) e eu não uso; subo as escadas (...). Quando subo de elevador, faço questão de verificar se a porta está fechada. Engraçado, saio de um lado e tenho de passar por ele a fim de dirigir-me para o outro lado. Assim eu me certifico de que a porta está fechada. Sonho que estou operando um elevador e que me despenco com ele (...). Tenho medo de doenças. Se alguém vem me dizer que padece de doença, que está doente, apronto-me para correr. Tenho tanto medo que acho logo que vou pegar a doença do outro (...). Tiro isso da cabeça por uns momentos e experimento convencer-me. Então, tudo fica bem por uns minutos. Então a coisa volta a mim novamente, e eu digo: 'Não', e tento convencer-me novamente, e eis aí tudo que venho fazendo ao longo do dia, até que não posso mais (...)."

Existe aqui uma forma obsessiva de pensar, acompanhada de medo ou fobia, que constantemente ronda e importuna o paciente, com pugna interna, até a extenuação. O paciente é inteiramente consciente da irracionalidade do seu medo, mas esse conhecimento em nível intelectual e essa crítica ou juízo do seu estado mórbido não demonstram nenhuma eficácia na tentativa de superação do problema. A idéia tem vida autônoma, inde-

pendente do ego do paciente. Do ponto de vista psicanalítico, a etiologia desses sintomas é oriunda das instâncias inconscientes da personalidade, produto de conflitos psicológicos e utilização de mecanismos de defesa do eu, tais como repressão de idéias ou afetos considerados incompatíveis, deslocamento, isolamento etc.

Contudo o paciente desenvolve outros sintomas, agora de natureza conativa, ou volitiva: uma compulsão de lavar as mãos de modo exagerado, ilógico. Para ele "tudo está sujo, tudo é nocivo. Não pode livrar sua mente das constantes preocupações com os perigos que se escondem em cada canto (...) sua tarefa é tão hercúlea quanto a de limpar os estábulos das cavalariças de Auges". Esses sintomas são paralisadores, e sua vida acha-se tão concretamente abalada como se estivesse padecendo da mais debilitadora das doenças físicas. Para o paciente, não é ele realmente o autor dos pensamentos, pois eles são vivenciados como "estranhos ao ego". Como já foi dito, o ego é uma instância mínima do conjunto global da personalidade. Aos fatos aqui relatados, a Doutrina Espírita acrescenta a hipótese das influências oriundas de outras personalidades, ditas metanóicas, mas o diagnóstico diferencial deve seguir a postura de Aksakof.

Ao contrário do que se poderia inadvertidamente supor, a síntese dos conhecimentos espiritistas e psicopatológicos, ao invés de simplificar, aumenta enormemente o grau de complexidade do tema, pois multiplica o número de mecanismos etiopatogênicos produtores de distúrbios mentais. Segundo Aksakof, a hipótese espiritual não invalida, de modo algum, os avanços da Medicina e ciências afins. Allan Kardec enfatiza esse lado científico e dinâmico do Espiritismo.

Parece que fica aberto, com a hipótese espírita, um mundo novo ao estudo de distúrbios do pensamento, tais como a compulsão a pensar, o pensamento paralógico, o pensamento dereista, o bloqueio do pensamento, a prolixidade, a perseveração, a fuga de idéias, a inibição do pensamento etc. São sintomas com maior ou menor valor semiológico.

O mesmo pode ser dito em relação aos distúrbios da atividade voluntária, tais como a excitação psicomotora, a debilidade da vontade, o estupor, o negativismo, a sugestibilidade volitiva, as estereotípias, os atos impulsivos, os atos automáticos, os tiques nervosos, os cacoetes, os atos falhos etc. A brevidade deste ensaio impede um estudo pormenorizado desses aspectos, cuja compreensão e domínio é condição "sine qua non" para o diagnóstico diferencial das obsessões e dos atos compulsivos.

Essa nova Psicopatologia espírita fica sugerida pelo posicionamento equilibrado de A. Kardec e A. Aksakof e pela nova liberdade de pensamento oferecida pelos modernos avanços da Física Moderna, sem se abandonar, portanto, o Método Científico e cair no obscurantismo das superstições.

André Luiz revela que "a partícula do pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do Espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá a forma e a natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluido gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificante ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, nomeável, à falta de terminologia equivalente, como 'raio da emoção' ou 'raio do desejo', força essa que lhe

opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura. Com o fluido mental carregam-se, desse modo, não apenas as disposições mento-sensitivas das criaturas, em atuação recíproca, mas também as imagens que transitam entre os cérebros que se afinam (...)" ("Evolução em dois Mundos", FEB, 1958, pág. 100).

Isso é possível porque, recapitulando, a partícula de pensamento possui estrutura, tal como o átomo, podendo ser classificada em diversos tipos, conforme a qualidade, quantidade, comportamento e trajetória dos componentes que a integram. Destarte, a atuação dos Espíritos não tem nada de sobrenatural, mágica ou milagrosa, nem é também equivalente à "onda negra do misticismo", como supôs, erradamente, Sigmund Freud.

Do mesmo modo que existe, no mundo biológico, o processo da simbiose, como, por exemplo, entre os cogumelos e certas algas, entre as leguminosas e determinadas bactérias fixadoras de nitrogênio atmosférico etc, pode também ocorrer o denominado processo de "simbiose das mentes": "(...) o Espírito desenfaixado da veste física lança habitualmente, para a intimidade dos tecidos fisiopsicossomáticos daqueles que o asilam, as emanações do seu corpo espiritual, como radículas alongadas ou sutis alavancas de força, subtraindo-lhes a vitalidade, elaborada por eles nos processos de biossíntese (...)" Assim, "a mente encarnada entrega-se, inconscientemente, ao desencarnado que lhe controla a existência (...). Entretanto, as simbioses dessa espécie (...) se expressam igualmente nas moléstias nervosas complexas, como a hístico-epilepsia (...) equivalendo a transe mediúnico autêntico, no qual a personalidade invisível se aproveita dos estados emotivos mais intensos para acentuar a própria influência (...) subjuga-lhe o campo mental, impondo-

-lhe ao centro coronário a substância dos próprios pensamentos (...)" (op. cit., págs. 107 e 108).

Tais processos podem evoluir para o que esse autor espiritual descreve como "vampirismo fluídico" (idem, pág. 115) "que determinam o colapso cerebral com arrasadora loucura" (pág. 116).

Revela ainda que alguns Espíritos, "quais endoparasitos conscientes, após se inteirarem dos pontos vulneráveis de suas vítimas, segregam sobre elas determinados produtos, filiados ao quimismo do Espírito, e que podemos nomear como simpatinas e aglutininas mentais, produtos esses que, sub-repticiamente, lhes modificam a essência dos próprios pensamentos a verterem, contínuos, dos fulcros energéticos do tálamo, no diencéfalo (...) comumente senhoreiam os neurônios do hipotálamo, acentuando a própria dominação sobre o feixe mielínico que o liga ao córtex frontal, controlando as estações sensíveis do centro coronário que aí se fixam (...) e produzem nas suas vítimas (...) inibições de funções viscerais diversas, mediante influência mecânica sobre o simpático e o parassimpático" (idem, págs. 116 e 117).

Alguns Espíritos obsessores assumem, no próprio plano espiritual, franco quadro psicótico, conforme descrição de André Luiz: "(...) acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovóides (...) podem ser comparados ao parasita *Sacculina carcini*" (...) (idem, pág. 117).

Também é impossível aqui transcrever apontamentos mais extensos da vasta literatura espírita, ficando a sugestão de estudos e pesquisas mais aprofundados

para a solução do grande enigma da mente humana, em todas as suas dimensões, quer no terreno da normalidade quer no patológico.

X

MEDIUNISMO NA INFÂNCIA

O tema deste capítulo se constitui no principal motivo que levou o autor a escrever este ensaio. Trata da importância da Psiquiatria, da Psicologia e da Doutrina Espírita na compreensão do crescimento e desenvolvimento infantil, levando-se em consideração as suas vertentes física, psíquica, social e, também, espiritual. Será feito um resumo esquemático da alma infantil, suas necessidades, suas crises de desenvolvimento, a formação da personalidade à luz da vertente espiritual. Como o tema é extraordinariamente vasto, este resumo certamente pecará pela excessiva brevidade. Futuros desenvolvimentos poderão ser acrescentados por especialistas em Psiquiatria Infantil, com orientação espírita.

O objetivo aqui perseguido é prático e eminentemente didático, sendo o problema da infância certamente o maior desafio da sociedade moderna. Basta lembrar a revolução por que passaram os costumes em poucas décadas, com radical mudança do papel da mulher na sociedade, cada dia mais empenhada nas lides fora do lar, competindo com os homens no mercado de trabalho das

sociedades industriais e, futuramente, pós-industriais. Infelizmente, o aumento do contingente feminino no mercado de trabalho se dá à custa dos cuidados intensivos necessários à formação da personalidade de seus filhos. Até mesmo os métodos de concepção "in vitro", mães de aluguel etc. são temas ainda pouco compreendidos em suas conseqüências últimas ao estruturamento da alma infantil. Se se considerar o problema da criança abandonada, sem lar, criada pelas ruas das grandes cidades, a perplexidade toma conta de quem se debruça sobre a maior tragédia dos tempos modernos.

A criança é o ser mais indefeso do reino animal em face do longo período necessário ao seu desenvolvimento e maturação e das enormes complexidades da alma infantil, além dos elevadíssimos padrões de integração psíquica, somática, social e espiritual necessários à maturação da personalidade infantil.

Inicialmente serão resumidos alguns conceitos médicos do crescimento e desenvolvimento da criança, para depois acoplarem-se dados fornecidos pela Doutrina Espírita, que, também aqui, longe de simplificar, aumenta enormemente o grau de complexidade desse magno problema.

Convém lembrar que os conhecimentos se acham longe de estar esgotados, tanto por parte das ciências médicas como por parte do Espiritismo. Aliás, o caráter evolutivo e não dogmático dos conceitos espíritas foi enfatizado pelo seu principal sistematizador, Hipolite Leon Denizard Rivail, ele próprio eminente pedagogo e discípulo do grande mestre suíço Pestalozzi, a quem deveu sua formação acadêmica.

Convém lembrar, desde logo, a discordância fundamental entre a Psiquiatria e a Psicologia acadêmicas e

a Doutrina Espírita. Para as primeiras, a mente do nascituro é uma "tábula rasa", não possuindo qualquer material psíquico, sendo, pois, inteiramente virgem; somente com o desenvolvimento psicofisiológico do cérebro e o amadurecimento dos órgãos dos sentidos, e através do aporte dos impulsos nervosos aferentes, eliciados pela estimulação sensorial dos órgãos dos sentidos, começa a estruturação do aparato mental da criança.

A Doutrina Espírita refuta tal premissa. Um grande psiquiatra, C. G. Jung, também a refuta, ao admitir a existência de material psíquico congênito, de natureza hereditária, os denominados arquétipos.

Embora os postulados espíritas não invalidem a hipótese do mestre de Zurich, eles vão muito além, ao revelar que a personalidade da criança alberga um Espírito reencarnante, com vastíssimo repositório de material psíquico, formado através da evolução da alma, ao passar, por eras incontáveis, pelos vastos reinos mineral, vegetal e animal. Essa evolução culminou com a espécie humana, mas não pára aí, estando destinada a atingir os níveis denominados angélicos. Sim, o Espiritismo ensina que a mente humana ainda está nos seus primórdios evolutivos e alberga em si as forças teleológicas que a impulsionarão para as culminâncias das consciências cósmicas, após milênios de futura evolução.

Aliás, a hipótese palingenésica não tem nada de novidade, e Platão já dizia que "aprender é recordar". Sócrates, o gigante espiritual que o precedeu, também comungava com essa hipótese, possuindo ele mesmo desenvolvidas faculdades mediúnicas, conforme atestam relatos históricos a respeito do seu "Daimon" particular.

Mas, o que já se tem de concreto a respeito do desenvolvimento da mente encantadora da criança? A inter-

pretação que a maioria das pessoas dá a adágios como "de pequenas sementes crescem grandes carvalhos" ou "tai pai, tal filho", indica que a importância da hereditariedade é geralmente aceita. Nos capítulos precedentes já foi feito um resumo do papel da hereditariedade e do ambiente interagindo no comportamento. Também se costuma dizer que "de pequenino se torce o pepino".

Segundo Leslie F. Malpass ("O Comportamento Humano"), as diferentes posições sobre a natureza humana tem sempre algum apoio biológico, e ainda que muitos pensem que se possa transcender a Biologia, não se pode evitar a natureza biológica. Aliás, essa é exatamente a posição espírita, como já foi tentado demonstrar ao longo dos capítulos precedentes. O corpo e a alma são duas faces de uma mesma moeda, embora essas categorias possam ser dissociadas entre si, conforme o demonstra o próprio mediunismo ou a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico. Contudo, essa dissociabilidade não anula a interação mente-corpo.

Carl Gustav Jung afirma que, além dos caracteres biológicos, também determinados fatores psíquicos podem ser transmitidos por meio dos mecanismos da hereditariedade. Alguns estudos de Antropologia Cultural parecem confirmar essa intrigante hipótese, embora se saiba que, segundo o Espiritismo, muito do que se supõe seja hereditário, na realidade, faz parte do conteúdo psíquico oriundo de vidas passadas. Esse assunto está longe de ser totalmente esclarecido.

A alma infantil, assenta, pois, suas bases na anatomofisiologia do sistema nervoso e os demais sistemas correlatos essenciais à vida de relação. Contudo, esse aparato biológico está longe de poder explicar todas as complexidades da alma da criança.

É ponto pacífico que os receptores sensoriais, o sistema nervoso e o endocrínico determinam a capacidade e os limites do comportamento tanto infantil como adulto, de um modo geral, e da inteligência, de um modo particular.

Exemplificando, alterações da pituitária podem levar ao nanismo, gigantismo e acromegalia. Alterações da tireóide podem levar ao bócio, ao cretinismo e ao mixedema. Do córtex supra-renal, à Doença de Addison. Do pâncreas., ao diabete. Das gônadas, à atrofia do sistema reprodutivo, com declínio das características sexuais secundárias e da libido, com enormes repercussões na personalidade total do indivíduo. Destarte, fica demonstrado a importância dos hormônios na formação da personalidade e nos padrões do comportamento, e é importante recordar o sinergismo existente entre os hormônios e o sistema nervoso central.

Aos fatores orgânicos ajunta, o Espiritismo, as interações mento-magnéticas oriundas do corpo espiritual, ou perispírito, ou psicossoma, com fulcros energéticos funcionais ou patogênicos, de origem Cármica, sendo em última instância, a causa primária da maioria, não de todas, nas patologias intervenientes na curva do processo vital de cada indivíduo.

Mas, no processo ultracomplexo de formação do ego infantil, um outro elemento é de fundamental importância: a aprendizagem, ou seja, "uma modificação mais ou menos permanente do comportamento, resultante de atividade, treinamento especial ou observação" (Munn, 1961).

Uma enorme quantidade de pesquisa indica que as condições biológicas e psicológicas podem influenciar decisivamente tanto a discriminação dos estímulos como as

respostas do comportamento, tanto aparente como velado. Aos estímulos sensoriais, que bombardeiam diuturnamente o córtex sensorial, acrescenta, o Espiritismo, as ondas mento-magnéticas oriundas das personalidades das figuras parentais, ou não, que compõe a "atmosfera psíquica" do recém-nascido. Na visão do autor, os postulados espíritas se ajustam aos modernos avanços de escolas científicas, tais como Behaviorismo, a Reflexologia etc. De um modo mais completo que as Teorias de Personalidade mais em voga no mundo acadêmico. Isso não implica a negação da maioria dos pressupostos dessas escolas.

Além da aprendizagem e do aparato psicossomático, também as drogas possuem capital importância sobre a discriminação de estímulos e outros aspectos do comportamento. Podem citar-se, entre outras, o álcool, a morfina, a heroína, a cafeína, os tranquilizantes menores, os antidepressivos, os anticomiciais, os neurolépticos etc. ("Drugs and Behavior", Uhr e Miller).

Indo mais a fundo, a compreensão do processo de formação da personalidade do nascituro não pode prescindir dos conceitos de condicionamento operante e respondente. Além da importância do crescimento e desenvolvimento biológico propriamente dito, o processo de socialização é outro aspecto "sine qua non".

Segundo a Doutrina Espírita, esse processo vem desde o período pré-natal, entre a concepção e o nascimento, quando, em pouco mais de nove meses, um organismo fantasticamente complexo evolui de uma única célula, o ovo fertilizado, através do desenvolvimento germinal, embrionário e fetal. Tanto o processo de fecundação como a formação do veículo físico se processam sob forças oriundas do plano espiritual, operando em sinergia

com as do aparato orgânico, e são determinadas, em última instância, pelos aspectos intrincados e ainda pouco conhecidos da Lei de Causa e Efeito.

A Posição Espírita revela que, já a partir da fecundação, se processa a acoplagem do Espírito reencarnante à matéria orgânica, e às interações físicas e anímicas, com o complexo corpo-espírito materno, amplamente estudados na literatura espírita.

Existem alguns relatos de que é possível a determinados Espíritos reencarnantes, na dependência do grau de evolução espiritual dos mesmos, conseguirem um relativo grau de conscientização deste estágio. Podem, entretanto, ocorrer choques vibracionais entre o Espírito reencarnante e o materno, provocando algumas das denominadas "gravidez de risco", até mesmo com possibilidade de afecções orgânicas mais ou menos graves, tais como a hiperemese gravídica ou ainda casos de eclâmpsia. Contudo, essa hipótese é demasiado complexa para ser discutida neste resumo.

Um exemplo clássico de relação mãe e filho na fase intra-uterina pode ser visto em Lucas (Cap. 1, vers. 39 e 45):

"Naqueles dias, Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: 'Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me vem a honra de vir a mim a mãe de meu Senhor? Pois, assim que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu seio.' Ora, com os conhecimentos espíritas

essas e outras passagens deixam de ser meras superstições.

Parece que, com isso, fica demonstrado o papel fundamental dos aspectos psicológicos e espirituais durante a gestação. Também o alcoolismo, os traumas emocionais durante a gravidez podem produzir repercussões tanto físicas quanto psíquicas no feto. Não se deve desprezar o papel da figura paterna; e o complexo biopsicofluídico dessa tríade ainda está longe de ser elucidado. Jung tece impressionantes considerações sobre esse tema apaixonante ("O Desenvolvimento da Personalidade", Ed. Vozes, 1981).

A respiração já é possível no sexto mês após a concepção, quando o feto mede aproximadamente 30 cm e pesa cerca de 700 gramas. Ao fim do sétimo mês vários movimentos reflexos, possivelmente relacionados a funções de conservação, estão em pleno desenvolvimento, tais como o reflexo de sucção e o reflexo de preensão.

O feto humano pode ser condicionado a movimentar-se ao som de um apito. Estudos sobre respostas condicionadas de fetos têm sido utilizados para demonstrar que o nascituro pode aprender. Como o córtex não está funcionalmente desenvolvido na época do nascimento, este tipo de aprendizagem deve ser conseguido por intermédio de estruturas subcorticais. Como já foi dito, nos capítulos precedentes, que as funções mediúnicas e paranormais têm suas bases assentadas no subcórtex, pode-se inferir que já durante a gestação é possível ao nascituro receber influências outras que não do Espírito materno (mediúnicas).

Fowler (1962) submeteu ratas prenhes a irradiação e pôde observar nas crias um comportamento pós-natal estranho. Crianças nascidas de mulheres grávidas que

sobreviveram ao holocausto de Hiroshima tendem a mostrar várias reações físicas e comportamentais incomuns. Sears, Mac Coby e Lewin (1952) verificaram existir relação entre o relato verbal de estados emocionais da mãe e o comportamento posterior dos filhos. Ratas prenhes submetidas a estímulos provocadores de medo pariram ratos mais ou menos emocionais do que os ratos descendentes do grupo de controle.

Quando a placenta não é mais capaz de fornecer nutrição ao feto, e o mesmo tem condições de maturidade para sobreviver fora do útero materno, dá-se o nascimento. Segundo Smith (1961), parece haver relação entre o medo da mãe de sentir a dor do parto e a dor que ela posteriormente comunica ter sentido. Os obstetras recomendam "parto natural", pois ele dá maior satisfação à mãe e reduz as possibilidades de prejuízo à criança.

O recém-nascido tem comportamentos reflexivos, tais como respirar, sugar, engolir, digerir, evacuar, reflexo plantar, agarrar e de alarme (reflexo de Moro). Stanley Hal propôs a Teoria da Recapitulação: o aparecimento e o desaparecimento da "cauda pré-natal, a seqüência engatinhar-caminhar recapitulam o desenvolvimento gradual da espécie humana, de um animal de quatro pernas para um animal bípede. Em outras palavras, a ontogênese recapitula a filogênese.

Em "Evolução em dois Mundos" (FEB, 1958), André Luiz faz uma brilhante descrição desse processo tanto da perspectiva do plano físico como espiritual. Segundo ele, a evolução física é paralela e sinérgica à evolução do corpo espiritual, desde o reino mineral, passando pelos reinos vegetal e animal, até a culminância atual na espécie humana, que, de modo algum, representa o ponto final do processo evolutivo da alma.

A partir do parto, a criança inicia o processo de maturação, ou desenvolvimento biológico, que leva a mudanças de estrutura e de comportamento. Na maioria das atividades de desenvolvimento durante a infância, por exemplo, caminhar, falar, treinamento das defecções etc, há pouca vantagem em proporcionar treinamento antes da maturação das estruturas e processos biológicos relevantes. Além dessas tendências, Piaget (1954) apontou outra tendência de desenvolvimento de caráter social: o eixo egocentrismo-socialização.

São etapas fundamentais a coordenação motora, a linguagem e o reforço social. Segundo Gesell e Ilg, a criança avança dois passos e retrocede um, descrevendo uma "espiral de desenvolvimento". Hess observou em determinados animais o interessante fenômeno ao qual denominou "imprinting", o qual pode ser observado também nos seres humanos: as crianças podem ser "impressas" para um "conforto de contato", ou estimulação tátil-cinética, na idade de dez a doze meses. Ele afirma que a criança deve receber uma apropriada estimulação tátil-cinética para que ela possa aprender a receber e expressar afeição, de modo apropriado, mais tarde. Como será visto nos próximos parágrafos, isso é de fundamental importância ao desenvolvimento afetivo da personalidade adulta, e serão vistas as mutilações, irreversíveis, provocadas nas crianças que passam longos períodos em orfanatos, creches, hospitais ou mesmo em lares onde os cuidados maternos são insuficientes.

Marlow destacou que a mãe proporciona "conforto de contato", além de alimento e cuidados de higiene e de saúde. Segundo Mallpass, até agora, no entanto, nenhum cientista ou psicólogo foi capaz de precisar o que é e como é a apropriada estimulação de "conforto de conta-

to" na infância. A carência desse elemento foi magistralmente estudada pelo psicanalista nova-iorquino Spitz, mas o que é a coisa em si permanece encoberto para a ciência oficial.

Margaret Ribble, psiquiatra infantil, observou que as crianças necessitam de três tipos de estimulação sensorial, além da atividade nutritivo-oral: tátil (contato), cinestética (movimento) e auditiva (audição). Essa autora postula que todas as crianças precisam ser tratadas com afeto. Quando a mãe embala seu filho está proporcionando estimulação tátil-cinestética. Ou quando segura suavemente a criança, ou quando "conversa", murmura ou canta, está proporcionando estimulação auditiva. Contudo, a Psicologia ainda não resolveu o problema de como esses estímulos devam ser proporcionados para que haja conveniente estimulação.

Exemplificando, uma criança de nível sócio-econômico elevado, com babá estrangeira bem remunerada, berço confortável e luxuoso, brinquedos musicais e pais socialmente muito atarefados, portanto, emocionalmente distantes, embora esteja recebendo convenientemente cuidados de higiene, alimentação e estimulação tátil-cinética, poderá estar carente de algum fator imponderável, chegando mesmo a desenvolver problemas psicológicos.

Harlow demonstrou, com sua clássica experiência com macaquinhos, que estes demonstravam afeto a "mães" de pano felpudo, preferentemente a "mães" de tela de arame, mesmo quando providas de apetitosas mamadeiras.

Ora, essa descoberta fundamental da Psicologia, esse misterioso e desconhecido "algo mais", já pressentido, imprescindível ao desenvolvimento e crescimento tanto físico como emocional da criança, o qual a Ciência

ainda não conseguiu isolar, é claramente revelado e explicado pelo Espiritismo.

Esse algo mais é descrito pela Posição Espírita como sendo um composto altamente complexo de "magnetismo animal", além de fluidos espirituais, tais como as ondas do pensamento emitidas pelo amor materno, ou pela substituta amorosa, sem cujo aporte a criança definha e falha em seu desenvolvimento psicomotor.

Contudo, de um modo geral, falam alguns teóricos no amor materno, mas esse termo continua sendo tão vago e de difícil explicação como a terminologia técnica estimulação tátil-cinética, ou conforto de contato. Mas ao aplicar aqui a hipótese do intercâmbio mediúnico adulto-infantil, tudo se esclarece.

Durante a primeira infância, a criança é uma espécie de "vampirinho fisiológico". Ela não é física, psíquica, nem fluidicamente auto-suficiente. Daí a necessidade vital de "alimento psíquico", sob a forma de fluidos e ondas mentais de amor, embora esse termo seja um tanto vago, para poder sobreviver. Necessita a criança de um "halo fluídico protetor" engendrado pelas figuras parentais ou seus substitutos, tal como o peixinho em um aquário: sem água no recipiente como sobreviveria?

Vários dados experimentais apontam na confirmação dessa hipótese espírita. A Parapsicologia já demonstrou a existência desse algo mais, como sendo uma exteriorização da energia mental, a que denominou psicocinésia. Demonstrou também a transmissão do pensamento ou telepatia. Os "raps", as mesas girantes e o mediunismo são também fatos demonstrados pelo Espiritismo e por outras correntes filosóficas e religiosas que também apontam no mesmo sentido. Tudo isso tende a demons-

trar que o que existe por trás do amor materno é a doação de energias mento-biomagnéticas.

Rene Spitz, psiquiatra infantil, observou um grupo de crianças, criadas no hospital, com um mínimo de cuidados humanos, com outro grupo de crianças criadas em uma instituição correcional de mulheres, que recebiam uma quantidade adequada de estímulos.

As crianças criadas na higiênica enfermaria demonstraram reações comportamentais de certa gravidade. Inicialmente apresentaram o que Spitz denominou "Marasmo": debilitação física, ou definhamento, a despeito de alimentação e cuidados higiênicos adequados.

Ao "Marasmo" sucede a "Depressão Anaclítica": aguda ausência de resposta à estimulação ambiental, apesar de não ter insuficiência orgânica. Ela não reage a sons altos, luzes projetadas etc.

Estudos de Yale e outros indicam que o tipo e a quantidade de estimulação tátil-cinética influenciam tanto o comportamento infantil como comportamentos futuros, na adolescência e na fase adulta.

Malpass ao indagar: "Quais são os componentes básicos do amor?", responde que "até agora esta pergunta tem sido respondida por poetas, escritores e filósofos, mas não por cientistas". A Doutrina Espírita lança novas claridades sobre esse assunto tão palpitante como fundamental ao desenvolvimento da personalidade.

Harlow (1962) destaca também a importância e a conveniência do relacionamento social, como brincar com outras crianças e companheiros.

Outra fonte de perturbação no desenvolvimento e crescimento infantil é a rejeição. Os pais podem demonstrar rejeição pelos filhos de modos os mais diversos. Abandono é talvez o modo mais comum. O castigo cor-

poral, a ameaça verbal e por gestos são outros. Negligenciar a criança é outro modo de demonstrar rejeição.

O oposto é outra fonte de distúrbios emocionais e cognitivos na infância e na adolescência: são os pais que evitam um comportamento independente normal da criança, cercando-a de superproteção.

Certos pais superprotetores geralmente estão se auto-enganando, através do mecanismo psicodinâmico de defesa do eu denominado "formação reativa", e podem estar mascarando fortes sentimentos de rejeição. Esse processo, inconsciente, quando muito patológico, pode levar, não raro, a quadros de neuroses obsessivo-compulsivas, com idéias obsedantes de violência dirigida aos filhos e contra as quais lutam desesperadamente, sem conseguir dominá-las.

Contudo, segundo a maioria dos autores, a atitude mais mutiladora, por parte dos pais, em relação ao seus filhos, é a denominada ambivalência, que pode ser manifesta no sentir, no pensar e no agir. Quando essa perturbação é por demais intensa, torna-se avassaladora, tendo alguns autores criado o termo de mãe esquizofrenogênica, embora discutível sob diversos aspectos.

Bosselmann, Malpass e outros consideram que o ideal seria os pais ensinar seus filhos a se autodirigirem pela utilização criteriosa, tanto de reforços positivos como de estímulos de aversão. Em outras palavras, uma educação mais baseada no afeto e na compreensão, como reforços positivos, do que castigos tanto físicos como psíquicos.

Do ponto de vista espírita, André Luiz refere que "a criança se desenvolve, tomando o alimento preciso à expansão de sua máquina orgânica, passando a realizar por si, isto é, ao comando da mente, a renovação celular

dos tecidos e órgãos que lhe constituem o campo somático, de maneira a que se lhe ajuste a forma física aos moldes do corpo espiritual" (op. cit.).

O desenvolvimento infantil, de acordo com a Psicologia Analítica junguiana, é básico para o desenvolvimento ulterior da personalidade e a realização do destino do indivíduo, pois seria inconcebível ocupar-se alguém com o "processo de individualização" (ou a iluminação espiritual, para se utilizar de terminologia espírita), sem considerar devidamente o Eu, que se forma e se fortalece na infância e na adolescência.

Da Doutrina Espírita tem-se que nos porões do inconsciente espiritual estão alojados os diversos "Eus" das personalidades das vidas pretéritas, formando complexos psicológicos, ou fulcros de energia mental, de natureza espiritual, a determinar os traços temperamentais básicos da personalidade atual. Esse repositório jamais se perde, e sua realidade pode ser afirmada com mais objetividade nas crianças geniais precoces, como Mozart, Beethoven etc.

Alexandre Aksakof cita um caso interessante, com riqueza de detalhes (op. cit., vol. II, pág. 120): "Emília era minha filha mais moça, de treze anos. Observei que ela não conhecia música, e nunca tinha tocado uma ária qualquer, pela simples razão de, na época da nossa chegada aqui, termos encontrado o país quase desabitado; era impossível ter um professor de música. Tudo quanto ela sabe, aprendeu-o comigo ou com alguém da família. Consegui, em pouco tempo, organizar um pequeno círculo íntimo. Apresentei a Emília uma folha de papel e um lápis. Sua mão começou a traçar linhas retas que formavam uma série de cinco linhas. Depois ela fez as notas e acrescentou os sinais. Feito isso, deixou cair o lápis e co-

meçou a bater sobre a mesa como sobre as teclas de um piano. Lembrei-me então que devia sentá-la diante de um piano; depois de um momento de hesitação, ela aceitou o meu convite e sentou-se ao piano com a firmeza de um artista consumado. Bateu resolutamente no teclado e executou a "Grande Valsa" de Beethoven, em estilo que teria feito honra a um bom músico. Depois tocou muitas árias conhecidas, tais como: "Sweet Home", "Boonie Doon", "The Last Rose of Summer", "Hais to the Chief", "Lilly Dale" etc. Executou ainda um ária desconhecida, cantando ao mesmo tempo as palavras improvisadas que se lhe referiam."

Em seguida Aksakof transcreve o veredicto de von Hartmann, proclamando que iguais fenômenos não existem. Contudo, a mera denegação de fatos não ajuda em nada, em elucidar a realidade dos mesmos.

Contudo, a crítica de von Hartmann ao Espiritismo foi feita em termos tão claros e lógicos, com tal embasamento científico e filosófico, que acabaram por ajudar enormemente a Aksakof a escrever sua monumental obra já citada.

Embora sem haver citado explicitamente a hipótese reencarnacionista, Jung fornece um extraordinário depoimento pessoal em sua obra autobiográfica "Memórias, Sonhos e Reflexões". Cita o seu caso particular de ter plena consciência de um outro "Eu", que no caso não era de modo algum inconsciente. Na página 51, relata o seguinte:

"No fundo sentia-me 'dois': o primeiro, filho de meus pais, que freqüentava o colégio, era menos inteligente, atento, aplicado, decente e asseado do que os demais; o outro, pelo contrário, era um adulto, velho, céptico, desconfiado e distante do mundo dos homens (...). O jogo al-

ternado das personalidades n° 1 e n° 2, que persistiu no decorrer da minha vida, não tem nada em comum com a 'dissociação' no sentido habitual. Pelo contrário, tal dinâmica se desenrola em todo o indivíduo."

O caso pessoal de Jung diferia da dissociação histerica, fruto de repressão maciça, que costuma provocar dupla personalidade ou personalidades múltiplas. Difere também do "splitting", que ocorre nos esquizofrênicos, por não apresentar a incongruência característica dos psicóticos. Alguns detratores de Jung declararam-no esquizofrênico, mas o fato de o principal sintoma da esquizofrenia, que é a perda do pragmatismo útil e do contato com a realidade, estar ausente em Jung infirma esse rótulo. Segundo Ernest Jones, seu opositor freudiano, Jung, pelo contrário, apresentou uma vida extraordinariamente profícua em todos os sentidos (vide Ernest Jones: "Freud, Vida e Obra").

Assim, esse depoimento de Jung tem extraordinário valor, na medida em que introduz um novo conceito, cuja etiologia não é patológica, necessariamente, diferindo dos processos estudados pela Psicopatologia como fruto de dissociação, repressão de material psíquico indesejável ou incompatível com o Eu, cuja sintomatologia mais aguda pode levar à amnésia, à dupla personalidade, ao sonambulismo, a atos falhos, a lapsos de linguagem ou mesmo à grave desagregação da personalidade, com clivagem e ruptura com a realidade, à dissolução do Eu e a posterior liberação de material inconsciente sob a forma de alucinações, delírios, incongruência afetiva etc. etc.

Talvez devido a esses fatos, o autor espiritual Emmanuel escreveu, com Chico Xavier, interessante artigo, desaconselhando os procedimentos de regressão da memória, as "terapias de vidas passadas", pois o normal,

segundo ele, é o esquecimento dos "Eus" das personalidades pretéritas.

Essa Psicologia das profundezas deve ser abordada com a máxima cautela, pois, como Jung muito bem alertou, "é tão pouco ainda o que conhecemos da alma, que se tornaria deveras ridículo acreditar que já estivéssemos em condições de poder estabelecer teorias gerais".

Em "O Desenvolvimento da Personalidade", Jung declara que, em Psicologia, é preciso que se tomem as crianças assim como elas são de verdade, e não como gostaríamos que fossem. Cumpre, na educação, seguir as linhas naturais do desenvolvimento, sem ater-se a prescrições caducas. Não é de admirar que inúmeras teorias, que pais e educadores ajudam a formar, venham mais tarde a constituir-se poderosos determinantes de sintomas de neurose ou mesmo de delírios psicóticos (idem). Jung cita um caso onde as idéias espontâneas estavam fora do contexto cultural na qual estavam inseridas:

"Aninha: 'Vovó, por que teus olhos são tão murchos?'

Avó: 'Porque eu já sou velha'.

Aninha: 'Mas ficarás jovem de novo, não é?'

Avó: 'Não, bem sabes que vou ficar cada vez mais velha, e depois vou morrer.'

Aninha: "Está bem, e depois?"

Avó: 'Então eu me torno, anjo...'

Aninha: 'E depois disso, vais ser de novo uma criança pequena?'"

O autor observou, certa vez, uma súbita idéia espontânea em sua filha, Teresa, de três aninhos: "Papai, antes de nascer, eu já vivi muitas vezes."

Para muitos, essas idéias infantis são bobagens de crianças. Mas, serão mesmo? Essas e outras observações, que para tantos possam parecer desprovidas de sentido, demonstram que a alma infantil é provavelmente um oceano ignoto.

Comprovando a simbiose fluídica em que filhos e pais vivem, do ponto de vista psicológico, Jung observou que "a criança se encontra de tal modo ligada e unida à atitude psíquica dos pais, que não é de causar espanto que a maioria das perturbações nervosas da infância devam sua origem a algo de perturbado na atmosfera psíquica dos pais (...) Neste sentido o que importa não são palavras boas e sábias, mas tão-somente o agir e a vida real dos pais" (idem).

A faculdade eidética altamente desenvolvida na infância, aliás, própria do desenvolvimento infantil, e a vida simbiótica em relação às figuras parentais sugerem forte dose de mediunismo principalmente na primeira infância.

É justamente em relação à alma infantil, como em povos primitivos, que se observa aquela característica que Levy Brul denominou "participation mystique". Essa característica se deve ao fato de as mentes primitivas não terem o ego suficientemente desenvolvido, e, como se sabe, é característico do complexo do ego o denominado processo secundário de Freud, ou, segundo outros autores, o juízo crítico da realidade. Tanto a criança como o primitivo não têm bem delimitada a diferenciação entre o eu e o não eu. Daí a importância fundamental das figuras parentais, em relação à criança, e dos elementos naturais, em relação à mente primitiva. Nessa etapa há um predomínio do modo mágico de pensar.

Contudo, o tema é muito mais complicado se se considerar a descoberta de Jung de que as reações mais

fortes sobre as mentes infantis não provêm do ego dos pais, mas do inconsciente. Assim, segundo esse autor, de nada adianta simular, dissimular, velar, mentir, pois as crianças percebem o fundo da vida psíquica dos pais de maneira instintiva, com extraordinário poder de penetração.

Se se considerar a hipótese espiritual de trocas fluídicas, o grau de complexidade das relações pai-filho atinge níveis de complexidade inimagináveis.

Como então se poderá proteger as crianças contra os efeitos deletérios provenientes dos pais? Neste particular, Jung declara que a responsabilidade dos pais se estende até onde elas têm o poder de ordenar a própria vida de maneira que ela não represente nenhum dano para seus filhos. Mas cita situações do destino contra as quais de nada adianta nem a educação nem a Psicoterapia. Tais situações inarredáveis são classificadas pela Doutrina Espírita como de natureza Cármica, não sendo, pois, casuais, mais causais. Diante dessas situações dolorosas, a única solução é uma atitude religiosa perante o destino: aceitação ativa, aliada a atitudes de devotamento, abnegação, amor e espírito de renúncia. Aqui está o enorme valor terapêutico da religião.

Os destinos trágicos atuam, como, por exemplo, o bacilo da tuberculose. Todos o possuem, mas raros desenvolvem a doença. O que determina a saúde ou a doença é a sensibilidade individual à presença do elemento patogênico. Já se descobriram relações entre cavernas pulmonares provocadas pelo bacilo e homossexualidade latente, por exemplo.

A atitude perante o destino pode também ser magistralmente ilustrada pelo bom e pelo mau ladrão, pregados no madeiro do calvário: "Um dos malfeitores, ali crucifica-

dos, blasfemava contra ele: 'Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e salva-nos a nós!' Mas o outro o repreendeu: 'Nem sequer temes a Deus, tu que sofres no mesmo suplício? Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes, mas este não fez mal algum.' E acrescentou: 'Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu reino.' Jesus respondeu-lhe: 'Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso'" (Mateus, Cap. 23, vers. 39 a 43).

Mesmo que todo objeto religioso não passasse de mera superstição, a verdadeira atitude religiosa tem, do ponto de vista psicológico, inquestionável valor terapêutico. Ao acoplar à ciência o aspecto religioso, adquire, pois, o Espiritismo extraordinário valor na profilaxia das moléstias mentais.

Essa atitude religiosa foi genialmente esculpida em mármore, por Michelângelo, no simbolismo pleno da "Pietà". A expressão fisionômica da madona não evidencia nenhum vestígio de desespero, ódio, revolta, mas, ao contrário, assume uma indefinível expressão de aceitação do destino.

Essa aceitação não é todavia passiva, perplexa nem estuporosa. Não tem nada de superficial, afetada nem convencional. Ela é acompanhada de uma adequação terapêutica, com reorganização profunda dos sentimentos, das emoções, das idéias, dos impulsos e das motivações da personalidade como um todo. Esse processo se dá por uma espécie de demolição dos limites do ego, despojando a personalidade de afetos, tais como vindita, apego, egocentrismo. O centro da personalidade passa para um nível mais profundo, em direção às instâncias do inconsciente. A corticalidade parece ceder lugar à subcorticalidade, local dos efeitos medianímicos.

Jung denominou esse deslocamento do centro de gravidade da energia psíquica como sendo o Processo de Individuação. William James (op. cit.) descreveu esse processo de "renascimento psicológico".

Para a Doutrina Espírita, esses fenômenos psicológicos, em que ocorrem vivências de estados cada vez mais diferenciados de consciência, têm uma implicação ou correlação no corpo espiritual, com modificação da tessitura, da densidade, acompanhado por uma espécie de iluminação que pode ser observada na aura espiritual.

Essa mudança do centro ou foco da energia psíquica é geralmente provocada por experiências dolorosas, e a crucificação de Cristo é um simbolismo perfeito para a morte do ego inferior. O autor já experimentou uma vivência de transcendência do eu, o qual é percebido como um simples agregado dos engramas mnésicos das experiências pretéritas. Essa vivência pode ser experimentada, de modo patológico, por personalidades esquizofrênicas, as quais perdem o contato com a realidade e o controle do material arquetípico inconsciente.

Segundo Jung, "uma meta espiritual, que aponte para além do homem meramente natural e de sua existência terrena, é exigência incondicional para a saúde da alma; pois isto é como o tal ponto de apoio reclamado por Arquimedes, absolutamente necessário para que a Terra possa ser movida do seu lugar, e nesse caso, para que o estado natural do homem possa ser transformado em estado cultural".

Para terminar esse breve ensaio, serão apresentados alguns conceitos orientais, emitidos pelo médico hindu Swami Sivananda, em "O Poder do Pensamento pela Yoga", que são perfeitamente coincidentes com os con-

ceitos espíritas, brevemente resumidos nos capítulos precedentes.

Sivananda afirma que "o homem semeia um pensamento e colhe uma ação. Semeia um ato e colhe um hábito. Semeia um hábito e colhe um caráter. Semeia um caráter e colhe um destino".

Segundo ele, cada mudança de pensamento é acompanhada pela vibração da matéria mental, necessária para o pensamento funcionar como força. A gênese de toda criação fenomenológica foi concebida num pensamento que surgiu na Mente Cósmica. Assim, todo pensamento possui peso, forma, tamanho, estrutura, cor, qualidade e poder. O poder do pensamento é maior que o da eletricidade. A todo pensamento corresponde uma imagem mental. O corpo também influencia a mente: "Mens sana in corpore sano."

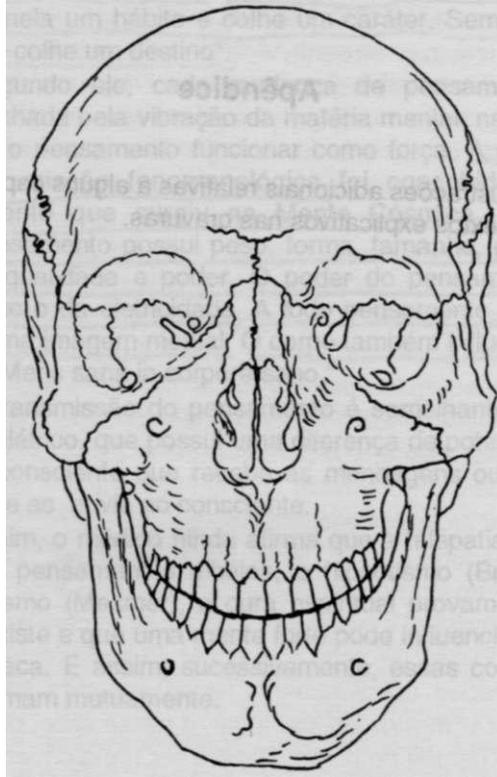
A transmissão do pensamento é semelhante a um circuito elétrico, que possui uma diferença de potencial, e é o subconsciente que recebe as mensagens ou transmissões e as envia ao consciente.

Assim, o médico hindu afirma que a telepatia, a leitura dos pensamentos alheios, o hipnotismo (Braid), o mesmerismo (Mesmer), a cura espiritual provam que a mente existe e que uma mente forte pode influenciar uma mente fraca. E assim, sucessivamente, essas correntes se confirmam mutuamente.

Apêndice

Ilustrações adicionais relativas a alguns capítulos da obra. Textos explicativos nas gravuras.

FIGURA I
RESUMIDA DE CHUSID



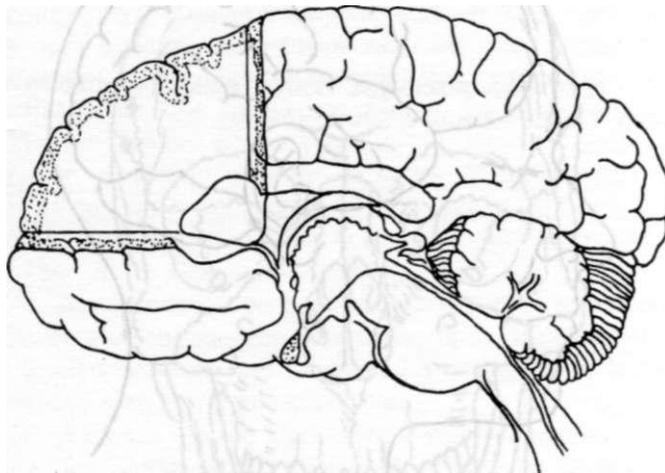
Como querem crer os adeptos do materialismo, como o Hilomorfismo, o Epifenomenalismo e o Funcionalismo, a mente não tem existência como coisa, não sobrevivendo, pois, à morte do corpo físico.

FIGURA II
ADAPTADA DE TAYLOR & HAUGHTON



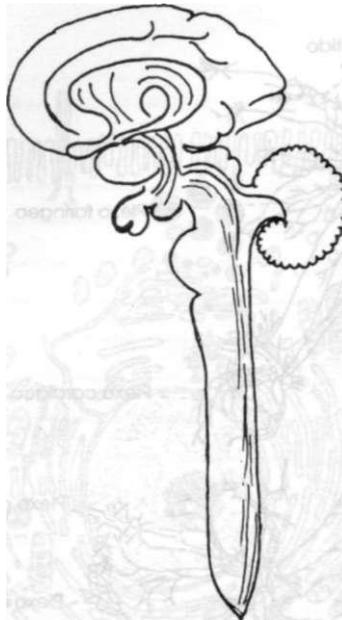
A face simboliza o ego consciente: persona, máscara, personalidade, mais cortical, representada no desenho. O lado oculto, o diencéfalo, simbolizaria os diversos níveis do inconsciente. Uma exposição concisa e eficiente dos aspectos neurológicos, espirituais e psicológicos do indivíduo pode ser encontrada em "Nos Alicerces do Inconsciente", de Jorge Andréa.

FIGURA III
CORTE SAGITAL MEDIANO NO ENCÉFALO
RESUMIDA DE A. HAM



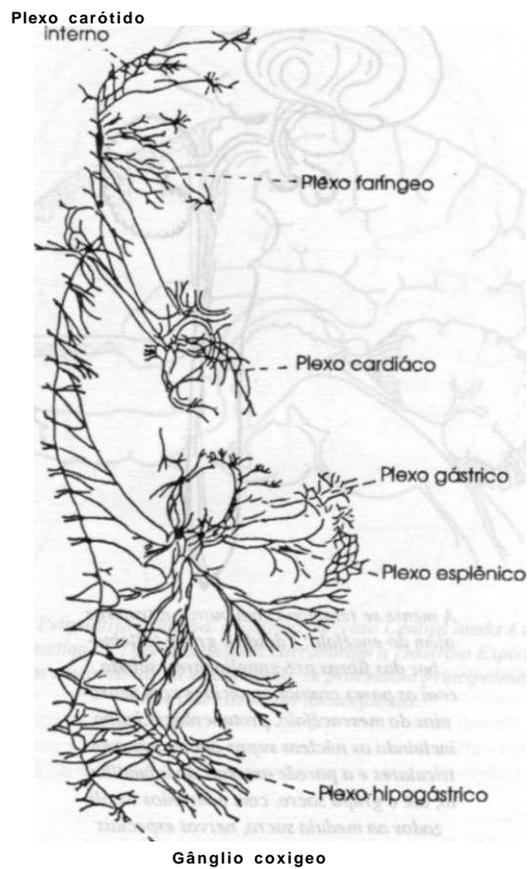
Segundo a Psiquiatria francesa, o Sistema Nervoso Central ainda é uma "Boite noire cybernétique". Diversos autores corroboram a Doutrina Espírita no sentido de que os mecanismos da mediunidade se processam principalmente no interior das estruturas diencefálicas.

FIGURA IV
SISTEMAS DO NEUROEIXO
RESUMIDO DE YAKOLEV



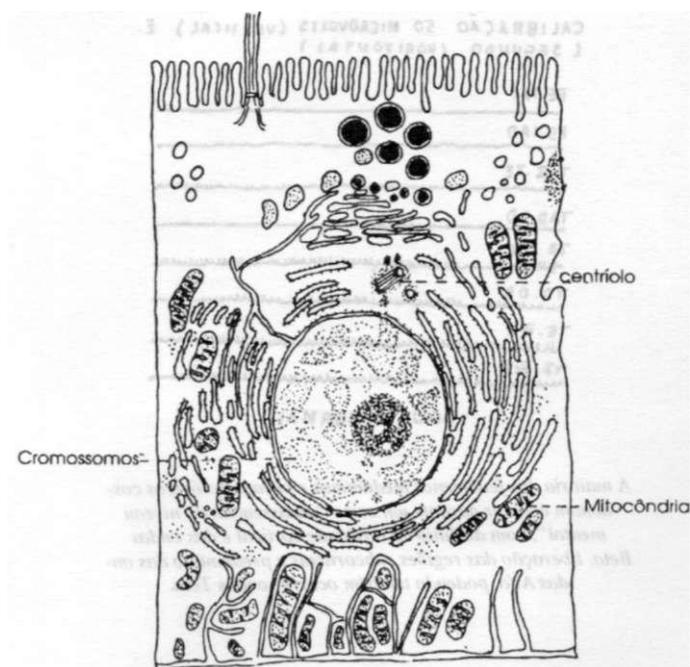
A mente se relaciona com outras estruturas além do encéfalo: "desde o grupo lectobulbar das fibras pré-ganglionares, saindo com os pares cranianos, tecidos com neurônios do mesencéfalo, protuberância, bulbo, incluindo os núcleos supra-óticos, paraventriculares e a parede anterior do infundíbulo, até o grupo sacro, com neurônios localizados na medula sacra, nervos especiais funcionam como estações emissoras e receptoras, manipulando a energia mental, projetada ou colhida pela mente..." ("Evolução em Dois Mundos", André Luiz).

FIGURA V
SISTEMA NERVOSO SIMPÁTICO E OS PLEXOS
AUTÔNOMOS MAIS IMPORTANTES
RESUMO DE MORRIS-JACKSON



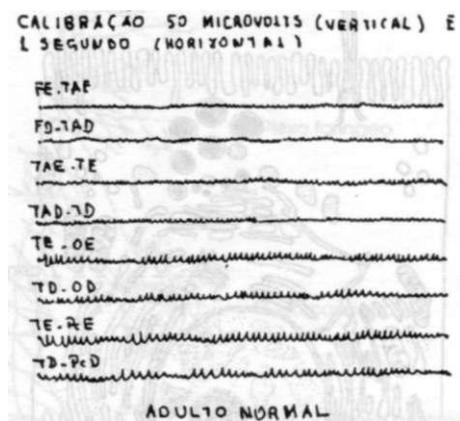
Vide maiores detalhes ao longo do texto.

FIGURA VI
DIAGRAMA DE UMA CÉLULA ANIMAL
RESUMIDO DE DE ROBERTIS



Segundo André Luiz, as mitocôndrias, os cromossomos, o centríolo e a substância de Nissl são os principais pontos de intersecção entre o cérebro físico e o cérebro espiritual (vide texto).

FIGURA VII
CÓPIA MANUAL ESQUEMÁTICA
DE UM ELETRENEFALOGRAMA ADULTO NORMAL



A maioria dos fenômenos mediúnicos e parapsicológicos costumam ocorrer durante um certo "abaissement du niveau mental", com declínio da atividade cortical e das ondas Beta., liberação das regiões subcorticais e predomínio das ondas Alfa, podendo também ocorrer ondas Teta.

